

JAMES PATTERSON APRESENTA



# JACK O ESTRIPADOR

RASTRO *de* SANGUE

DARKSIDE

KERRI MANISCALCO



# THE METROPOLITAN RAILWAY COMPANY'S MAP OF LONDON.

FOR THE INFORMATION AND  
GUIDANCE OF VISITORS TO THE

**TICKETS**  
CONDUCTING  
RAILWAY  
JOURNEYS  
AND  
Admission  
To the HEALTH  
EXHIBITION  
ARE  
ISSUED AT ALL  
THE  
Metropolitan  
Company's  
STATIONS  
AT  
SPECIAL  
CHEAP  
RATES.



TO THE  
**INTERNATIONAL  
EXHIBITION**  
**2** MINUTES  
WALK  
FROM  
South  
Kensington  
STATION.  
Trains  
EVERY  
FIVE  
MINUTES.

**JACK  
ESTRIADOR**

FOR PLAN OF EXHIBITION AND GROUND. — SEE OTHER SIDE.

**VISITORS ARRIVING AT THE LONDON RAILWAY TERMINI. — VIZ.**

|                                        |                                                                     |
|----------------------------------------|---------------------------------------------------------------------|
| MIDLAND, ST PANCRAS STATION            | PROCEED TO SOUTH KENSINGTON FROM THE METROPOLITAN, KINGS + STATION. |
| GREAT NORTHERN, KINGS + STATION        |                                                                     |
| LONDON & NORTH WESTERN, EUSTON STATION | Do. Do. Do. Do. GOWER ST Do.                                        |
| ST EASTERN, LIVERPOOL STREET STATION   | Do. Do. Do. Do. BISHOPSGATE ST STATION.                             |
| ST WESTERN, PADDINGTON STATION         | Do. Do. Do. Do. PRAD ST STATION.                                    |







JACK  
O  
ESTRIPADOR

---

RASTRO *de* SANGUE

STAR BOOKS DIGITAL



# darklove

Copyright © 2016 by Kerri Maniscalco

Copyright Apresentação © 2016 by James Patterson

Publicado mediante acordo com a autora, aos cuidados de BAROR INTERNATIONAL, INC., Armonk. New York, U.S.A.

Todos os direitos reservados

Design da capa por Jeff Miller, Faceout Studio

Fotografia da capa © Carrie Schechter

Arte da capa © Shutterstock

Capa © 2016 Hachette Book Group, Inc.

Tradução para a língua portuguesa © Ana Death Duarte, 2018

Fotografias gentilmente cedidas por Wellcome Library. Londres (p. 10, 26, 104, 312); John Walker (p. 42); John M. Clarke, The Brookwood Necropolis Railway (p. 194); e William WhiFfin, Tower Hamlets Local History Library and Archives (p. 218).

Ilustrações: Anatomia del corpo humano (1559), de Juan Valverde de Amusco / L.W. Vaggy, 1884/Shutterstock

Diretor Editorial

Christiano Menezes

Diretor Comercial

Chico de Assis

Gerente de Novos Negócios

Frederico Nicolay

Gerente de Marketing Digital

Mike Ribera

Editores

Bruno Dorigatti

Raquel Moritz

Editores Assistentes

Lielson Zeni

Nilsen Silva

Design

Retina 78

Designer Assistente

Manco Luz

Revisão

Ana Kronemberger  
Isadora Torres

Impressão e acabamento  
Gráfica Geográfica

**Produção em ebook**  
**SBD-GD**

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Maniscalco, Kerri

Jack, o estripador / Kerri Maniscalco ; tradução de Ana Death Duarte. — Rio de Janeiro :  
DarkSide Books, 2017.  
352 p. (Rastro de sangue; I)

ISBN: 978-85-9454-100-0

Título original: Stalking Jack the Ripper

1. Ficção norte-americana 2. Homicidas em série — Ficção 3. Jack, o Estripador — Ficção I. Título II.  
Duarte, Ana Death

17-1968

CDD 813

Índices para catálogo sistemático:  
I. Ficção norte-americana



(2018)

Todos os direitos desta edição reservados à

**DarkSide® Entretenimento LTDA.**

Rua do Russel, 450/501 - 22210-010

Glória - Rio de Janeiro - RJ - Brasil

[www.darksidebooks.com](http://www.darksidebooks.com)

**SBD**

JAMES PATTERSON *apresenta*

KERRI  
MANISCALCO



JACK  
O  
ESTRIPADOR

---

RASTRO *de* SANGUE

DARKSIDE



TRADUÇÃO  
ANA DEATH DUARTE





*Para a Vovó,  
que sempre adorou uma boa  
história de "quem matou?".*

# APRESENTAÇÃO

O livro que você tem em mãos representa muitos inícios.

Esta é a primeira aquisição que estou publicando no meu novo selo para jovens leitores, JIMMY Patterson Books. Este é o primeiro romance para jovens adultos que escolhi, graças à nova e cativante abordagem do eternamente fascinante mistério de Jack, o Estripador.

Este é o primeiro romance da autora, Kerri Maniscalco. E foi quando li sua primeira linha que eu soube que amaria este livro.

A voz vibrante e inteligente de Kerri e sua certa pegada de suspense e emoção se destacaram logo nas palavras de abertura. *Rastro de Sangue: Jack, o Estripador* é uma história envolvente e repleta de reviravoltas arrepiantes, e eu garanto que está mais do que à altura daquela primeira sentença encantadora. A história pode se passar na Londres da era vitoriana, mas você vai achar a brilhante e apaixonada Audrey Rose inspiradoramente moderna, até mesmo para os nossos padrões.

Parte da nossa missão no selo JIMMY Patterson Books é trazer livros que jovens leitores terminarão de ler e dirão, de imediato: “Por favor, me dêem mais livros”. Eu não tenho dúvidas de que *Rastro de Sangue: Jack, o Estripador* será o primeiro de nossos lançamentos a cumprir essa missão, e certamente não será o último.

— James Patterson

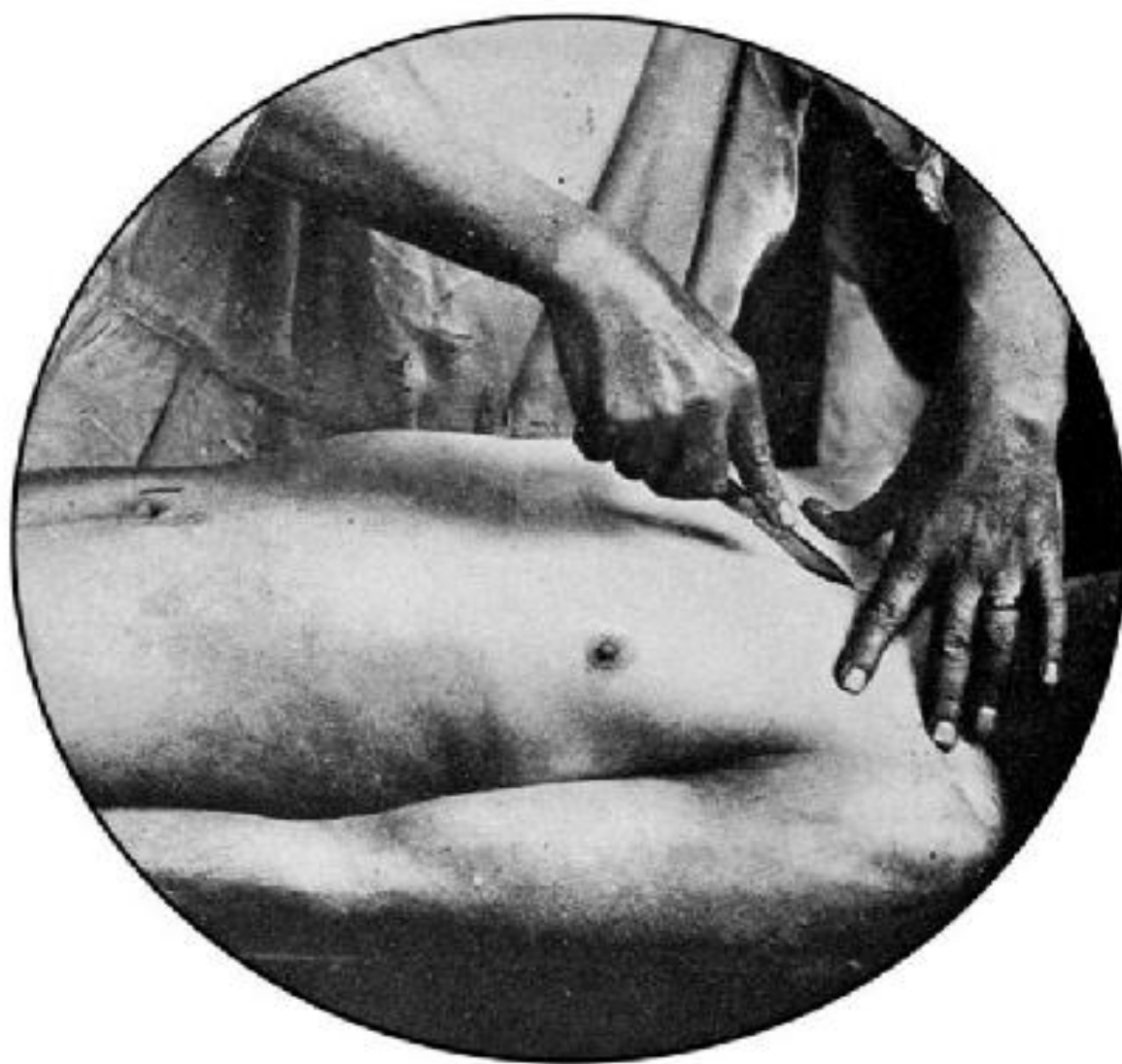




“Afirmam todos que isso chama sangue; o sangue chama sangue.”  
— *Macbeth*, Ato 3, Cena 4 —

WILLIAM SHAKESPEARE





CHAPA II - Figura 3. *Mostrando a pele esticada e o método de segurar o bisturi na incisão preliminar.*  
*J.M. Beattie, Métodos de Autópsia, 1915*

# JACK O ESTRIPADOR

---

RASTRO de SANGUE

## 1. INCISÃO PRELIMINAR

*Laboratório do dr. Jonathan Wadsworth, Highgate*

*30 de agosto de 1888*



coloquei o polegar e o dedo indicador na carne gélida, estirando-a bem acima do esterno, como meu tio havia me mostrado. Era imperativo que a primeira incisão fosse feita corretamente.

Eu me demorei olhando para o metal que estava sendo colocado sobre a pele, garantindo um ângulo adequado para obter o corte mais limpo. Percebi meu tio pairando atrás de mim, estudando todos os meus movimentos, mas meus olhos estavam totalmente cravados na lâmina que eu tinha em mãos.

Sem hesitar, puxei com força o escalpelo de um dos ombros até o esterno, esforçando-me para empurrá-lo tão fundo quanto possível. Minhas sobrancelhas ergueram-se uma fração antes que eu transformasse o meu rosto em uma máscara cuja expressão não tinha como ser identificada. A carne humana soltava-se com muito mais facilidade do que eu havia esperado. Isso não era muito diferente de cortar o lombo de porco antes de colocá-lo para assar, pensamento este que deveria ter sido mais perturbador do que foi.

Um cheiro doce e enjoativo pairava no ar, vindo da incisão que eu havia feito. Este cadáver não estava tão fresco quanto outros. Eu tinha uma suspeita desoladora de que nem todos os nossos objetos de exame eram obtidos por medidas legais ou voluntárias e estava me arrependendo de ter dispensado a oferta de um equipamento para respirar que meu tio me fizera antes.

Filetes brumosos de respiração escaparam de meus lábios, mas eu me recusava a ceder aos calafrios. Recuei um passo, minhas sapatilhas esmagando de leve a serragem, e examinei meu trabalho.

Mal saiu uma gota de sangue da ferida. Estava espesso demais e morto demais para que fluísse carmesim, e muito estranho para que fosse realmente assustador. Se o homem estivesse morto há menos de trinta e seis horas, o sangue poderia ter escorrido sobre a mesa e no chão, saturando a serragem. Limpei a lâmina no avental, deixando uma mancha colorida em seu rastro.

Era mesmo uma bela incisão.

Preparei-me para o próximo corte, mas meu tio estirou uma das mãos no ar, retardando meu movimento. Mordi o lábio, odiando o fato de eu ter esquecido um dos passos de sua aula assim tão cedo.

O crônico antagonismo de meu tio com meu pai, cuja origem nenhum dos dois dizia se lembrar, mas da qual me recordo bem, fazia com que ele hesitasse em relação à continuidade do meu aprendizado. Me provar incapaz não haveria de me ajudar, especialmente se eu nutrisse esperanças de ir à escola na manhã seguinte.

“Um momento, Audrey Rose”, disse ele, tirando a lâmina suja dos meus dedos.

Um odor pungente surgiu no ar, mesclando-se com o fedor de órgãos em decomposição, enquanto meu tio removia a rolha de um líquido transparente e o salpicava em um pano. O antisséptico era algo comum em seu laboratório no porão e em meio às suas lâminas. Eu deveria ter me lembrado de limpar a outra.

Eu não cometeria o mesmo erro de novo.

Olhei de relance ao redor do porão, onde havia vários outros corpos alinhados ao longo da parede, com seus braços pálidos e pernas duras como galhos de árvores cobertos pela neve. Ficaríamos aqui a noite toda se eu não andasse logo, e meu pai, o todo importante lorde Edmund Wadsworth, mandaria chamar a Scotland Yard se eu demorasse a aparecer.

Considerando sua posição na sociedade, ele provavelmente colocaria um pequeno exército em patrulha atrás de mim.

Meu tio recolocou a rolha no frasco de ácido carbólico, e depois me entregou um outro escalpelo que parecia uma longa e fina faca de jantar, cuja lâmina estava muito mais afiada que a anterior. Usando a ferramenta esterilizada, repeti a incisão no ombro oposto e fui descendo com o escalpelo até o meio da barriga do homem morto, parando logo acima do umbigo.

Meu tio não havia me avisado do quão duro seria cortar a carne até a caixa torácica. Olhei de relance para ele, mas seu olhar estava cravado, ansioso, no cadáver.

Às vezes, as trevas nos olhos dele me deixavam mais aterrorizada do que os mortos que abríamos como se fôssemos açougueiros.

“Você vai precisar abrir as costelas antes de chegar ao coração.”

Dava para ver que estava sendo difícil para meu tio se controlar e não fazer aquilo ele mesmo. Cadáveres faziam-lhe companhia quase todas as noites, como se fossem intrigantes livros de estudos; ele estimava dissecá-los e descobrir os segredos contidos entre as páginas de suas peles e ossos. Antes que a obsessão pudesse se sobrepôr à instrução, rapidamente separei as costelas, expondo o coração e o restante das entranhas.

Um odor pútrido me atingiu com tudo no rosto e, sem querer, fui cambaleando para trás, quase colocando uma das mãos sobre a boca. Essa era a abertura que meu tio esperava. Ele se adiantou, mas antes que pudesse me empurrar para o lado, enfiei as mãos fundo no abdômen do cadáver, Tateando em volta de membranas esponjosas, até encontrar aquilo que estávamos procurando.

Eu me preparei para a tarefa desagradável de remover o fígado, então aceitei a lâmina de meu tio mais uma vez. Depois de alguns cortes e puxões, o órgão se soltou.

Eu o larguei, com um baque oco e escorregadio, em uma bandeja de amostras que estava ali perto, resistindo ao ímpeto de limpar as mãos no avental. Fazer as criadas de meu tio limparem um pouco de sangue era uma coisa, o sangue pegajoso e o muco que agora revestiam os meus dedos eram outra completamente diferente.

Não podíamos nos dar ao luxo de perder outro tanto de empregadas, e meu tio não podia ter mais rumores sobre ele se espalhando. Algumas pessoas já achavam que ele era louco o bastante.

“Qual é sua dedução médica no que diz respeito à forma como este homem faleceu, minha sobrinha?”

O fígado apresentava um estado horripilante. Várias cicatrizes percorriam tanto sua extensão quanto sua largura, criando a aparência de rios e afluentes secos. Meu primeiro palpite era de que a bebida não era nenhuma estranha para este homem.

“Parece que ele morreu de cirrose.” Apontei para as cicatrizes. “Seu fígado estava falhando havia um tempinho, creio eu.” Dei a volta, fui andando até perto da cabeça e puxei uma de suas pálpebras para trás. “Leve amarelecimento em volta do branco dos olhos também, aumentando minha suspeita de que ele vinha sofrendo uma morte um tanto lenta há anos.”

Voltei ao fígado e removi, com cautela, uma amostra representativa para estudá-la posteriormente sob o microscópio, e então a enxaguei e coloquei dentro de um jarro para que ficasse preservada. Eu precisaria colocar um rótulo e adicioná-la à parede de órgãos armazenados como se fossem pickles. Era importante manter registros meticulosos de todas as autópsias.

Meu tio fez um movimento afirmativo com a cabeça. “Muito bom. De fato, muito bom. E quanto à...?”

A porta do laboratório bateu com tudo na parede, revelando a silhueta de um homem. Era impossível ver como ele era ou que idade tinha, com um chapéu cobrindo seu cenho e um sobretudo praticamente encostando no chão, mas ele era muito alto. Dei um passo para trás, na esperança de que meu tio fosse brandir uma arma, mas ele não parecia impressionado com a figura sombria que tínhamos diante de nós.

Ignorando minha presença por completo, o homem cravara os olhos em meu tio. “Está pronto, professor.”

Sua voz era suave, e indicava juventude. Arqueei uma sobrancelha, intrigada com o que um estudante e meu tio estariam tramando.

“Tão cedo?” Meu tio olhou para o relógio na parede, se demorou no corpo em cima da mesa e, depois, em mim. Eu não fazia a mínima ideia de quem era o rude rapaz, nem do que é que poderia estar pronto, mas tive a sensação de que não podia ser nada bom tão tarde da noite. Ele esfregou o queixo. Depois do que pareceu uma eternidade, falou comigo, com um olhar fixo e uma expressão calculista nos olhos. “Você consegue fechar o cadáver sozinha?”

Não me encolhi diante do confronto e ergui o queixo antes de responder. “Claro que sim.”

Era realmente um absurdo meu tio pensar que eu seria incapaz de levar a cabo uma coisa assim tão fácil, especialmente depois de eu ter remexido tão bem nas entranhas do morto. De todas as minhas tarefas, essa seria a mais fácil.

“Tia Amelia disse que meu trabalho com a agulha é bem impressionante”, falei ainda. Mas estou certa de que ela não estava se referindo a costurar pele quando elogiou meus bordados. “Pratiquei sutura na carcaça de um javali no verão e não tive nenhuma dificuldade em forçar as agulhas a entrarem e saírem daquela pele. Isso não vai ser nem um pouco diferente.”

A figura sombria deu risada, um som danado de agradável. Mantive minha expressão calma, embora estivesse fervendo por dentro. Não havia nada de engraçado no que eu tinha dito. Quer estivesse costurando pele ou tecido, era a habilidade que contava, não o meio.

“Muito bem.” Meu tio vestiu um sobretudo preto e, de dentro de uma caixa perto de sua escrivaninha, retirou alguma coisa que eu não conseguia ver muito bem. “Você pode fechar o corpo. Certifique-se de trancar o porão quando estiver saindo.”

O jovem rapaz desapareceu pelas escadas acima sem olhar para trás nem de relance, e fiquei feliz ao vê-lo indo embora. Meu tio parou por um instante à porta, com seus dedos marcados por cicatrizes batendo nervosamente no batente. “Minha carruagem a levará para casa quando tiver terminado. Deixe os outros espécimes para amanhã à tarde.”

“Espere!” Dei a volta correndo na mesa de exames. “E quanto à escola amanhã? O senhor disse que me informaria sobre isso hoje à noite.”

A atenção dele se voltou para o cadáver eviscerado sobre a mesa, e então retomou para o meu rosto, que estava cheio de expectativa. Eu podia ver sua mente formulando estratégias e pensando em mil motivos pelos quais eu não deveria assistir às aulas de medicina forense.

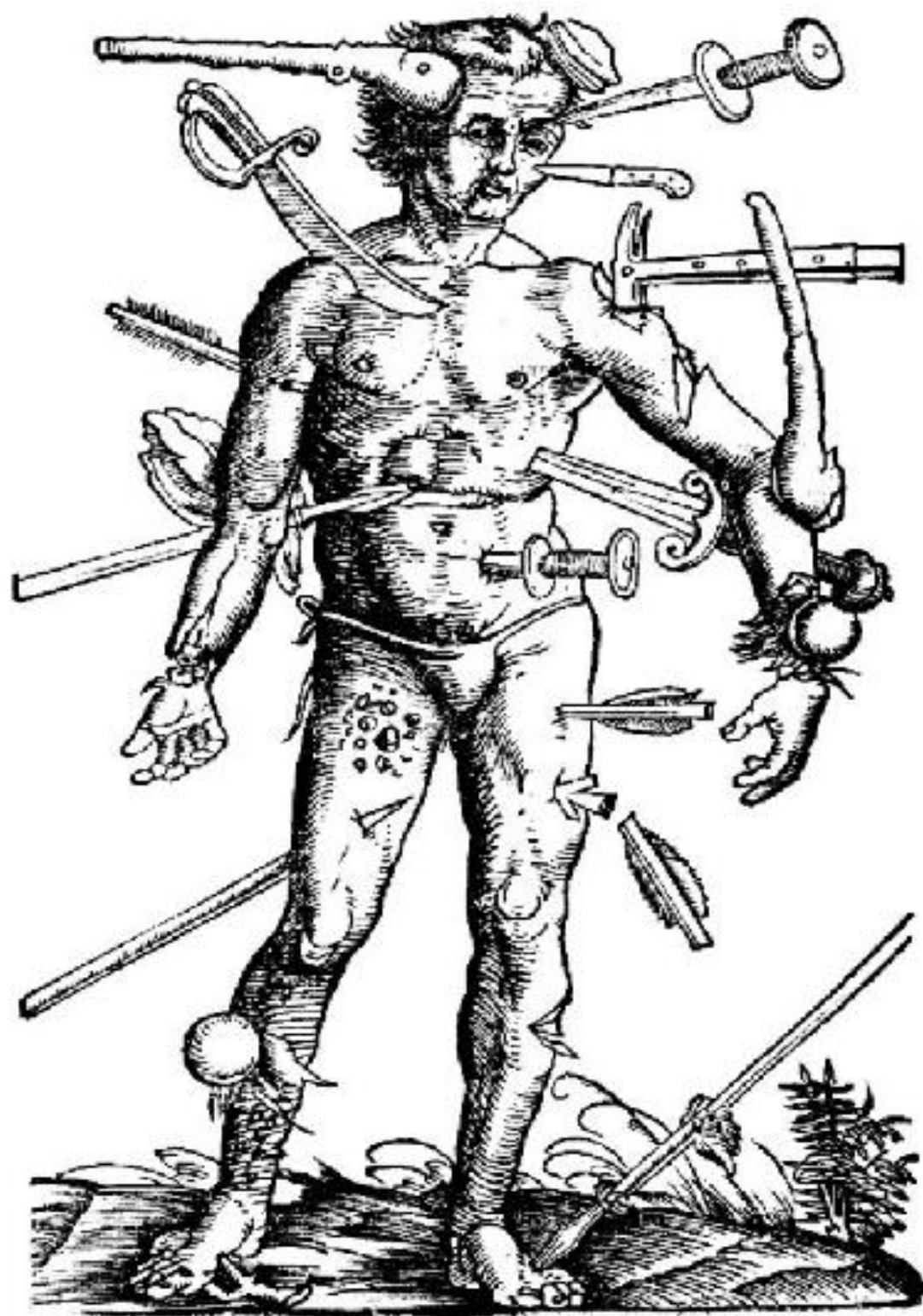
Decoro sendo a menor de suas preocupações.

Meu pai arrancaria as pernas e braços do meu tio, um a um, se descobrisse meu treinamento.

Tio Jonathan soltou um suspiro. “Venha vestida como se fosse um menino. E se abrir a boca para falar uma palavra que seja, será sua primeira e última vez na minha sala de aula. Entendido?”

Assenti vigorosamente. “Eu juro. Ficarei tão calada quanto os mortos.”

“Ah”, disse meu tio, colocando um chapéu e puxando-o bem para baixo, “os mortos falam com aqueles que os ouvem. Fique mais calada do que os mortos.”



# JACK O ESTRIPADOR

RASTRO de SANGUE

## 2. VINGANÇA DE SANGUE

*Escola Harrow para Rapazes, Londres*

*31 de agosto de 1888*



ão havia tanto sangue quanto seria de se esperar de um corte tão violento na garganta, segundo o meu tio.

Eu mal estava acompanhando o relato da cena repulsiva que ele havia testemunhado nesta manhã, e minhas anotações pareciam um tanto quanto dispersas, muito como os meus pensamentos.

“Digam-me, rapazes”, começou tio Jonathan, movendo-se pelo tablado no meio da galeria, com seus olhos de um verde bem claro pausando nos meus antes de continuar a falar. “O que sugerem as evidências se o sangue encontrado debaixo do corpo já estava coagulado? Melhor ainda, se mal havia meio quartilho de sangue na vítima, o que poderia ser dito sobre seu fim?”

A premência de dizer a resposta era uma fera miserável que ansiava por libertar-se da gaiola em que eu havia concordado em trancá-la. Em vez de exorcizar esse demônio, fiquei sentada, calada, com os lábios pressionados e com meu chapéu puxado para baixo. Escondi minha irritação analisando as expressões dos meus colegas de classe. Soltei um suspiro por dentro. A maioria deles estava no mesmo tom da cor da alcachofra, e parecia estar prestes a vomitar. Como eles tinham estômago para dissecar um cadáver estava além da minha compreensão. Sutilmente, raspei sangue seco das bases das minhas unhas, lembrando-me da sensação de segurar um fígado nas minhas mãos e me perguntando que nova sensação traria a autópsia de hoje.

Um rapaz de cabelos castanho-escuros, esculpidos tão cuidadosamente quanto seu uniforme havia sido passado, ergueu a mão, reta como uma flecha no ar. Manchas de tinta cobriam as pontas de seus dedos como se ele estivesse envolvido



demais em suas anotações para perder tempo com delicadezas. Meu olhar havia se fixado nele por um tempinho mais cedo, eu mesma hipnotizada pela sua forma metódica de fazer as anotações. Ele chegava a ser quase maníaco em relação ao aprendizado, traço este que eu não tinha como não admirar.

Meu tio fez um movimento com a cabeça na direção dele. O rapaz pigarreou e levantou-se, a confiança puxando seus ombros esguios para trás enquanto ele ficava de frente para a classe, e de costas para o professor.

Estreitei os olhos. Ele também era bem alto. Poderia ser ele o misterioso visitante da noite passada?

“É um tanto quanto óbvio, se deseja saber a minha opinião”, disse o rapaz, cujo tom beirava o desinteresse, “que nosso assassino ou propôs à falecida atos ilícitos como chamariz para atraí-la a algum lugar privado, ou se aproximou dela furtivamente, visto que ela estava claramente inebriada, e despachou-a por trás.”

Era difícil dizer, visto que ele mal havia se pronunciado na noite anterior, mas parecia que sua voz poderia ser a mesma daquele visitante tardio. Sem querer, eu estava me inclinando mais para perto dele, como se a proximidade pudesse atizar a centelha do reconhecimento no meu cérebro.

Meu tio Jonathan pigarreou para protelar a fala do rapaz arrogante e sentou-se à sua escrivaninha de madeira. Eu sorri. Passar-se por um menino era algo que certamente tinha lá seus méritos. Conversas sobre prostitutas eram uma coisa que sempre deixava meu tio nervoso, só que agora ele não podia repreender ninguém por falar livremente na minha frente. Ele abriu uma gaveta, tirando dali os óculos e esfregando-os em seu casaco de tweed para tirar manchas das lentes. Inclinando-se para a frente, perguntou: “Por que você acredita que a nossa vítima foi atacada por trás, Thomas, quando a maior parte dos meus colegas crê que ela estava deitada quando sofreu o ataque?”.

Olhei de relance entre eles dois, surpresa por meu tio ter usado o nome de batismo do rapaz. Agora eu tinha quase certeza de que ele era o estranho que aparecera tarde da noite no laboratório. O rapaz, Thomas, juntou as sobrancelhas.

Olhos de um castanho dourado eram perfeitamente dispostos em um rosto anguloso, como se o próprio Leonardo da Vinci o houvesse pintado. Quem me dera ter cílios tão esplêndidos quanto os dele. Seu queixo era quadrado, o que lhe conferia a expressão de alguém dotado de uma firme determinação. Até mesmo seu nariz era fino e majestoso, permitindo que um ar de vivacidade permeasse todas as suas expressões. Se ele não fosse tão exasperadoramente ciente de sua própria inteligência, ele seria até bem atraente, eu supunha.

“Porque, como o senhor declarou, a garganta dela foi cortada da esquerda para a direita. Considerando que, na prática, a maioria das pessoas é destra, seria de se imaginar, pela trajetória para baixo que o senhor descreveu, assim como pela probabilidade estatística, que o perpetrador deste crime era, de fato, destro, e a forma mais fácil de cometer este ato seria chegar *por trás* da vítima.”

Thomas agarrou o estudante que estava sentado ao seu lado e forçou-o a ficar de pé, demonstrando sua observação. As pernas da cadeira guincharam junto ao piso frio enquanto o rapaz lutava para soltar-se, mas Thomas o segurava com força, como se fosse uma jiboia com sua presa.

“Ele provavelmente colocou o braço esquerdo cruzado no peito ou no torso dela, puxou-a para perto de si, provavelmente assim”, ele fez nosso colega de classe rodopiar, “e sussurrou alguma coisa ao pé do ouvido dela, impedindo-a de gritar — visto que, conforme o senhor declarou, ninguém ouviu nada — e rapidamente passou a lâmina pela garganta da vítima. Uma vez enquanto ela estava em pé, e duas vezes enquanto ela caía no chão, tudo isso antes que pudesse saber o que estava acontecendo.”

Depois de simular a quase decapitação, Thomas deixou o rapaz cair no chão e passou por cima dele, retornando tanto a seu assento quanto a seu prévio desinteresse. “Se o senhor fosse investigar os respingos de sangue em um matadouro, estou certo de que encontraria algo como um padrão invertido, visto que o gado é tipicamente morto enquanto está pendurado de ponta-cabeça.”

“Rá!” Meu tio bateu palmas com tanta força que o som ecoou pelo salão. Dei um pulo com sua explosão entusiasmada, aliviada porque a maioria da classe deu solavancos em seus assentos comigo. Não havia como negar a paixão de tio Jonathan por este tema.

“Então por quê, como questionariam aqueles que de tudo discordam sempre, o sangue não respingou por toda a parte de cima da cerca?”, perguntou meu tio em tom de desafio, socando a palma da mão com o punho cerrado. “Quando sua jugular foi cortada, o sangue teria, de forma rítmica, respingado em tudo. É só perguntar a todos os especialistas em medicina que estiveram presentes na cena do crime.”

Thomas assentiu, como se já esperasse essa pergunta. “Isso é bem simples de se explicar, não é? A vítima estava usando um lenço no pescoço quando foi atacada, e então ele caiu. Ou talvez o assassino tenha arrancado o lenço do pescoço dela para limpar sua lâmina. Pode ser que ele tenha algum tipo de neurose ou coisa assim.”

O silêncio pairava, denso como a neblina do East End, enquanto a vívida imagem que Thomas criara ganhava vida na mente de cada um de nós. Meu tio me ensinou a importância de desligar minhas emoções nestes tipos de casos, mas era

difícil falar de uma mulher como se ela fosse um animal que estivesse sendo levado ao matadouro. Não importava o quão longe ela houvesse ficado da sociedade refinada.

Engoli em seco. Ao que parecia, Thomas tinha um jeito perturbador tanto de predizer por que o assassino agira daquela forma quanto de desligar as emoções no momento apropriado. Tio Jonathan levou alguns segundos para lhe responder. Quando o fez, tinha um largo sorriso no rosto, como um homem louco, e seus olhos eram duas centelhas de fogo, em chamas em seu crânio.

Eu não conseguia evitar que uma pontada de ciúmes retorcesse as minhas entranhas. Eu não sabia dizer se estava chateada porque meu tio parecia tão satisfeito e eu não era responsável por isso, ou se eu mesma gostaria de estar interagindo com o rapaz. De todo mundo na sala de aula, ele pelo menos não se encolhia de terror ou medo por conta da violência deste crime. Sentir medo não ajudaria a fazer justiça para a família: este rapaz parecia entender isso.

Desvencilhei-me destes pensamentos e prestei atenção na aula.

“Brilhantes habilidades de dedução, Thomas. Eu também creio que nossa vítima tenha sido atacada por trás, enquanto estava de pé. Muito provavelmente, a faca usada tinha entre quinze e vinte centímetros de comprimento.” Ele fez uma pausa, mostrando à classe, com as mãos, o quão grande era a lâmina. Uma sensação de desconforto se insinuou em meu sangue. A lâmina parecia ter o mesmo tamanho do escalpelo que eu havia usado na noite passada.

Meu tio pigarreou. “A julgar pela irregularidade do corte no abdômen, eu diria que o ferimento ali foi infligido post mortem, no local onde o corpo foi descoberto. Eu também me aventuraria a dizer que nosso assassino foi interrompido por alguma coisa, e não conseguiu o que queria. Mas eu tenho uma vaga suspeita de que ele possa ser canhoto ou ambidestro, com base em outras evidências que não partilhei com vocês ainda.”

Um rapaz que estava sentado na primeira fileira ergueu a mão trêmula. “O que o senhor quer dizer com isso? Atrás do que ele estava originalmente?”

“Reze para que não descubramos”, foi a resposta de meu tio, em um tom sombrio.

Ele torceu o canto de seu pálido bigode, um cacoete que se repetia sempre que ficava perdido em seus pensamentos. Eu sabia que o que viria em seguida não seria agradável.

De repente me dei conta de que estava apertando as beiradas do meu próprio assento com tanta força que os nós dos dedos chegaram a *ficar* brancos. Relaxei, mas apenas um pouquinho.

“Em prol desta aula, revelarei minhas teorias.” Meu tio olhou de relance em volta da sala mais uma vez. “Eu acredito que ele estava atrás de seus órgãos. Os investigadores da polícia, contudo, não partilham dos meus sentimentos em relação a isso. Eu só posso esperar que eles estejam certos.”

Enquanto irrompiam discussões sobre a teoria de meu tio quanto à retirada de órgãos, eu fazia o esboço das figuras anatômicas que ele havia desenhado às pressas no quadro-negro no início da aula, de modo a desanuviar a minha mente. Porcos, rãs e ratos dissecados, e até mesmo coisas mais perturbadoras como intestinos e corações humanos adornavam o interior de minhas páginas.

Meu caderno estava repleto de imagens de coisas pelas quais uma dama não deveria ser fascinada, não obstante, eu não conseguia controlar minha curiosidade.

Uma sombra recaiu pelo meu caderno, e, de alguma forma, eu sabia que se tratava de Thomas antes mesmo de ele abrir a boca. “Você deveria colocar a sombra do lado esquerdo do corpo, caso contrário, parece uma poça de sangue.”

Fiquei tensa, mas mantive a boca fechada, como se meus lábios tivessem sido costurados por um coveiro descuidado. Chamas ardiam silenciosamente sob a minha pele, e eu amaldiçoava a reação do meu corpo a um rapaz tão irritante. Thomas prosseguiu com suas críticas.

“Na verdade, você deveria apagar esses ridículos borrões”, disse ele. “A luz do poste da rua estava vindo deste ângulo. Você captou tudo terrivelmente errado.”

“Na verdade, você deveria cuidar da sua vida.” Cerrei os olhos, dando-me uma reprimenda mentalmente. Eu estava me saindo tão bem nisso de ficar calada e não interagir com nenhum dos rapazes. Uma escorregadela poderia me custar o meu lugar na sala de aula.

Decidindo que não se deve demonstrar medo a um cachorro louco, olhei bem nos olhos aguçados de Thomas. Um sorrisinho brincava nas beiradas de seus lábios, e meu coração trotava em meu peito como o cavalo de uma carruagem correndo pela praça Trafalgar. Eu me lembrei de que ele era um babaca arrogante e concluí que os batimentos irregulares do meu coração se deviam estritamente ao nervosismo. Eu preferiria banhar-me em formaldeído a ser expulsa da classe por causa de um rapaz tão enlouquecedor.

Por mais bonito que ele pudesse ser.

“Embora eu aprecie sua observação”, falei, entredentes, tomando muito cuidado para abaixar a minha voz, “eu gostaria muito que você tivesse a bondade de me deixar em paz com os meus estudos.”

Seus olhos dançavam como se ele tivesse descoberto um segredo altamente divertido, e eu soube que eu era um rato que tinha sido pego por um gato esperto

demais. “Certo, então, senhor...?”

A forma como ele falara a palavra *senhor* não deixava espaço para mal-entendidos; ele estava bem ciente de que eu não era nenhum jovem rapaz, mas estava disposto a entrar no jogo, só Deus sabe por quê.

Eu me abrandei um pouco com a demonstração de misericórdia, abrindo mão de minha voz disfarçada de modo que apenas ele pudesse me ouvir, com meu coração se acelerando novamente pelo nosso segredo partilhado. “Wadsworth”, falei, em um sussurro. “Meu nome é Audrey Rose Wadsworth.”

Um lampejo de entendimento passou pelo rosto dele, cuja atenção se voltou rapidamente para o meu tio, que ainda incitava uma acalorada discussão. Ele estirou a mão, e eu, relutante, troquei um aperto de mãos com ele, torcendo para que esse contato não entregasse meu nervosismo.

Talvez fosse bom ter um amigo com quem conversar sobre os casos.

“Creio que tenhamos nos encontrado na noite passada”, eu me aventurei a dizer, sentindo-me um pouco mais audaz. Thomas juntou as sobrancelhas e minha recém-adquirida confiança afundou com tudo. “No laboratório do meu tio?”

A escuridão passou pelas feições dele. “Peço-lhe desculpas, mas não faço a mínima ideia do que esteja falando. Esta é a primeira vez que nos falamos.”

“Nós não nos falamos, exatamente...”

“Muito prazer, Wadsworth. Eu tenho certeza de que teremos muito o que discutir em um futuro próximo. Imensamente próximo, na verdade, considerando que estarei em treinamento com seu tio essa noite. Talvez me permita o prazer de testar algumas de minhas teorias?”

Uma outra onda escarlate lavou minhas bochechas. “Suas teorias sobre o quê exatamente?”

“Sobre sua escandalosa escolha de assistir a esta aula, é claro.” Ele abriu um largo sorriso. “Não é todo dia que nos deparamos com uma moça tão estranha.”

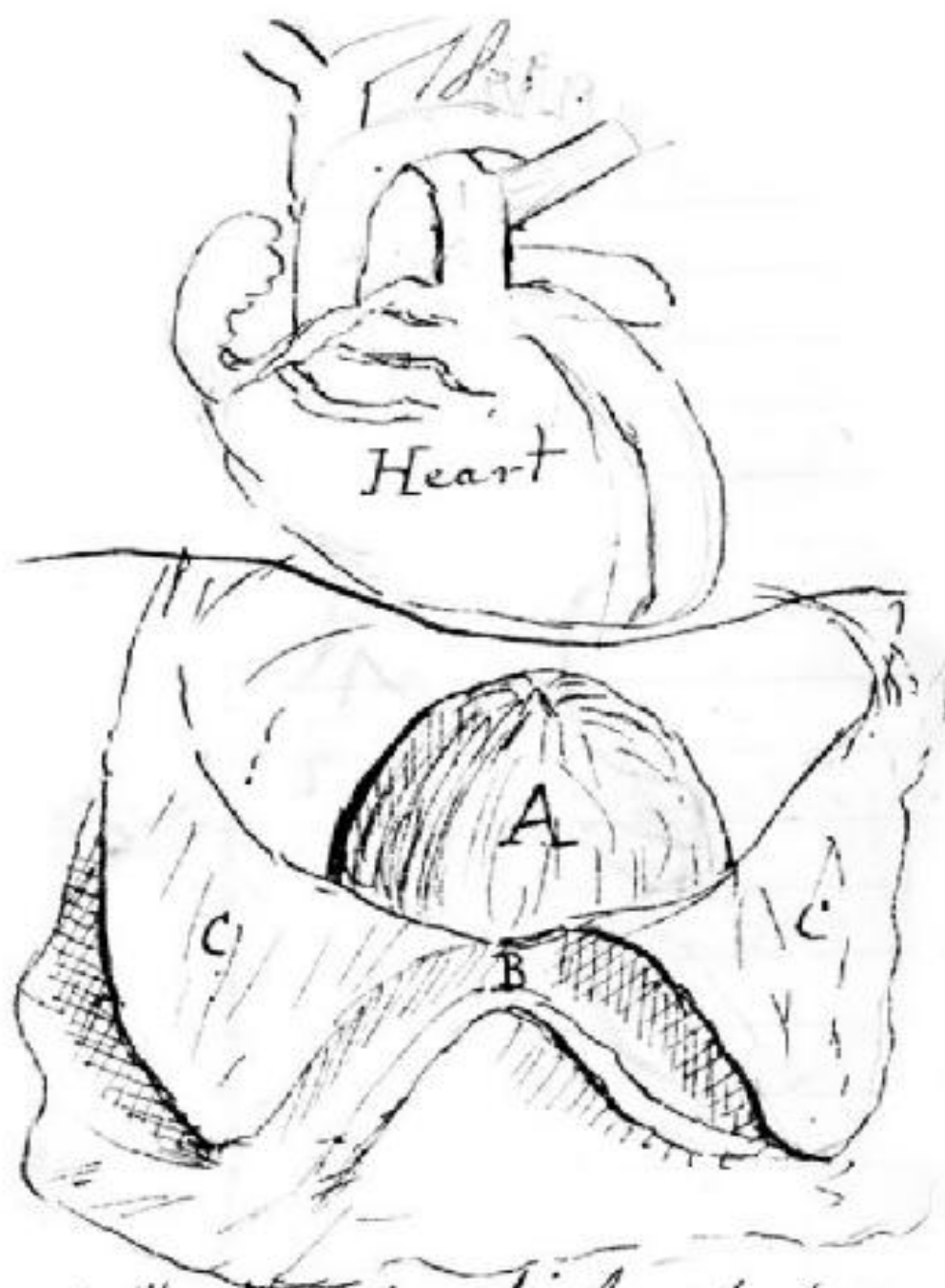
A cordialidade amigável que eu vinha sentindo em relação a ele congelou-se como uma lagoa durante um inverno particularmente frio. Especialmente considerando que ele não parecia estar ciente do quão enervante ele era, sorrindo para si mesmo sem ligar a mínima para nada no universo. “Eu realmente adoro a satisfação de resolver um quebra-cabeça e de provar que estou certo.”

De alguma forma encontrei a força para me conter e não retrucar, e ofereci a ele um sorriso constrito em vez disso. Minha tia Amelia ficaria orgulhosa porque suas aulas de etiqueta ainda estavam bem vívidas em minha mente. “Estou muito ansiosa para ouvir suas teorias sobre as minhas escolhas de vida, senhor...?”

“Cavalheiros!”, ladrou meu tio. “Por favor, eu gostaria que cada um de vocês escrevesse suas teorias sobre o assassinato da srta. Mary Ann Nichols e gostaria que trouxessem suas anotações para a sala de aula amanhã.”

Thomas abriu um último e largo sorriso malévolo para mim antes de voltar para suas anotações. Enquanto eu fechava o meu diário e reunia minhas coisas, não pude deixar de pensar que ele poderia se provar ser um mistério igualmente complicado a ser solucionado.





A, the bladder distended  
 B, symphysis of the pubis  
 C.C. the integuments & peritoneum  
 laid off

CORAÇÃO - Figura A. a bexiga distendida  
 B. Linfise do púbis C.C. [ilegível]  
 ilustração do coração e da bexiga, do caderno  
 de notas de Thomas Graha, cerca de 1834



# JACK O ESTRIPADOR

RASTRO de SANGUE

## 3. CHÁ & AUTÓPSIAS

*Residência dos Wadsworth, praça Belgrave*

*31 de agosto de 1888*



onde você está indo correndo a essa hora?”

Meu pai estava parado ao lado do relógio de pêndulo que havia no vestíbulo, e sua entonação atingiu o mesmo acorde nervoso da antiguidade bestial, enquanto ele olhava as horas em seu relógio de bolso. Apenas alguns anos separavam meu tio e meu pai, e até recentemente eles poderiam ter se passado por gêmeos. Um músculo se contorcia em seu maxilar quadrado. Questionamentos piores estavam a caminho. A vontade de subir voando a grande escadaria era esmagadora.

“Eu... eu prometi ao tio Jonathan que tomaria chá com ele.” Observei enquanto ele inspirava, com pungência, e acrescentei ainda, baixinho: “Teria sido rude recusar o convite dele”.

Antes que ele oferecesse mais alguma observação sobre o assunto, a porta da sala de estar foi aberta, e meu irmão entrou a passos de valsa, como um raio de sol em contraste a um dia cinzento. Absorvendo rapidamente a situação, ele teve um leve sobressalto.

“Devo dizer que todo mundo parece estar tão plenamente animado nesta tarde que isso é um tanto quanto perturbador. Olhe para mim com a devida cara feia, meu bom homem. Ah!” Ele sorriu com a expressão furiosa com que nosso pai olhou para ele. “É esse o espírito! O senhor está fazendo um excelente trabalho, pai!”

“Nathaniel”, disse nosso pai em um tom de aviso, com seu foco vidrado alternando-se rapidamente entre nós dois. “Esta questão não lhe diz respeito.”

“Estamos aterrorizados em deixar a menina sair de nossa bolha protetora de novo? Deus nos livre que ela pegue varíola e morra. Oh, espere”, Nathaniel inclinou a cabeça para o lado. “Isso já aconteceu antes, não foi?” De forma dramática, ele segurou meu pulso, verificando minha pulsação, e cambaleou para trás. “Por Deus, pai. Ela está bem viva!”

A mão pálida de meu pai tremia, e ele limpava seu cenho com um lenço, o que nunca era um sinal promissor. Nathaniel costumava dispersar a ansiedade de nosso pai com um gracejo bem colocado. Hoje não era um desses dias. Eu não tinha como não notar linhas extras em torno da boca de meu pai, que repuxavam seus lábios em uma expressão franzida quase permanente. Se ele relaxasse quanto a algumas de suas infinitas preocupações, removeria o peso de uma década de suas feições, que outrora foram belas. Cada vez mais, ultimamente, cabelos grisalhos também deslizavam por entre seus cachos de um loiro cinzento.

“Eu estava mesmo dizendo ao nosso pai que estou a caminho da carruagem”, falei, da forma mais agradável que consegui, fingindo ignorar o clima volátil no ar. “Vou me encontrar com o tio Jonathan.”

Nathaniel bateu palmas com suas mãos enluvadas, um sorriso maroto se abrindo em seu rosto. Ele não conseguia deixar de me apoiar em minha escolha pelos estudos médicos. Em grande parte porque minha opinião moderna sobre os motivos pelos quais moças eram igualmente capazes de terem uma profissão, ou serem aprendizes, oferecia-lhe infinitos motivos para diversão.

O amor de meu irmão pela discussão fez dele um excelente aprendiz de advogado, mas sua atenção inconstante o levaria a algum outro lugar em breve. Seus caprichos anteriores incluíram uns poucos meses estudando medicina, depois, arte, e então um terrível esforço com um violino, que acabou mal para todos que tiveram o infortúnio de ouvi-lo praticando suas escalas musicais.

Todavia, sendo o herdeiro do legado de nossa família, ele não precisava aprender nenhuma profissão que fosse. Isso era meramente algo para ele passar suas horas e tardes ociosas, além de beber com seus amigos pomposos.

“Ah, certo. Eu me lembro de nosso tio dizendo alguma coisa sobre chá no começo dessa semana. Infelizmente, eu tive de recusar o convite dele, com os meus estudos e tudo o mais.” Ajustando suas luvas e alisando seu terno, Nathaniel recuou um passo e abriu um largo sorriso. “Seu vestido é excepcional para o clima e para a ocasião especial de hoje. Dezessete anos agora, certo? Você está estonteante, menina aniversariante. O senhor não concorda, pai?”

Meu pai examinou minhas roupas. Provavelmente estava procurando uma mentira que me impedisse de ir até a casa de meu tio, mas ele não haveria de encontrar uma. Eu já havia deixado uma muda de roupas mais simples na

carruagem. Se ele não conseguisse provar que eu estava indo praticar atos profanos com os mortos e arriscando-me a contrair infecções, ele não poderia me impedir de sair.

Por ora, eu estava vestida com roupas apropriadas para quem vai tomar um chá da tarde. Meu vestido de seda ondulada era do mesmo tom de cascas de ovos, assim como minhas sandálias, também de seda; meu espartilho estava apertado o bastante para me lembrar de sua existência a cada dolorosa respiração.

Eu me senti repentinamente grata pelas luvas cor-de-rosa que eram abotoadas até a altura dos meus cotovelos; elas eram uma forma, que estava de acordo com a moda, de esconder o quanto as palmas de minhas mãos estavam suadas.

Meu pai pousou uma cansada mão em seu rosto, “Já que é seu aniversário, você pode ir até lá para tomar chá e voltar logo depois disso. Eu não quero que você vá a nenhum outro lugar. Nem quero que você se envolva em nada daquela...”, ele mexeu as mãos no ar como se fosse um pássaro machucado, “... atividade na qual seu tio está envolvido. Estamos entendidos?”

Assenti, aliviada, mas meu pai não havia acabado de falar. “Se alguma coisa acontecer com a sua irmã”, disse ele, encarando o meu irmão, “eu o considerarei responsável.”

Meu pai manteve seu olhar fixo em Nathaniel por mais um instante, e depois saiu andando do aposento, nos deixando nos rastros de sua tormenta. Fiquei observando sua ampla forma desaparecer pelo corredor abaixo, até que ele fechou a porta do estúdio batendo-a atrás de si com um movimento rápido das mãos. Eu sabia que logo ele acenderia um charuto e ficaria trancado ali até de manhã, com pensamentos e recordações de nossa mãe atormentando-o até que ele caísse em um sono agitado.

Voltei minha atenção para Nathaniel enquanto ele sacava seu pente de prata predileto e o passava pelos cabelos. Nenhuma mecha de cabelos dourados jamais poderia estar fora do lugar, ou então o universo poderia explodir. “Está um pouco quente para usar luvas de couro, você não acha?”

Nathaniel deu de ombros. “Estou de saída.”

Por mais que eu quisesse falar com meu irmão, eu tinha sérias obrigações de que precisava cuidar. Meu tio era uma criatura de muitos hábitos, e a falta de pontualidade não era tolerada. Não importava que fosse o meu aniversário.

Pessoalmente, eu não achava que os mortos se importariam de esperar cinco minutos para serem cortados e explorados, mas eu não me atrevia a dizer isso em voz alta. Eu estava lá para aprender, não para colocar lenha na fogueira do demônio que às vezes espreitava dentro dele.

Da última vez que questioneei esta regra, tio Jonathan me fez secar o sangue com serragem durante um mês. Eu não me sentia ávida para receber essa punição novamente; o sangue havia ficado incrustado nas bases das minhas unhas e era um tormento limpá-lo antes da ceia. Graças a Deus que minha tia Amelia não estava nos visitando, ou ela teria desmaiado ao ver aquilo.

“Você quer almoçar comigo amanhã?”, perguntei a ele. “Se você quiser, posso falar para Martha preparar alguma coisa para levarmos até o Hyde Park. Podemos até mesmo dar a volta no lago Serpentine.” Nathaniel abriu um sorriso um pouco triste. “Talvez possamos fazer um passeio em volta do lago para comemorarmos seu aniversário atrasado na semana que vem, não? Eu certamente gostaria de saber o que você e o Tio Cadáver estão aprontando naquela pequenina casa dos horrores.” Seus olhos cintilavam com uma pontada de perturbação. “Eu me preocupo com o fato de você ficar vendo todo aquele sangue. Isso não pode ser bom para seu frágil temperamento feminino.”

“Oh? Me mostre no dicionário médico onde está escrito que uma mulher não consegue lidar com essas coisas. Do que é feita a alma de um homem que não exista na alma de uma mulher?”, provoquei. “Eu não fazia a mínima ideia de que minhas entranhas eram compostas de algodões e gatinhos, enquanto as almas de vocês, homens, são cheias de aço e partes mecânicas.”

A voz dele adquiriu um tom mais suave, chegando ao cerne do que realmente o estava incomodando. “Nosso pai surtará se descobrir o que vocês realmente estão fazendo. Eu temo que o discernimento dele não esteja em plena forma no momento. As suas alucinações estão se tornando... preocupantes.”

“Como assim?”

“Eu... o peguei afiando facas e falando sozinho outro dia de manhã, quando ele achou que estavam todos dormindo.” Ele esfregou as têmporas, e seu sorriso foi se esvanecendo. “Talvez ele ache que possa esfaquear os germes antes que entrem em nossa casa.”

Isso era, de fato, uma notícia perturbadora. Da última vez que meu pai havia ficado assim, me fizera usar uma máscara facial sempre que eu saía de casa para evitar que respirasse coisas contagiosas. Embora eu gostasse de estar acima de coisas como a vaidade, eu havia odiado os olhares fixos que recebi quando me aventurei a sair dessa forma. Seria uma tortura passar por isso novamente.

Forcei um grande sorriso em meu rosto.

“Você se preocupa demais.” Dei-lhe um beijo na bochecha antes de me dirigir até a porta, com meu próprio tom de voz ficando mais leve novamente. “Se você não tomar cuidado, acabará perdendo todo o seu magnífico cabelo.”

Nathaniel deu risada disso. “Nota mental devidamente registrada. Feliz aniversário, Audrey Rose. Eu realmente espero que você se divirta com o que quer que esteja prestes a fazer. Mas tome cuidado. Você sabe que nosso tio pode ser um pouco... maluco.”



Vinte minutos depois, eu estava no porão do laboratório do tio Jonathan, acostumando-me ao cheiro do pesadelo de uma outra pessoa.

A carne morta tinha um odor doce e enjoativo com o qual eu sempre levava um tempinho para me acostumar. Cadáveres frescos e não mutilados exalavam um cheiro próximo ao de um frango inteiro. Corpos que haviam falecido havia alguns dias tinham um cheiro mais difícil de ser ignorado, não importando quanta experiência se tivesse com eles.

A srta. Nichols tinha sido assassinada havia menos de um dia, e o forte cheiro de rato morto confirmava que seus ferimentos eram brutais. Eu fiz uma prece silenciosa por sua alma perturbada e por seu corpo arruinado antes de entrar totalmente na sala.

Uma lâmpada de gás no teto lançava sombras sinistras no papel de parede de brocado, enquanto duas silhuetas familiares espiavam um cadáver deitado na mesa mortuária. Não era preciso ser um gênio para deduzir que o corpo era o objeto de estudo da sala de aula e que a pessoa extra no aposento era meu irritante colega de classe.

Eu sabia, por experiência própria, que não deveria interromper meu tio enquanto ele examinava evidências e fiquei especialmente grata por esta regra quando ele descreveu para Thomas, agora mais detalhadamente, o pescoço mutilado. Havia algo de familiar em relação à mulher, e eu não conseguia me impedir de imaginar a vida dela antes de acabar diante de nós.

Talvez existissem pessoas que a amavam, um esposo ou filhos, e talvez eles estivessem de luto por sua perda neste exato momento, não mais importando que ela houvesse caído em tempos *díficeis*.

A morte não tinha preconceitos com coisas mortais como posição social e gênero. Ela vinha da mesma forma para reis, rainhas e prostitutas, com frequência deixando os vivos com arrependimentos. O que poderíamos ter feito de diferente se soubéssemos que o fim estava tão próximo? Desliguei tais pensamentos. Eu estava vagando perto demais de uma porta emocional que eu já havia trancado.

Eu precisava me distrair e era grata por este ser o lugar perfeito para isso. Prateleiras de mogno ladeavam as paredes ao redor da sala com centenas de jarros de vidro contendo espécimes, os quais haviam sido cuidadosamente catalogados e expostos em ordem alfabética, tarefa esta que me foi atribuída no último outono e que apenas recentemente eu havia concluído.

Ao todo, eu havia contado quase setecentas amostras diferentes, uma coleção impressionante para um museu, quem diria para uma única casa.

Passei um dedo pelo corpo preservado mais perto de mim, cujo rótulo, escrito em minha minúscula letra cursiva, identificava-o como sendo uma amostra representativa de uma rã. O cheiro de formalina embotado pela amônia permeava tudo no refúgio subterrâneo, até mesmo a doçura da decomposição e, não obstante, era estranhamente reconfortante. Silenciosamente, eu peguei o fígado que havia removido ontem e adicionei-o às estantes. Era a minha primeiríssima adição a elas.

Minha atenção esbarrou-se com o que eu presumia que fossem as roupas da srta. Nichols. Era difícil ver manchas de sangue no material escuro, todavia, devido à natureza de seu ataque, imaginei que estariam lá. Pequenas botas com cadarços estavam cobertas de lama, sujando a mesa em que se encontravam. As botas estavam bem gastas, e evidenciavam a pobreza da vítima.

Um calafrio, que não tinha nada a ver com a cena macabra que se desenrolava do outro lado da sala, foi descendo pela minha coluna. Era essencial manter a temperatura bem baixa nesta parte da casa, caso contrário os espécimes apodreceriam rápido demais.

O vestido menos apertado de musselina que eu estava usando agora me provinha pouca proteção contra o ar frio, mas eu preferia trabalhar usando esta roupa do que o meu vestido mais elegante com espartilho, mesmo esfregando meus braços cobertos e com pelos arrepiados.

Analisei a parede oposta onde ficavam os diários médicos e as ferramentas que, para alguém que observasse de fora, poderiam parecer um pouco assustadoras. A lâmina curvada do bisturi de amputação, que parecia uma foice, as serras de ossos, assim como imponentes seringas de vidro e de metal não ficariam deslocadas em um romance gótico que era o preferido tanto de minha infância quanto da de Nathaniel: *Frankenstein*. Poderia se pensar nelas como sendo concebidas pelo diabo, se a pessoa tivesse uma inclinação a usar noções tão supersticiosas... como era o caso do meu pai.

O silêncio estranho da sala foi quebrado quando tio Jonathan evocou fatos básicos como altura, gênero e cor dos cabelos e dos olhos, enquanto procurava no corpo outros traumas sofridos durante o assassinato. Fatos estes que eu já havia memorizado dos registros em meu diário.

Fiquei observando enquanto Thomas fazia anotações em uma folha médica com precisão mecânica, com os dedos mais manchados de tinta do que estavam na sala de aula. Tomar notas era, geralmente, minha responsabilidade durante estes procedimentos. Fiquei em pé, parada e paciente, inspirando o ar que cheirava a químicos e ouvindo os sons suaves da carne sendo aberta, tentando ignorar o nauseado revirar das minhas entranhas. Eu sempre demorava um tanto para me acalmar.

Poucas respirações depois, meu tio notou que eu estava parada no canto e fez um sinal para que eu pegasse um avental e me juntasse a eles.

Conforme eu me aproximava do cadáver, era como se uma porta houvesse sido fechada entre o meu coração e a minha cabeça, vedando todas as emoções do outro lado. Uma vez que eu me encontrasse parada próxima ao corpo, eu não mais via a pessoa que ela fora em vida. Eu via somente a casca deixada para trás, e a curiosidade tomava conta de mim das piores maneiras.

Ela havia passado de uma mulher com uma aparência agradável o bastante a um outro cadáver sem rosto; eu tivera bastante experiência com eles neste verão. Faixas de tecido cobriam partes dela para mantê-la decente, embora não houvesse nada de decente em relação ao seu estado.

Sua pele era mais pálida do que a mais fina cerâmica pintada à mão que minha mãe havia herdado de sua avó na Índia, exceto ao longo da linha de seu maxilar, onde os machucados escuros estavam evidentes. A vida dura roubara a maciez que eu imaginava que ela tivera um dia, e a morte não fora gentil quando a tomara em seu implacável abraço.

Pelo menos os olhos dela estavam fechados. Era aí onde acabava a serenidade parcial. Segundo meu tio, faltavam-lhe cinco dentes e sua língua também havia sofrido uma laceração, indicando que ela fora atacada para que ficasse atordoada ou para que ficasse inconsciente antes de ter sua garganta cortada. Aqueles eram os ferimentos menos desagradáveis.

Voltei meu olhar para contemplar o baixo-ventre, onde havia um machucado maior do lado esquerdo. Tio Jonathan não havia exagerado na sala de aula: este corte era irregular e extremamente profundo. Uns poucos cortes menores percorriam o lado direito do torso, mas não eram tão feios quanto este, pelo que eu podia ver.

Eu entendi por que meu tio achava que uma pessoa ambidestra poderia ser responsável por isso. Os machucados em seu maxilar indicavam que alguém havia agarrado o rosto dela com a mão esquerda, e a incisão do lado esquerdo do corpo fora muito provavelmente feita por alguém usando a mão direita. A menos que houvesse mais de um assassino à solta...

Balancei a cabeça e me concentrei na parte de cima do corpo novamente. Os ferimentos feitos com faca no pescoço indicavam um ataque gerado pela violência. No entanto, era surpreendentemente fácil olhar para eles em meu novo estado de desligamento emocional, e eu me perguntei, por um breve momento, se minha tia Amelia diria que este era um novo ataque ao meu caráter moral. “Mocinhas deveriam preocupar-se com rendas e dedais, e não com a desgraça moral”, diria ela.

Eu sonhava com um dia em que moças poderiam usar rendas e maquiagem, ou maquiagem nenhuma e pudessem vestir um saco de aniagem se assim desejassem, para atuarem em suas profissões escolhidas sem que isso fosse considerado inapropriado.

De súbito, meu tio deu um pulo para trás e espirrou. Pensamentos sobre contrair doenças carregadas pelo ar encheram o meu cérebro. Eu me recompus por um minuto. Os temores de meu pai não se tomariam os meus e não me impediriam de fazer o que precisava ser feito.

Meu tio estalou os dedos, apontando para um dos quatro bisturis cirúrgicos em uma bandeja de metal. Eu o apanhei e o entreguei a ele, pegando cada ferramenta usada e colocando-a em um banho de álcool depois que ele terminou de usá-las. Quando chegou a hora da remoção do órgão, eu estava com bandejas individuais e vidros para espécimes preparados antes que meu tio pedisse por eles.

Eu conhecia bem o meu trabalho.

Ele rosnou em aprovação e depois pesou os rins, um de cada vez.

“O rim esquerdo tem aproximadamente cento e trinta e sete gramas.” Thomas rabiscou as informações, rapidamente voltando seu foco para as próximas palavras de meu tio. Ele ficava em silêncio enquanto estava absorto em seu trabalho, e minha presença era como uma peça de mobília, completamente não notada até que fosse necessária. “O rim direito é um pouco pequeno, pesando por volta de cento e dezenove gramas.”

Meu tio removeu um pequeno pedaço de cada um dos órgãos, colocando-os em placas de Petri para a realização de mais testes. Essa mesma rotina foi seguida para o coração, o fígado, os intestinos e o cérebro. O avental branco de meu tio foi ficando cada vez mais ensanguentado, mas ele limpava metodicamente as mãos depois de cada dissecação, de modo a evitar a contaminação das evidências.

Não havia nenhuma prova de que tais contaminações pudessem ocorrer, mas meu tio tinha suas próprias teorias sobre essa questão. “A sociedade convencional que se dane”, ele gritaria. “Eu sei o que sei.”



Em termos de aparência, poucas coisas o separavam de um açougueiro. Eu supunha que até mesmo humanos mortos não passavam de animais que eram abertos e explorados em nome da ciência em vez do sustento da nutrição. Tudo parecia a mesma coisa quando suas camadas superiores eram removidas.

Eu quase dei uma risada alta com o absurdo de meus pensamentos. Duas vezes ao ano, minha tia Amelia e minha prima Liza passavam um tempo conosco. Parte das visitas delas incluía me socializar com moças da minha idade, como anfitriã de opulentas festas do chá. Minha tia Amelia tinha esperanças de que eu continuaria a frequentá-las sozinha, mas eu coloquei um ponto final nisso. As moças nas festas dos chás não entendiam a minha mente, motivo pelo qual eu declinei seus convites nos últimos e vários meses. Eu odiava a pena que elas tinham nos olhos e não conseguia me imaginar explicando minhas tardes a elas.

Algumas achavam obsceno mergulhar suas facas de manteiga em coalhada de limão. Que horror elas sentiriam ao descobrirem que meu escalpelo desaparecia em tecidos sangrentos!

Algo frio e molhado vazou para dentro da parte de baixo dos meus sapatos. Eu não havia notado a poça de sangue em cima da qual eu tinha estado. Rapidamente apanhei um saco de serragem e espalhei-a pelo chão como se fosse uma fina camada de neve bronzeada. Eu precisaria me livrar das sandálias mais tarde, já que não havia nenhuma necessidade de assustar minha nova criada pessoal mais do que eu normalmente já a assustava quando chegava em casa toda suja com o resultado de um dia de trabalho.

Tio Jonathan estalou os dedos, fazendo com que eu retomasse à tarefa que eu tinha em mãos.

Uma vez que eu havia desinfetado a serra de ossos, ele a usou para abrir o crânio e coloquei-a de volta na prateleira: a autópsia estava completa. Costurou o corpo de volta como um habilidoso alfaiate cujo meio era a carne em vez de finos tecidos. Fiquei observando enquanto a incisão em forma de Y que ele havia feito mais cedo passara de um carmesim escurecido para um fio de linha preta.

De rabo de olho, vi Thomas fazendo esboços do corpo furiosamente neste último estado, seu lápis diminuindo a velocidade, e depois se espalhando pelo papel. Com ressentimentos, eu tinha de admitir que o desenho dele era realmente muito bom. Os detalhes que ele captou nos ajudariam com a investigação uma vez que o corpo fosse levado de volta ao necrotério.

“Você reconhece a falecida, Audrey Rose?”

Voltei minha atenção para meu tio imediatamente. Ele estava retirando seu avental, com os olhos cravados nos meus. Mordi o lábio, estudando o rosto

desfigurado da mulher. Lá estava aquela torturante sensação de familiaridade, mas eu ainda não conseguia situar de onde eu a conhecia. Lentamente balancei a cabeça, sentindo-me derrotada.

“Ela trabalhou na sua casa. Por pouco tempo.” A culpa afundou suas garras em mim: eu ainda não reconhecia a pobre mulher. Que coisa desprezível não notar alguém na minha própria casa. Mary Ann merecia um tratamento melhor da minha parte. E do mundo. Eu me sentia completamente terrível. Meu tio virou-se para a pia. “Você estava doente na época.”

Thomas passou a me observar atentamente, analisando o meu corpo em busca de sinais que indicassem a existência de alguma doença. Como se ele ao menos se importasse. Provavelmente estava preocupado que essa notícia pudesse representar algum risco em potencial para ele mesmo. Meu rosto ardia, e me ocupei com os espécimes.

“O que cada um de vocês aprendeu em nosso pequeno exercício hoje?” Tio Jonathan interrompeu meus pensamentos, esfregando as mãos e os antebraços com um bloco de sabão carbólico. “Alguma teoria interessante para compartilhar?”

Eu estava ansiosa com a oportunidade de falar o que pensava agora que nós não estávamos cercados por estudantes. Uma pequena parte minha também estava animada por uma chance de exibir minhas teorias na frente de Thomas. Eu queria que ele visse que não era o único que tinha uma mente interessante.

“Quem quer que seja responsável pelo assassinato deve ter algum tipo de treinamento no campo médico”, falei. “Pode ser que ele seja até mesmo um estudante da sala de dissecação. Ou alguém que, no mínimo, tenha feito aulas de cirurgia.”

Meu tio assentiu. “Bom. Fale mais.”

Sentindo-me fortificada pela aprovação de meu tio, dei a volta no corpo. “Pode ser que ela tenha sido agarrada pelo rosto, e depois tenha recebido um golpe que a deixou inconsciente.” Pensei nas incisões e nas áreas do corpo que estavam machucadas. “Além disso, é possível que ela tenha sido levada para algum outro lugar. Nosso assassino precisava de tempo para realizar sua cirurgia sem ser interrompido.”

Uma imagem de nossa ex-criada sendo espancada e depois arrastada até um porão esquecido ou algum outro lugar úmido e cheio de sombras fez com que a minha pele começasse a ficar arrepiada em todo meu corpo, como se fossem vermes se remexendo em um túmulo. Embora eu não me lembrasse da garota, só o mero pensamento dela vivendo, respirando e trabalhando na minha casa fazia com que eu me sentisse responsável por ela de alguma forma. Eu queria ajudá-la agora

em sua morte, embora houvesse fracassado miseravelmente com ela enquanto estava viva. Talvez ainda estivesse viva e com um emprego respeitável se eu tivesse sido valente o bastante para me pronunciar contra a crônica necessidade de meu pai de trocar os empregados de casa a cada poucas semanas.

Minhas mãos retesaram-se em punhos nas laterais do meu corpo. Eu me recusava, eu me recusava por completo, a deixar passar um tratamento tão cruel com uma mulher. Eu faria tudo que estivesse em meu poder para resolver este caso para a srta. Nichols. E para quaisquer outras moças sem voz ou mulheres ignoradas pela sociedade.

Minha mãe teria feito o mesmo.

Todos os outros pensamentos que não fossem a terrível realidade com a qual nós estávamos lidando deixaram a minha mente.

“Ele deve ter cortado a garganta dela em um local onde uma grande quantidade de sangue não chamaria a atenção das pessoas. É possível que ele a tenha levado até o matadouro e feito isso lá.”

Thomas soltou uma bufada de chacota de onde estava, perto do corpo. Eu me virei rapidamente para olhar feio para ele, desfazendo os nós do meu avental com tanto veneno quanto me era possível conjurar e jogando-o no cesto de roupa suja. Eu sabia que o meu rosto devia estar ruborizado mais uma vez, mas tinha esperanças de que ele fosse interpretar errado a causa disso. “Por que isso é engraçado, senhor...?”

Ele se recompôs e levantou-se. “Sr. Thomas Cresswell, ao seu dispor, srta. Wadsworth.” Curvando-se levemente na cintura, em uma reverência zombeteira, ele mostrou sua altura impressionante e sorriu. “Eu acho divertido porque é uma quantidade extraordinária de trabalho para nosso assassino. Arrastá-la até o matadouro *depois* que ele se deu ao trabalho de nocauteá-la e deixá-la inconsciente.” Ele estalou os lábios. “Parece-me um tanto quanto desnecessário.”

“Perdoe-me, mas o senhor não...”

Thomas fechou o diário em que estivera desenhando e deu a volta no cadáver, me interrompendo de forma rude. “Especialmente quando ele poderia com facilidade fatiá-la no rio, permitindo que as evidências fossem levadas pelas águas, sem sujar ainda mais suas mãos. Isso sem falar”, apontou para as botas sujas da vítima, “na lama grudada nestes saltos.”

Torci o nariz como se alguma coisa pior do que carne podre estivesse no ar. Eu odiava o fato de que eu havia deixado de fazer a conexão entre a terra nas botas e as margens lamacentas do rio. Eu odiava ainda mais o fato de que Thomas não tinha deixado de fazer essa conexão.

“Faz quase uma semana que não chove por lá”, ele continuou falando, “e há uma boa quantidade de cantos escuros perto do Tâmbisa prontos para serem escolhidos pelo Avental-de-Couro.”

“*Você* acabou de declarar que era ridículo presumir que ele a houvesse assassinado no matadouro”, falei, estreitando os olhos. “Agora você vai e o chama de avental de couro?”

“Eu estava me referindo ao Avental-de-Couro. Você não leu o jornal essa tarde?” Thomas estudou-me como se eu fosse um espécime que ele possivelmente gostaria de dissecar. “Certamente que a escolha dos perfeitos sapatos de seda não é mais importante do que encontrar um assassino louco por sangue. Ainda assim... olhe para essas coisas nos seus pés, ficando todas manchadas e cobertas de sangue. Seu interesse em ciência é simplesmente uma tentativa de encontrar um marido? Devo pegar o meu casaco, então?”

Ele abriu um lampejo de um largo sorriso maroto para a cara feia que eu fiz. “Estou certo de que seu tio não vai se importar em interromper esta investigação para nos acompanhar”, disse, virando-se para tio Jonathan. “O senhor faria isso, dr. Wadsworth? Preciso admitir que sua sobrinha é bem bonita.”

Desviei o olhar. Eu havia me esquecido de pegar sapatos menos cheios de firulas em minha pressa enlouquecida de sair de casa. Não que houvesse alguma coisa errada com as minhas sandálias. Se eu optasse por usá-las em autópsias, a escolha era minha e minha somente.

Talvez eu fosse fazer isso de agora em diante simplesmente pelo prazer de irritá-lo.

“O senhor sabe muita coisa sobre como pensa este assassino”, eu falei, em um tom doce. “Talvez nós devêssemos investigar seu paradeiro naquela noite, sr. Cresswell.”

Ele ficou me contemplando com uma de suas escuras sobrancelhas arqueadas. Engoli em seco, mas sustentei seu olhar. Um minuto depois, ele assentiu como se tivesse chegado a algum tipo de conclusão em relação a mim.

“Se a senhorita vai me acompanhar por aí à noite, srta. Wadsworth”, a atenção dele voltou-se rapidamente para os meus pés, “eu a aconselharia a usar sapatos mais práticos.” Abri a boca para retorquir a ele, contudo, o sr. Thomas Cresswell falou na minha vez novamente. Tolo insolente. “Avental-de-Couro, é assim que eles estão chamando nosso assassino.”

Ele deu a volta na mesa de exame, chegando mais perto de onde eu estava. Eu queria recuar, mas ele me mantinha em sua órbita magnética. Parou diante de mim,

com uma suavidade passando por um breve momento de lampejo em suas feições, e meu coração ficou acelerado.

Que o Senhor ajude a moça em que ele colocar aqueles olhos para sempre. Sua vulnerabilidade de menino era uma arma, poderosa e capaz de desarmar alguém. Eu estava grata por não ser o tipo de menina que perderia a cabeça por causa de um rosto bonito. Ele precisaria esforçar-se um pouco mais para ganhar o meu afeto.

“Respondendo sua pergunta anterior, dr. Wadsworth”, disse, arrancando seu olhar do meu, com o tom mais sério do que antes, “eu acredito plenamente que isso seja apenas o começo. O que temos em nossas mãos é o início da carreira de um assassino. Ninguém que tenha esse tipo de mestria cirúrgica cometeria um único assassinato e depois pararia.”

Seus lábios curvaram-se repentinamente quando ele notou a minha expressão de incredulidade. “Eu sei que eu não pararia. Sentir o gostinho do sangue quente apenas uma vez nunca é o bastante, srta. Wadsworth.”





The Princess Alice, cerca de 1880

# JACK O ESTRIPADOR

## RASTRO de SANGUE

### 4. UMA DANÇA COM O DIABO

*Residência dos Wadsworth, praça Belgrave*

*7 de setembro de 1888*



vental-de-Couro e o Assassino de Whitechapel eram as manchetes da última semana.

Por toda parte para onde eu olhasse, uma nova teoria era apresentada por um outro suposto especialista na área. Investigadores de polícia fizeram com que diversos médicos examinassem o corpo da srta. Nichols e, na maior parte, todos eles haviam chegado a conclusões similares às de meu tio Jonathan.

Todavia, quase todo mundo discordava da parte sobre ela ter sido atacada enquanto estava em pé. Eles realmente concordavam que sua garganta havia sido cortada antes que as incisões ao longo de seu abdômen tivessem sido feitas, e quem quer que fosse responsável por isso dificilmente pararia agora.

Os moradores do East End estavam aterrorizados para saírem de suas casas depois do pôr do sol, temendo que toda silhueta envolta em sombras fosse o depravado assassino. As prostitutas foram avisadas para que ficassem em estado de alerta máximo, mas a necessidade de pagar por seus alojamentos impedia que elas abandonassem as ruas por completo.

Meu pai estava pior do que nunca, parecia ficar transtornado toda vez que eu saía de casa. Estava ficando cada vez mais difícil sair sorrateiramente ou inventar desculpas que ele não questionasse. Ele havia demitido todas as nossas criadas e contratara um lote completamente novo delas, devido à sua paranoia de que elas fossem infectar nossa família com só Deus sabe o que quer que estivesse obscurecendo sua razão. Nem adiantava dizer a ele que era bem mais provável que as *novas* criadas fossem trazer a infecção para dentro de nossa casa, visto que elas



estiveram fora de nosso lar até então, no mundo assustador em que as doenças se disseminavam.

Faltava pouco, eu temia, para que ele mesmo começasse a me acompanhar a todos os lugares. Infelizmente, isso queria dizer que assistir às aulas de medicina forense havia se tornado praticamente impossível, embora eu fosse afortunada de ainda conseguir ir até o laboratório.

*“Eu acredito plenamente que isso seja apenas o começo.”* O aviso ominoso do sr. Thomas Cresswell repetia-se na minha mente a cada dia que se passava. Parecia a quietude incômoda antes da tempestade, e eu me via mais impaciente do que o de costume à noite. No entanto, eu tinha muita dificuldade de acreditar na teoria dele. Pensar que mais algum assassinato haveria de acontecer estava simplesmente fora de questão. Eu nunca tinha ouvido falar em alguém que fizesse uma carreira com este tipo de crime.

Parecia que Thomas estava procurando por mais um canal para exibir seu brilhantismo, e eu queria, acima de tudo, provar que ele estava errado, ganhando mais respeito de tio Jonathan no processo.

Entre o desejo de aprovação de meu tio e minha conexão com a srta. Nichols estava a determinação em ajudar a resolver este caso.

Procurei meu irmão para tentar saber o que ele pensava a respeito do crime, mas ele andava preocupado com seus estudos e não conseguia ter nenhum tempo livre. O que me deixava também com muito tempo para pensar na morte e na finalidade de tudo isso.

Nathaniel sempre me assegurava de que o que tinha acontecido não era minha culpa, mas seu conforto não tirava a pontada que eu sentia em meu peito toda vez que nosso pai me fitava com tamanho e sobrepujante medo. Até onde ele soubesse, era seu dever proteger-me contra tudo no mundo. Afinal de contas, nossa mãe não morrera cuidando de Nathaniel para que se recuperasse da escarlatina. Ele não teve que ver o rosto dela ficar vermelho com aquela erupção cutânea horrível e ver a língua dela ficar inchada porque meu irmão tinha sido fraco. O já prejudicado coração dela não se partiu por completo porque Nathaniel havia trazido infecção para a nossa casa.

Eu não conseguia deixar de me sentir a filha inútil e assassina que se parecia demais com a mãe, um lembrete constante do que meu pai havia perdido. De tudo que eu havia roubado dele na noite em que tive minha primeira respiração livre de febre, e minha mãe, a última.

Eu era o motivo para a loucura crescente dele, e nunca me permiti esquecer isso. Quando eu fechava os olhos, eu ainda via os funcionários do hospital em seus

longos vestidos e aventais engomados. Seus rostos solenes desviando-se de meus gritos de estourar tímpanos quando o peito de minha mãe foi vacilando e ficou imóvel para sempre. Eu bati com força em seu esterno com os punhos cerrados, minhas lágrimas caindo em seu vestido belamente costurado, mas ela não se mexeu novamente.

Nenhuma criança aos doze anos de idade deveria ver a alma de sua mãe vagar para dentro do abismo. Aquela foi a primeira vez em que uma grande sensação de impotência me tomou. Deus havia falhado comigo. Eu havia rezado e rezado, da forma como minha mãe sempre dissera que eu deveria fazer, e para quê? A morte ainda a reivindicou no fim. Foi então que eu soube que haveria de confiar em alguma coisa mais tangível do que espíritos sagrados.

A ciência nunca me abandonara da forma como a religião fizera naquela noite.

Renunciar ao Santo Pai era considerado pecado, e eu fazia isso repetidas vezes. Cada vez que minha lâmina se encontrava com a carne, eu pecava e acolhia isso de bom grado.

Deus não mais tinha domínio sobre a minha alma.

Nessa noite, meus pensamentos estavam traiçoeiramente altos e impossíveis de serem aquietados. Eu me revirava de um lado para o outro em minha fina camisola, chutava para fora da cama os meus lençóis, e finalmente me servi de um copo de água de um jarro que estava na mesinha de cabeceira. “Que se dane isso tudo.”

O sono não haveria de me encontrar. Desse tanto eu tinha certeza. Minhas pernas coçavam com a necessidade de sair e *fazer* alguma coisa. Ou talvez eu simplesmente precisasse escapar dos confins do meu quarto e de todos os pensamentos trágicos que vinham com a escuridão.

A cada dia que se passava eu era um fracasso na tarefa de ajudar a família da srta. Nichols a encontrar paz. Eu já havia falhado com ela uma vez, eu não faria isso de novo de forma tão miserável.

Cerrei as mãos em punhos. Eu podia fazer a coisa que era segura e razoável — esperar no laboratório de meu tio até que uma outra vítima aparecesse —, ou eu poderia agir agora. Essa noite. Eu poderia reunir pistas que se provassem úteis, impressionando tanto a Thomas quanto ao meu tio no processo.

Quanto mais eu pensava nisso, mais certa eu ficava da minha decisão. Minha mãe costumava dizer: “Rosas têm tanto pétalas quanto espinhos, minha flor escura. Você não precisa acreditar que alguma coisa seja fraca porque ela parece delicada. Mostre ao mundo sua valentia”.

Minha mãe tinha um coração fraco e foi impedida de fazer muitas atividades físicas quando era criança, porém, ela havia encontrado outras formas de provar

sua força. Não é necessário que alguém seja forte apenas em termos físicos, uma mente e uma vontade fortes também eram implacáveis.

“A senhora está certa, mãe.” Andei de um lado para o outro no meu quarto, pelo tapete persa de um dourado intenso, deleitando-me com a frieza da madeira de lei quando as solas dos meus pés se deparavam com as bordas do tapete. Antes que soubesse o que estava fazendo, eu me vi parada na frente do meu espelho, toda vestida de preto. “É tempo de ousadia.”

Puxei meus cabelos escuros em uma trança simples no alto da minha cabeça e prendi algumas mechas rebeldes atrás das orelhas. Meu vestido era de um modelo simples com mangas longas e justas, pequenas anquinhas e de um tecido leve. Passei as mãos pela frente dele, desfrutando a maciez e a bela habilidade artesanal com que foi confeccionada a peça.

Fixei minha atenção nas olheiras debaixo dos meus olhos, sinais de muitas noites mal dormidas. A palidez de minha pele, que aos poucos ganhava um tom amarelo doentio, sofria um pesado contraste com a roupa preta, então belisquei minhas bochechas, conferindo a elas um pouco da tão necessária cor.

Minha mãe nunca tivera que se preocupar em fazer esse tipo de coisa. Sua pele era de um belo tom de mel, que exibia sua ascendência indiana, e a minha era uma desbotada imitação em cor de creme.

Eu me obriguei a lembrar de que não estava fazendo nenhum manifesto em termos de moda, eu estava optando por algo que me conferisse discrição — muito embora minha tia fosse ficar satisfeita por eu ter desenvolvido um interesse pela minha aparência.

Um pensamento intruso e trágico passou com um lampejo pela minha mente. Thomas e meu tio estavam fora na noite do primeiro assassinato... Eles tinham interesse no estudo do corpo humano. Thomas havia mentido descaradamente em relação a isso. Se eu descobrisse que eles estavam fazendo coisas traiçoeiras, será que eles haveriam de me machucar?

Eu ri, cobrindo a boca para abafar o som da risada.

Que ideia ridícula!

Meu tio não era capaz de realizar tais atos. Thomas, contudo... eu não tinha como dizer isso com certeza, mas me recusava a seguir essa linha de pensamento.

Eu imaginava que o assassino fosse um médico que estivesse em viagem no exterior ou alguém que trabalhasse para um médico a fim de localizar órgãos a serem estudados. Ou talvez alguém muito rico estivesse disposto a pagar um bom preço por um tipo de transplante.

Embora essa ciência ainda não tivesse obtido sucesso.

Ninguém jamais havia conseguido realizar um transplante de órgãos de forma bem-sucedida. De uma forma ou de outra, eu duvidava muitíssimo que o Avental-de-Couro estivesse dando voltas por aí, caçando mulheres da noite. Eu ficaria bem, encoberta pelo manto da escuridão.

Sem me permitir nenhum momento de hesitação, desci as escadas rápida e sorrateiramente, entrei de fininho na sala de visitas e me tranquei ali. Olhando de relance em volta da sala vazia, soltei um suspiro. Tudo estava silencioso. Andei com as pontas dos pés, e depois abri a janela mais afastada da porta.

Colocando ambas as mãos no peitoril da janela, olhei de relance por cima do ombro, verificando a tranca mais uma vez. Meu pai estava dormindo, e ele não estava louco o bastante a ponto de vir ver como eu estava durante a noite, mas só de pensar em ser pega fez com que meu coração batesse com o dobro de sua velocidade costumeira.

Um tremor rodopiava pelas minhas veias enquanto eu empurrava a janela para sair dali, caindo a uns poucos metros no canteiro de grama entre as pedras. Os poucos segundos em que senti a falta de gravidade fizeram-me sentir como um pássaro voando alto nos céus.

Eu sorri enquanto limpava minhas macias luvas de couro e me esgueirei para dentro das sombras que cercavam a edificação. Meu pai me trancaria na velha carvoaria se soubesse que eu tinha saído furtivamente e assim tão tarde, o que tornava a minha aventura noturna ainda mais fascinante.

Ele que descobrisse que eu estava na rua a essa hora indecente e que era mais do que capaz de cuidar de mim mesma. Eu acolhia de bom grado a oportunidade não somente de pôr às claras pistas para a nossa investigação, como também de provar que os temores de meu pai eram irracionais.

Mesmo que houvesse, *potencialmente*, um homem louco à solta.



Minha aventura começou a perder sua atratividade quanto mais eu entrava e saía das ruas abandonadas e meio escuras de Londres.

Eu não teria como levar a carruagem sem que meu pai ficasse sabendo de minhas vergonhosas atividades, e caminhar por ruas cobertas de paralelepípedos durante quase uma hora não era algo tão audaz e desafiador quanto eu achava que seria. Eu sentia pontadas entre as minhas omoplatas. Eu tinha a horrível sensação de que estava sendo observada. Quase desmaiei quando um idiota de um gato velho cruzou correndo o meu caminho.

Descendo a quadra, ouvi uma comoção e recuei sorrateiramente para o beco mais próximo, de modo a evitar ser vista. Vozes eram carregadas no ar pela neblina que se desenrolava, acrescentando uma sensação assombrada às ruas que já eram estranhamente assustadoras. contei minhas respirações, esperando que as pessoas passassem, rezando para que ninguém fosse se esgueirar para dentro do meu esconderijo. O vento fazia cócegas na minha nuca, deixando os pelos arrepiados. Eu não estava gostando de ficar presa entre os edifícios.

Eu realmente não tinha pensado no que diria se encontrasse alguém àquela hora. Eu havia planejado espionar os pubs que a srta. Nichols havia visitado antes de sua morte, para possivelmente ficar sabendo de algum fato ou pista nova das pessoas que estavam entretidas bebendo muito, e passar a perna em Thomas Cresswell. Talvez eu devesse ter me preparado um pouco mais em vez de sair motivada pelo desejo de exibir a minha inteligência para um rapaz tão odioso, ainda que malditamente brilhante.

Olhei para cima de relance, em meio à leve neblina, para a rua transversal. Hanbury. Como é que eu tinha chegado assim tão longe? Eu estava quase no pub Princess Alice, mas havia saído um pouco de meu caminho. As próximas ruas deveriam me levar até a Wentworth e a Commercial.

Sem esperar que o casal bêbado passasse, eu fiquei determinada a assumir o modo furtivo de um fantasma, flutuando sem fazer barulho pela viela e atravessando a rua. Meus pés davam passos firmes, embora uma pena pudesse ter me derrubado, com meu coração socando meu peito com força. No meio da viela, uma pequena pedra soltou-se atrás de mim. Eu me virei em um giro e... não vi nada.

Nenhum assassino com uma foice, nenhum frequentador regular e bêbado de bares. Apenas um espaço vazio e negro entre os edifícios. Deve ter sido um rato rastejando em meio ao lixo.

Fiquei ali parada pelo tempo de mais alguns batimentos cardíacos, esperando, com meu coração ainda espancando as minhas costelas como se fosse um peixe retirado da água. Eu temia que houvesse um monstro parado atrás de mim, soprando seu hálito podre no meu pescoço caso eu me virasse, então fechei os olhos. De alguma forma, parecia mais fácil lidar com tudo quando eu não conseguia ver e, embora isso fosse uma coisa muito tola a se fazer, fingir que não havia um monstro ali não faria com que ele fosse embora. Isso só deixava uma pessoa vulnerável ao seu ataque.

Esforcei-me para ouvir alguma coisa. Quando não escutei nenhum outro som, afastei-me rapidamente, lançando olhadelas por cima do ombro para ter certeza de que estava sozinha.

Assim que eu vi o animado pub na minha frente, inspirei fundo. Eu preferia me arriscar com rufiões bêbados do que com as sombras furtivas na noite. O edifício de tijolos tinha três andares e ficava distintamente localizado entre duas ruas, o que conferia uma forma triangular à sua fachada.

O barulho e o clangor de pratos e copos batendo passavam pelas portas da frente junto com risadas obscenas e palavras que nenhuma dama deveria ouvir. Afundando meus dentes em meu lábio inferior, olhei para alguns dos frequentadores mais grosseiros.

Reconsiderarei meu temor prévio das sombras.

Alguns dos homens estavam cobertos de fuligem, enquanto outros tinham borrifos de sangue ao longo dos punhos das mangas enroladas de suas camisas. Açougueiros e operários. Seus braços tinham a aparência conferida pelo trabalho árduo, e seus sotaques toscos enunciavam pobreza. Meus frágeis ossos aristocratas sobressaíam-se até mesmo em meu vestido mais simples. Amaldiçoei as anquinhas e as costuras belamente feitas, aparentes até mesmo no escuro, e contemplei a possibilidade de voltar.

Recusei-me a ser derrotada com tanta facilidade, fosse pelo medo ou por uma peça de roupa bem-feita.

Endireitando os ombros, dei um passo gigantesco em direção à multidão antes de ser arrastada para trás por uma força invisível. Abri a boca para soltar um grito, mas fui rapidamente silenciada por uma grande mão que cobria a metade inferior do meu rosto.

A pegada não era dura, mas eu não conseguia ganhar espaço o suficiente para morder aquele que me atacava. Eu chutei e me mexi, sem resultado. A única coisa que consegui fazer foi envolver minhas pernas com minhas malditas saias, tropeçar naquele que me atacava e conferir-lhe ainda mais facilidade em sua missão profana. Eu estava à mercê deste demônio invisível, impotente para me libertar de sua pegada sobrenatural.

“Por favor. Não grite. Você arruinará tudo.” A voz dele soava como se estivesse se divertindo demais, considerando a situação. Pelo menos, então, não se tratava de um fantasma. Lutei com todas as forças que eu tinha, me contorcendo e batendo com a cabeça no peito dele. Se não fosse tão alto, eu poderia tê-lo acertado com a cabeça. “Nós iremos até um lugar calmo. E então poderemos conversar. Certo?”

Assenti devagar, recompondo meus pensamentos frenéticos. De alguma forma, aquela voz me era familiar. Com gentileza, ele me puxou para as sombras, com nossos corpos pressionados juntos da forma mais inapropriada, e mesmo que eu achasse que reconhecia a voz dele, eu não facilitei seu trabalho. Eu mostraria a ele

agorinha o quão certa estava minha mãe em relação ao fato de que rosas tinham tanto pétalas *quanto* espinhos.

Afundando meus calcanhares, eu o chutei e tentei arranhar seus braços, com pouco sucesso. Fomos aos tropeços para uma viela, com nossas pernas batendo umas nas outras, e ele arfou quando meu cotovelo acertou sua barriga. Que bom! Se eu morresse agora, pelo menos teria alguma satisfação de ter machucado a besta. Minha vitória momentânea não durou muito, pois minhas saias pesadas dificultavam quaisquer outras tentativas de fugir, e a monstruosa neblina por fim nos engoliu por completo.

Assim que estávamos longe o bastante do pub e com os lampiões a gás ladeando as ruas pavimentadas com paralelepípedos, meu atacante me soltou, como havia prometido. Meu peito subia e descia com medo e fúria. Preparando-me para lutar, eu girei nos calcanhares e pisquei para me livrar da descrença do que eu via.

Thomas Cresswell estava parado, com os braços cruzados no peito, franzindo o rosto de modo que diminuía a beleza de suas feições. Ele também estava todo vestido de preto, e usava um gorro que lhe cobria boa parte do cenho. Seu perfil lançava sombras pungentes na luz fraca.

Havia uma aura quase perigosa em relação a ele que servia como um aviso para que eu ficasse longe, mas a raiva fervia em minhas veias. Eu ia matá-lo.

“Você ficou completamente maluco? Aquilo era necessário?”, perguntei em um tom de urgência, com os punhos cerrados plantados nos meus quadris para evitar estrangulá-lo. “Você poderia simplesmente ter me pedido para acompanhá-lo! E o que você acha que está fazendo se esgueirando pelas ruas nesta hora profana?”

Ele olhou para mim com ares de suspeita, e então desceu a mão pelo seu rosto cansado. Se eu não o conhecesse, acharia que ele estava preocupado. “Eu poderia lhe perguntar o mesmo, srta. Wadsworth. Mas eu prefiro guardar este espetáculo para o seu irmão.”

“Meu...” Eu não tive tempo de terminar minha frase antes de Nathaniel surgir, como o Fantasma do Natal Passado, não parecendo nem um pouco satisfeito com isso. Uma vez na vida, fiquei sem palavras.

Nathaniel assentiu em direção a Thomas, e então me agarrou pelo cotovelo, me puxando ainda mais para as sombras e para fora do alcance de onde as pessoas poderiam nos ouvir. Eu lutei para me soltar, olhando feio para ele, mas a atenção de Thomas estava fixa no braço que Nathaniel segurava com firmeza, o músculo em seu maxilar se enrijecendo. Sua reação me confundiu o bastante para que eu acompanhasse meu irmão tranquilamente.

“Por favor, me poupe de qualquer uma de suas histórias ridículas, irmã”, sussurrou Nathaniel em um tom áspero quando estávamos longe o bastante. “Eu nem mesmo quero saber *por que* você achou que seria uma boa ideia ficar vagando por aí em ruas escuras quando há um assassino indo atrás de mulheres. Você tem alguma espécie de desejo de morrer?”

Eu tive a impressão de que se tratava de uma pergunta retórica. Eu me mantive calada, apertando o material das minhas saias entre os dedos. O que eu queria era chacoalhar e arrancar a mão áspera dele do meu cotovelo, onde ele ainda estava me segurando com força demais. Eu também queria dar uma bronca nele por ser tão superprotetor quanto nosso pai e por ter uma reação tão histérica quanto a dele.

Mas eu não conseguia fazer nenhuma dessas coisas.

Nathaniel me soltou e depois puxou suas finas luvas de couro até que seu rosto foi, aos poucos, voltando a apresentar uma cor mais natural do que o vermelho ardente da Guarda da Rainha.

Ele soltou um suspiro, passando uma das mãos por seus cabelos claros. “Perder nossa mãe foi ruim o bastante.” A voz dele falhou e ele tossiu para dispensar a emoção, puxando seu pente de dentro do sobretudo. “Não espere que eu fique sentado olhando enquanto você, impulsivamente, se coloca em perigo, irmãzinha.” Os olhos dele desafiavam-me a dizer alguma coisa idiota que fosse. “Isso acabaria comigo. Está entendendo?”

Tão rápido quanto meu mau humor foi aceso, minha ira foi aplacada. Durante os últimos cinco anos, éramos nós dois contra o mundo. Nosso pai estava perdido demais na tristeza para que realmente estivesse presente. Colocando-me no lugar de Nathaniel, eu poderia ver as minúsculas rachaduras das minhas emoções estilhaçando-se caso algum dia eu o perdesse.

“Eu sinto muito por deixá-lo preocupado, Nathaniel. Sinto de verdade.” Eu estava sendo sincera em cada palavra de meu pedido de desculpas. Então eu fui assolada por um pensamento. Estreitei os olhos. “Por que, posso saber, você está passeando por vielas com este diabo do sr. Cresswell?”

“Se você quer saber”, disse Nathaniel, em um tom um pouco esnobe, ajustando seu colarinho, “nós não somos os únicos aqui fora.”

Oras, isso ganhou totalmente minha atenção. Ergui uma sobrancelha, esperando enquanto meu irmão analisava a área abandonada ao nosso redor. “Um grupo nosso está fazendo um pouco de investigação por conta própria. Nós assumimos postos em toda Whitechapel e estamos procurando pessoas suspeitas. Estamos nos autodenominando os ‘Cavaleiros de Whitechapel’.”



Pisquei. As únicas pessoas que pareciam extremamente deslocadas eram meu irmão e seu ridículo lacaio que estava usando um chapéu. Eu podia apenas imaginar como o restante dos rapazes nobres estava se vestindo nesta vizinhança.

“Os Cavaleiros de Whitechapel”, repeti. Meu irmão não seria capaz de matar nem uma mosca; eu odiava imaginar o que algum assassino diabólico poderia fazer com ele aqui fora, no escuro. “Você não pode estar falando sério, Nathaniel. O que você sequer faria se ficasse cara a cara com este assassino, ofereceria a ele um pente de prata ou talvez um pouco de vinho francês?”

Uma expressão sombria passou pela face de meu irmão.

“Você ficaria surpresa com o que eu seria capaz de fazer caso a necessidade surgisse.” Nathaniel trincou os dentes. “Ele descobriria rapidamente que não é o único capaz de induzir ao medo. Mas agora”, ele se inclinou em direção à figura solitária que estava parada ao fim da viela, “o sr. Cresswell haverá de certificar-se de que você chegue em casa em segurança.”

A última coisa que eu queria era ser escoltada até em casa por Thomas Cresswell. Ele era presunçoso demais. “Se vocês vão ficar aqui fora, então eu também vou.”

Plantei os pés onde estava, recusando-me a ceder, mas Nathaniel simplesmente me arrastou atrás dele como se eu fosse feita de penas.

“Não, não vai.” Ele me entregou ao meu colega de classe. “Leve a carruagem até a minha casa, Thomas. Voltarei a pé depois.”

Se Thomas estava irritado com as ordens que Nathaniel estava lhe dando, como se ele fosse um criado comum, ele não demonstrou. Ele simplesmente envolveu meu braço com seus longos dedos, prendendo-me ao seu lado. Eu odiei a explosão da minha pulsação com o toque dele, mas não lutei para me libertar. Roubei-lhe um olhar de relance, notando o sorriso presunçoso em seu rosto.

Ele não me segurava como se eu fosse uma criança insubordinada que precisasse de reprimenda, optando, em vez disso, por me conter de Nathaniel, como se fosse ele que precisasse ser resgatado. Já estava mais do que na hora de *alguém* ter notado que eu era capaz de cuidar de mim mesma. Mesmo que este alguém fosse um rapaz enervante. Um rapaz inteligente, arrogante, bonito. Fiquei um pouco mais ereta, e Thomas deu risada, um som delicioso e estrondoso que eu não me incomodaria em ouvir de novo. Meu irmão deu uma última olhada em mim.

“Certifique-se de colocar uma vareta em cima daquele peitoril na sala de visitas.” Ele sorriu para o olhar mortal de ódio que desferi a ele. “Sinto muito, irmãzinha. Mas eu realmente acredito que você tenha tido agitações suficientes por

uma noite. Dê-se por abençoada que você tenha encontrado apenas nós dois aqui fora e não alguém mais sinistro."

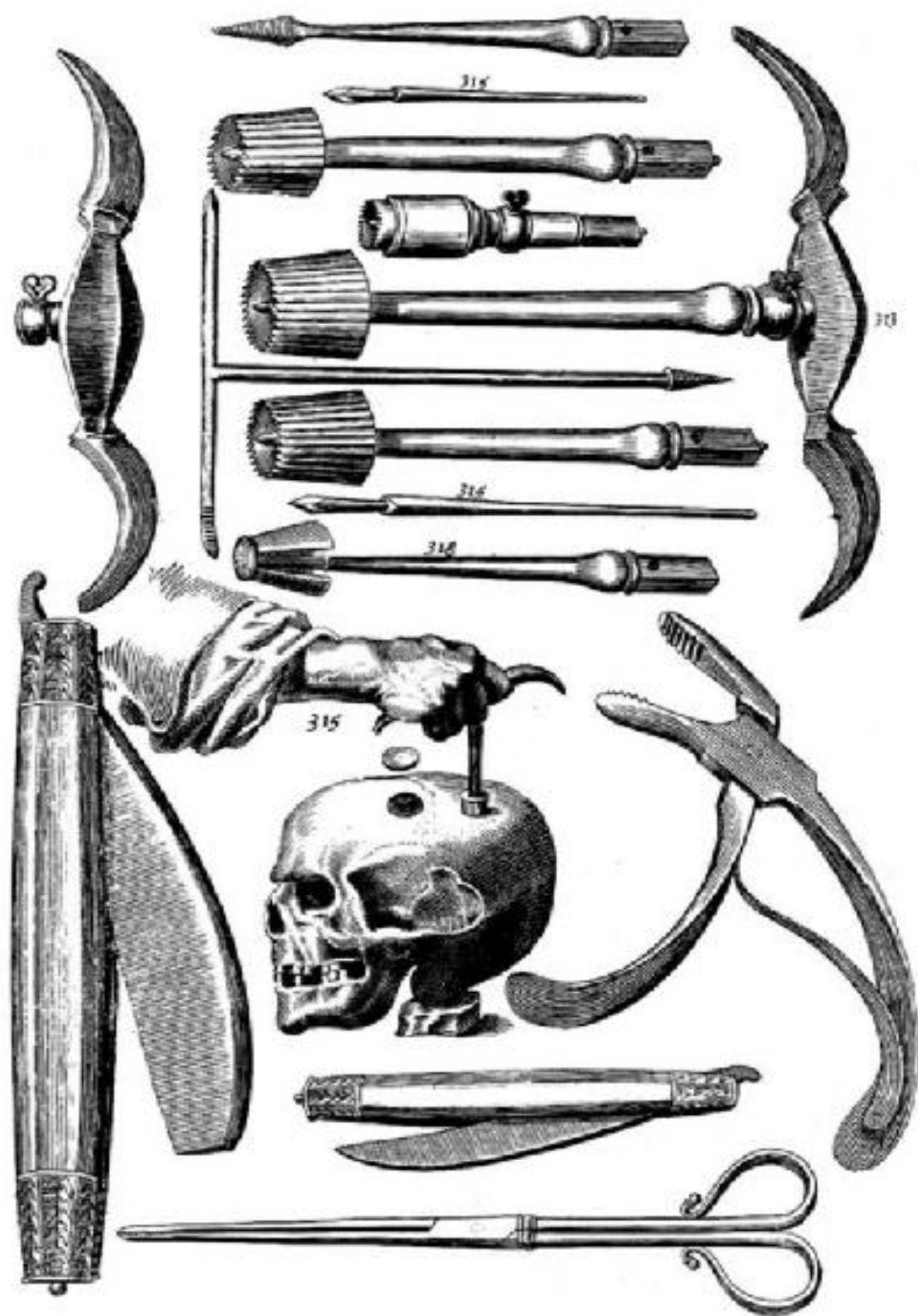
"Venha", disse-me Thomas, guiando-me em direção à carruagem. "Seu irmão está certo. Há algo ferino à espreita nestas sombras."

Eu me virei para encará-lo. "Algo mais ferino do que você?"

Thomas abriu a boca antes de notar que eu estava apenas o provocando, e então ele riu de tal forma que fez meu coração disparar novamente. Talvez ele fosse, sim, a coisa mais perigosa que eu poderia encontrar por aqui, e meu irmão não fazia a mínima ideia disso. Um fato estava tomando forma gradativamente: eu estava correndo o perigo de admirar o sr. Cresswell contra os meus princípios. Uma lufada de vento emaranhou meus cabelos, trazendo consigo um arrepio que acariciou a minha pele.

Procurei por meu irmão, mas ele já havia sido tomado pela neblina.





# JACK O ESTRIPADOR

RASTRO de SANGUE

## 5. COISAS SOMBRIAS E HEDIONDAS

*Residência dos Wadsworth, praça Belgrave*

*8 de setembro de 1888*



“Você está parecendo um tanto quanto doente esta manhã.” Meu pai olhou de relance para mim por cima de seu jornal. “Talvez deva voltar para a cama. Vou mandar levarem um pouco de caldo lá para cima. A última coisa de que nós precisamos é que você fique com gripe ou coisa pior. Especialmente agora que o inverno está se aproximando.”

Ele colocou o jornal de lado e limpou o rosto com um lenço. Dos membros de nossa família, meu pai era o único que parecia doente. Ele vinha transpirando muito recentemente.

“O senhor... está se sentindo bem, pai? Você parece um pouco...”

“Como eu pareço ou deixo de parecer não é da sua conta”, disse ele, irritado, e rapidamente mudou seu discurso. “Você não precisa se preocupar com a minha saúde, Audrey Rose. Cuide de si mesma. Eu gostaria muito que você não saísse de casa por um tempinho. Ouvi dizer que há doenças que estão se disseminando nas vizinhanças pobres.”

Depois de acrescentar algumas gotas de tônico em seu chá, ele continuou a ler as notícias. Eu queria chamar a atenção dele para o fato de que obter imunidade contra certas coisas haveria de me manter mais saudável, e a única maneira de conseguir tal imunidade seria saindo de casa, mas ele nunca havia tolerado o meu conhecimento de ciência ou medicina. Manter-me dentro de uma bolha era sinônimo de segurança para ele, não importando o quão errada fosse tal noção.

Ele sorveu de seu chá, e sua presença enchia a sala, mas não a aquecia. Minha atenção voltou-se para o relógio. Eu precisava me encontrar com meu tio em breve. Nathaniel ainda dormia, então eu estava por conta própria para sair de casa.

Polidamente, pigarreei. “Estou precisando de vestidos e sapatos novos”, baixei o olhar, fingindo estar envergonhada, “além de outros itens mais delicados...”

Meu pai me dispensou com um aceno, pois pensar em espartilhos e roupas de baixo era demais para ele, apesar de minha saúde fraca. Ele limpou seu nariz com o mesmo lenço e depois colocou-o de volta no bolso.

“Faça as compras de que você precisa”, disse ele. “Mas esteja em casa na hora da ceia e para sua aula de como administrar devidamente uma casa. Sua tia me disse que você mostrou poucas melhorias da última vez em que ela esteve aqui.”

Lutei contra a premência de revirar os olhos com a previsibilidade dele. “Sim, querido pai.”

“Ah”, disse ele, passando o lenço no rosto mais uma vez, “use uma máscara quando for sair hoje. Estão falando sobre mais doenças no East End.”

Assenti. A “máscara” não passava de um lenço de pescoço de algodão que eu prendia em volta do meu nariz e da minha boca. Eu duvidava que isso haveria de me proteger de alguma coisa. Satisfeito com minha obediência, ele voltou a ler, e nossos únicos companheiros de conversa eram o som de sua xícara de chá batendo no pires, seu fungar e o virar de páginas.



## “ASSASSINATO HEDIONDO EM WHITECHAPEL.”

Eu li a manchete em voz alta para o meu tio enquanto ele andava de um lado para o outro na frente dos jarros de espécimes em seu laboratório no porão. Normalmente, na maior parte do tempo, o papel de parede cor de vinho era um pano de fundo cálido em contraste com a temperatura gélida e com os cadáveres, até mesmo mais frios, que adornavam a mesa de exames.

Hoje, todavia, os tons de vermelho me lembravam sangue derramado, e eu tive minha cota dessa substância ultimamente. Esfreguei as mãos nas finas mangas de meu vestido diurno de musselina e analisei o artigo. Não havia nenhuma menção ao novo corpo que eles tinham encontrado nessa manhã; o artigo ainda detalhava os pormenores da morte da pobre srta. Nichols. O assassino havia sido misericordioso com ela, em comparação com os atos abomináveis que ele havia cometido com sua segunda vítima.

Fiquei observando meu tio, distraído, torcendo seu bigode, enquanto andava para a frente e para trás, deixando seu rastro no tapete. Se ele continuasse andando

assim, para a frente e para trás, eu temia que ele fosse desgastar o assoalho de madeira em breve.

“Por que posicionar o corpo de tal forma?”

Essa era a mesma pergunta que ele vinha se fazendo desde que chegara da cena do crime havia mais de duas horas. Eu não tinha nenhuma teoria a oferecer a ele. Eu ainda estava tentando me distanciar do diagrama abominável que ele havia desenhado mais cedo na lousa.

Minha atenção voltou-se para a imagem desfigurada que ele havia criado, que me atraía, contra a minha vontade, como um ímã à carnificina inimaginável.

Estudei as palavras rabiscadas acima do detalhado desenho. Annie Chapman, quarenta e sete anos. Aproximadamente um metro e cinquenta de altura. Olhos azuis. Cabelos de um castanho escuro na altura do ombro, ondulados. Uma vida inteira destilada em cinco básicas descrições físicas.

Ela havia sido assassinada na Hanbury. A mesma rua em que eu me encontrava na noite passada. Um calafrio foi seguindo seu caminho bem a fundo em meus ossos, assentando-se entre as minhas vértebras como se fossem pombos empoleirados em um varal.

Meras horas separavam o fim prematuro da vida dela de minha dança com o perigo. Seria possível que eu tivesse ficado tão perto do assassino? Nathaniel estava certo de ficar preocupado; eu praticamente tinha saído correndo na direção dos braços ansiosos do Avental-de-Couro ao ficar me esgueirando pelas ruas como uma criança na hora das bruxas.

Se alguma coisa acontecesse comigo, meu pai perderia o que sobrara de sua mente, trancafiando-se naquele estúdio até que finalmente morresse de coração partido.

“Por que jogar os intestinos dela em volta de seu ombro?” Meu tio fez uma pausa diante do diagrama, fitando-o, mas vendo uma lembrança não captada no quadro, “Seria uma mensagem para os investigadores, ou a forma mais fácil de conseguir o órgão que ele queria?”

“Talvez”, foi a resposta que lhe ofereci.

Meu tio virou-se para mim, pasmado, como se houvesse esquecido que eu estava lá. Ele balançou a cabeça. “Só Deus sabe por que eu permito que você aprenda coisas tão indecorosas e impróprias a uma moça.”

De vez em quando, meu tio proferia tais coisas irritantes. Eu tinha aprendido a ignorá-las na maior parte do tempo, sabendo que ele haveria de esquecer-se de suas hesitações bem rapidamente. “Porque o senhor me ama?”

Tio Jonathan soltou um suspiro. “Sim. E eu imagino que um cérebro como o seu não deveria ser desperdiçado com coisas desimportantes e fofocas.”

Meu foco voltou-se para o desenho mais uma vez. A mulher que havia tirado as minhas medidas mais cedo lembrava a falecida quase perfeitamente.

Para preservar as aparências em relação ao meu paradeiro para meu pai, eu havia parado na modista no caminho, pegando tecidos macios e novos estilos para que fossem mandados para minha casa. Eu havia me decidido por um vestido de passeio feito de um azul-marinho intenso com listras douradas e creme.

As ancas eram menores do que as de meus outros vestidos e o material pesado seria perfeito para o clima mais frio. Meu favorito, definitivamente, era um vestido que eu tinha escolhido para receber visitas, que era feito especialmente para isso. Ele era da cor do algodão doce com minúsculas rosas bordadas na parte da frente. Um robe de um cor-de-rosa claro completava o vestido soltinho, caindo em cascata até o chão.

Honestamente, eu mal podia esperar que os vestidos ficassem prontos. Só porque eu estudava cadáveres, isso não queria dizer que eu não apreciava roupas bonitas.

Meus pensamentos voltaram para a questão que tínhamos em mãos. Se a costureira não tivesse um emprego respeitável, ela poderia muito bem ter terminado nas ruas e, em algum momento, no laboratório de meu tio.

Um outro cadáver a ser fatiado.

Cruzei a sala até onde uma mesa minúscula ficava aninhada no canto; a criada havia trazido uma bandeja de chá e um prato com bolinhos de minuto e geleia de framboesa. Eu me servi de uma xícara de Earl Grey, colocando no chá um cubo de açúcar com pinças de prata ornamentadas; a suprema opulência justaposta ao nosso novo caso era nauseante.

Eu preparei uma segunda xícara para meu tio, deixando os bolinhos intocados. A cor sanguínea da comida era revoltante; eu temia que nunca fosse sentir fome novamente.

Meu tio saiu abruptamente de seu próximo devaneio quando lhe entreguei a xícara fumegante. O doce aroma de ervas misturado com bergamota deixou sua atenção petrificada antes que ele continuasse a murmurar e a andar de um lado para o outro.

“Onde está este maldito rapaz?”

Ele deu uma olhada no relógio de bronze que tinha o formato de um coração anatomicamente correto montado na parede, a frustração dando um nó em seu



cenho. Estava difícil dizer se ele estava mais irritado com o relógio em si ou com Thomas Cresswell.

O relógio era um presente de meu pai, uma gentileza de tempos atrás que ele havia mostrado ao meu tio quando este completara sua formação em medicina. Meu pai costumava fazer brinquedos e relógios antes de minha mãe morrer, uma outra alegria que a morte dela havia lhe roubado.

Enquanto eu me abstinha da religião por seu abandono, meu pai se abstinha de seu irmão e da ciência, porque eles haviam falhado em salvar a minha mãe. Quando ela morreu, meu pai dissera que meu tio não havia tentado o suficiente.

Inversamente, meu tio achava que meu pai se fiava demais em um milagre que ele não teria como lhe oferecer e era um tolo por culpá-lo pela morte de minha mãe. Eu não conseguia me imaginar odiando tanto assim meu irmão e sentia pena de ambos por sua animosidade.

Mudei o meu foco para o tempo. Thomas saía mais de uma hora mais cedo, buscando soluções junto aos membros de seu grupo de justiceiros. Meu tio esperava que um deles pudesse ter visto alguma coisa suspeita, pois eles haviam se espalhado por toda Whitechapel, como meninos brincando de cavaleiros medievais, até as quatro horas da manhã.

Pessoalmente, eu me perguntava como é que Thomas não saberia ainda se eles haviam se deparado com alguma coisa, já que este era o propósito do grupinho deles.

Quando mais meia hora se passou com o tique-taque do relógio, e o sr. Cresswell ainda não havia retornado, meu tio estava praticamente ensandecido com a inquietude. Parecia que até mesmo os cadáveres e as coisas mortas que nos cercavam estavam prendendo suas respirações como um grupo, não querendo despertar a escuridão adormecida de dentro dele. Eu amava e respeitava meu tio, mas sua paixão com frequência beirava a linha da loucura quando ele estava sob pressão.

Dez minutos depois, a porta foi aberta, rangendo e revelando a silhueta alta de Thomas. Meu tio praticamente saltou pelo laboratório, com uma fome voraz por conhecimento nos olhos. Eu juro que se eu tivesse olhado com atenção suficiente, eu teria visto uma espuma branca se formando nos cantos de sua boca. Quando ele ficava assim, era fácil ver por que algumas pessoas achavam que ele era louco, inclusive meu irmão.

“Bem, e então? Que novidades você tem? Quem sabe do quê?”

Antes de desaparecer pela estreita escadaria, uma criada retirou o longo sobretudo e o chapéu de Thomas. Aqueles que não tinham interesse nos estudos

forenses nunca ficavam aqui embaixo por muito tempo. Coisas muito sombrias e hediondas estavam à espreita em jarros de vidro e chapas de pedra.

Thomas olhou para o desenho que estava na lousa antes de responder, sem olhar, propositalmente, na direção de meu tio. “Receio que ninguém tenha visto nem ouvido nada extraordinário.”

Estreitei os olhos. Thomas não soava muito perturbado com a notícia.

“No entanto”, ele disse ainda, “acompanhei os investigadores enquanto eles faziam alguns interrogatórios. Por mais inúteis que pudessem ser. Houve um imbecil que lançou perguntas relacionadas ao seu trabalho para cima de mim, mas eu não lhe provi muita coisa. Disse que ele poderia vir falar com o senhor no fim do dia.” Ele balançou a cabeça. “Parafusos e engrenagens foram descartados perto do corpo. E... algumas testemunhas apareceram.”

Meu tio inspirou o ar com pungência. “E?”

“Infelizmente, a melhor descrição que recebemos veio de uma mulher que viu um homem por trás. Ela declarou que eles dois estavam conversando, mas não conseguiu discernir mais do que o fato de que a falecida havia concordado com alguma coisa. Considerando que ela era uma prostituta, estou certo de que o senhor consegue preencher as lacunas com os tristes detalhes.”

“Thomas!” Meu tio desferiu um olhar de relance na minha direção, e só então o meu colega de classe reconheceu que eu estava na sala. “Temos uma jovem moça aqui.”

Eu revirei os olhos. Curioso era meu tio Jonathan pensar que a prostituição seria demais para a minha convicção feminina e, ainda assim, não achar nada de mais em me deixar ver um corpo ser aberto antes do almoço.

“Peço desculpas sinceras, srta. Wadsworth. Eu não a tinha visto aí.” Thomas não passava de um detestável mentiroso. Ele inclinou a cabeça, com um sorriso maroto repuxando os cantos de seus lábios, como se partilhasse dos meus pensamentos. “Eu não pretendia ofendê-la.”

“Difícilmente estou ofendida, sr. Cresswell.” Desferi a ele um olhar penetrante. “Pelo contrário, fico altamente perturbada que estejamos até mesmo discutindo tais coisas tolas quando outra mulher foi assassinada de forma tão brutal.” Fui marcando cada ferimento nos dedos, acentuando meu propósito. “Eviscerada com suas entranhas jogadas por cima de um dos ombros. Posicionada com as pernas para cima, os joelhos, para fora. Isso sem falar da ausência de seus órgãos reprodutivos.”

“Sim”, concordou Thomas, assentindo, “isso foi um tanto quanto desagradável, agora que a senhorita mencionou este fato.”

“O senhor fala como se tivesse testemunhado isso em primeira mão, sr. Cresswell.”

“Talvez eu tenha feito isso.”

“Thomas, por favor”, disse meu tio a ele, repreendendo-o. “Não cutuque a onça com a vara curta.”

Voltei minha irritação para meu tio. “Mas é claro, vamos continuar perdendo tempo falando do meu potencial desconforto com a desimportante profissão dela. Qual é seu problema com prostitutas, de qualquer forma? Não é culpa delas que a sociedade seja tão injusta com as mulheres.”

“Eu...” Tio Jonathan recuou um passo, colocando a palma de uma das mãos em sua testa, como se pudesse esfregá-la e tirar minha invectiva com alguns reconfortantes toques de leve ali.

Thomas teve a ousadia de piscar para mim por cima da xícara de chá que ele mesmo havia enchido. “Muito bem.” Ele ergueu exageradamente uma das sobrancelhas para meu tio. “A jovem dama demonstrou sua posição, doutor. Deste momento em diante, farei de conta que ela é tão capaz quanto um homem.”

Olhei ainda mais feio para ele. “Fingir que sou tão capaz quanto um homem? Por favor, senhor, não me tenha em tão baixa conta!”

“Além disso”, ele continuou a dizer, antes que eu explodisse, colocando sua xícara de chá no pires azul e branco que fazia par com a louça Staffordshire, “considerando que estamos agora nos tratando como iguais e pares, eu insisto que me chame de Thomas, ou Cresswell. Tolas formalidades não precisam ser aplicadas a iguais como nós.” Ele abriu um largo sorriso para mim de forma tal que poderia ser considerada um flerte.

Para não passar por perdedora, ergui o queixo.

“Se é isso que você deseja, então tem permissão para me chamar de Audrey Rose. Ou Wadsworth.”

Meu tio ergueu o olhar para a rosa do teto, soltando um forte suspiro. “Voltemos ao nosso assassinato, então”, disse ele, retirando os óculos de um saquinho de couro e colocando-os em seu rosto. “O que mais vocês dois têm para mim além da promessa de uma tremenda de uma dor de cabeça?”

“Eu tenho uma nova teoria sobre o motivo deste ato ser mais violento do que o último”, falei, devagar, com uma nova peça do quebra-cabeças encaixando-se no lugar em minha mente. “Passou pela minha cabeça que as cenas parecem estar maculadas com... vingança.”

Uma vez na vida, eu consegui a atenção deles como se eu fosse um cadáver com segredos a serem revelados.

“Durante nossa aula, o senhor disse que assassinos de primeira viagem muito provavelmente começam matando aqueles que eles conhecem.” Meu tio assentiu. “Bem, e se o assassino conhecia a srta. Nichols e não conseguiu realmente se permitir ser tão selvagem quanto esperava? É como se ele quisesse se vingar, mas não tivesse conseguido se levar a fazê-lo quando chegou o momento. A srta. Nichols não estava tão cruelmente mutilada quanto Annie Chapman, o que me leva a crer que a srta. Chapman era desconhecida de nosso assassino.”

“Interessante teoria, minha sobrinha.” Meu tio acariciou distraído seu bigode. “Talvez Mary Ann tenha sido assassinada por seu marido ou pelo homem com quem ela vivia.”

Thomas assumiu o hábito predileto de meu tio de ficar andando de um lado para o outro, em um amplo círculo, em volta da sala. A cada movimento que ele fazia, os cheiros de formalina e bergamota pairavam no ar, criando um estranho aroma que era, ao mesmo tempo, perturbador e reconfortante.

“Mas por que ele está retirando órgãos delas?”, ele murmurou para si.

Fiquei observando em silêncio enquanto as engrenagens contorciam-se e iam abrindo caminho em meio ao labirinto do cérebro dele. Ele era fascinante de ser estudado, não importando o quanto eu fingia detestar este fato.

Como se uma luz iluminasse a escuridão, ele estalou os dedos. “Ele nutre um profundo ódio por mulheres, pelo que elas representam para ele, ou alguma coisa de seu passado. Em algum momento da vida dele, uma mulher o desapontou muitíssimo.”

“Por que atacar prostitutas?”, perguntei, ignorando meu tio quando ele se encolheu com minha escolha imprópria de palavras.

“Primeiramente, elas são fáceis em termos de oportunidade. Elas também acompanham avidamente homens para dentro de lugares escuros.” Thomas foi andando mais para perto de mim, sua atenção parando na minha pessoa pelo mais breve momento antes de se voltar para o cadáver. “Pode ser que ele tema a ameaça que elas representam. Ou talvez ele seja algum tipo de fanático religioso, livrando o mundo de putas e meretrizes.”

Meu tio socou com as duas mãos a mesa, fazendo com que um jarro que continha um espécime derramasse líquido na superfície de madeira. “Já chega! É impróprio o bastante ensinar essas coisas a Audrey Rose, nós não precisamos usar vulgaridade no processo.”

Soltei um suspiro. Eu nunca havia entendido a forma como a mente de um homem operava. Meu gênero não era uma desvantagem.

Ainda assim, eu era abençoada por meu tio ser moderno o bastante a ponto de permitir meu treinamento e aprendizado com ele, e então eu haveria de tolerar estas mínimas coisas irritantes.

“Peço desculpas, senhor”, Thomas pigarreou, “mas eu acredito que, se sua sobrinha é capaz de lidar com a dissecação de um ser humano, ela consegue lidar com uma conversa inteligente sem desmaiar. O intelecto dela, embora não seja nem um pouco tão vasto quanto o meu, pode se provar útil.”

Thomas pigarreou novamente, preparando-se para a reação adversa de meu tio, mas ele tornou-se menos severo e ficou em silêncio. Eu não consegui evitar encará-lo, boquiaberta. Ele havia, na verdade, me defendido. Daquele jeito irritante e cheio de rodeios dele, mas, ainda assim... parecia que eu não era a única que estava vivenciando um crescente respeito.

“Muito bem. Prossigam.”

Thomas olhou de relance para mim e inspirou fundo.

“Ele odeia estas criaturas da noite. Odeia o fato de estarem vivas, se vendendo. Talvez ele se sinta traído de alguma forma.” Thomas pegou novamente seu chá, sorvendo cuidadosamente um gole dele, antes de colocar a xícara de lado. “Não seria nenhuma surpresa se a esposa ou noiva dele tivesse cometido suicídio, o ato supremo de deixá-lo.”

Meu tio, voltando rapidamente à sua disposição mental científica, assentiu. “Ele também sente que tem o direito de tomar o que deseja. Literalmente. Ele pagou por isso, afinal. Sob o ponto de vista dele, está dizendo a estas mulheres exatamente o que ele busca, portanto, elas são participantes de boa vontade em seus...”

“Assassinatos.” Uma sensação de náusea deu um belo nó nas minhas entranhas. Algum lunático estava percorrendo as ruas e induzindo mulheres a concordarem com seus assassinatos brutais. “Seria possível que ele estivesse levando a cabo uma fantasia?”, perguntei, pensando alto. “Talvez ele esteja tentando brincar de ser Deus.”

Thomas parou tão abruptamente que quase caiu. Ele girou nos calcanhares e cruzou a sala em poucos e largos passos. Agarrando os meus cotovelos, ele deu um beijo na minha bochecha, me deixando sem palavras e escarlate.

Meu foco voltou-se na hora para o meu tio, enquanto eu tocava a minha bochecha, mas ele não disse nada em relação a este comportamento inapropriado; sua mente estava travada no assassinato.

“Você é brilhante, Audrey Rose”, disse Thomas, cujos olhos reluziam com admiração. Ele manteve seu olhar fixo no meu por um instante longo demais para

que fosse polido. “Tem de ser isso! Nós estamos lidando com alguém que pensa que é uma espécie de Deus!”

“Muito bem, vocês dois.” Os olhos de meu tio reluziam com uma esperança renovada e uma quase certeza. “Nós garantimos um possível motivo.”

“Que seria...?”, eu quis saber, não acompanhando plenamente a ideia de qual motivo eles estavam falando. Eu estava enfrentando dificuldades em pensar em alguma outra coisa que não fossem os lábios de Thomas em minha bochecha, e na estranheza de nossa conversa.

Meu tio inspirou fundo. “Nosso assassino está usando suas visões religiosas para determinar o destino destas mulheres. Eu não ficaria surpreso se ele fosse algum cruzado enrustido ou talvez um clérigo fracassado, matando em nome de Deus.”

Dei-me conta de uma outra coisa que recaiu pesada sobre o meu peito. “O que quer dizer que pode haver mais vítimas.”

E muito mais sangue antes que isso tivesse um fim.

Meu tio trocou um olhar assombrado com Thomas e, depois, comigo. Palavras não precisavam ser ditas.

Se fôssemos até a Scotland Yard com esta teoria, eles nos colocariam em um sanatório, dando risada de nós. E quem os culparia por isso? O que nós haveríamos de dizer? “Um sacerdote ou clérigo ensandecido está à solta, matando porque Deus lhe ordenou a fazer isso, e toda Londres não estará segura até que encontremos alguma maneira de fazê-lo parar?”

Meu tio era famoso, mas as pessoas ainda faziam fofocas pelas costas dele. Não seria necessário muita coisa para que ele fosse visto como um homem levado a matar por picotar os mortos como se fosse um abutre. As pessoas fariam em si mesmas o sinal da cruz e rezariam para que ele vivesse seus dias em paz em um lugar bem distante, de preferência confinado em uma solitária.

Eu e Thomas não nos sairíamos melhor na opinião pública. Nosso trabalho era visto como uma profanação da morte.

“É essencial que não contemos isso a ninguém”, disse meu tio por fim, retirando seus óculos e beliscando a ponte de seu nariz. “Nem a Nathaniel. Nem a amigos, nem a colegas de classe. Pelo menos não até que possamos provar nossa teoria à polícia. Por ora, eu quero que vocês dois analisem as evidências que coletamos. Tem de haver alguma pista que estamos deixando de ver, alguma coisa que seja que possamos usar para identificar o perpetrador antes que ele ataque mais uma vez.”

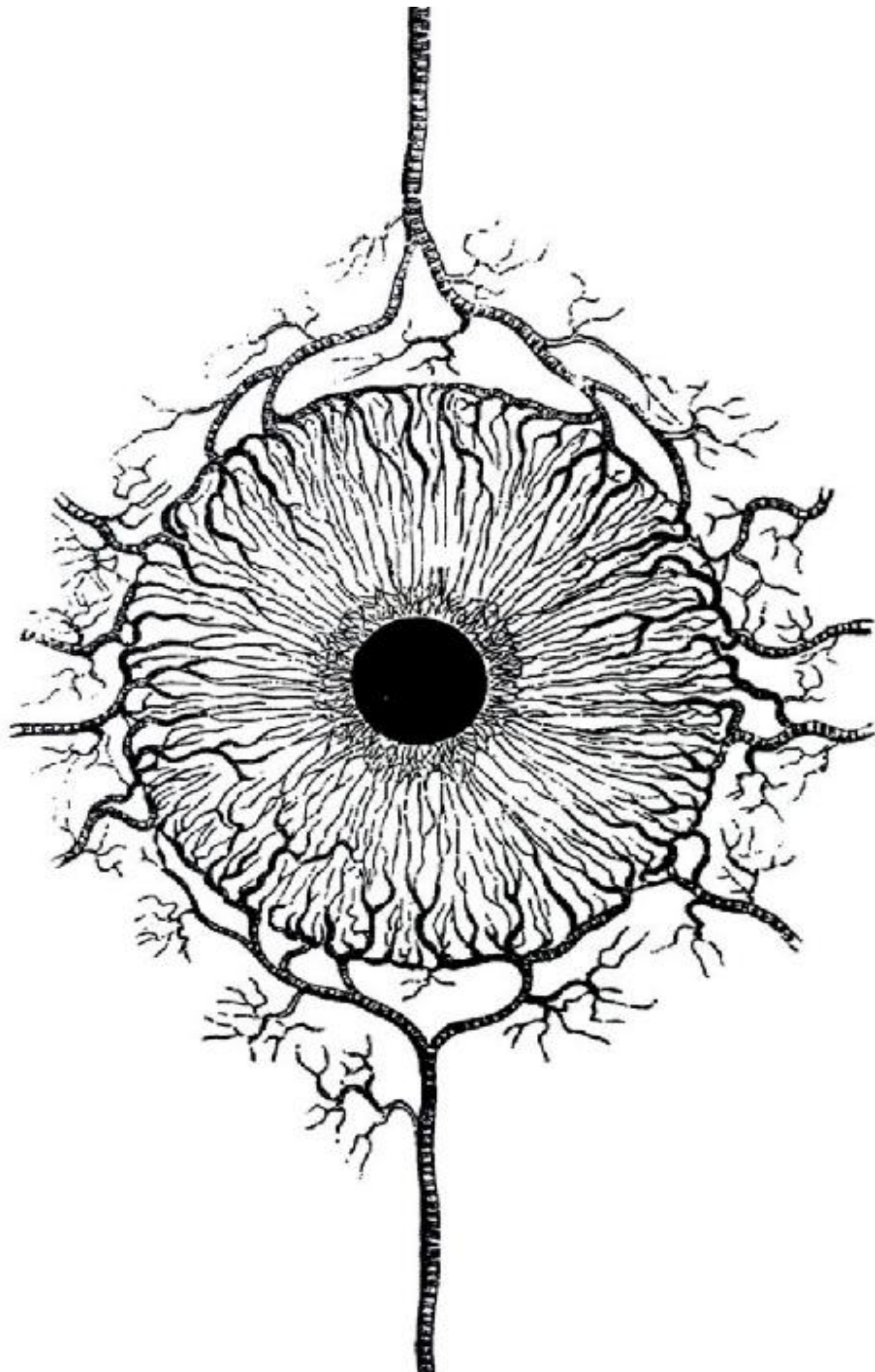
O assassino tinha realmente de ser um homem insano se ele julgava estar fazendo alguma coisa útil ou virtuosa. E este pensamento era mais aterrorizante do

que qualquer outro

Alguém bateu à espessa porta de madeira, e esta batida foi seguida por uma criada que fez uma rápida e cortês reverência com a cabeça para meu tio. “O sr. Nathaniel Wadsworth está na sala de estar, senhor. Ele diz que tem urgência de ver a irmã imediatamente.”







# JACK O ESTRIPADOR

---

RASTRO de SANGUE

## 6. COVIL DO PECADO

*Sala de estar do dr. Jonathan Wadsworth, Highgate*

*8 de setembro de 1888*



athaniel estava pálido como um cadáver quando entrei às pressas na sala de estar asfixiante de nosso tio.

As espirais verde-escuras e azuis do papel de parede tinham como propósito inspirar uma sensação de tranquilidade, mas pouco conseguiam acalmar meu irmão. Filetes de suor escorriam por seu cenho, formando uma mancha anular em volta do colarinho engomado de sua camisa. Seus cabelos estavam tão selvagens quanto seus olhos; severas olheiras arruinavam sua compleição normalmente impecável. Meu irmão havia passado a noite em claro, pelo que parecia, mas o estado lamentável de seus cabelos era o que mais me preocupava.

Segurei minhas saias e colidi com ele no meio da sala, ignorando a forma como a estrutura de meu espartilho afundava dolorosamente nas minhas costelas. Ele me envolveu em um abraço desconfortavelmente apertado, enfiando seu queixo no meu pescoço e inspirando fundo.

“Está tudo bem com você”, sussurrou ele, meio ensandecido. “Graças aos céus, está tudo bem com você.”

Puxei-me para trás levemente, espiando seus olhos. “É claro que estou bem, Nathaniel. Por que você haveria de presumir que eu não estava bem?”

“Perdoe-me, minha irmã. Eu acabei de saber do segundo assassinato e onde ocorreu. Eu sabia que a vítima não era você, mas não consegui me livrar do mau pressentimento que agarrou meu coração.” Ele engoliu em seco, com dificuldade. “Imagine minha preocupação. Você não tem o melhor histórico quando se trata de bom senso. Eu temia que você tivesse sido atraída para algum lugar temeroso. O dia já havia sido cruel com nossa família. Eu não podia deixar de temer o pior.”

“Por que você não pensou em vir me procurar aqui antes?”, perguntei a ele, aferrando-me ao último fio da minha paciência, que se soltava. O quão exasperador era ter de lidar com tantas dúvidas o tempo todo. Se eu fosse homem, Nathaniel não estaria me tratando como se eu fosse incapaz de cuidar de mim mesma. “Você sabe que eu passo a maior parte do tempo com nosso tio. Certamente você não deve ter ficado percorrendo sem propósito as ruas da cidade a tarde toda. E o que o dia fez de tão horrendo a nossa família?”

As feições de Nathaniel contorceram-se com a raiva. “Por que mesmo eu deveria ficar perturbado? Talvez porque a minha irmã não consegue se dar ao trabalho de permanecer dentro de casa como uma moça normal e decente!”

A princípio, as palavras dele roubaram-me o ar. Por que eu deveria ser ou dócil e decente, ou curiosa e desprezível? Eu era uma moça decente, mesmo que passasse meu tempo livre lendo sobre teorias científicas e dissecando os mortos.

Eu me recompus, enfiando o dedo no peito dele. “Por que diabos eu haveria de lhe deixar um bilhete que nosso pai pudesse encontrar? Você sabe como seria a reação dele se descobrisse as minhas mentiras. Você ficou completamente louco ou isso se trata apenas de um período temporário de insanidade?” Eu não permiti que ele tivesse um instante para me responder. “Ainda bem que isso parece afetar os Wadsworth nascidos somente do gênero superior. Minha feminilidade inferior ainda haverá de me salvar de vocês, brutos. Agora, o que é esse absurdo em relação ao dia? Isso tem alguma coisa a ver com nosso pai?”

A vontade de lutar foi drenada de meu irmão com tanta rapidez quanto ela havia chegado. Ele recuou um passo, esfregando as têmporas para aliviar a tensão.

“Eu não sei por onde começar.” De repente, o chão era altamente intrigante para ele, que o fitava, recusando-se a olhar nos meus olhos. “Nosso pai ficará... fora, por algumas semanas.”

“Está tudo bem com ele?” Encostei no braço de meu irmão. “Nathaniel, por favor, olhe para mim.”

“Eu...” Nathaniel ficou mais ereto, olhando nos meus olhos cheios de preocupação. “Um superintendente foi até nossa casa hoje de manhã. Agora, Audrey Rose, o que estou prestes a lhe dizer é um tanto quanto perturbador. Prepare-se.”

Revirei os olhos. “Eu garanto a você que sou mais do que capaz de ouvir o que quer que você tenha vindo até aqui dizer, meu irmão. A única coisa que poderia me matar é este injustificado suspense.”

Alguém soltou uma bufada da entrada, e tanto eu quanto Nathaniel voltamos, irritados, nossas atenções para o intruso que não era bem-vindo ali. Thomas. Ele

cobriu a boca, mas não se deu ao trabalho de esconder o fato de que estava tremendo de tanto rir.

“Prossigam”, ele conseguiu dizer, entre rompantes de risadas. “Finjam que não estou aqui, se for o caso. Essa deve ser boa.”

“Você tem de se intrometer nas conversas das outras pessoas?”, falei, soando irritadiça até para mim mesma. “Você não tem nada melhor a fazer? Ou ser arrogante e detestável de todas as maneiras possíveis é simplesmente seu campo de excelência?”

O sorriso de Thomas não ficou hesitante, mas houve uma notável mudança ali quando a diversão fugiu de seus olhos. Eu desejei rastejar até o túmulo mais próximo e me esconder por lá.

“Thomas, eu realmente lhe peço desculpas. Isso foi...”

“Seu tio me pediu para verificar a comoção que vinha desta sala. Ele queria que eu me certificasse de que vocês dois não estavam se matando no tapete oceânico favorito dele.” Thomas fez uma pausa, ajustando os punhos de sua camisa, seu tom de voz tão frio e remoto quanto a tundra ártica. “Eu garanto a você, jovem senhorita, que eu preferiria ter minhas unhas arrancadas, uma por uma, do que permanecer aqui, neste exato momento, indesejado, pelo tempo de mais uma respiração que fosse.”

A atenção dele voltou-se rapidamente para Nathaniel. “Conte a ela sobre a dança de seu pai com a Scotland Yard hoje de manhã. Eu prometo a você que ela está bem preparada para lidar com isso.”

Sem dizer mais nenhuma palavra, Thomas inclinou a cabeça e depois retirou-se da sala. Estava claro que eu o havia magoado, mas eu não tive tempo para ruminar sobre isso. Eu girei, ficando de frente para Nathaniel. “O que isso tem a ver com o nosso pai?”

Meu irmão foi andando até o canapé e sentou-se. “Parece que, em algum momento depois do café da manhã, nosso pai foi até Whitechapel. Os investigadores de polícia estavam vasculhando a vizinhança, por causa dos assassinatos e tudo o mais, e o encontraram em um certo... estabelecimento inapropriado para alguém da posição social dele.” Nathaniel engoliu em seco. “Ele teve sorte de que o homem que o descobriu sabia quem ele era. O superintendente acompanhou nosso pai até em casa, sugerindo que ele deixasse a cidade por umas poucas semanas. Ou, pelo menos, até que ele tivesse... seus assuntos resolvidos.”

Cerrei os olhos, e minha imaginação correu incrivelmente solta. Havia apenas uns poucos “estabelecimentos” diferentes no East End. Pubs, bordéis e... casas de ópio.

De alguma forma eu me vi caindo no pequeno sofá ao lado de Nathaniel. Nosso pai tomava láudano, uma tintura de ópio, todos os dias, desde a morte de nossa mãe. O médico nos garantiu que isso curaria sua insônia e suas outras enfermidades, mas parecia apresentar o efeito oposto...

Lampejos de imagens dele limpando o cenho, caminhando pelos corredores à noite e de sua crescente paranoia passaram pela minha cabeça. Eu não conseguia acreditar que eu não havia associado os humores azedos de nosso pai ao abuso de seu precioso tônico.

Fiquei pegando fios soltos nas minhas saias. “Como ele está?”

“Para ser bem honesto, não estava em condição de discutir nada quando eu saí”, disse Nathaniel, mexendo-se, desconfortável. “O superintendente vai levar nosso pai até o chalé em meu lugar.”

Assenti. Nosso “chalé” era uma grande propriedade em Bath chamada Thornbriar, que era bela e extravagante, como a maioria das coisas que lorde Wadsworth havia herdado. Era o lugar perfeito para alguém recuperar seu... juízo.

“Ele está sendo muito discreto e prestativo, o superintendente”, disse Nathaniel ainda.

Fechei a boca. Meu pai provavelmente pagara a este policial por seu silêncio no passado, e sua bondade resultava da esperança de obter mais ganhos monetários. “Você precisa que eu faça alguma coisa?”

Nathaniel balançou a cabeça em negativa. “O superintendente Blackburn, creio que seja esse o nome dele, estava pegando as coisas de nosso pai com o novo valete e disse que eu deveria me concentrar em encontrar você. Faz uma hora que eles se puseram a caminho de lá.”

Fitei meu irmão por um momento. Nosso pai já havia partido. Não importava o quanto ele dificultasse a minha vida em casa, eu não conseguia deixar de me preocupar com ele. Inspirei fundo. Eu não poderia me dar ao luxo de ficar remoendo coisas que estavam fora do meu controle quando havia assassinatos a serem resolvidos e corpos a serem estudados.

“Você ficará bem sem mim por um tempinho?”, perguntei a ele, levantando-me e passando a mão na frente do corpete do meu vestido. “Eu realmente tenho de voltar a ajudar nosso tio, se não há nada a ser feito em casa.”

O foco de Nathaniel voltou-se para a porta que dava para o laboratório. Só Deus sabia o que se passava pela cabeça dele. Segundo o meu irmão, tio Jonathan estava “a um caso de distância de passar dos limites e adentrar a escuridão” que ele tanto adorava estudar.

Em vez de instigar mais uma discussão, segurei as mãos dele nas minhas com força e sorri. Ele abrandou-se um pouco e meu sorriso ficou maior. A aula de minha tia Amelia sobre como persuadir alguém do sexo oposto foi útil, afinal de contas. Eu precisaria tentar usar táticas ainda melhores com Thomas se tinha esperanças de reparar seus sentimentos feridos.

“Estarei em casa a tempo para um jantar tardio. Nós podemos discutir um plano de tratamento para nosso pai.” Fui para trás, deixando que um pouquinho de humor se insinuasse na minha voz. “Além do mais, você realmente deveria cuidar de seus cabelos, meu irmão. Você está uma desgraça.”

Nathaniel parecia dividido entre dar risada, exigir que eu voltasse para casa com ele e me permitir ter a liberdade que ele sabia que eu tanto desejava.

Por fim, ele deixou os ombros caírem. “Mandarei a carruagem de volta precisamente às sete horas, sem discussões. Com nosso pai longe, eu estou no comando. Quero dizer, até nossa tia Amelia chegar.”

Apesar de tudo que estava acontecendo, essa notícia era um tanto quanto agradável. Eu podia lidar com minha tia Amelia e as aulas de etiqueta. Suas manhãs eram repletas de passeios para fazer compras, suas tardes, com chás e fofocas, e ela se retirava para seus aposentos bem cedo, afirmando sua necessidade do sono da beleza, mas eu sabia que ela realmente gostava de tomar umas bebidas antes de ir para a cama. Ela ficaria indo e vindo mais do que eu. A liberdade era uma coisa abençoada.

De alguma forma, em meio ao vício de meu pai, um assassino à solta, mulheres mutiladas e baldes de sangue, eu consegui abrir um pequeno sorriso.



“Você está contente porque seu pai foi embora.”

Thomas não estava me perguntando, ele estava meramente me dizendo como eu me sentia com mais confiança do que qualquer um tinha o direito de ter. Ignorando-o, analisei as anotações que meu tio havia rabiscado em cada cena de crime. Alguma coisa tinha de se destacar. Se eu conseguisse encontrar aquela conexão antes que meu tio retomasse da Scotland Yard...

“Você tem um relacionamento ruim com ele, provavelmente há alguns anos.” Ele fez uma pausa, baixando sua atenção para onde eu torcia o anel de minha mãe.

Era um diamante em forma de pera, sua pedra zodiacal, e uma das poucas posses dela com a qual meu pai me deixou ficar. Ou, eu deveria dizer, um dos poucos itens

dos quais ele conseguiu se separar. Meu pai tinha um coração sentimental.

Quando criança, eu sempre havia desejado que meu aniversário também fosse em abril. Diamantes eram tudo que eu esperava ser: belos, ainda que contivessem uma força inimaginável. De alguma forma, eu estava mais para uma zircônia, similar em aparência ao diamante de verdade, mas não autêntico.

Um sorriso triste repuxou a boca de Thomas. “Ah, entendo. Vocês não andam em bons termos desde a morte de sua mãe.” O sorriso dele esvaneceu-se, sua voz foi ficando baixa. “Diga-me, foi... difícil para você? Ele implorou que seu tio desse um jeito nela com a ciência?”

Eu me levantei de forma tão abrupta que minha cadeira caiu no chão ruidosamente, um barulho que acordaria os mortos, se houvesse algum no laboratório.

“Não fale sobre coisas de que você nada sabe!”

Retraí as mãos em punhos para me impedir de socá-lo. Sua máscara de indiferença caiu, revelando um arrependimento genuíno. Depois de umas poucas respirações, eu perguntei, com calma: “Como foi que você ficou sabendo destes detalhes íntimos da minha vida? Você vem fazendo perguntas sobre mim ao meu tio, com o propósito de me magoar?”

“Parece... você deve se dar conta do quanto...” Thomas balançou a cabeça em negativa. “Magoá-la não era minha intenção. Eu peço desculpas, srta. Wadsworth. Eu achei que talvez eu pudesse...” Ele deu de ombros e ficou em silêncio, deixando-me a imaginar o que ele achava que poderia fazer ao trazer à tona um assunto assim tão terrível.

Inspirei profundamente. A curiosidade estava ganhando da minha raiva. “Tudo bem. Vou perdoá-lo dessa vez.” Ergui um dedo ao ver a esperança florescendo em suas feições. “Só se você me disser, com *honestidade*, como ficou sabendo disso.”

“Creio que eu consiga fazer isso. Foi bem fácil.” Ele puxou sua cadeira em volta da mesa, ficando bem no limite do que a sociedade considerava decente. “Você precisa afiar seus poderes de dedução, Wadsworth. Olhe para o óbvio e parta dali. A maioria das pessoas ignora o que está bem diante de seus olhos. Elas acreditam que veem, mas, com frequência, enxergam apenas aquilo que querem ver. É por este motivo, precisamente, que você não se deu conta do vício de seu pai em ópio por tanto tempo.”

Ele deu uns tapinhas na frente de seu casaco e nos bolsos de sua calça, quando sua busca se mostrou infrutífera. “Tudo se resume a equações e fórmulas matemáticas. Se as evidências são  $e$ , e a questão é  $q$ , então, o que é igual a  $r$  para

conseguir sua resposta? Simplesmente olhe para o que está diante de você e faça as contas.”

Juntei as sobrancelhas. “Você está dizendo que deduziu tudo isso apenas me observando? Desculpe-me se eu acho extremamente difícil acreditar nisso. Não se pode aplicar fórmulas matemáticas às pessoas, *Cresswell*. Não existe uma equação para a emoção humana, há variáveis demais.”

“Verdade. Não tenho nenhuma fórmula com a qual eu possa trabalhar em relação a certas... emoções que eu sinto quando estou perto de você.” Aquela centelha animada estava de volta no semblante dele. Inclinando-se para longe, ele cruzou os braços sobre o peito e abriu um largo sorriso com meu profundo rubor.

“Contudo, lá em cima, quando seu irmão lhe disse que seu pai iria embora, você sorriu, e então imediatamente franziu o cenho, fazendo com que alguém acreditasse que você estivesse encobrindo sua alegria porque ficaria sozinha por algumas semanas. Você não queria parecer um monstro insensível, especialmente visto que seu pobre pai está doente.”

“Como foi que você viu isso?”, perguntei a ele, estreitando os olhos. “Você já tinha saído da sala.”

Thomas não revelou a resposta àquela pergunta, mas um ar de diversão passou momentaneamente ali e se foi, então eu soube que ele tinha me ouvido. Patife que fica ouvindo as conversas alheias.

“Oras, quando mencionei seu relacionamento ruim com seu pai”, ele continuou a dizer, “seus olhos foram rapidamente para este anel que você girava, distraída, no dedo. A julgar pelo estilo e tamanho dele, deduzi que o anel não era originalmente seu.”

Ele fez outra pausa, verificando mais uma vez os bolsos de seu terno. Eu não tinha a mínima ideia do que ele estava procurando, mas sua agitação aumentava. Ele balançou as mãos à sua frente.

“De quem seria esse anel, alguém haveria de se perguntar. Considerando o estilo um tanto quanto antiquado, não é difícil acreditar que tenha pertencido a alguém com idade o bastante para ser sua mãe”, disse ele. “Visto que você sai de fininho de casa altas horas da noite e passa seu tempo neste laboratório, não foi difícil chegar à conclusão de que sua mãe não está mais viva e de que seu pai não tem conhecimento do paradeiro da filha.”

Thomas mordeu o lábio, parecendo perdido sobre como prosseguir. Agora eu entendia a forma como a mente dele operava. Um desligamento frio era como um interruptor que ele acionava enquanto estava trabalhando em seus problemas. Eu



me preparei para alguma coisa desagradável e acenei para que ele continuasse. “Vá em frente. Desembucha.”

Ele analisou meu rosto, medindo minha sinceridade. “Que tipo de pai não sabe onde sua filha está? Um pai que não tem o melhor relacionamento com esta filha porque provavelmente está consumido demais por sua própria dor e pesar, ou pelo vício, para realmente se importar.” Thomas inclinou-se para a frente, com o fascínio e, possivelmente, até mesmo estima iluminando seu olhar contemplativo. “Como poderia uma jovem mulher como você tornar-se obcecada com o macabro? Ao testemunhar um ato científico de desespero com o propósito de salvar uma vida. Eu me pergunto onde você teria entrado em contato com isso...”

Ele, propositalmente, olhou de relance ao redor da sala, para mostrar seu ponto. “Está vendo? Todas as respostas que eu buscava estavam bem visíveis. Eu não sabia até agora que seu tio estava envolvido com isso da sua mãe e...”, ele parou de falar, dando-se conta de que estava chegando perto demais de um assunto delicado. “Enfim. Você apenas precisa saber onde procurar pelas perguntas. Uma fácil fórmula matemática aplicada ao *Homo sapiens*. E então, veja! A ciência reina sobre a natureza mais uma vez. Nenhuma emoção necessária.”

“Só que você está errado”, sussurrei, abalada pelo nível de precisão dele. “Sem seres humanos e sem a natureza, não existe tal coisa como a ciência.”

“Não é exatamente isso que eu quero dizer, Wadsworth. Eu estou falando é de tentar resolver um enigma ou um crime. As emoções não desempenham nenhum papel nisso. São coisas bagunçadas e complicadas demais.” Ele apoiou-se em seus cotovelos, fitando dentro dos meus olhos. “Mas elas são boas em outras situações, imagino. Por exemplo... eu ainda não discerni a fórmula para o amor e o romance. Talvez eu fique sabendo qual é em breve.”

Fiquei arfante. “Você falaria assim de forma tão indecente se meu tio estivesse presente?”

“Ah, achei!”, disse ele, pegando um diário e ignorando a minha última pergunta. Ergui minha cadeira do chão, antes de ler as anotações de meu tio de novo.

Ou, pelo menos, fingir que estava fazendo isso.

Fiquei encarando Thomas até que fiquei vesga, tentando forçar a revelação de alguma pista sobre ele ou sua família. A única coisa que pude deduzir era que ele era descaradamente ousado, e seus comentários beiravam a indecência.

Sem erguer a cabeça de seu próprio diário, ele disse: “Não está tendo nenhuma sorte em me compreender, então? Não se preocupe, você ficará melhor com a prática”. Ele abriu um largo e maroto sorriso, com os olhos fixos em seu papel. “E, sim, você ainda gostará de mim amanhã, não importando o quanto deseje o

contrário. Eu sou imprevisível, e você adora isso. Assim como eu não consigo fazer com que meu imenso cérebro resolva a equação de você e, ainda assim, adoro isso.”

Todas as réplicas em que eu estava pensando se foram de meus pensamentos. Como se sentisse a mudança de clima no aposento, ele ergueu o olhar de relance. Se eu esperasse que Thomas sentisse vergonha de sua audácia, eu estaria malditamente errada de novo. Com o cenho repentinamente franzido, o olhar dele continha um desafio.

Eu não era o tipo de moça que recuava de um duelo, então mantive meu olhar travado no dele, emitindo meu próprio desafio. Dois poderiam jogar o jogo do flerte dele.

“Você já se cansou de bancar a detetive, então?”, ele me perguntou, por fim, apontando para uma passagem no diário de meu tio datada de quase quatro meses antes do primeiro assassinato. “Eu acho que encontrei algo digno de grande nota.”

Minha pele estava arrepiada com nossa proximidade, mas eu me recusava a me afastar enquanto me inclinava e lia.

A vítima, Emma Elizabeth Smith, foi agredida por dois ou possivelmente três atacantes, segundo seu próprio testemunho na madrugada de 3 de abril de 1888. Ou ela não o(s) viu ou se recusou, propositalmente, a identificar o(s) perpetrador(es) responsável(eis) pelo ato hediondo cometido contra sua pessoa.

Um objeto (inserido à força em seu corpo) provou ser a causa de sua morte um dia depois, quando rompeu seu peritônio.

Engoli em seco a bÍlis tão rapidamente quanto ela surgiu em minha garganta. O dia 3 de abril era a data do aniversário de minha mãe. Que horrível pensar que algo tão desprezível pudesse acontecer em um dia tão alegre.

Um peritônio, se minha memória estava me servindo bem, era a parede abdominal. Eu não fazia a mínima ideia do motivo pelo qual Thomas achava que isso estava relacionado ao nosso caso atual, quando, claramente, este era um ato cometido por algum outro selvagem que vagava pelas ruas de Londres. Este assassinato ocorrera em abril, e nosso Avental-de-Couro havia começado com seu comportamento violento apenas em agosto.

Antes que eu pudesse repreendê-lo severamente, ele apontou para a parte mais monstruosa de tudo.

“Sim. Eu achei isso bem perturbador da primeira vez, Cresswell. Não há necessidade de revisitar o horror, a menos que você esteja obtendo um prazer doentio ao me ver quase vomitar.” Eu não conseguia impedir que o veneno se injetasse em meu tom de voz.

“Remova suas emoções da equação, Wadsworth. Ter um coração que fica distraído por coisas frívolas não ajudará você nesta investigação”, disse Thomas, baixinho, esticando a mão na curta distância que nos separava, como se ele ansiasse para tocar as minhas mãos e estivesse se lembrando de seu lugar. “Olhe para isso como se fosse uma peça de um quebra-cabeça que tem uma forma única, ainda que repulsiva.”

Eu queria argumentar que emoções não eram coisas frívolas, no entanto, meu interesse foi estimulado pelo desligamento dele durante as investigações. Se o método dele funcionasse, poderia ser útil ter um interruptor para ser ligado e desligado em mim mesma quando isso se fizesse necessário.

Eu li o diário novamente, dessa vez com meu foco direcionado aos detalhes repugnantes de uma maneira clara. Thomas podia ser louco, mas era um louco genial.

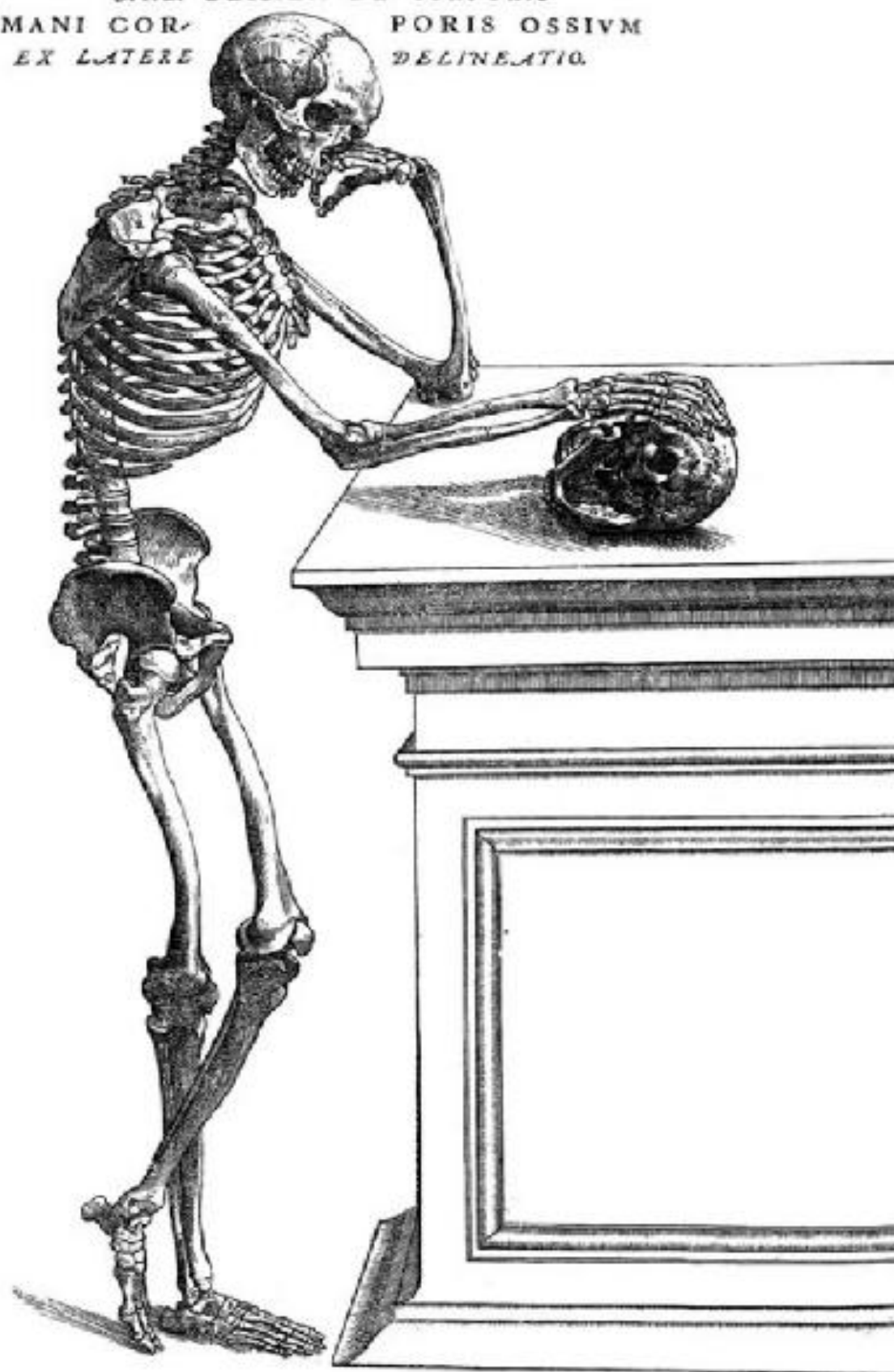
Superficialmente, este crime não se parecia nem um pouco com o assassinato da srta. Nichols nem com o da srta. Chapman. A cronologia não batia. A mulher ainda estava viva quando foi descoberta. Nenhum órgão havia sido removido e ela não era morena.

Ele se encaixava, todavia, em nossa teoria de um homem impulsionado por seu desejo de livrar o East End do pecado. Ela não passava de uma reles prostituta que espalhava doenças, e não merecia viver.

Se eu já não tivesse me transformado em um imóvel bloco de gelo, eu estava certa de que os calafrios estariam raspando suas garras em minha coluna.

Os investigadores de polícia estavam errados. A srta. Nichols não era a primeira vítima de nosso assassino.

Mas, sim, a srta. Emma Elizabeth Smith.



# JACK O ESTRIPADOR

RASTRO de SANGUE

## 7. UM ESTUDO EM SEGREDOS

*Residência dos Wadsworth, praça Belgrave*

*10 de setembro de. 1888*



mpurrei as batatas com ervas em volta do meu prato até que elas formassem um ponto de interrogação no molho da minha carne.

Dois dias haviam se passado desde que meu pai tinha sido escoltado até o interior, e tanto eu quanto Thomas havíamos descoberto a primeira vítima de verdade de nosso assassino. Pouco progresso havia sido alcançado nesse ínterim. Agora, o espaço à noite anteriormente assombrado pelos fantasmas de coisas que eu não tinha como controlar estava repleto de perguntas que eu não tinha como responder. Eu juro que eu as comia no café da manhã, no almoço e no jantar. Quando achava que havia atingido a minha cota; um novo prato inteirinho vinha cheio de perguntas que transbordavam, servidas em uma bandeja de prata.

Nathaniel estava me observando por cima da borda de sua taça de vinho, e sua expressão era uma mistura de preocupação e irritação. Nossa tia e prima chegariam dentro de uma semana, então eu precisava me recompor até lá. Eu não tinha sido uma colega de residência divertida, e a paciência de meu irmão estava se evaporando com rapidez. Meu tio havia feito com que eu jurasse manter segredo; até mesmo se eu quisesse partilhar meus pensamentos com Nathaniel, eu não poderia fazê-lo.

Isso sem falar que o assunto dificilmente era apropriado para a mesa de jantar. Discutir a falta de ovários e depois pedir que ele me passasse o sal seria revoltante para qualquer um, quem diria para uma moça da minha posição social.

Dei uma leve mordida na comida, forçando o alimento a descer da melhor forma possível. Martha fez um trabalho excepcional com a preparação do peru assado, mas o cheiro aromático e o molho da carne, que estava se solidificando e era

marrom-escuro, estavam revirando o meu estômago. Desistindo de toda a pretensão de comer os vegetais, em vez disso, empurrei meu peru em volta dos pratos branquíssimos.

Nathaniel bateu seu copo na mesa com tudo, fazendo com que o meu também se mexesse ruidosamente com a força. “Já chega! Você mal tocou na comida nos últimos dois dias. Eu não vou permitir que você continue ajudando aquele homem louco se este for o resultado.”

Fiquei encarando-o com o garfo pairando acima do meu jantar não comido. Nós dois sabíamos que se tratava de uma ameaça vazia. Nathaniel desfez nosso contato visual, esfregando círculos em suas têmporas. Ele vestia um terno excessivamente elegante essa noite, feito de tecidos importados e sob medida, com o caimento perfeito. Pedi que uma criada trouxesse uma garrafa de seu vinho tinto predileto, uma safra de um ano em que nem mesmo nosso pai havia nascido ainda.

Eu podia dizer, pela forma como seus ombros se curvavam levemente para a frente, como se estivesse sob uma carga considerável, que a má saúde de nosso pai estava pesando sobre ele.

Ele sempre fora o mais sensível e bondoso de nós, libertando todos os insetos que entravam em nossa casa; dando de comer a todos os animais de rua que acabavam indo parar à nossa porta com mais comida do que o necessário, enquanto eu imaginava como as entranhas do animal seriam quando ele morresse. Ele via uma borboleta como um objeto de beleza, merecendo bater suas asas pelo mundo, partilhando seu esplendor de uma multiplicidade de tons. Eu via a agulha de metal reluzente que ansiava deslizar para dentro de seu corpo para prendê-la em um quadro para futura inspeção científica.

Ele puxou à nossa mãe.

“Eu não posso deixá-la morrer de fome, irmã.” Nathaniel empurrou seu próprio prato para a frente, servindo-se de uma outra taça da garrafa de vinho recém-enchida que estava diante dele. Eu fiquei observando, fascinada, enquanto pequenas manchas vermelhas salpicavam o tecido branco da toalha de mesa como se fosse sangue sendo borrifado nas paredes, perto das cabeças das vítimas.

Cerrei os olhos. Por toda parte para onde eu olhasse haveria algum lembrete dos atrozatos que estavam sendo cometidos em Whitechapel.

Talvez eu estivesse preocupada demais com a morte. Eu sinceramente duvidava que minha prima, Liza, pensaria em um borrico de sangue. Provavelmente ela chamaria uma criada para vir cuidar da mancha antes que ela tivesse tempo de se fixar ali. Minha tia Amelia a havia criado bem e, sem dúvida, com a esperança de que eu fosse acabar me saindo como ela com um pouco de polimento.

Nathaniel tomou um longo gole de sua bebida, e depois colocou a taça sobre a mesa com gentileza. Seus dedos batiam em um ritmo lento na base da taça enquanto ele pensava em uma outra tática para me dissuadir de meus estudos. Esta deliberada demonstração de orientação parental estava ficando entediante.

Como uma bandeira branca, ergui minha mão e acenei com ela, cansada demais para discutir quando ele ficava assim. Se me afastar do laboratório de meu tio por alguns dias fosse aplacar meu irmão, então, que fosse assim. Eu não precisava conduzir minha pesquisa dali.

No entanto, ele não precisava saber disso.

“Você está certo, meu querido irmão. Passar algum tempo longe de toda aquela coisa desagradável é precisamente o que o médico me recomendou fazer.” Ofereci a ele meu sorriso mais sincero, satisfeita ao vê-lo retribuir. “Prometo que comerei um lanche antes de ir para a cama mais tarde.” Coloquei meu guardanapo sobre a mesa e levantei-me. “Se não se importar, eu acho que vou me retirar um pouquinho. Estou exausta.”

Nathaniel levantou-se e inclinou a cabeça para a frente. No entendimento dele, enquanto eu estivesse comendo e dormindo regularmente, eu deveria me sentir tão bem quanto a luz do sol em um dia de verão. “Fico muito satisfeito de que, uma vez na vida, você esteja dando ouvidos ao seu irmão mais velho. Um pouco de tempo e distância de toda a miséria que há no mundo lhe fará bem, Audrey Rose.”

“Tenho certeza de que você tem razão.” Lancei a ele mais um sorriso antes de sair para o meu quarto. As criadas fecharam as portas de madeira atrás de mim, trancando meu irmão e elas mesmas do outro lado. Inspirei algumas vezes, depois olhei de relance para baixo do corredor escurecido.

Havia um outro motivo para a minha saída prematura do jantar. Nosso pai mantinha registros de todas as nossas criadas, e eu estava com esperanças de descobrir alguma coisa de útil em relação à srta. Mary Ann Nichols.

Fui seguindo sorrateiramente na direção do estúdio de meu pai, evitando com cuidado todos os pontos do chão que rangiam. Eu não queria que Nathaniel ou alguma das criadas soubessem o que eu estava fazendo. Parando na porta, fixei o olhar na maçaneta ornamentada. Meu pai me mataria se ele algum dia viesse a descobrir que eu havia entrado de fininho em seu espaço de trabalho particular.

Embora isso nunca tivesse sido expressamente declarado, era um fato conhecido que os aposentos de meu pai eram locais proibidos depois da morte de minha mãe. Era como se uma sombra não bem-vinda estivesse à espreita em volta dos cantos na minha própria casa.

Um tinido pungente e metálico subiu da escadaria dos fundos vindoda cozinha lá embaixo, onde a maioria das criadas estava cuidando da louça da ceia. Agora era o momento ideal para entrar sem ser vista nem ser pega no estúdio de meu pai. As palmas das minhas mãos coçavam com a necessidade de virar a maçaneta de bronze e entrar ali, mas eu não conseguia me levar a fazer isso.

E se ele tivesse como saber que eu estivera ali dentro? Eu duvidava que ele fosse vir com algo elaborado, mas talvez ele houvesse colocado um fio para que alguém tropeçasse e então um alarme soaria...

Eu me apoiei na parede, quase dando risada. Que absurdo! Pensar que meu pai faria uma coisa dessas, especialmente quando as criadas estariam entrando e saindo dali por causa da limpeza. Eu estava agindo como uma criança tola, aterrorizada com coisas desconhecidas que se escondiam debaixo da cama.

Inspirando fundo, acalmei meu coração. Eu não tinha me dado conta do quão acelerados seus batimentos estavam nos últimos instantes. Se eu podia vagar pelas ruas à noite enquanto havia um assassino à espreita, não havia dúvida de que poderia entrar de fininho no estúdio do meu próprio pai enquanto ele estava fora de casa.

Vozes soavam vindas da cozinha, ficando cada vez mais altas. Elas deveriam estar levando para cima uma sobremesa extravagante para Nathaniel. Minha pulsação galopou pelas minhas veias.

Era agora ou nunca. Conforme as vozes foram chegando mais perto de mim, cruzei o corredor com pressa, virei a maçaneta e entrei ali de fininho, fechando a porta com um leve clique que soava muito como o de uma bala deslizando para a câmara de uma arma, para o meu conforto.

Fiquei em pé, com as costas firmemente pressionadas junto à porta de madeira enquanto o som de passadas ecoava e se desvanecia pelo corredor abaixo. Por precaução, virei a chave. O aposento estava excepcionalmente escuro.

Pisquei até que me acostumei com o breu que cobria tudo como se fosse tinta nanquim derramada. Meu pai tinha puxado e fechado as cortinas que eram de um verde militar, deixando de fora tanto o ar fresco do outono quanto à luz da noite.

O resultado foi uma sala tão acolhedora quanto uma cripta.

Até mesmo o laboratório de meu tio, com seus cadáveres, tinha mais calor do que o espaço entre estas paredes. Esfreguei os braços para me livrar da frieza enquanto, devagar, seguia em direção à lareira, com minhas saias de seda farfalhando e lançando traiçoeiros sussurros atrás de mim.

O cheiro de sândalo e charutos evocava o fantasma de meu pai, e eu não conseguia deixar de olhar continuamente por cima do ombro para ter certeza de



que ele não estava parado atrás de mim, esperando o momento certo de dar o bote. Eu podia jurar que um par de olhos me observava das sombras.

De umas poucas velas finas em lamparinas escorriam lágrimas frias de cera, e um candelabro gigantesco decorava o console da lareira ao lado de uma fotografia de minha mãe. Nós tínhamos poucas imagens dela, e cada uma destas imagens era um tesouro que eu apreciava com todo o meu coração.

Analisei a curva graciosa dos lábios dela, arqueados no mais doce sorriso. Era como espiar em um espelho que mostrava a mim no futuro; até mesmo nossas expressões eram similares. Um medalhão em forma de coração com minúsculas engrenagens estava bem seguro em suas mãos, e no dedo dela estava o mesmo anel que eu nunca tirava do meu. Forçando-me a desviar o olhar, voltei ao meu propósito.

Tudo que eu precisava fazer era acender uma das lamparinas de modo que eu pudesse repassar os registros de meu pai: eu esperava que ninguém fosse notar o leve tremeluzir destacando-se sob a porta.

Enquanto eu pegava a base da lamparina, um objeto caiu clamorosamente no chão. Todos os músculos em meu corpo ficaram paralisados. A cada batida do coração, eu ficava mais certa de que seria descoberta por alguém, qualquer um, mas o solene som do silêncio ecoou de volta para mim. Forçando-me a entrar em ação, acendi a lamparina. O sibilar da chama enquanto a centelha ganhava vida fez com que eu prendesse a respiração uma segunda vez; todos os sons, por mais leves que fossem, pareciam um canhão sendo disparado, anunciando meu paradeiro. Por fim, eu me curvei e peguei uma pequena chave de bronze.

Que estranho.

Não querendo desperdiçar preciosos instantes tentando descobrir o que ela abria, eu rapidamente a recoloquei no lugar onde estava e peguei a lamparina de novo.

Segurei a chama no alto, passando os olhos por todos os objetos do aposento como se fosse a primeira e a última vez em que eu haveria de vê-los. Eu ansiava por catalogar cada uma das peças nas prateleiras da minha mente e revisitá-las sempre que eu quisesse.

Havia na parede um grande retrato, presumidamente de um de nossos ancestrais, entre estantes que iam do chão até o teto. Seu peito estava inflado com egotismo, e ele tinha o pé em cima da carcaça de um imenso urso que havia matado. Era estranho que este retrato não estivesse aqui da última vez em que passei nesse estúdio, embora isso fizesse um tempinho.

“Que encantador”, sussurrei para mim mesma. Um mar de sangue cercava a ilha do cadáver peludo em cima do qual ele estava. O artista captou uma essência

demente nos olhos de nosso ancestral que me deixava com calafrios até mesmo na minha medula.

Analisei o aposento mais uma vez. Tudo era escuro: a madeira, o tapete, o grande canapé, uns poucos pontos de brocado do papel de parede visíveis de trás dos artefatos colecionados no decorrer de várias vidas. Até mesmo o mármore que marcava a lareira era de um verde escuro com desenhos de veias ainda mais escuras. Não era de se admirar que meu pai não conseguisse superar a dor de sua perda; a escuridão era sua companheira constante.

Fui andando até a escrivaninha dele; uma coisa gigantesca que ocupava a maior parte do aposento, ameaçando-me com sua forma maciça. Revirei os olhos. Só eu mesmo para conferir a uma escrivaninha comum uma personalidade perversa. Forma maciça mesmo.

Sentada na cadeira luxuosa de couro de meu pai, coloquei a lamparina de lado, tomando muito cuidado para não perturbar nenhum dos papéis que estavam espalhados ao redor. Eu não pude deixar de notar que meu pai havia feito alguns desenhos mecânicos. Os detalhes que ele conseguiu captar usando apenas carvão e papel eram incríveis. Eu juro que quase ouvia o ranger de engrenagens e sentia o cheiro do óleo que lubrificava suas partes.

Havia uma bela destruição por toda a página.

Caravelas com armas fortificadas em suas laterais e outros brinquedos em miniatura dos tempos de guerra ocupavam, cada um deles, uns dois centímetros do papel. Que pena que ele parou de criar relógios; a julgar pelas imagens que eu vi, ele não tinha perdido seu talento.

Parei de ruminar sobre as coisas e abri cada uma das gavetas da escrivaninha, procurando por arquivos sobre todas as nossas criadas, tanto do passado como atuais, com um propósito renovado. Embora nosso mordomo cuidasse dos registros, como de costume, meu pai era um tanto quanto insistente em ter seus próprios registros. Quando cheguei à gaveta debaixo da escrivaninha, descobri que estava trancada. Parecia que o mecanismo de trava havia sido criado por meu próprio pai.

“Onde eu esconderia algo importante?” Eu bati com os dedos nos braços da cadeira. Então me lembrei da chave que havia caído da lamparina. Correndo até o console da lareira, peguei-a e me apressei de volta até a escrivaninha.

O tempo estava passando, a sobremesa estava quase no fim, e as criadas estariam ocupadas entrando e saindo do corredor em breve.

Era um tiro no escuro que a chave fosse funcionar, mas eu tinha de tentar. Mudei a luz mais para perto de mim. Com as mãos trêmulas, lentamente empurrei a chave

para o lugar. Virei-a para a esquerda, certa de que já teria aberto a gaveta se fosse a chave certa, quando um leve clique soou e uma fenda se abriu. Graças aos céus!

Abrindo a gaveta por completo, passei os dedos por cima dos arquivos, que estavam esmagados, juntos. Havia tantos deles que eu temia levar a noite toda para localizar aquilo de que eu precisava. Eu não conseguia nem mesmo me lembrar de quantas criadas tivéramos nos últimos cinco anos. Por sorte, meu pai organizava sua gaveta melhor do que a parte de cima de sua escrivaninha.

Pequenas etiquetas com nomes saltavam para fora das pastas como se fossem ilhas irrompendo em um oceano de tinta e papel. Passei os dedos nelas uma vez, depois duas, antes de encontrar a pasta da srta. Mary Ann Nichols.

Dando uma olhada por cima do ombro para me certificar de que a porta ainda estava trancada, puxei o arquivo para fora e rapidamente li um monte de... nada. Havia apenas um livro-razão com os pagamentos dela.

Nenhuma referência de seu histórico. Nenhuma carta de recomendação. Nem um único vislumbre que fosse da vida dela antes de trabalhar para nós. Eu não conseguia acreditar que meu tio a havia reconhecido com tanta facilidade. Segundo os registros de meu pai, ela havia trabalhado para nós apenas duas semanas. Caí na cadeira, balançando a cabeça.

Retirei dali um arquivo aleatório, juntando as sobralhas. Este arquivo era da cozinheira, Martha, que também era nossa criada mais antiga, visto que ela não interagira conosco com frequência, e meu pai adorava seu chouriço.

O arquivo continha uma carta de referência de seu antigo empregador, uma carta da Scotland Yard que declarava que ela nunca havia sofrido nenhuma investigação, seus pagamentos mensais, seus adiantamentos, além de pagamentos de sindicato, e também uma fotografia dela em sua roupa típica de cozinheira.

Analisei mais alguns arquivos, descobrindo que todos eles eram parecidos com o de nossa cozinheira.

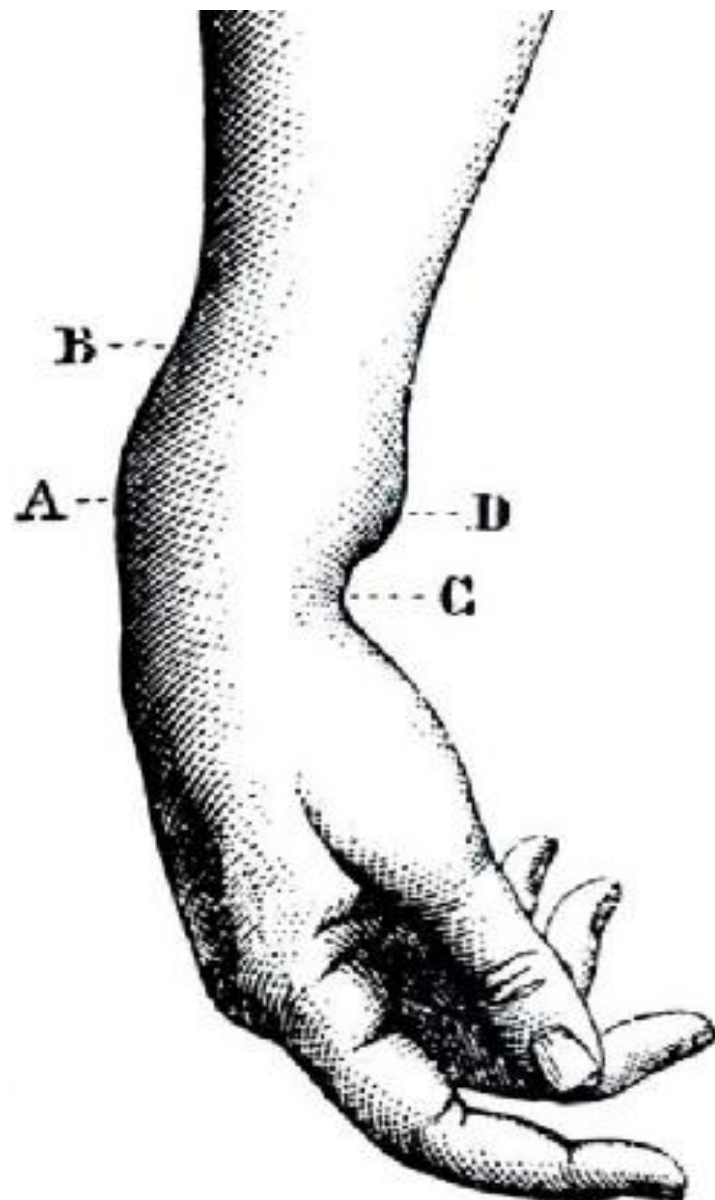
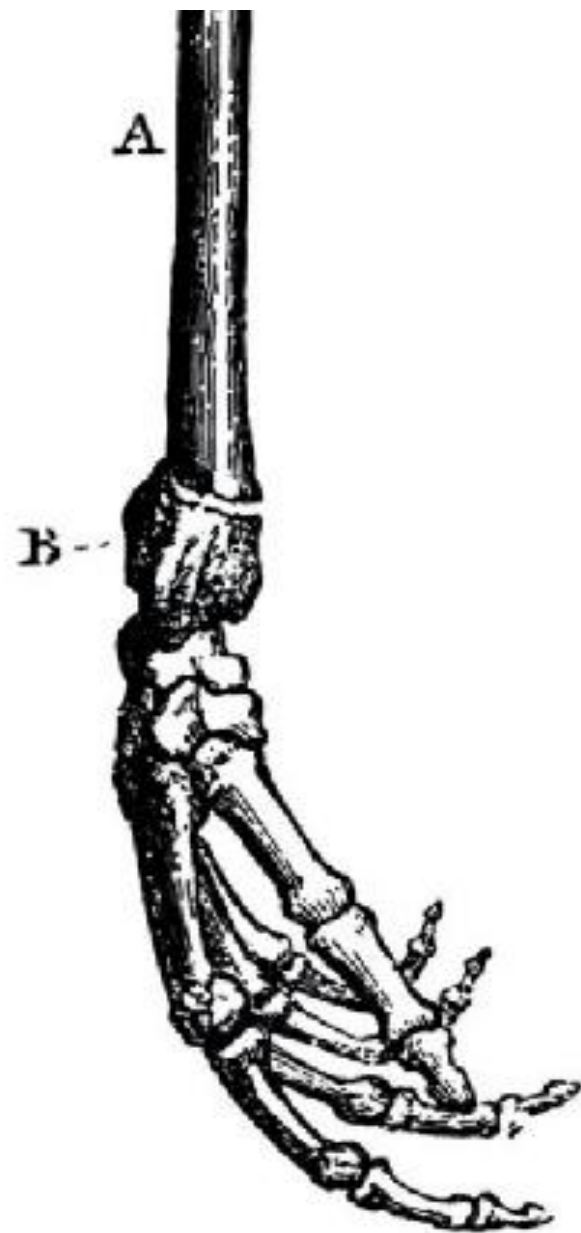
Seguindo um palpite, escavei em volta da gaveta até me deparar com o arquivo de uma outra criada, demitida sem nenhum motivo melhor do que ter ficado com nossa família por mais de um mês. O arquivo dela era idêntico ao da srta. Nichols, confirmando minha suspeita de que meu pai removia a maior parte das informações referentes a elas assim que não estavam mais ao nosso serviço.

Fechei as pastas, tomando o cuidado de colocar tudo de volta exatamente onde eu havia encontrado.

Amaldiçoei meu pai por manter registros sem sentido, enquanto desejava poder atear fogo em toda aquela bagunça de papéis.

Quando deslizei o último dos arquivos ao seu lugar de origem, um nome familiar chamou a minha atenção. Hesitei por um breve instante antes de retirar a pasta dali e abri-la. Ela continha um único recorte de jornal. Uma frieza brutal me envolveu onde eu estava sentada.

Por que meu pai teria um artigo sobre o assassinato da srta. Emma Elizabeth Smith?



# JACK O ESTRIPADOR

RASTRO de SANGUE

## 8. TRAGAM SEUS QUASE MORTOS

*Hotel Great Western Royal, estação Paddington*

*11 de setembro de 1888*



salão de chá no Hotel Great Western Royal era insuportavelmente quente. Ou talvez isso se devesse simplesmente à fúria flamejante que ardia dentro de mim. Sentada, com as mãos polidamente entrelaçadas em meu colo, eu rezava para que tivesse a força necessária para não esticar a mão até o outro lado da mesa e colocar meus dedos em volta de um pescoço em vez dos sanduíches de pepino e dos petits fours. “Parece que o senhor não dormiu, sr. Cresswell.”

“Quem disse que eu dormi, srta. Wadsworth?”

Ergui as sobrancelhas. “Fazendo coisas subversivas em horas indecentes, não?”

“A senhorita ficaria ofendida se eu estivesse fazendo isso?” Thomas sorriu para o garçom e inclinou-se para a frente, para perto dele, sussurrando alguma coisa ao seu ouvido. O garçom assentiu, e então saiu andando. Assim que ficamos sozinhos, ele voltou seu foco constante para mim, calculando mil coisas ao mesmo tempo. Ergui e levei a xícara de porcelana para junto de meus lábios, forçando um gole de chá a descer.

Eu havia concordado em encontrar-me com ele para repassar detalhes do caso, e agora ele estava fazendo aquela coisa irritante em que ele inevitavelmente adivinhava meus planos secretos, e eu teria de matá-lo. Na frente de todas essas testemunhas ainda por cima. Que pena.

“Senhor.” O garçom voltou à mesa, apresentando a Thomas três coisas: um cinzeiro de prata com cigarros nele dispostos, fósforos que ele tirou dos bolsos traseiros de sua calça, e uma orquídea. Thomas entregou a flor para mim e então pegou um cigarro do cinzeiro, deixando que o garçom acendesse sua ponta.

Uma nuvem cinza foi soprada no ar entre nós. Eu tossi propositalmente, rebatendo a fumaça em direção a ele na mesa.

“Eu não consigo acreditar que você tenha comprado uma bela flor para mim apenas para arruiná-la com a fumaça de cigarro”, falei, fazendo cara feia. “O quão inacreditavelmente rude é isso?”

Fumar na frente de uma moça sem a permissão desta ia contra os costumes sociais publicamente aceitos, mas Thomas não parecia ligar nem um pouco para esta regra. Coloquei a orquídea de lado, encarando-o em meio a uma franja de cílios, mas ele apenas deu mais uma tragada em seu cigarro, deixando sair o ar tóxico lentamente antes de dispensar o garçom.

Ele me lembrava a lagarta de *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, sentada em seu imenso cogumelo, indolente e sem se preocupar com nada no mundo. Se apenas ele fosse pequeno o bastante para que eu o esmagasse sob minhas botas...

“Este é um hábito repulsivo.”

“Assim como dissecar os mortos antes do desjejum. Mas eu não a desdenho por este hábito indecoroso. Na verdade”, inclinou-se mais perto de mim, baixando o tom de voz a um sussurro conspirador, “é um tanto quanto benquisto vê-la com as mãos na massa, digo, em vísceras, todas as manhãs. Além disso, de nada pela flor. Coloque-a sobre seu criado-mudo, sim?, e pense em mim enquanto estiver se vestindo para ir dormir.”

Deixei meu pequeno sanduíche cair em meu prato, empurrando-o para longe com tanta veemência quanto eu consegui conjurar. Thomas deu mais uma tragada para encher os pulmões de fumaça, encontrando meu olhar com um lampejo de desafio e alguma outra coisa que eu não conseguia muito bem interpretar.

“Bem, então. Vejo que não há mais nada a ser dito. Tenha um bom dia, sr. Cresswell.” Antes que eu me levantasse, Thomas estirou a mão, circundando com gentileza a minha cintura. Fiquei ofegante, puxando a mão para trás e olhando de relance ao meu redor. Ainda bem que ninguém tinha visto essa indiscrição. Dei um tapa para demovê-lo de sua segunda tentativa de me segurar, embora eu não exatamente ligasse para o fato de que ele estava me tocando. “Estou vendo que seu vício estragou esse seu cérebro.”

“Pelo contrário, querida Wadsworth”, disse ele entre baforadas, “eu acho que a nicotina me provê um aumento de clareza. Você deveria experimentá-la.”

Ele mexeu no ar aquela coisa horrível, brincando com ela na minha frente, mas havia limites que eu estabelecera para mim mesma em relação à investigação amadora. Fumar era uma delas. Ele deu de ombros, voltando a inalar sua nicotina.

“Faça como desejar”, disse ele; “Mas eu vou com você.”

Encarei-o sem cerimônia. Thomas não mais me banhava com uma fria indiferença; ele apresentava o suave calor de uma tarde de alto verão, com os cantos dos lábios voltados para cima.

Uma chama ardeu pelo meu corpo enquanto me dei conta de que eu estava estudando a forma de sua boca, a maneira como seu lábio inferior era levemente mais carnudo e totalmente convidativo para ser notado por uma moça desacompanhada.

Reuni meus pensamentos como se fossem espécimes a serem dissecados posteriormente. Estava claro que eu vivenciava algum tipo de condição médica degenerativa se eu estava pensando tais coisas indecentes em relação ao patife. Provavelmente ele estava me provocando para me dar um beijo.

“Estou indo... para casa. Você, muito certamente, não está convidado.” Eu me atrevi a olhar nos olhos dele, apesar de meu momentâneo lapso de juízo. “Nathaniel não aprovará isso de encontrar um rapaz em nossa casa, não importando o quão inocente nossa situação de trabalho possa ser.”

“Vai para casa, é?” Balançou a cabeça e estalou os lábios. “Vamos prometer um para o outro uma coisa.” Ele inclinou-se até o outro lado da mesa, esticando as mãos em direção às minhas, as quais rapidamente enfiei debaixo da mesa. “Nós sempre contaremos a verdade um para o outro. Não importando o quão dura seja. É isso que parceiros fazem, Wadsworth. Eles não se dão ao trabalho de contar mentiras ridículas.”

“Perdão?”, sussurrei, em um tom duro, particularmente detestando o uso *casual do meu* sobrenome que *ele* vivia fazendo, embora eu houvesse permitido que ele o fizesse. “Eu não menti...” Thomas ergueu uma das mãos, balançando sua cabeça. Tudo bem. “O que o faz ter certeza de que eu sequer preciso de um parceiro? Eu sou bem capaz de fazer as coisas sozinha.”

"Talvez não seja você quem haveria de se beneficiar de nossa parceria", disse, baixinho.

A resposta dele foi tão inesperada que eu cobri minha boca com o dorso de minha mão enluvada. A própria ideia de que ele poderia precisar de alguém, e de que tivesse me escolhido dentre todo mundo em Londres, fez com que ideias tolas dançassem pela minha cabeça antes que eu as banisse.

Eu não ia gostar de Thomas Cresswell. Eu *não* faria isso.

Vendo-o apagar seu cigarro, um suspiro profundo saiu de mim. “Você deveria comprar um bilhete, então. Estaremos de partida para...”



Ele puxou um bilhete dobrado de seu casaco e soltou o lampejo de um largo sorriso maroto. Meu queixo praticamente atingiu a mesa enquanto eu apontava para seu cartão de embarque. “Como, em nome da rainha, você sabia aonde nós iríamos?”

Thomas dobrou o bilhete, guardando-o novamente em seu lugar seguro, com sua expressão parecendo mais orgulhosa que a de um cão vira-lata roubando um ganso de Natal. “Esta é uma pergunta muito simples, Wadsworth. Você está usando botas de cadaço.”

“Verdade. Tão simples.” Revirei os olhos. “Se eu não o matar esta tarde, isso será um presente enviado pelo próprio Deus, e eu juro ir à missa novamente”, falei, colocando uma das mãos sobre meu coração.

“Eu sabia que a levaria à igreja em algum momento.” Ele passou a mão na frente de seu terno, com um movimento para baixo. “Estou impressionado com o quão rapidamente você cedeu. Embora eu *seja* mesmo difícil de se resistir.”

Ele sentou-se mais ereto, como se fosse um pavão exibindo sua plumagem colorida. Eu o imaginei limpando suas penas como se tivesse um leque delas, brilhantes, crescendo em seu traseiro.

Fiz um movimento para que ele seguisse em frente com o que estava falando. “Você estava dizendo...”

“Em um dia normal, você usaria sapatos de seda. Couro, é mais adequado para a chuva”, disse ele, declarando fatos. “Visto que ainda não está chovendo em Londres, e, segundo o jornal, está chovendo horrores em Reading, não foi preciso muito para deduzir que você estava indo para lá.”

Eu queria tanto, mas tanto, dizer alguma coisa cortante, mas Thomas ainda não havia acabado de me impressionar.

“Logo que você passou correndo pelo saguão, sua atenção voltou-se para o relógio que estava na parede, e você não me viu parado ali perto, esperando por você, levando-me a acreditar que estava com pressa.” Ele sorveu um gole de chá. “Uma rápida verificação do quadro de saídas e notei que o próximo trem para Reading partiria ao meio-dia. Bem fácil, visto que este era o *único* trem que estaria saindo nessa hora.”

Sentou-se confortavelmente, um sorriso presunçoso espalhado pelo rosto. “Eu paguei ao garçom para comprar um bilhete para mim, corri para a nossa mesa e então pedi o chá, tudo isso antes que você tivesse tirado o sobretudo.”

Fechei os olhos. Ele realmente era um imenso teste para a minha paciência, mas ele poderia se provar útil na minha próxima tarefa. Se alguém teria a capacidade de interpretar uma situação, este alguém seria Thomas Cresswell. Eu queria respostas

em relação à srta. Emma Elizabeth Smith e a sua ligação com a minha família, e só podia pensar em uma pessoa que pudesse saber dela. Levantei-me, e Thomas rapidamente se juntou a mim, ansioso para começar a nossa próxima missão.

“Apreste-se, então”, falei, pegando a orquídea e prendendo-a entre as páginas do meu diário. “Eu quero me sentar do lado da janela.”

“Hummm.”

“O que foi agora?”, perguntei, perdendo a paciência.

“Eu geralmente me sento do lado da janela. Pode ser que você tenha de se sentar no meu colo.”



Em dez minutos, estávamos parados debaixo dos gigantescos arcos que se estiravam pela estação Paddington, e que me lembravam ossos de ferro contendo a carne de vidro no teto, em um show de perfeição feita pelo homem. Havia algo de estimulante em relação à estação quando sua forma cilíndrica ficava cheia de gente e de máquinas imensas soltando vapor.

Nosso trem já estava na plataforma, então embarcamos e nos posicionamos para a viagem. Logo foi dada a partida. Fiquei observando o mundo tomado pela névoa cor de cinza virar um borrão enquanto nos movíamos ao som da locomotiva, saíamos de Londres e cruzávamos o interior inglês, com meus pensamentos consumidos por um milhão de perguntas.

Sendo a primeira delas: Eu estava desperdiçando meu tempo? E se Thornley não soubesse de nada? Talvez nós devêssemos ter ficado em Londres e examinado mais a fundo as anotações de meu tio.

Mas agora era tarde demais para voltar atrás.

Thomas, assim que acordou de um cochilo perturbado, ficou inquieto o bastante em seu assento a ponto de atrair minha atenção para ele. Era como uma criança que tinha comido doces demais e não conseguia ficar parada.

“Em nome dos céus, o que você está fazendo?”, sussurrei, lançando um olhar rápido para os passageiros que nos encaravam irritados. “Por que você não consegue agir de forma apropriada por uma hora?”

Ele cruzou e descruzou suas longas pernas, então fez o mesmo com os braços. Eu estava começando a achar que ele não tinha me ouvido quando, por fim, ele respondeu. “Você vai me dar algum esclarecimento quanto ao local que estamos indo? Ou o suspense faz parte da surpresa?”

“Você não consegue deduzir, Cresswell?”

“Eu não sou mágico, Wadsworth”, disse ele. “Eu consigo deduzir quando os fatos me são apresentados, não quando são propositalmente obscurecidos.”

Estreitei os olhos. Mesmo que houvesse mil outras coisas com que eu deveria estar preocupada, eu não poderia deixar de fazer essas perguntas a ele. “Você está se sentindo mal?” A atenção dele voltou-se para mim antes de retomar para a janela. “Você sofre de claustrofobia ou agorafobia?”

“Eu acho o ato de viajar para lá e para cá muito entediante.” Ele soltou um suspiro. “Mais um momento da conversa vazia que as pessoas atrás de nós estão tendo, ou o maldito barulho do motor, e eu posso ficar completamente louco.”

Thomas ficou em silêncio novamente, acentuando seu ponto sobre a conversa irritante e o sobrepujante som do trem.

“Talvez seja esta a motivação de nosso assassino para matar”, murmurou ele.

Deitei a cabeça junto ao assento e fiquei escutando a conversa. Segundo a sociedade, era precisamente com isso que jovens mulheres deveriam se preocupar. Sapatos, sedas, jantares festivos, e quem poderia ser o mais bonito duque ou lorde no reino. Como se poderia garantir um convite para um baile ou chá importante. Quem estava nas graças da rainha e quem não estava. Quem era velho e fedido, mas que valia a pena se casar mesmo assim.

Minhas preocupações diárias estavam tão distantes disso tudo que eu temia ser evitada para sempre entre os meus pares. Embora eu gostasse de ornamentos e roupas finas, tentei me imaginar conversando sobre a estampa de um guardanapo, mas meus pensamentos viviam voltando aos cadáveres, e eu ri com o meu fracasso de até mesmo *visualizar* a mim mesma sendo o que chamam de jovem moça normal.

Eu estava determinada a ser tanto bela quanto feroz, como minha mãe dissera que eu podia ser. Só porque eu era uma moça interessada no trabalho de um homem, isso não queria dizer que eu precisava desistir de ser feminina. Quem definira estas regras, de qualquer forma?

“Sério, Thomas”, falei, tentando conter uma risada. “As pessoas não precisam debater retórica para serem interessantes. Não existe nada de que você goste fora do laboratório?”

Thomas não estava se divertindo. “Você não está sendo exatamente a rainha da conversa intelectualmente estimulante essa tarde.”

“Está se sentindo negligenciado, é?”

“Talvez eu esteja.”

“Nós vamos visitar o antigo valete de meu pai, sua coisa insuportável”, falei. “Tenho motivos para crer que ele poderia ter informações relacionadas a uma de nossas vítimas. Satisfeito?”

Thomas parou de mexer a perna para cima e para baixo e girou para ficar frente a frente comigo. Eu sinceramente não gostava quando ele me estudava de forma tão aberta, como se eu fosse uma complexa equação matemática para ele resolver. Distraído, ele dava tapinhas em sua perna, deixando-me com a conclusão de que seu grande cérebro estava trabalhando furiosamente.

O assóvio do trem soltou um aviso cheio de vapor de que estávamos nos aproximando da estação Reading, ao mesmo tempo em que um floreio de chuva caiu em nossas janelas, como se isso tivesse sido combinado.

Ele sorriu para si mesmo. “Parece que esta tarde acabou de ficar um pouco mais intrigante.”



Cascos de cavalos batiam ruidosamente nas pedras molhadas na rua Broad enquanto nossa carruagem alugada seguia seu caminho, subindo a colina até a residência de Aldous Thornley.

A cada solavanco da carruagem, eu sentia um frio na barriga. Eu temia que antes do fim da viagem eu fosse perder meu almoço nos paralelepípedos encharcados com a chuva. Puxei a cortina azul-marinho para trás, me concentrando nos arredores em vez de me focar na minha crescente náusea.

A cidade estava cheia de pessoas que vendiam mercadorias, apesar do tempo desagradável. Os vendedores estavam cobertos por toldos que os protegiam da chuva; fiquei observando enquanto uma mulher barganhava com um homem o preço de uma cesta de sementes que ela estava vendendo.

Thomas apontou para o grande edifício à nossa direita, propositalmente se inclinando sobre o meu ombro, com seu hálito fazendo cócegas no alto colarinho rendado que cobria meu pescoço. "Reading. Famosa pelo ABC de seus negócios: Alho, Biscoitos e Cervejarias. Aquela é a Huntley and Palmers.”.

“Cujos biscoitos são meus prediletos para comer junto com chá”, falei e, embora eu não tivesse absorvido muito do que Thomas estava dizendo em relação à história da empresa deles, torci as mãos até que soltei um botão das minhas luvas, e então parei.

Se Thomas notou, o que muito provavelmente aconteceu, ele não fez nenhum comentário sobre a minha exibição de nervosismo. Eu fiquei grata porque ele não me pediu para explicar nada mais sobre a nossa viagem e mais grata ainda pela tentativa dele de me distrair ao apontar para todas as fábricas pelas quais passamos.

Um outro edifício gigantesco baforava fumaça no céu chuvoso, como se fosse um homem exalando a fumaça de um charuto na atmosfera.

Nesta manhã, eu estava certa de que vir até aqui era o melhor curso de ação, agora, pequenos botões de dúvida floresciam na minha mente. Cada gota de água que batia no topo de nosso teto ecoava alto em meus ouvidos, deixando-me com os nervos à flor da pele.

“Pode ser que a srta. Emma Elizabeth *realmente* tenha trabalhado na minha casa antes de cair na penúria”, falei. “Talvez seja aí que a ligação dela com meu pai termine.”

“Talvez”, disse Thomas, me estudando. “Mas é melhor saber com toda a certeza.”

Mordi meu lábio inferior, me odiando por me preocupar tanto. Será que eu estava mais preocupada com a possibilidade de estar errada ou de estar terrivelmente errada diante de Thomas? A segunda metade desta pergunta me incomodava. Desde quando a opinião dele sobre a minha inteligência tinha se tornado tão importante? Eu mal podia suportá-lo. O que ele pensava de mim não deveria ter significado algum.

Mas tinha. Mais do que eu gostaria de admitir.

Então havia a questão ainda mais sombria que eu não queria de jeito nenhum reconhecer. O que ligava o meu pai a essas duas mulheres assassinadas? Eu não conseguia deixar de temer que as chances de isso ser apenas uma bizarra coincidência fossem ínfimas. Porém, como tudo se encaixava permanecia sendo um mistério.

“Bem, se alguém em nossa casa tem conhecimento de detalhes íntimos da vida de meu pai antes da morte de minha mãe, este alguém é o sr. Thornley”, falei.

Ele havia vestido o meu pai para todas as ocasiões e sabia quando e onde ele estava o tempo todo. Provavelmente, ele conhecia meu pai melhor do que minha mãe. Se a velhice não o tivesse impossibilitado de realizar seus afazeres, tenho certeza de que ainda estaria bem ao lado de meu pai.

“Tudo vai ficar bem, Wadsworth. Ou teremos as respostas, ou não as teremos. Mas, pelo menos, tentamos.”

Um lampejo de um relâmpago iluminou o céu escuro como se os Titãs estivessem se confrontando acima de nós. Em seguida, veio uma trovoadas,

lembrando-me de meus pais. Quando eu era mais nova, e ficava aterrorizada com as tempestades que assolavam Londres, eu me curvava no colo de minha mãe enquanto meu pai me dizia que a trovoada era o som que os anjos faziam quando jogavam boliche. Minha mãe costumava ir até a cozinha e pegar para nós um pouco de curry e pão ázimo que tinha sobrado, da terra natal de nossa avó, e então enchia minha cabeça com histórias de heroínas de lugares longínquos. Deste momento em diante, eu quase gostava de tempestades.

Logo a viagem de carruagem, ainda bem, acabou. Nós nos aconchegamos debaixo de um guarda-chuva na entrada de uma pequena casa de pedra que ficava como o recheio de um sanduíche ao lado de outras vinte casas idênticas a ela, as quais pareciam estábulos. Thomas bateu à porta e depois foi para trás, permitindo que eu cumprimentasse primeiramente o antigo empregado de meu pai.

A porta, cujas dobradiças precisavam desesperadamente de um bom óleo, abriu-se rangendo, e o cheiro desagradável de vegetais cozidos foi indolentemente carregado pelo ar. Eu esperava ver as rugas que me eram familiares em volta de seus olhos bondosos e cabelos brancos como a neve.

O que eu não esperava era ver uma jovem mulher com uma criança erguida em seu quadril, mulher esta que não parecia nem um pouco satisfeita com a interrupção vespertina não anunciada. Seus cabelos ruivos estavam puxados em uma trança que dava a volta em sua nuca, suas roupas eram bem gastas, e tinham remendos nos cotovelos. Fios de cabelos soltos caíam em torno de sua face e ela os soprava para trás, tendo pouca sorte no propósito de mantê-los fora de seus olhos.

Thomas pigarreou baixinho, estimulando-me a entrar em ação.

“Eu... perdoe-me. Eu... eu estava procurando uma pessoa”, falei, gaguejando, olhando de relance para o número vinte e três na porta, “parece-me que eu estou com o endereço errado.” Havia algo de intimidante em relação à forma como ela estava ali, em pé, nos encarando, mas nós tínhamos vindo até aqui, e eu não me permitiria ser derrotada por alguém com uma atitude amargurada. O olhar contemplativo dela passou por Thomas lentamente. Duas vezes.

Ela me lembrava alguém que estava sendo tentado por um bife que parecia suculento, e eu não ligava nem um pouco para isso.

Pigarreei quando um outro lampejo de relâmpago cruzou o céu. “Você por acaso não saberia onde eu poderia encontrar um senhor chamado Thornley, saberia?”

O bebê escolheu aquele instante para começar a choramingar, e a jovem mulher desferiu um olhar de ódio para mim, como se eu houvesse incitado o diabo na criança, e não a trovoada retumbante. Arrulhando para o demônio guinchante que tinha nos quadris, ela deu tapinhas de leve em suas costas. “Ele está morto.”

Se Thomas não tivesse agarrado meu braço para me manter firme no lugar, eu poderia ter caído para trás. “Ele... mas... quando?”

“Bem, ele não está totalmente morto ainda”, ela admitiu. “Mas ele não permanecerá por muito mais tempo neste mundo. Será um milagre se ele sobreviver a essa noite.” Ela balançou a cabeça. “O pobrezinho mal parece mais ele mesmo. É melhor que vocês mantenham as lembranças dele imaculadas, caso contrário, terão pesadelos durante anos e anos.”

A minha parte cálida e empática queria dizer palavras doces pelo falecimento iminente de nosso antigo criado, mas esta era a nossa única chance de conseguirmos descobrir alguma coisa sobre os paradeiros de meu pai durante os assassinatos e sua ligação em potencial com a srta. Emma Elizabeth Smith.

Não me retraí diante da adversidade, imaginando que as veias que fluíam pelo meu corpo não passavam de fios de aço, frios e desprovidos de sentimentos. Agora era o momento de encontrar aquele interruptor científico em que Thomas se fiava. “Eu realmente tenho de vê-lo. Isso é de suma importância. Você não me negaria me despedir de um caro amigo, especialmente um que está à beira da morte, não é?”

A jovem mulher ficou me encarando, boquiaberta, antes de cerrar seu maxilar. Ela empurrou e abriu a porta com o lado de seu quadril oposto ao que a criança estava, fazendo um gesto para que entrássemos, com um aceno impaciente de sua mão. Apontando para o suporte no canto, ela fez um movimento brusco com o queixo.

“Coloque seu guarda-chuva ali e fiquem à vontade, então”, disse ela. “Ele está lá em cima, na primeira porta à direita.”

“Obrigada.” Cruzei o minúsculo vestíbulo com Thomas nos meus calcanhares, subindo a escada desgastada o mais rápido quanto me era possível. O cheiro de repolho cozido nos acompanhava enquanto subíamos, aumentando a sensação de algo revirando meu estômago.

Quando meus pés chegaram ao degrau superior, a mulher disse, em um tom de mofa: “Pesadelos serão seus companheiros de cama essa noite. Todos os lençóis chiques do mundo não farão a mínima diferença. Não diga que não a avisei, minha dama”.

Desta vez, quando ouvi o som de uma trovoada, estremeci.



Lepre turbeculoide, século XIX



# JACK O ESTRIPADOR

---

RASTRO de SANGUE

## 9. MENSAGEM DO TÚMULO

*Residência dos Thornley, Reading*

*11 de setembro de 1888*



ortinas transparentes, que possivelmente já haviam sido brancas um dia, ondulavam em nossa direção. Lembravam braços em decomposição desesperados por liberdade. Se eu fosse forçada a permanecer por tão longo tempo num aposento que mais parecia uma tumba, tenho certeza de que teria ficado tão desesperada quanto. Gotas de chuva borrifavam o peitoril da janela, mas eu não me atrevia a fechá-la.

Uma pequena cama de ferro, com um colchão listrado, exibia um corpo esquelético que mal parecia vivo. O pobre Thornley havia fenecido e se tomara nada mais do que uma pele acinzentada repuxada sobre seus frágeis ossos. De abcessos abertos em seu torso e em seus braços, vazava uma mistura de sangue e pus que cheirava a carne fétida até mesmo da entrada do quarto. Era difícil afirmar com certeza, mas parecia que ele estava sofrendo de uma forma de lepra.

Cobri o nariz com o dorso de minha mão, e vi, pelo canto do olho, que Thomas estava fazendo o mesmo. O cheiro era, na melhor das hipóteses, sufocante, e a visão que tínhamos à nossa frente era de longe a pior coisa que eu já tinha visto na vida. O que queria dizer muita coisa, considerando que eu tinha visto as pútridas entranhas dos falecidos em inúmeras ocasiões durante as autópsias com meu tio.

Fechei os olhos, porém, a imagem putrefata estava queimada nas minhas pupilas.

Eu teria pensado que ele já havia falecido, mas o leve subir e descer de seu peito desafiava o que meus olhos me diziam ser verdade. Se eu fosse uma pessoa supersticiosa, acreditaria que ele era um dos mortos-vivos que assombravam as charnecas inglesas, em busca de almas a serem roubadas.

Ou, possivelmente, comidas.

Durante toda a minha vida, eu fora interessada por anomalias biológicas, como o Homem Elefante, gigantismo, gêmeos siameses e ectrodactilia, no entanto, este parecia um cruel ato de Deus.

A jovem mulher estava certa. Este era o lugar aonde os pesadelos vinham para buscar inspiração.

As cortinas inalavam hálitos úmidos, e depois, devagar, os exalavam, e sua umidade se grudava à madeira antes de farfalhar com a próxima rajada de vento, ensopada com a tempestade.

Inspirei pela boca. Nós precisávamos ou voltar correndo lá para baixo, e, preferivelmente, por todo o caminho até a estação de trem gritando feito loucos, ou precisávamos falar com o pobre homem imediatamente.

A primeira opção tinha o meu voto, mesmo que isso significasse sair correndo na chuva, com botas de salto alto e possivelmente quebrar o pescoço, mas a segunda opção era o que, inevitavelmente, haveríamos de fazer.

Thomas assentiu, encorajando-me, e entrou totalmente no aposento, deixando-me apoiada no batente da porta, sem nada além de minhas faculdades mentais para me apoiar. Se ele era capaz de encarar isso, então eu também o era.

Se apenas meu corpo encontrasse a mesma coragem que meu cérebro havia achado.

Ele puxou duas cadeiras para perto da cama, cujas pernas raspavam o chão em protesto, antes de fazer um movimento para que eu me sentasse. Minhas pernas me carregaram pelo aposento por vontade própria, incitando meu coração a entrar em um galope constante. Enterrei as mãos nas dobras das minhas saias assim que me sentei. Eu não queria que o pobre Thornley visse o quanto minhas pernas tremiam; isso pelo que ele estava passando já era ruim o bastante.

Uma tosse cruel abalou seu corpo, forçando suas veias a ficarem em destaque, como se fossem raízes de árvores puxadas da terra. Enchi um copo com água de um jarro que estava ao lado da cama, levando-o cuidadosamente junto aos lábios dele. “Beba, sr. Thornley”, falei, em um tom gentil. “Isso aliviará sua garganta.”

O velho homem sorveu devagar a água do copo. O líquido espalhou-se por todo seu queixo, e eu o limpei com um lenço, dando tapinhas de leve para evitar deixá-lo com calafrios, além de seus outros males. Quando ele havia bebido água o suficiente, seus olhos leitosos voltaram-se para os meus. Eu não sabia se o homem estava cego ou não, mas sorri para ele mesmo assim. O reconhecimento expressou-se em suas feições depois de um ou dois instantes.

“Srta. Wadsworth.” Ele tossiu novamente e, dessa vez, com mais violência do que antes. “A senhorita é tão adorável quanto a sua mãe. Ela teria ficado satisfeita de ver o quão bela a senhorita se tornou. Que Deus tenha a alma dela.”

Embora eu já tivesse ouvido isso muitas vezes, ainda trazia a pontada das lágrimas aos meus olhos. Esticando a mão, tirei os cabelos ralos dele de sua testa, tomando cuidado para evitar os abcessos abertos: Eu não achava que ele fosse contagioso, mas não me arriscaria nem um pouco e continuaria com as luvas. Ele cerrou os olhos, e seu peito parou de se mexer.

A princípio, fiquei aterrorizada com a possibilidade de que ele houvesse cruzado para o além, e então seus olhos se abriram, agitados. Soltei o ar. Nós precisávamos de respostas imediatamente. Eu me odiava por ir direto ao ponto, mas temia que ele perdesse toda a energia e ficasse incapaz de falar por muito mais tempo.

Rezei uma prece silenciosa para que minha passagem para casa ainda fosse seguir diretamente para Londres e não fazer um desvio e parar no Inferno.

Thomas observava o valete com total desligamento, ignorando por completo todo o resto. Isso me dava arrepios, ver como ele conseguia permanecer imune à nossa situação atual; o quão capaz ele era de desligar suas emoções quando quisesse. Não importava o quão útil isso fosse, ainda não era natural, e me lembrava como eu sabia pouco sobre ele além do laboratório de meu tio.

Como se estivesse sentindo meu tormento, Thomas deixou de lado suas deduções por tempo suficiente para que seus olhos se encontrassem com os meus e assentiu, o que me arrancou de meus pensamentos. Eu me inclinei mais para perto da cama, tentando acalmar meus nervos.

“Eu sei que o senhor está doente, sr. Thornley, mas eu esperava poder lhe fazer algumas perguntas sobre meu pai.” Inspirei fundo. “E também gostaria de saber quem era a srta. Emma Elizabeth Smith.”

Ele me fitou, e seus olhos, assim como quaisquer memórias que eram reprisadas ali atrás, estilhaçaram-se diante de mim. Sua atenção voltou-se para Thomas. “O senhor está noivo de minha querida menina?”

Thomas ficou escarlate imediatamente, com seu bem armado comportamento abalado. Ele gaguejou para dar ao homem uma resposta, olhando em todas as direções, menos para mim. “Eu, hum, bem... nós somos... ela é...”

“Somos colegas”, falei, incapaz de não gostar do quão perturbado ele havia ficado. Apesar do propósito de nossa visita, e do quão estranho seu comportamento pudesse ser, eu estava bem satisfeita de que ele pudesse ficar abalado com alguma coisa. Ainda mais por minha causa. Ele revirou os olhos quando abri um largo sorriso para ele. “Nós dois somos aprendizes de meu tio, é o que quero dizer.”

Thornley fechou os olhos, mas não antes que eu captasse um lampejo de desaprovação. Até mesmo à beira da morte ele estava horrorizado pela minha associação com meu tio e sua pesquisa profana. Aparentemente, o fato de que eu não estava passando mais tempo garantindo um marido era um outro ponto contra mim. Eu teria ficado envergonhada se não tivesse um propósito maior para estar aqui. *Deixe que as pessoas pensem o que quiserem*, eu pensei, irritada, e então imediatamente me encolhi.

O homem estava morrendo. Eu não tinha necessidade de me preocupar com sua opinião nem o desprezar por isso.

Eu me endireitei em minha cadeira, com o tom de voz bondoso, porém forte. “Eu preciso que o senhor me diga como meu pai conhecia a srta. Emma Elizabeth Smith.”

O antigo valete de meu pai fixou um ponto acima de meu ombro e para fora da janela, onde a chuva caía como se fossem lágrimas. Era difícil dizer se ele ignorara minha pergunta ou estava perdendo os sentidos. Olhei de relance para Thomas, cuja expressão dilacerada era a imagem espelhada da minha. Forçar um homem moribundo era uma coisa horrível a se fazer, e se Thomas Cresswell estava reconsiderando estarmos aqui, então não havia dúvida de que eu havia me desviado do caminho que era apropriado.

Talvez eu fosse, afinal, a criatura deplorável que a sociedade achava que eu era. Eu podia apenas imaginar o que tia Amelia teria dito ou quantas vezes ela teria feito o sinal da cruz, me mandando rezar por meus pecados. Demônio religioso, isso que ela era.

Decidindo que havia ultrapassado o limite, eu me levantei.

“Devo-lhe um pedido de desculpas, sr. Thornley. Vejo que o perturbei e esta não era minha intenção.” Soltando minhas saias, segurei as mãos frias dele nas minhas. “O senhor foi um grande amigo para nossa família. Eu não tenho como lhe agradecer o suficiente por servir a todos nós tão bem.”

“O senhor poderia muito bem contar a eles, vovô.”

A jovem mulher que havia atendido à porta agora estava parada ao pé da cama, em pé e de braços cruzados, sua voz soando mais gentil do que eu tinha achado que fosse possível.

“Limpe sua consciência antes de fazer a última jornada”, disse ela. “Que mal pode vir de contar aquilo que ela deseja saber?”

Agora eu via a forte semelhança familiar. As mesmas sobrancelhas espessas emoldurando olhos encantadoramente grandes, e maçãs do rosto perfeitamente altas. O tom de vermelho em seus cabelos apontava para suas raízes irlandesas, e o

punhado de sardas em seu nariz lhe dava uma aparência mais jovem do que eu havia originalmente registrado.

Sem a criança para arruinar seu comportamento, eu diria que ela não era muito mais velha do que eu. Parte do que ela havia dito se reprisava em minha mente.

“Você sabe de alguma coisa em relação a isso?”, perguntei a ela, que ficou olhando para mim, inexpressiva, como se eu tivesse falado um outro idioma. “Em relação a por que ele precisaria ficar com a consciência limpa?”

Ela balançou a cabeça em negativa, mudando seu foco para a forma inquieta de seu avô. “Ele não disse nada assim tão específico. É que ele fica todo atormentado à noite, só isso. Às vezes, quando ele está dormindo, murmura um pouco. Eu nunca consegui entender nada.”

Thornley arranhou os braços tão severamente que eu temia que ele fosse rasgar e abrir sua pele. Isso explicava o estado em que se encontrava, ele mesmo estava se ferindo e reabria as feridas cutucando-as até que ficassem infeccionadas. Então não era lepra. Apenas parecia lepra. Engoli a náusea em seco em um sorvo desagradável. A dor dele deveria ser inimaginável.

Pegando uma lata de loção da mesinha de cabeceira, a neta dele correu para seu lado e espalhou-a por seus braços. “Os órgãos dele estão parando de funcionar, fazendo com que ele se coce de um jeito terrível. Pelo menos foi isso que o médico disse.” Ela aplicou uma quantidade generosa do creme e ele aquietou-se. “A loção ajuda, mas não dura muito. Tente não coçar com tanta força, vovô. Assim o senhor está arrancando pedaços.”

Thomas mexeu-se na cadeira, o sinal delator de que ele estava ficando impaciente para compartilhar sua opinião. Desferi a ele um olhar contundente, que eu esperava que transmitisse quanta dor *ele* haveria de sentir se não agisse apropriadamente perto dos Thornley.

Ele ignorou meu olhar de ódio.

“Pelo que eu me lembro dos meus estudos, tudo isso faz parte do processo da morte”, disse ele, marcando cada um dos sintomas em seus dedos. “A pessoa para de comer, dorme mais, a respiração se torna mais dificultada. Então a coceira no corpo começa, e...”

“Já chega”, eu o interrompi, olhando para Thornley e sua neta com uma expressão empática. Eles sabiam que o fim era iminente. Não precisavam de detalhes explícitos do que viria em seguida.

“Eu só pensei em ajudar”, sussurrou ele. “Claramente meus serviços não são bem-vindos.” Thomas ergueu um dos ombros, e depois voltou a avaliar o aposento em silêncio.

Nós precisaríamos trabalhar nas habilidades de “ajuda” dele no futuro. Voltei ao valete de meu pai.

“Na verdade, qualquer coisa que o senhor puder me dizer sobre aquele período seria de imensa ajuda. Não há mais ninguém a quem eu possa me voltar para obter respostas. Alguns... eventos... recentes ocorreram, e isso aliviaria a minha mente.”

Os olhos de Thornley encheram-se de lágrimas. Ele fez um movimento para que sua neta se aproximasse dele. “Jane, meu amor. Você poderia pegar um pouco de chá para nós?”

Jane estreitou os olhos. “O senhor não estaria tentando se livrar de mim agora, não? O senhor não pede chá há dias.” O tom dela estava mais brincalhão do que acusador, arrancando um pequeno sorriso de seu avô. “Muito bem. Eu vou pegar um pouco de chá, então. Comporte-se até eu voltar. Mamãe vai me enforcar se ela achar que eu maltratei o senhor.”

Assim que Jane saiu do aposento, Thornley respirou algumas vezes com dificuldade, e então olhou para mim, com seu foco mais claro do que estava alguns segundos antes.

“A srta. Emma Elizabeth Smith era uma querida amiga de sua mãe, srta. Audrey Rose. Mas a senhorita provavelmente não se lembra dela. Ela parou de aparecer quando a senhorita ainda era pequenina.” Ele tossiu, mas dispensou a água que lhe ofereci. “Ela também conhecia seu tio e seu pai. Eles quatro eram como parceiros no crime quando eram mais jovens. Para falar a verdade, por um tempo, seu tio esteve noivo dela.”

A confusão envolveu meu cérebro com seus dedos. O jeito como as anotações de meu tio estavam redigidas faziam parecer que ele não sabia de nada em relação a ela. Eu nunca teria adivinhado que ela fosse uma conhecida, menos ainda que fosse alguém com quem ele esteve perto de se casar. Thomas ergueu as sobrancelhas; aparentemente, isso era algo que nem ele esperava.

Defrontei-me com Thornley novamente. “O senhor faz alguma ideia de por que meu pai teria mantido registros sobre ela?”

O trovão estrondeou sobre nós, ribombando um aviso próprio. Thornley engoliu em seco, e sua atenção voltou-se rapidamente para os arredores do aposento, como se ele temesse que alguma coisa horrenda viesse atrás dele do além-túmulo. Seu peito inflou antes que ele se perdesse em mais um acesso de tosse. Se continuasse assim, eu estava certa de que ele perderia sua capacidade de comunicar-se por completo.

Quando conseguiu falar novamente, sua voz soava como cascalho sendo esmagado sob os cascos de cavalos.

“Seu pai é um homem muito poderoso e muito rico, srta. Audrey Rose. Eu não presumo saber de nada em relação às investigações pessoais dele. Eu só sei de duas coisas em relação à srta. Smith. Que ela esteve noiva de seu tio, e...” Os olhos dele ficaram tão arregalados que estavam em grande parte brancos. Lutando para sentar-se direito em sua cama, ele chutava a si mesmo e tossia, entrando em um frenesi.

Ficando em pé num pulo, Thomas tentou segurar o velho homem para baixo, de modo a impedir que ele se machucasse com suas convulsões. Thornley sacudiu a cabeça com violência, e o sangue assomou-se aos cantos de sua boca. “Eu... acabei... de me lembrar. Ele sabe! Ele conhece os segredos escondidos dentro da parede.”

“Quem sabe?”, implorei que ele me dissesse, desesperadamente tentando discernir se isso fazia parte de um delírio elaborado ou se esta arenga tinha algum mérito para nossa investigação. “Que parede?”

Thornley cerrou os olhos, com um choramingo gutural saindo de sua boca. “Ele sabe o que aconteceu! Ele estava lá naquela noite!”

“Está tudo bem”, disse Thomas, em um tom cálido que eu nunca o vi usar com nenhuma outra pessoa antes. “Está tudo bem, senhor. Inspire para mim. Isso. Que bom.” Fiquei observando enquanto Thomas mantinha o velho homem firme, fazendo força com seu toque, ainda que com gentileza. “Está melhor? Agora tente nos contar de novo. Dessa vez, mais devagar.”

“Sim, s-sim”, disse ele, respirando com dificuldade, “mas não t-tenho como culpá-lo.” Thornley ficou ofegante, esforçando-se para fazer com que mais palavras saíssem de sua boca enquanto eu esfregava suas costas, tentando miseravelmente acalmá-lo. “N-n-posso culpá-lo”, disse ele, tossindo de novo. “Não estou certo de que eu me sairia m-muito melhor, dadas as c-circunstâncias.”

“Culpar a quem?”, perguntei, não sabendo como acalmá-lo o suficiente para obter dele informações coerentes. “De quem o senhor está falando, sr. Thornley? De meu pai? De meu tio Jonathan?”

Ele respirava com tanta dificuldade e tão ruidosamente que seus olhos se reviravam em sua cabeça. Fiquei aterrorizada com a possibilidade de que estivesse tudo acabado, de que eu havia acabado de testemunhar a morte de um homem, mas ele se debateu, sentou-se plenamente ereto, agarrando os lençóis de cada lado de seu corpo emaciado. “A-Alistair sabe.”

Fiquei mais confusa do que nunca. Alistair era um nome com o qual eu não estava familiarizada, e eu não estava nem mesmo certa de que Thornley soubesse o que ele estava dizendo. Dei tapinhas gentis na mão dele enquanto Thomas nos

observava horrorizado. “Shhhhh. Shhhhh, agora. Está tudo bem. Sr. Thornley. O senhor foi imensamente...”

“É... por causa... daquele... maldito...”

Um calafrio passou pelo corpo dele de forma tão turbulenta que era como se ele fosse uma pipa voadora de metal durante a tempestade de relâmpagos que se passava lá fora. Ele teve convulsões, até que um constante fluxo de sangue escorreu em um filete pela lateral de sua boca e narinas.

Dei um pulo para trás, gritando para que a neta dele voltasse e nos ajudasse, mas era tarde demais.

O sr. Thornley estava morto.





# JACK O ESTRIPADOR

RASTRO de SANGUE

## 10. O MARY SEE

*The Serpentine, Hyde Park*

*13 de setembro de 1888*



claro que eu me lembro de um Alistair que nosso pai conhecia. Não consigo acreditar que você não se lembre dele”, disse Nathaniel, olhando para mim em busca de uma explicação que eu não estava bem preparada para dar. “Por que a súbita curiosidade?”

“Por motivo nenhum, na verdade.” Evitando o olhar dele, fiquei observando um bando de gansos voarem sobre a superfície do lago, que parecia de vidro, em direção à gaiola receptora da Real Sociedade Humanitária, com sua formação em V tão perfeita quanto o clima revigorante do outono. Eles estavam, sem dúvida, seguindo rumo ao sul, em busca de um clima mais ameno.

Eu ansiava por entender o mecanismo natural que os avisava dos vindouros meses inverniais. Se apenas as mulheres que vagavam pelas ruas de Whitechapel pudessem sentir o mesmo perigo e voar em direção à segurança...

Peguei algumas lâminas da grama que estava ficando amarela, girando-as entre meu indicador e meu polegar. “É difícil acreditar que, dentro de poucas semanas, o inverno destruirá a grama.”

Nathaniel parecia exasperado. “Sim, bem, até a próxima primavera, quando a grama, teimosa, empurrar o solo, saindo de seu túmulo congelado, com esperanças de vida eterna.”

"Se apenas houvesse uma forma de curar a doença mais fatal da vida...", murmurei para mim mesma.

"Que seria qual, exatamente?"

Olhei de relance para meu irmão e depois desviei o olhar, dando de ombros. “A morte.”

Então eu poderia reviver Thornley e fazer a ele todas as perguntas com as quais ele havia me deixado. Eu até mesmo teria uma mãe, se fosse possível trazê-la de volta dos mortos como as plantas perenes. Os olhos de Nathaniel estavam fixos em mim, cheios de preocupação. Era bem provável que ele estivesse achando que as excentricidades de nosso tio estavam me afetando horivelmente. “Se você pudesse, você... tentaria fazer uma coisa dessas com a ciência? A morte haveria de tornar-se uma coisa do passado, então?”

Os limites entre o certo e o errado eram menos nítidos quando um ente querido estava envolvido. A vida seria inimaginavelmente diferente com mamãe ainda viva, ainda assim, será que a criatura algum dia seria próxima da coisa real? Estremeci de pensar no que poderia acontecer. “Não”, falei, devagar. “Não creio que eu faria uma coisa dessas.”

Um minúsculo passarinho gorjeava do galho de uma árvore que se estirava preguiçoso acima de nossas cabeças. Tirando um pedaço de meu biscoito de mel, joguei-o para ele. Dois pássaros maiores desceram voando, lutando por um pedacinho do biscoito. A lei da sobrevivência dos mais aptos de Darwin estava sendo plenamente exibida até que Nathaniel esmigalhou todo seu biscoito, jogando uma centena de pedaços para os pássaros que disputavam os farelos. Cada um deles com mais comida do que o normal para saber o que fazer com ela.

“Você não tem jeito.” Balancei a cabeça. Ele daria um horrível naturalista, constantemente alterando dados científicos com sua bondade. Ele limpou os dedos de suas luvas com um guardanapo bordado à mão e depois se sentou direito, observando, com um sorriso de satisfação colado no rosto, enquanto os passarinhos se inclinavam e pegavam cada pedacinho do biscoito.

Fiquei com o olhar fixo no guardanapo. “Admito que estou temendo a chegada de tia Amelia.”

Nathaniel seguiu meu olhar e acenou com o guardanapo no ar. “Será ótimo, tenho certeza. Pelo menos ela ficará satisfeita com seu bordado. Ela não precisa saber que você o pratica nos mortos.”

Tia Amelia, além de suas aulas diárias sobre como cuidar devidamente de uma casa e atrair um marido decente, tinha um pendor inexplicável por bordar monogramas em todos os pedaços de tecidos que encontrasse. Eu não fazia a mínima ideia de como eu conseguiria costurar um monte de guardanapos inúteis ao mesmo tempo em que realizava meu aprendizado com tio Jonathan.

Entre isso e os constantes rompantes religiosos dela, eu tinha certeza de que as próximas semanas seriam mais entediantes do que eu havia pensado originalmente.

“Para onde foi que você saiu correndo no outro dia?”, perguntou-me Nathaniel, arrastando meus pensamentos para longe da costura e outros prósperos bons tempos. Ele não desistiria tão facilmente de seu próprio inquérito. “Eu honestamente não sei por que você não confia em mim. Eu me sinto bem ofendido com isso, irmã.”

“Certo.” Soltei um suspiro, sabendo que eu teria de revelar um segredo para guardar aqueles que eram mais importantes. “Entrei de fininho no estúdio de nosso pai na outra noite e me deparei com o nome do Alistair. Só isso. Verdade.”

Nathaniel franziu o cenho, puxando suas macias luvas de couro, mas não as tirando.

“O que, em nome da rainha, você estava fazendo no estúdio de nosso pai? Eu não tenho como protegê-la de sua própria idiotice, minha irmã. Não existe nenhuma cura médica para isso ainda, muito para meu horror.”

Ignorei a cutucada dele, pegando uma uva de nossa cesta de piquenique, que Nathaniel havia encomendado da Fortnum & Mason. A cesta estava repleta de acepipes de dar água na boca, desde queijos importados até frutas de estufas aquecidas.

De modo a parecer menos ávida por informações, puxei o queijo e o pão do pacotinho de tecido com toda tranquilidade e coloquei-os no prato que estava em cima da coberta à nossa frente. “Então ele era um criado?”

“Alistair Dunlop era o velho cocheiro de nosso pai”, disse Nathaniel. “Certamente que você se lembra dele, não? Ele era bondoso, mas muito excêntrico.”

Formou-se uma ruga entre as minhas sobrancelhas. “Isso me soa vagamente familiar, mas nosso pai troca de empregados com tanta frequência que fica difícil guardar os nomes de todo mundo.” Espalhei queijo brie e compota de figos sobre a torrada e entreguei-a a Nathaniel, antes de repetir o processo para mim mesma. Toda vez que eu tinha certeza de que havia resolvido um item importante de forma satisfatória, tornava-se claro que as coisas não eram o que pareciam.

Eu gostaria de encontrar uma maldita pista que pudesse me apontar para uma direção que não fosse infrutífera. Seria melhor se os assassinos, psicopatas e vilões erguessem um sinal para que mentes inquisitivas os avistassem facilmente. Incomodava-me que tal selvagem pudesse andar entre nós.

Nathaniel acenou com uma das mãos na frente do meu rosto. “Você ouviu alguma coisa do que eu falei?”

“Como?” Pisquei, como se estivesse saindo de um sonho, mesmo acordada, sonho este que não envolvia assassinatos nem velhos homens moribundos. Meu irmão soltou um suspiro novamente.

“Eu *disse* que nosso pai o demitiu pouco depois que nossa mãe...” Morreu. Era isso que ele não queria dizer. Nenhum de nós gostava de dizer isso em voz alta, as feridas eram muito recentes para que conseguíssemos lidar com elas, mesmo depois de cinco anos. Apertei a mão dele, deixando que soubesse que eu o entendia.

“Seja como for, ele foi dispensado repentinamente. Eu nunca soube o motivo”, disse Nathaniel, dando de ombros. “Mas você sabe como nosso pai pode ser às vezes. O sr. Dunlop costumava me ensinar xadrez quando ninguém mais precisava dele.”

Meu irmão abriu um sorriso, com a lembrança agradável iluminando toda sua disposição de espírito. “Para falar a verdade, eu continuei mantendo contato com ele. Ele não tinha como continuar trabalhando como cocheiro depois de ter sido dispensado por nosso pai sem uma devida referência. Eu o encontrei algumas vezes para jogar xadrez, apostando dinheiro e perdendo de propósito, apenas para ajudá-lo um pouco. Sua situação financeira é bastante limitada, e eu não consigo deixar de me sentir de alguma forma responsável por isso. Hoje em dia ele trabalha no convés do *Mary See*.”

“Outra vida condenada à penúria, graças a lorde Edmund Wadsworth e suas próprias excentricidades”, falei. Eu me perguntava o que o cocheiro poderia ter feito para acabar como um mero ajudante de convés. Seu único crime provavelmente era ser bondoso demais com meu irmão.

Parecia que, quando nosso pai dispensava um criado ou uma criada, a vida deles nunca mais era a mesma, das piores formas possíveis. A srta. Nichols nunca mais sentiria o cheiro infame do ar do rio Tâmis novamente.

Interpretando errado meu silêncio, Nathaniel envolveu meu ombro com um dos braços, me puxando para um abraço reconfortante. “Eu tenho certeza de que ele está bem feliz, irmãzinha. Alguns homens vivem pelo tipo de liberdade que vem com a limpeza dos conveses de um grande navio e com o arrastar de baús de carga. Sem responsabilidades. Sem precisarem se preocupar com salões de chás e de charutos, gravatas brancas versus gravatas pretas, e todas aquelas coisas sem sentido das altas classes. Apenas com o vento passando por seus cabelos.” Ele abriu um sorriso nostálgico. “É uma vida nobre.”

“Você fala como se quisesse jogar fora seu bom nome e ir você mesmo limpar conveses.”

Nathaniel daria um péssimo marinheiro, e nós dois sabíamos disso. Ele poderia cogitar a ideia de deixar para trás as finas coisas da vida em prol da liberdade, mas ele gostava demais de seu brandy importado e de seu vinho francês. Desistir de tudo isso em troca de cerveja ale barata em tavernas desagradavelmente úmidas, sem ventilação e tipicamente frias não era nem um pouco a cara dele. Eu sorri só de visualizá-lo esgueirando-se até um bar, pedindo algo tão comum quanto um quartilho, com os cabelos completamente desarranjados.

Antes que ele me provocasse em resposta, nosso cocheiro se aproximou de nós, curvando-se para sussurrar alguma coisa ao ouvido de meu irmão. Nathaniel assentiu e então se levantou, passando a mão na frente de seu terno feito sob medida. “Receio que teremos de terminar nosso almoço mais cedo. Parece que nossa tia Amelia e nossa prima Liza chegaram. Presumo que você não esteja com nenhuma pressa de realizar seus deveres ‘apropriados para uma moça’. Você ficará bem se eu a deixar aqui para terminar seu lanche?”

“Se tem alguma coisa que não preciso, é de uma babá”, falei. “Mas você está certo. Eu gostaria de ter um tempinho para desfrutar o que resta de minha liberdade.”

Abri um largo sorriso, sabendo muito bem que, se Nathaniel fizesse as coisas do jeito dele, além da minha criada e do laçao que estavam presentes ali, eu teria um guarda-costas, uma governanta, uma enfermeira e qualquer outro criado em que ele pudesse pensar cuidando de mim.

“Vá”, falei, enxotando-o. Ele ficou lá parado, em pé, tamborilando os dedos nas laterais do corpo, incerto. “Ficarei bem. Vou aproveitar o ar fresco um pouquinho e depois vou para casa.” Fiz o sinal da cruz em cima do coração. “Eu lhe garanto que não ficarei sentada tomando chá com nenhum assassino brutal entre este momento e a ceia, então pare de parecer tão preocupado.”

Um sorriso entrou em guerra com um cenho franzido, mas, por fim, o venceu. Ele contorcia os lábios. “Suas garantias, de alguma forma, deixam-me sentindo qualquer coisa, menos reconfortado.” Ele inclinou o chapéu. “Até a noite. Ah”, ele fez uma pausa, olhando para a minha roupa. “Talvez você queira trocar de roupa, vestindo algo um pouco mais... adequado para os gostos de tia Amelia.”

Acenei em despedida a ele, descruzando os dedos atrás das minhas costas assim que ele desapareceu do meu campo de visão. Eu muito certamente haveria de me dirigir para casa e trocar minha roupa de cavalgada e colocar um vestido. Mas só *depois* que eu tivesse tomado um desvio até as docas para falar com o misterioso Alistair Dunlop e esmiuçar os segredos que ele poderia estar escondendo no *Mary See*.



“Honestamente, eu não sei por que você insistiu em trazer essa miserável besta conosco”, reclamei para Thomas quando a guia quase me fez tropeçar pela terceira vez. “Já é difícil o bastante manobrar por aí nestes malditos sapatos de salto sem o obstáculo adicional de ter minhas pernas atadas uma à outra a cada cinco segundos por um cachorro míope.”

Thomas olhou para os botões de prata que alinhavam a parte da frente de meu casaco de montaria preto, arrancando de mim um cenho franzido. Sua expressão implicava que a minha escolha de vestimentas, que incluía uma calça da mesma cor, deveria ser adequada o bastante para andar por aí.

“Eu gostaria de ver *você* lidando com um espartilho entranhado em sua caixa torácica”, falei, retornando o favor e olhando para as roupas dele. “E conseguir aguentar uma saia que ainda cobre a maior parte de sua calça e fica arremetendo contra suas coxas neste vento.”

“Se você quer me ver sem calça, é só pedir, Wadsworth. Fico mais do que feliz de me encaixar em suas vontades nesse sentido.”

“Patife.”

Supostamente ele estava levando o vira-latas de orelhas caídas, branco e marrom, para dar uma volta no lago quando se deparou com meu piquenique, uma desculpa que achei altamente suspeita. Especialmente quando *aconteceu* de ele se encontrar comigo enquanto John, o lacaio, estava reabastecendo a cesta. Thomas havia apanhado uns pedaços de carne de porco à casserole para servir como lanche para seu companheiro canino. Eu mandei o cesto vazio para casa junto com John e com a minha criada, ambos parecendo satisfeitos demais por escaparem de um de meus esquemas.

Quando apontei a improbabilidade da coincidência, Thomas declarou que se tratava de serendipidade, e que eu deveria ficar grata pela “companhia cavalheiresca dele enquanto desfilava na frente de piratas e rufiões”.

Ele deveria ficar grato por eu não tê-lo estaqueado com o pino de meu chapéu sem querer. Embora eu estivesse secretamente satisfeita por ele ter procurado a minha companhia.

A rua coberta de paralelepípedos era larga, ainda que fosse desajeitado andar por ela, com tanta comoção acontecendo. Homens içavam baús das laterais de grandes navios, com as caixas de madeira precariamente penduradas em cordas acima de suas cabeças. Barris de vinho eram rolados para dentro de armazéns, junto com grandes caixas de metal de tabaco; mulheres gritavam o que elas tinham de

especiarias para vender umas poucas ruas à frente: tudo, desde quitutes assados até o conserto de velas de barcos rasgadas.

Nós cruzamos de uma bacia para a outra, que separava o próximo grupo de navios. Uma loja atrás da outra era dedicada a aventuras marítimas, exibindo em suas vitrines bússolas de ouro, sextantes, cronômetros e todas as outras parafernálias com temas náuticos que alguém poderia desejar. Fiquei observando enquanto um oficial alfandegário verificava a carga que estava saindo da embarcação mais próxima, os botões de bronze em seu casaco piscando ao sol da tarde. Ele sorriu, inclinando seu boné enquanto eu me aproximava, fazendo com que minhas bochechas ficassem cor-de-rosa.

“Venha.” Thomas soltou uma bufada. “Ele não é nem de longe tão bonito quanto eu.”

“Thomas”, falei, sibilando, cutucando-o com o cotovelo. Ele fingiu que estava ofendido, mas eu podia ver que ele estava satisfeito que minha atenção havia se voltado novamente para ele. As lojas cediam lugar a casas pobres, empilhadas como se fossem ninhos de ratos. Lixo fedia nas sarjetas nesta vizinhança, misturado com o cheiro de peixes mortos sendo trazidos para cima pelo mar. Ainda bem que havia uma forte brisa vindo da água, chicoteando meus cachos da cor do ônix e testando a adequação de meu chapéu de veludo.

“Toby”, falou ele, respondendo a uma pergunta que eu não havia feito, enquanto observava a cacofonia que se passava ao redor de nós. “Ele é mais inteligente do que a força policial da Scotland Yard, Wadsworth. Você deveria estar beijando o próprio chão em que estou andando por trazer comigo um animal tão excelente. Ou talvez você pudesse apenas me dar um beijo na bochecha. Dar aos oficiais e aos rufiões um pouco de excitação.”

Ignorando sua tentativa de um flerte indevido, fiquei olhando enquanto o cachorro bamboleava pela rua abaixo e entrava nas docas, maravilhada com o fato de que o animal não havia caído dos píeres. Aquele era o animal mais desajeitado com que eu havia me deparado em toda a minha vida. Eu preferia muito mais os gatos e sua curiosidade insaciável.

“*Toby* é o cachorro de sua família, então?” Thomas contou os barcos, lendo nomes bem baixinho enquanto seguíamos até o *Mary See*.

“Eu o peguei emprestado.” Ele parou na frente de um novo grupo de navios, cuja floresta de mastros agigantava-se bem ao alto acima de nossas cabeças, oscilando e rangendo com a maré que rolava.

De alguma forma, esta parte do píer era mais ruidosa; eu mal conseguia manter um pensamento na minha cabeça sem que ele se transformasse na melodia



vociferante de um marinheiro. Nathaniel ficaria horrorizado se ele soubesse que eu estava ouvindo tal linguajar vil, o que, de alguma forma, tornava tudo isso ainda mais atraente.

Cabras e bodes baliavam, e pássaros exóticos grasnavam do convés de um dos navios, encorajando-me a erguer o pescoço até que avistei as penas brilhantes e coloridas de uma arara que se debatia contra uma gaiola. Nesse mesmo barco, um imenso elefante trombeteava, batendo os pés enquanto vários ajudantes de convés tentavam descarregá-lo.

Os nomes nos engradados sugeriam que eles faziam parte do circo itinerante que estava chegando à cidade. Até as últimas semanas, eu vinha esperando ansiosamente para assistir ao evento com meu irmão. As atrações com curiosos humanos eram famosas no mundo todo e alardeavam muitos atos “que deveriam ser vistos obrigatoriamente”.

“Ouvi rumores de um homem que engole fogo”, eu disse a Thomas quando passamos pelo navio. “E de um outro que tem quatro pernas, se formos acreditar em tais coisas.”

“Não brinca?”, falou. “Pessoalmente, prefiro ficar em casa, lendo.”

A rainha Vitória era uma grande fã do circo, e apareceria na noite de estreia. Todo mundo que se julgava importante, e alguns que realmente eram importantes, estariam lá.

“Veja”, apontei para o navio que estávamos procurando, “lá está ele. O *Mary See*.”

“Fique perto de mim, Wadsworth”, disse ele. “Eu não gosto dos olhares desses camaradas.”

Dei uma espiada em Thomas, com uma súbita quentura se espalhando pelas minhas pernas. “Tome cuidado, sr. Cresswell. Alguém poderia achar que o senhor está começando a se importar comigo.”

Ele olhou de relance na minha direção, juntando as sobrancelhas como se eu tivesse dito algo particularmente estranho. “Então eu deveria conhecer essa pessoa. Ela seria bem astuta.”

Sem proferir mais nenhuma palavra, foi andando em frente, deixando-me boquiaberta atrás dele por um instante, pasmada. Que mentiroso horrendo ele era! Eu me recompus e fui correndo atrás dele. O navio era do tamanho de uma pequena ilha feita pelo homem, de aço, cinza e desolado como um dia normal londrino. Ele tinha o dobro da extensão de todos os outros navios nas docas, e sua tripulação parecia duas vezes mais malvada.

Conforme nos aproximamos do capitão, um homem robusto com olhos pretos e dentes quebrados, o aparentemente dócil Toby assumiu a ferocidade de um lobo-gigante, deixando seus caninos à mostra e rosnando alto o bastante a ponto de ser intimidante.

O capitão olhou para o cachorro, e então passou um rápido olhar de relance sobre nós. “Aqui não é lugar para uma jovem dama. Vão andando.”

Eu senti uma leve inclinação de deixar meus dentes à mostra como Toby havia feito, o que estava funcionando maravilhosamente para ele, mas abri um sorriso doce, mostrando apenas a quantidade certa do branco perolado de meus dentes. Minha tia Amelia sempre dizia que os homens podiam ser facilmente encantados. “Estou procurando por um tal de Alistair Dunlop. Nos disseram que ele trabalha para o senhor.”

O capitão, a criatura vil que ele era, cuspiu na água, olhando com ares de suspeita para mim. “O que você tem a ver com isso?”

Thomas ficou tenso ao meu lado, sua mão se flexionando na lateral do corpo.

Sorri novamente, desta vez encarando de propósito um ponto acima do ombro do capitão. Tentei os modos engenhosos e polidos de minha tia, agora estava na hora de fazer as coisas do meu próprio jeito.

“Eu odiaria fazer uma cena e chamar aquele charmoso oficial alfandegário até aqui”, falei. “Realmente, uma pessoa não deveria operar um navio tão importante sem a devida documentação para toda sua carga. O senhor não concorda, sr. Cresswell?”

“Certamente que sim”, disse Thomas, afrouxando a coleira de Toby. O capitão recuou um passo, inseguro, para longe do vira-latas que rosnava. “Isso sem falar que seria uma catástrofe se os homens que contratam tal navio descobrissem que parte de sua carga está sendo vendida por fora. Sua família não conhece a maior parte da aristocracia na Europa, srta. Wadsworth?”

“De fato”, confirmei, enquanto o capitão visivelmente se contorcia em suas botas, “conhecemos, sim. O senhor vem de uma família igualmente bem posicionada socialmente, não é, sr. Cresswell?”

“De fato”, ele respondeu, sorrindo, “venho, sim.”

Uma expressão de puro ódio passou pelo rosto do capitão. Ao que parecia, ele não era uma pessoa que gostava de ser derrotada por um rapaz e uma moça espertinhos.

O homem soltou um grunhido. “Ele está fazendo uma entrega no Jolly Jack. Deve estar fazendo o descarregamento lá na viela.”



Fig. 1

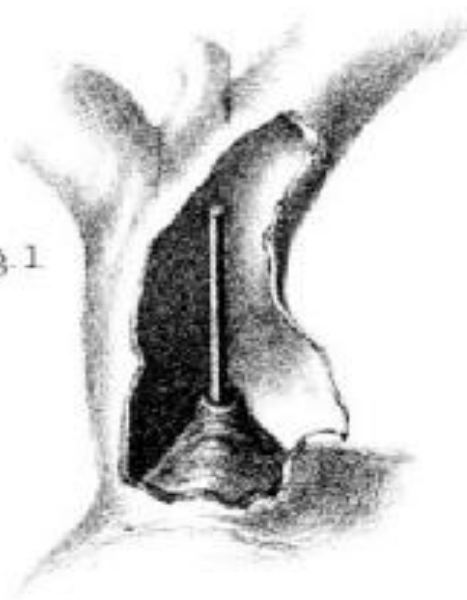


Fig 2.

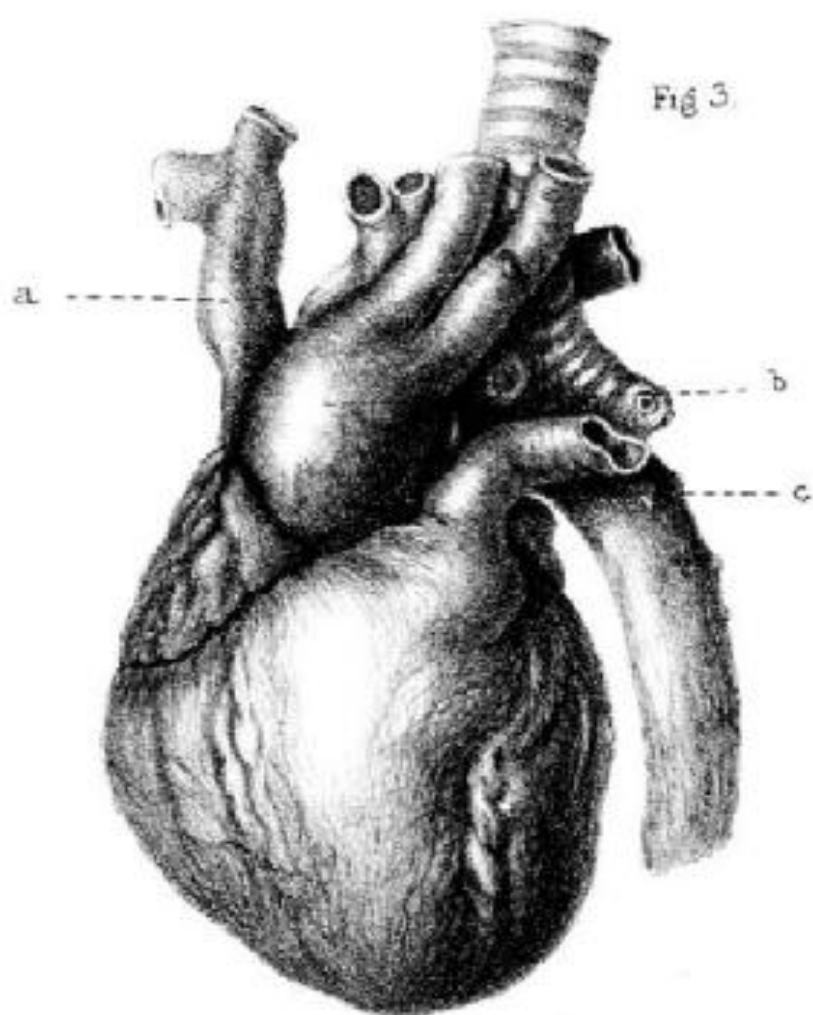


Fig 3.

# JACK O ESTRIPADOR

---

RASTRO de SANGUE

## 11. ALGO PERVERSO

*Taverna Jolly Jack, Londres*

*13 setembro de 1888*



raças à direções mal dadas por um capitão desagradável nós ficamos vagando por algumas ruas sem saída antes de nos encontrarmos na infame, porém animada, taverna. Uma placa de madeira pintada, com uma caveira branca sorridente em uma bandeira preta, pendia sobre a porta. Dentro do lugar, havia homens encurvados que estavam sentados em frente aos canecos de cerveja, sorvendo grandes goles da bebida e limpando suas bocas com as mangas arruinadas de suas camisas, enquanto se moviam pelos arredores como se fossem gatos selvagens rondando. Desistindo de qualquer pretensão de me encaixar ali, andei a passos largos pelo salão com a cabeça erguida, e com olhares fixos e sussurros se desenrolando no meu rastro.

A maioria das mulheres nobres não ficava vagando por aí em um conjunto de montaria totalmente preto, com botas de couro e luvas. Embora estivesse lentamente entrando na moda o uso de roupas de montaria quando não se estava andando a cavalo, a cor dos meus trajes era o que me deixava em destaque. Eu esperava inspirar um senso de inquietação, mesmo que fosse temporário.

Assim que chegamos à viela dos fundos da taverna, nós nos deparamos com nada além dos sons de nossos próprios corações batendo e o arfar de Toby. Tirei minhas luvas e esfreguei o local atrás das orelhas peludas dele. “Você o está vendo?”, perguntei, analisando rapidamente nossos arredores.

Havia um engradado aberto em cima de vários outros que deveriam ter sido descarregados recentemente, mas não havia ninguém ali. Fui andando até a caixa de madeira e olhei de relance dentro dela. Estava cheia de fileiras de copos; eu imaginava que frequentadores regulares e ruidosos quebrassem muitos copos

quando já tivessem bebido muito. Não era exatamente o que eu esperava que o capitão estivesse vendendo no mercado negro, mas era rentável para ele, não obstante.

Thomas franziu o cenho, com o olhar fixo no engradado. "Parece-me um pouco estranho que o sr. Dunlop fosse deixar essas mercadorias sem supervisão."

"Talvez ele esteja lá dentro?"

Sem esperar pela resposta dele, girei nos calcanhares e fui marchando de volta para dentro do bar barulhento. Eu me inclinei sobre o balcão de madeira riscado, praticamente gritando para conseguir a atenção da garçonete. A mulher rotunda limpou as mãos em um pano de prato sujo, passando os olhos em mim como se eu fosse uma total perda de tempo.

Lá se fora a ideia das roupas que inspiravam medo. Eu poderia muito bem ter vestido minhas melhores roupas de domingo e ter deixado o couro para os açougueiros.

"Uma dose de bourbon, senhorita?", disse ela em tom de escárnio, limpando um copo de cerveja com o trapo para enchê-lo com um líquido âmbar escuro e deslizando-o para um homem corpulento na ponta do bar.

Fiquei observando-o tomar um profundo trago da bebida. Eu não consegui não curvar o lábio com a habilidade dele de ignorar a fossa de imundície do trapo que tinha sido usado para "limpar" seu copo. Só Deus sabia a que tipo de doenças ele estava sendo potencialmente exposto. Eu gostaria de levar o trapo para o laboratório de meu tio e fazer uma série de novos testes nele.

O grupo de homens que estava mais perto de mim deu risada, me puxando de volta para o presente. Segurei o meu punho fechado, afundando as unhas nas palmas da minha mão para obter uma serenidade no formato de luas crescentes.

"Onde está o homem que está fazendo a entrega dos copos? Ele não estava lá fora e o seu empregador tem uma mensagem para ele." Inclinei-me mais para perto dela, baixando o tom de minha voz, falando como um cochicho em voz alta para que todos ouvissem. "Suspeito de que tenha a ver com o oficial da alfândega, que entrou no barco dele com vários homens, procurando por mercadorias roubadas. Eles podem estar vindo para cá agora." Deixei minha sugestão pairar no ar.

Ela ficou com os olhos arregalados em suas bochechas rubicundas. Mantive minha expressão neutra, embora estivesse bem satisfeita com a forma como a mentira saiu com tamanha naturalidade, e com a reação que ela fomentou em uma mulher que parecia mais assustadora do que alguns dos homens destruídos pelo trabalho nos mares.

Engolindo em seco de forma audível, ela apontou para a porta que dava para a viela. “Ele está logo ali fora.”

Tirando uma grande faca de sob o balcão, ela abriu um peixe ao meio em uma tábua de cortar carne. “Eu vou arrancar as tripas dele da próxima vez que o vir. Você diga a ele que, da próxima vez que ele vir a Mary, é melhor correr.” Isso explicava o nome do navio - *Mary See*, Ver a Mary. Ela acenou com a faca no ar, berrando com um frequentador impaciente do bar que segurava sua caneca vazia na linha de visão dela: “Continue mexendo isso daí na minha cara e essa não vai ser a única coisa que vou cortar, Billy”.

Saí de fininho pela porta novamente, balançando a cabeça para Thomas, antes de rapidamente o colocar a par da situação. Ele se ajoelhou ao lado de um engradado, enfiando o dedo em alguma coisa úmida e esfregando-a entre seu polegar e o dedo indicador. Engoli em seco uma sensação crescente de pânico quando notei com o que ele havia se deparado. “Talvez ele tenha quebrado um copo e ido colocar uma bandagem no machucado.”

Thomas não se dignou a me responder. Ele levantou-se, conduzindo Toby até perto do sangue. “Toby, encontre-o”, ordenou ao animal, em um tom gentil.

Fiquei observando, deslumbrada, enquanto o cachorro cheirava os arredores, obediente, até que ele captou o cheiro. Ele abanava a cauda com tanta força que achei que fosse alçar voo, como um pássaro, voando e cruzando ruas e vielas. Thomas soltou a coleira e nós fomos trotando atrás do cão enquanto ele descia correndo por uma ruela, e depois pela próxima.

Nós só tínhamos passado por umas cinco ruas quando eu vi uma pilha de roupas esfarrapadas apoiadas em um prédio abandonado.

Um homem estava ali sentado, com as pernas estiradas, o queixo no peito, e os olhos cerrados, em paz. De sua mão escorriam pontos de sangue em sua camisa. Inspirei, aliviada. Um bêbado miserável com um pequeno corte era algo com que eu conseguia lidar. Toby parou a poucos metros do homem, rosnando baixo e guturalmente.

“Audrey Rose, espere.” Thomas agarrou a manga do meu casaco, mas consegui sair do alcance dele.

Achei estranho que Thomas finalmente usasse meu nome de batismo, mas não parei para ponderar sobre isso nem sobre o tom de preocupação dele. Estava ficando tarde. Nathaniel estaria me esperando para cear em breve, e eu não queria explicar por que eu só estaria chegando a essa hora depois de nosso almoço no parque.

Andando direto até o homem indisposto, pigarreei. Ele não se moveu. Tentei novamente, pigarreando um pouco mais alto dessa vez, mas obtive os mesmos resultados.

Malditos marinheiros e seu amor por todas as coisas líquidas. Ouvi Thomas dizendo algo atrás de mim, mas o ignorei, curvando-me para dar um tapinha de leve no ombro do sujeito. Sinceramente, me irritava o fato de que todos os homens na minha vida me julgavam inapta. Eu mostraria a cada um deles que conseguia lidar com qualquer coisa *assim* como eles, e possivelmente até mesmo *melhor* que eles.

Cutuquei o homem com mais vontade. “Com licença, senhor. O senhor está...?”

Eu mal o havia tocado quando sua cabeça foi para trás, revelando um sinistro sorriso carmesim talhado em seu pescoço.

Não era a mão dele que estava cortada no fim das contas. Alguém gritou; talvez tivesse sido eu. Embora eu teria ficado mais feliz se tivesse sido o maldito Thomas Cresswell.

Thomas puxou-me para trás, embalando-me com gentileza em seus braços, e eu nem mesmo me importei com o fato de que isso era imensamente inapropriado. “Desligue-se de suas emoções, Audrey Rose. Encare isso como uma equação que precisa ser resolvida. No momento, isso é tudo. Vai ficar tudo bem.”

Quando olhei para as minhas mãos, eu sabia que esta era uma mentira horrível.

Certamente, nada estava bem, e esta não era nenhuma equação matemática; minhas mãos estavam cobertas de um sangue pegajoso. Tentei limpá-las, freneticamente, no corpete da minha roupa, mas não adiantou nada. O sangue maculava os meus dedos em uma acusação escarlate.

De alguma forma, eu era responsável pela morte deste homem.



Nathaniel sentou-se, com os braços cruzados e apertados em cima do peito, com uma expressão mais séria que a de um homem que estivesse encarando um pelotão de fuzilamento.

Quando o investigador de polícia apareceu à nossa porta comigo coberta de sangue e tremendo debaixo de um cobertor de cavalo, ele ficara mortalmente pálido. Minha tia quase desmaiou quando me viu e levou a filha aos aposentos delas, prometendo-me uma discussão completa sobre o comportamento adequado assim que eu estivesse decente.



Outra coisa pela qual esperar ansiosamente.

Toda vez em que eu fechava os olhos, a cena se reprisava na minha mente. O horrendo e aberto sorriso me assombrando. Eu havia ouvido a polícia mencionar que o pescoço dele tinha sido quase completamente separado do corpo.

Uns poucos tendões e ligamentos eram o que mal o salvara da decapitação, feito do qual eu estava bem ciente. Estremeci. Havia algo de infinitamente pior do que tocar em uma pessoa morta que ainda estava quente em oposição a abrir os corpos frios no laboratório de meu tio.

“Aqui. Beba isso.” Nathaniel pressionou uma xícara de chá nas minhas mãos. Eu não o havia visto cruzar a sala. Fiquei com o olhar fixo no vapor que se erguia do líquido claro e quase dourado.

Era impossível, mas eu juro que podia quase ouvir os últimos batimentos forçados do coração do homem enquanto ele sangrava na minha frente.

Thomas me garantiu que, mesmo que nós tivéssemos chegado pouco depois do ataque, ele provavelmente teria morrido instantaneamente. Havia uma sensação agonizante lá no fundo de mim, que me perguntava: se eu tivesse colocado um pano em sua ferida em vez de bater em sua cabeça com desconfiança, eu poderia ter salvado a vida dele? Que tipo de moça estava tão acostumada com sangue que não ligava para isso? Uma moça terrível.

“Se não houver mais nada que possamos fazer, detetive...”, disse Nathaniel, conduzindo o homem para fora da sala de visitas. Eu havia me esquecido até mesmo de que ele estava lá.

Ouvi fragmentos de conversa enquanto eles seguiam até a porta. Uma carteira de identidade foi encontrada nos bolsos do homem, confirmando meus piores temores: alguém havia chegado até o sr. Dunlop antes que eu pudesse questioná-lo. A culpa se enroscou tão apertadamente ao meu redor que mal consegui respirar. Quantos homens precisariam morrer antes que eu descobrisse a verdade?

Sorvi o fragrante chá, deixando que sua calidez deslizesse por minha garganta até meu âmago, me aquecendo de dentro para fora.

Eu não sabia de nada em relação ao sr. Dunlop e a sua vida pessoal, então eu não fazia a mínima ideia de quem o desejaria morto. Seria alguém com quem ele trabalhava?

Certamente que toda a tripulação do *Mary See* parecia capaz de cometer assassinato, mas as aparências poderiam, de forma perturbadora, enganar. Minha mãe costumava ler histórias de livros que ela trouxera da casa da vovó. A princípio, eu torcia o nariz para essas histórias, achando que nada de bom poderia vir de suas capas surradas. Eu tinha sido esnobe e estava errada.

As palavras escritas entre aquelas páginas amassadas eram mágicas, como se uma fada princesa se escondesse em meio a mendigos. Minha mãe me ensinou que era tolice julgar alguma coisa por sua aparência externa, lição esta de que eu tentava me lembrar com frequência.

Lembrar-me da forma como eu me enrolava no colo dela trouxe-me uma nova onda de tristeza. Por quanta morte e destruição deve uma moça passar em uma vida? Pisquei para conter as lágrimas, com raiva de mim mesma por não ser mais durona, enquanto a porta era aberta e fechada.

Nathaniel afundou na cadeira de espaldar alto na minha frente, inclinando-se para olhar nos meus olhos. Eu meio que esperava que ele me desse uma bronca por me aventurar a sair, sendo tão impulsiva quanto eu tinha a tendência de ser, mas, em vez disso, ele sorriu.

“Você é a pessoa mais valente que eu conheço, irmãzinha.”

Eu não consegui conter uma bufada. Eu estava uma confusão lacrimosa, fungando sem parar, o que, para mim, dificilmente seriam marcas de valentia. Thomas havia me abraçado por toda a viagem de volta para casa, de modo que eu não fosse me despedaçar. Eu havia canalizado a força dele e sentia uma falta terrível dela agora. Nathaniel balançou a cabeça em negativa, lendo com facilidade os meus pensamentos. Bem, particularmente, eu esperava que ele não estivesse lendo os meus pensamentos sobre Thomas com os braços em volta de mim.

“Metade dos homens no círculo de nosso pai não teria se atrevido a questionar homens que trabalham nas docas”, disse ele. “Para fazer isso que você fez, é necessária uma extraordinária coragem.” Ele baixou o olhar. “A única coisa por que lamento em sua saída de hoje é o horror de ver aquele homem com seu... eu realmente sinto muito que tivesse sido você a encontrá-lo.”

Estirei uma das mãos para fazer com que ele parasse de falar. Eu não queria mais pensar no fato de que eu havia encontrado o pobre sr. Dunlop. Ergui o queixo, contendo as lágrimas que estavam por cair.

“Obrigada.” Eu me levantei, colocando minha xícara de chá na mesa e abracei meu peito. Eu precisava sair daquela sala e desanuviar minha mente.

Esticando as mãos para baixo para segurar minhas saias, me dei conta de que ainda estava vestida com minha calça e o resto da roupa de montaria, manchadas de sangue. Talvez a notícia de minha descoberta terrível não fosse a única coisa que havia feito minha tia quase desmaiar.

A primeira coisa que eu precisava fazer era tirar essas roupas e colocar peças limpas. Até mesmo o mais forte soldado no exército da rainha não saía correndo por aí em calças arruinadas, eu garanti a mim mesma.

Nathaniel levantou-se de seu assento. “Aonde você está indo?”

Sorri. “Trocar de roupa. Depois vou visitar Thomas. Tenho coisas que preciso discutir com ele, e receio que não possam esperar até amanhã de manhã.”

Nathaniel abriu a boca, preparado para argumentar, mas parou. Eu tinha acabado de encontrar um homem mutilado em uma viela nas docas. Minha visita ao sr. Thomas Cresswell no fim da tarde era a menor das preocupações dele.

Ele olhou de relance para o relógio, depois voltou a olhar para mim. “Eu mesmo sairei em breve. Provavelmente não estarei em casa antes de você ter ido dormir. Por favor, por mim, tente chegar em casa antes que escureça. Nós dois já tivemos agitações suficientes para uma noite. Se eu levasse um outro susto como esse, poderia morrer na hora.”

Conforme nós entrávamos no corredor, eu realmente olhei para meu irmão. O estresse o subjugava. Pequenas linhas aprofundavam-se em torno de seus olhos; a exaustão estava cobrando dele um preço ainda mais alto do que duas noites atrás.

Eu me senti horrível ao adicionar mais essa ao prato cheio que lhe havia sido servido. Ele estava sempre ocupado estudando e, agora que nosso pai se fora, ele estava cuidando da casa e de mim, tudo isso enquanto algum assassino corria à solta por aí, massacrando mulheres. Eu não estava facilitando o trabalho dele saindo de fininho à noite e encontrando homens mortos à tarde.

Torci o anel de nossa mãe em volta de meu dedo para um lado e depois, para o outro.

“Como você se sentiria se eu pedisse que Thomas viesse até aqui por um tempinho em vez de ir até ele?” Eu sabia que a pergunta era audaz, visto que ele não estaria em casa para nos fazer companhia, mas imaginei que poderia aliviar a mente dele saber que eu não sairia de casa no fim das contas. Além do mais, minha tia Amelia e Liza estavam em casa, e não era como se eu fosse ficar totalmente sozinha com Thomas.

“Audrey Rose... Não estou certo em relação a isso.”

Ele ficou me encarando por dolorosos longos segundos, lutando com o que era socialmente apropriado e com o que poderia, inevitavelmente, fazer com que ele se sentisse melhor. Ele sacou seu pente predileto, passando-o pelos cabelos, depois colocou-o de volta no bolso de seu casaco antes de finalmente responder à minha pergunta.

“Muito bem. Telefonarei para ele antes de sair. Vocês não devem fechar nenhuma porta.” Inspirou fundo e olhou de relance pelo corredor abaixo. “Por favor, mantenham-se na sala de jantar e na sala de estar. Certifiquem-se de ficar a uma distância decente um do outro. A última coisa de que precisamos é que

rumores comecem a circular. Nosso pai estará em casa em menos de duas semanas e matará a ambos se sua reputação for maculada. Especialmente visto que ele está..."

Nathaniel fechou a boca rapidamente e virou-se. Ele não se safaria de ficar guardando segredos assim tão facilmente. Fui atrás dele e o agarrei pela manga de sua roupa, puxando-o para que se virasse.

“Especialmente visto que ele está o quê?”, perguntei, em um tom exigente. “O que você não está me contando, Nathaniel? Ele voltou a Londres? Ainda está doente?”

Parecia que meu irmão preferiria estar falando com o investigador da polícia novamente em vez de estar falando comigo, e uma sensação horrível assomou-se à minha garganta. Sacudi o braço dele, com a expressão suplicante. Ele soltou um suspiro. Nunca demorava para que ele cedesse à sua única irmã, e eu me senti levemente terrível por explorar essa fraqueza.

“Seu pai vem recebendo visitas tanto na cidade quanto no interior”, disse minha tia Amelia, que parecia estar surgindo do nada. Ela parecia uma versão feminina de meu pai e de meu tio: alta, loira e bela.

Nunca se imaginaria que ela estava com seus quarenta e poucos anos. Tia Amelia incorporava a verdadeira essência do que uma mulher supostamente deveria lutar para ser o tempo todo. Tudo nela, desde seus cabelos bem penteados até seus pés adornados pela seda, era imaculado e delicado.

Até mesmo a expressão desaprovadora e emaciada de sua face tinha um ar de realeza.

“Embora, depois da devassidão de hoje, e dos rumores que certamente virão em seguida, não sei ao certo se ele terá muito sucesso. Se eu não soubesse que não é esse o caso, eu presumiria que você estivesse tentando arruinar *todas* as suas chances.”

Fiquei encarando a minha tia, e depois, o meu irmão. “Você me disse que ele não tinha nem saído de Bath.”

“Um jovem rapaz vem escrevendo ao nosso pai há semanas. Pelas informações que reuni, a família dele tem muito boas conexões políticas.” Nathaniel endireitou seu terno. “A união de nossas famílias faria sentido. Nosso pai retornou a Londres para encontrar-se com ele, mas foi somente por um dia.”

Era como se o chão tivesse sido aberto em um gigantesco bocejo que me engolissem inteira. Eu não conseguia parar de pensar em nosso pai se encontrando secretamente com maridos em potencial para mim enquanto ele deveria estar se recuperando.

“Mas eu nem mesmo debutei ainda!”, falei. “Eu tenho um ano inteiro antes de me preocupar com bailes e com festas. Como eu devo lidar com isso além de trabalhar para meu tio, e com os assassinatos que estão ocorrendo em Whitechapel? Não tem como eu sequer pensar na ideia de alguém me cortejando.”

Exceto por, possivelmente, um menino que tem a malícia na alma. Então um pensamento me atingiu... até onde eu sabia, a família de Thomas era bem conectada em termos políticos. E nós vínhamos interagindo havia semanas. Será que então os flertes dele podiam ser reais?

Tia Amelia fez o sinal da cruz. “Será um milagre se eles permanecerem interessados nessa união agora. Você tem de cuidar de alguns assuntos sérios. Estou organizando um chá para amanhã à tarde. Será extremamente bom para você interagir com moças de sua idade e que têm interesse em coisas decentes. Não haverá mais nenhum jogo infantil nem discussões de assassinatos. Certamente, nada de ‘trabalhar para seu tio e sua ciência não natural. Se seu pai ficar sabendo de uma coisa dessas, ele terá uma recidiva. Eu fui perfeitamente clara?”

Fiquei com o olhar fixo em meu irmão, pedindo-lhe ajuda, mas ele estava preocupado. “Mas...”

Nathaniel deu uma olhada no relógio do corredor e depois voltou para mim um olhar empático. “Tente não ficar pensando demais nisso agora. Tenho certeza de que tudo correrá bem. Eu tenho mesmo de sair. Eu deveria ter me encontrado com o advogado-chefe uma hora atrás.”

Sem esperar pela minha resposta, inclinou o chapéu para mim e para nossa tia Amelia, desceu rapidamente o corredor e saiu pela porta da frente, deixando-me sozinha para lidar com os resultados da granada que ele havia acabado de jogar em cima de mim.

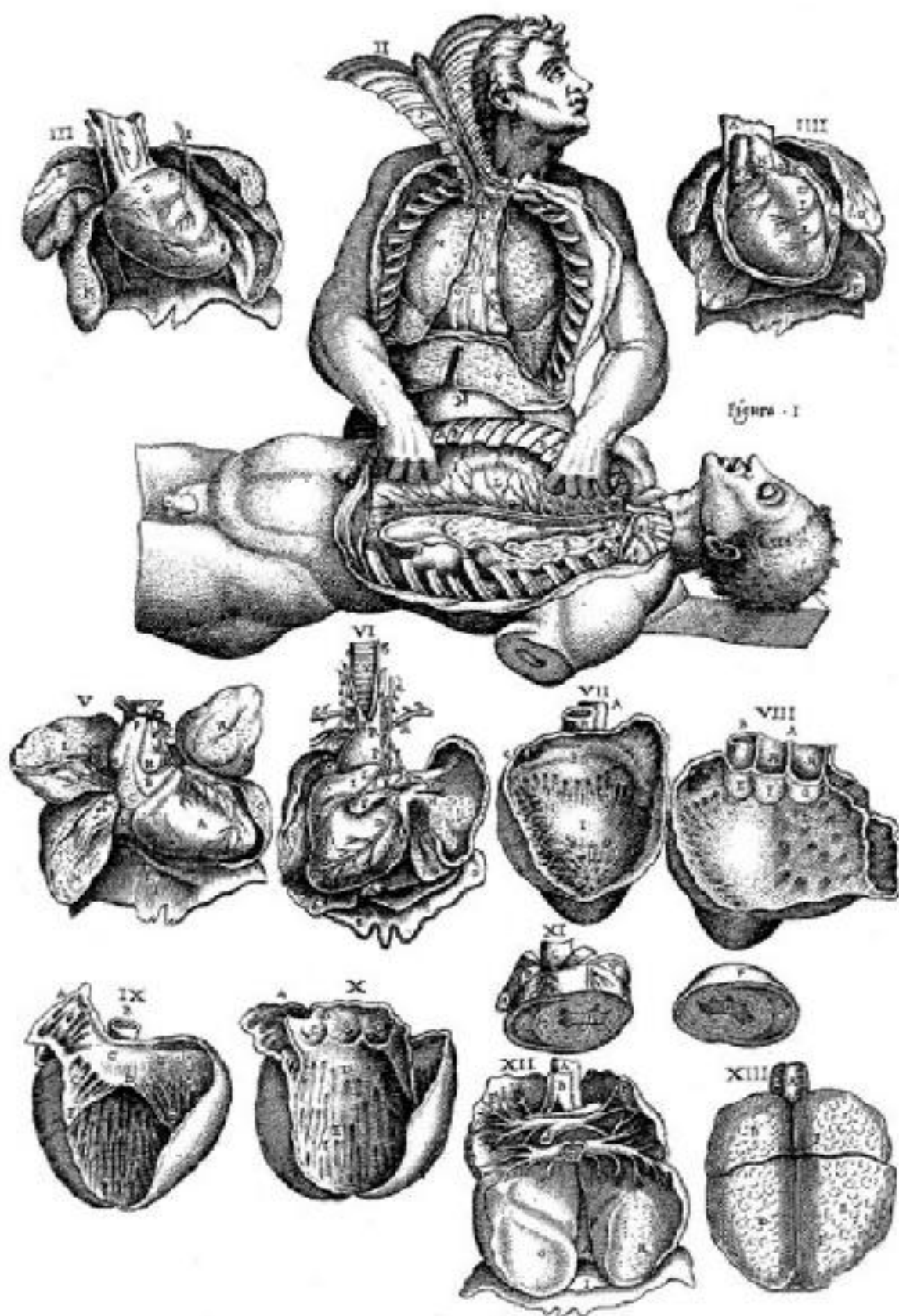
Por que meu pai estava com um interesse repentino em me casar, e quem era o homem misterioso que estava escrevendo a ele sobre mim? Se não era Thomas, então, quem seria ele? Uma sensação incontrolável deslizava como cobras por minhas entranhas. Eu não estava gostando nem um pouco dessa virada nos eventos e eu haveria de fazer de tudo para adiar quaisquer cortejos que fossem. Fechei as mãos em punhos.

“Casamentos arranjados saíram de moda”, declarei, na esperança de apelar para a vaidade de minha tia. “As pessoas certamente fariam fofocas a respeito disso.”

“Primeiramente, vamos cuidar do mais importante”, disse-me tia Amelia, batendo palmas e me ignorando por completo. “Está na hora de nos livrarmos destas roupas repulsivamente cheias de sangue. Depois nós vamos cuidar de seus cabelos.” Ela torceu o nariz, como se estivesse observando um roedor remexendo

no lixo. Eu me encolhi. Meus cabelos tinham sido a última coisa em que eu tinha pensado depois de encontrar um homem morto.

“Honestamente, Audrey Rose, você é bonita demais e está velha demais para ficar correndo por aí como se fosse um moleque”, disse ela. “Traga sua linha e agulha para baixo depois do banho; está mais do que na hora de trabalharmos em seu enxoval.”



# JACK O ESTRIPADOR

## RASTRO de SANGUE

### 12. LAÇOS DE FAMÍLIA

*Residência dos Wadsworth, praça Belgrave*

*13 de setembro de 1888*



Quase duas horas e vários sons delicados de aprovação depois e tia Amelia foi dormir, satisfeita por ter me feito controlar todas as minhas inadequações, um ponto de cada vez.

Não parecia incomodá-la que eu tivesse encontrado um homem assassinado, contanto que eu houvesse criado belas violetas e vinhas espiraladas para compensar a quebra de tabus sociais.

Ela também insistiu em fazer com que minha nova criada adicionasse um pouco mais de “cuidados de beleza” à minha rotina pós-banho. Quando argumentei que isso era desnecessário, que eu era capaz de me sair bem sozinha, ela fez o sinal da cruz e encheu novamente seu vinho, instruindo a criada a fazer isso todos os dias dali em diante.

Resisti ao impulso de tirar o excesso de kajaal de meus olhos, especialmente quando Thomas ficava olhando várias vezes de relance na minha direção. Eu gostava de aplicar maquiagem em meu rosto como qualquer outra moça da minha idade, só que eu usava uma maquiagem mais leve.

“A polícia disse que uma engrenagem foi usada para talhar e abrir o pescoço dele.” Thomas estava inquieto em seu assento em nossa sala de visitas. Eu me recusei a permitir que ele fumasse dentro da casa, e ele estava mais agitado do que de costume, enquanto me atualizava sobre a investigação. Ele me passou um dos diários médicos de meu tio, seus dedos se demorando um pouco perto dos meus antes que ele mexesse, de maneira agitada, em seu próprio caderno.

“Como diabos alguém conseguiu causar tanto dano com uma simples engrenagem?”, perguntei, movendo-me em minha cadeira, sentindo desconforto.



Era estranho estar com Thomas em minha casa sem supervisão, mesmo que tivéssemos passado um tempo vagando pelas ruas de Londres e Reading sozinhos, e minha tia e minha prima estavam apenas a uns poucos andares acima de nós.

Imaginei que, uma vez que começássemos a discutir o assassinato, as coisas fossem ficar menos esquisitas, mas isso também estava se provando ser mentira.

“Transformar algo do gênero em uma arma não é difícil.” Ele ergueu sua xícara de chá, mas não bebeu um gole antes de colocá-la de lado mais uma vez, com seu olhar prendendo-se ao meu. “É feita de metal e tem pontas afiadas. Qualquer homem ensandecido ou bêbado consegue matar alguém com isso. Eu mesmo já afiei algumas.”

Eu não tinha energia mental para lhe perguntar *por que* ele tinha a experiência ou necessidade de afiar engrenagens. Deixei isso passar, mantive o foco no caso, tamborilando os dedos no diário. “Havia engrenagens nos dois primeiros assassinatos. É um pouco de coincidência demais para que não esteja relacionado à nossa própria investigação. Você não concorda?”

“Cara Wadsworth. Sua associação comigo está ficando cada vez mais benéfica. Sua inteligência é um tanto quanto... atraente”, disse Thomas, erguendo as sobrancelhas de forma sugestiva e absorvendo a imagem dos meus cabelos recém-trançados. “Vamos tomar um pouco de vinho e dançar de forma inapropriada. Você já está vestida a caráter... vamos tirar proveito disso.” Ele ofereceu-me a mão, com a palma voltada para cima, com um largo sorriso travesso no rosto.

“Thomas, por favor.” Dei um tapinha na mão dele para dispensá-la, ficando furiosamente ruborizada. Dançar com Thomas sozinha, sem alguém nos acompanhando, seria escandaloso e tentador demais. Além disso, não resolveria este mistério mais rápido, raciocinei. “Tia Amelia morreria na hora se entrasse aqui e se deparasse com algo assim tão... impróprio.”

“Hummm. A morte súbita dela seria uma desculpa para que você não fizesse mais aulas de bordado, não seria? Talvez devêssemos pular a dança e nos abraçarmos apaixonadamente em vez disso.”

“Thomas”, falei, em um tom de reprimenda. Eu dizia a mim mesma que, quanto mais cedo descobríssemos quem era o assassino, mais cedo eu me livraria de Thomas Cresswell e de seus modos perturbadores. Nós estaríamos nos beijando em velas antes que eu percebesse. Então minha reputação realmente estaria na sarjeta. Eu não apreciava a pontada de decepção que sentia de pensar em não passar tanto tempo com ele.

“Muito bem, então.” Thomas inclinou-se para trás, soltando um suspiro. “Eu acredito que havia alguém nos espionando no estaleiro. Devem ter ouvido quando

falamos do sr. Dunlop. Esta é a única conclusão lógica que se enquadra no caso. Se conseguirmos identificá-lo, estou certo de que teremos encontrado nosso assassino.”

“E, se eu tivesse uma coroa, eu seria uma rainha”, falei, incapaz de me controlar. “Honestamente, Thomas, que declaração ridícula. Se, se, se. Nós precisamos de alguma coisa um pouco mais concreta do que um simples se, caso queiramos fazer parar um assassino insano.”

Thomas não perdeu a ironia da minha última declaração. Um sorriso brando insinuou-se em seus lábios enquanto ele se inclinava para a frente, com nossos rostos perigosamente perto um do outro. “Se eu comprasse uma coroa, você sairia correndo em volta do Palácio de Buckingham só vestindo suas roupas de baixo, exigindo que os guardas a deixassem passar?”

“Me leve a sério”, falei a ele, em tom admoestador, mas não sem rir com o absurdo da cena. “Você consegue visualizar tal coisa? Eu seria atirada na Torre e eles jogariam a chave no Tâmis, por precaução. Já vai tarde, de fato.”

“Nada tema! Eu encontraria uma maneira de livrá-la de sua prisão na torre, bela dama.”

Balancei a cabeça. “Que maravilha! Você acabaria indo parar na cela ao lado da minha, condenando a ambos.”

Thomas riu entusiasmado por alguns instantes, com o olhar contemplativo voltando-se para os meus lábios e fixando-se ali. Engoli em seco, repentinamente me lembrando de que estávamos sozinhos, e eu não conseguia encontrar um bom motivo que fosse pelo qual eu *não deveria* beijá-lo. Eu já estava encrocada aos olhos da sociedade. Poderia muito bem abraçar o meu papel e me aventurar um pouco no processo. Minha prima Liza exigiria saber de todos os detalhes... um pouco de fofoca seria divertido.

Verificando minha reação, ele lentamente fechou a distância entre nós, minha pulsação acelerando-se enquanto a expressão dele mudava, assumindo um ar de doce vulnerabilidade. *Sim*, pensei. Isso era certo. Eu não conseguia pensar em um primeiro beijo mais perfeito.

Um som ruidoso vindo da cozinha lá embaixo quebrou o encanto. Ele rapidamente sentou-se mais ereto, folheando seu caderno com um intenso interesse; a temperatura na sala ficando pelo menos uns cinco graus mais fria. Pisquei na velocidade com que ele se fechou. Eu me senti inclinada a acender uma fogueira ali dentro, não que isso fosse ajudar no comportamento frio dele.

Endireitando os ombros, reordenei meus pensamentos. Tudo bem. Eu poderia ser tão instável quanto Thomas, se ele quisesse que nossa associação assim fosse. Nós

não precisávamos rir nem ser amigos. Na verdade, eu nunca deveria ter sido cálida com ele, para começo de conversa. Eu não conseguia acreditar o quão perto estive de beijá-lo. Besta deplorável que ele era!

Embora, se eu fosse ser realmente honesta comigo mesma, eu admitiria que era bom ter uma familiaridade tão anormal aos olhos da sociedade como a que eu tinha com ele. Meu pai não havia permitido a presença de amigos em nossa casa quando eu era mais nova, com as possíveis contaminações de gripes e varíola, então eu nunca tive uma melhor amiga e não senti o prazer de tais afinidades.

Até mesmo com todos os esforços de meu pai, a doença ainda havia encontrado seu caminho e entrado em nosso lar.

Ele não havia se dado conta do quanto isso dificultaria as coisas uma vez que eu tivesse idade o suficiente para aceitar meus próprios convites para chá. Agora eu precisava que minha tia e minha prima entrassem em cena e fizessem amizades por mim. No entanto, eu não conseguia ficar com raiva de meu pai. Ele fez o melhor que podia, mesmo quando seu melhor era prejudicial a mim.

“Ficarei com isso.” Apanhei um outro diário do lado de Thomas da mesa. Parecia que ele havia apanhado quase todos os diários de meu tio antes de chegar aqui e estava amontoando-os junto de suas boas maneiras.

Ele não se incomodou em erguer a cabeça de seu próprio trabalho. Além de todo o... Contraí o maxilar, reli as mesmas frases, forçando meu cérebro a encontrar uma conexão entre as vítimas. Duas prostitutas, a srta. Smith e um cocheiro que se tornara marinheiro. Eu me dei conta, alarmada, de que a maioria deles tinha uma conexão com meu pai. A única pessoa que não podia ser ligada a ele era a srta. Annie Chapman, e ela havia sido assassinada da forma mais brutal.

Tudo apontava para o fato de que a srta. Chapman não conhecia seu assassino, mas os outros provavelmente o conheciam. Engoli em seco, sabendo que precisávamos fazer alguma coisa imediatamente.

“Com licença.” Eu me levantei, reunindo minhas saias como se fossem testemunhas silenciosas, e dirigi-me porta afora sem esperar que Thomas se levantasse. Se ele queria me tratar de uma forma tão fria, então eu haveria de mostrar a ele a mesma falta de respeito. Eu não precisava da sanção de homem nenhum. Eu tinha de agradecer ao meu pai por isso, cuja ausência na maioria das coisas do dia a dia havia me preparado bem o bastante para que eu me virasse sozinha.

Descendo rapidamente o corredor, parei um pouco, ouvindo os sons de vozes que surgiam das passagens de ar no chão. Assim que cheguei ao estúdio de meu pai, ouvi o barulho de alguém batendo à porta da frente da casa. Porcaria. Voltei de

fininho pelo corredor e entrei sorrateiramente na sala de visitas bem iluminada enquanto o primeiro criado saudava o visitante.

A última coisa de que eu precisava era ser pega remexendo nas coisas de meu pai, porém, de repente, me lembrando de uma coisa que Thornley havia mencionado, isso fez com que a minha mente girasse com novas perguntas.

Thomas continuava examinando suas anotações. Prestei pouca atenção nele, esforçando-me para tentar ouvir quem estava nos visitando a esta hora. Passadas aproximaram-se, e eu fingi me perder na leitura. O primeiro criado entrou na sala, esperando que eu reconhecesse sua presença ali. Ergui o olhar, com os olhos inocentes e arregalados. “Sim, Caine?”

“Temos um tal de sr. Alberts aqui que deseja falar com a senhorita, srta. Audrey Rose. Disse que trabalha para seu tio e traz uma mensagem urgente. Ele pede desculpas pelo horário. Devo mandá-lo ir embora?”

Balancei a cabeça em negativa. “Não é comum meu tio enviar alguém até aqui a menos que seja importante.”

Especialmente se meu pai interceptasse qualquer correspondência que ele quisesse manter privada. Alguma coisa deveria ter acontecido. Talvez ele tivesse encontrado uma ligação para os crimes e não pudesse esperar pela manhã, ou talvez ele já houvesse descoberto a identidade de nosso assassino.

A expectativa corria pelo meu âmago, apagando todo o resto de meus pensamentos. “Mande-o entrar imediatamente, por favor.”

O criado desapareceu de vista, aparecendo de novo com o empregado de meu tio. O homem segurava com força um surrado chapéu-coco, torcendo a beirada nervosamente e dando voltas com ele, parecendo que havia acabado de se deparar com algo horrível.

Meu coração transformou-se em uma bola de chumbo, batendo com um som oco e embotado em meu peito. Talvez ele simplesmente estivesse com medo de encontrar meu pai. Tio Jonathan com certeza ladrara alto o bastante no decorrer dos últimos anos sobre seu irmão cruel, o miserável lorde Edmund Wadsworth, que escondia suas trevas por trás de seu título pomposo. Eu esperava que aquela fosse a causa de sua ansiedade.

“O senhor tem uma mensagem de meu tio?”

Ele assentiu, olhando de relance para Thomas enquanto isso. “Sim. srta. Wadsworth. É... trata-se de uma coisa terrível, eu receio.” O empregado de meu tio torcia seu chapéu até que me convenci de que o rasgaria ao meio.

“Pode falar abertamente, sr. Alberts”, eu disse. “Que novidade o senhor tem de meu tio?”

Ele engoliu em seco, e seu pomo-de-adão era como uma boia flutuando em sua garganta. “Ele foi preso, senhorita. A Scotland Yard levou-o em uma Black Maria<sup>{1}</sup> e tudo o mais. Foi-nos dito que ele é o responsável pelas mortes em Whitechapel. Disseram que ele ficou maluco.” Ele fez uma pausa, enrijecendo-se para contar o restante das notícias. “Uma testemunha veio identificá-lo e disse que o viu à espreita em relação ao assassinato. O superintendente disse que estão levando em conta todo mundo suspeito por causa do... por conta do quão horivelmente elas... as moças... foram cortadas.”

As anotações que Thomas vinha rabiscando deslizaram por entre seus dedos, as páginas esvoaçando pelo chão como cinzas depois de uma fogueira se apagar. “Que tipo de absurdo é esse?”

Alberts balançou a cabeça, baixando o olhar para o chão, com um tremor percorrendo todo seu corpo. “Eles estão revirando o laboratório dele agora mesmo. Procurando por mais evidências para mantê-lo trancafiado. Dizem que é só uma questão de tempo até que ele seja considerado culpado e para que seja executado. Estão dizendo que ele é... que ele é o Avental-de-Couro.”

“Caine, por favor, pegue o meu casaco.” Minha atenção voltou-se para Thomas, que, pego desprevenido, estava boquiaberto e piscando para se livrar da descrença. Nós precisávamos ir até o laboratório de meu tio agora, antes que eles destruíssem sua vida e toda sua pesquisa. “Alberts, obrigada por nos informar disso...”

“Que se dane a polidez, Wadsworth!”, berrou Thomas, rapidamente se movendo pela sala e entrando no corredor. “Vamos nos apressar enquanto ainda temos um laboratório a salvar. Você...”, ele apontou para o segundo criado que estava no corredor, “prepare a carruagem como se sua própria alma dependesse de sua velocidade.”

Ele apanhou meu sobretudo com Caine, oferecendo-se para colocá-lo em torno de meus ombros, mas eu o arranquei de suas mãos. Como o segundo criado nem sequer tinha se mexido, assenti para ele. “Por favor, faça o que o sr. Cresswell tão rudemente ordenou.”

Thomas soltou uma bufada enquanto o criado saía rapidamente para fazer o que eu havia pedido. “Ah, sim, eu sou o vilão. Seu tio está preso, suas descobertas científicas muito provavelmente estão sendo destruídas por bárbaros, e, ainda assim, eu sou o rude aqui. Isso faz um perfeito sentido.”

“Você é rude de um jeito enervante. Ser grosseiro e estourar com as pessoas não fará com que o trabalho seja realizado mais rápido, sabe?” Vesti meu casaco e abotoei-o com dedos destros. “Nós não estaríamos aqui esperando pela carruagem se você tivesse pedido gentilmente a eles para irem buscá-la.”

“Mais alguma palavra de sabedoria que eu deveria levar em consideração, minha pombinha?”, perguntou-me ele, sem emoção na voz.

“Para falar a verdade, sim. Não o mataria se fosse mais gentil com as pessoas. Vai saber?”, eu disse, jogando as mãos no ar. “Talvez você finalmente encontrasse alguém que o consiga tolerar. E, de qualquer forma, o quão tortuoso é o fato de que sua primeira preocupação seja com o laboratório e não com a vida de meu tio? Suas prioridades estão completamente distorcidas.”

“Talvez eu não queira nenhum amigo”, disse ele, indo em direção à porta da frente. “Pode ser que eu esteja contente falando do jeito que eu falo e me importando apenas com a opinião que você tem de mim. Minha primeira preocupação *não é o* laboratório de seu tio. É com o motivo deles para o prenderem.” Thomas esfregou a testa. “Até agora, eles prenderam outros quatro homens de que consigo me lembrar. Pela ofensa de beberem demais e sacarem uma faca. Minha preocupação é se eles o levaram para uma casa de correção ou um hospício.”

“Nenhum dos dois é agradável.”

“É verdade”, disse Thomas, “mas é menos provável que lhe sirvam uma dose de ‘tônico’ em uma casa de correção.”

Nos instantes seguintes, nossa elegante carruagem parou na frente da minha casa, com seu único cavalo preto parecendo perigoso. A fera soltou uma bufada, enviando baforadas de vapor para a noite que já estava nebulosa. Eu subi na carruagem, não me dando ao trabalho de esperar que Thomas ou o criado me ajudassem.

Precisávamos nos apressar. Não tínhamos como saber o quanto de dano a polícia realmente estava causando ao precioso trabalho de meu tio. E se o que Thomas havia dito em relação ao hospício fosse verdade... eu não conseguiria terminar o pensamento.

Thomas subiu no pequeno compartimento, com a atenção grudada na estrada à nossa frente, os músculos em seu maxilar, tensos. Eu não tinha como saber se ele estava preocupado com meu tio ou chateado porque eu o havia insultado. Talvez fosse um pouco de ambos.

O cocheiro estalou o chicote, e nós saímos voando pelas ruas a um ritmo gloriosamente rápido. Nós passávamos à frente e em volta de carruagens guiadas por cavalos maiores, movendo-nos de forma tão ágil quanto uma pantera pelo emaranhado urbano das ruas de Londres. No que pareciam meros minutos, estávamos estacionando na casa de meu tio em Highgate.

Saltei de minha cabine, com minhas saias adicionando volume e peso aos meus passos, que já estavam pesados. A polícia entrava e saía da casa de meu tio, removendo dali caixas de papelada. Fui correndo até um jovem rapaz que parecia estar no comando.

“O que significa isso?”, exige saber, na esperança de que pudesse fazer com que eles parassem com aquilo por vergonha. Mesmo que fosse apenas por um tempinho. “Vocês não têm nenhum respeito por um homem que ajudou a encontrar criminosos na maior parte de sua vida? O que vocês poderiam querer com meu tio?”

O oficial pelo menos teve a gentileza de ficar ruborizado, mas se manteve em posição, com seu tórax impressionante, e ainda um pouco mais quando Thomas veio subindo os degraus, com um oscilar arrogante em seus passos. O oficial de polícia voltou sua atenção novamente para mim, com seus olhos claros mostrando uma ponta de remorso. Porém, nenhuma lágrima salgada escorria daqueles azuis oceânicos.

“Eu realmente sinto muito, srta. Wadsworth”, disse ele. “Se coubesse só a mim tomar essa decisão, eu mandaria todo mundo seguir seus caminhos. Acredite em mim quando digo que não tenho nada contra seu tio.”

Ele abriu um sorriso tímido, algo que era estranhamente atípico para um homem que tinha um físico em forma o bastante para deter a confiança de um olimpiano. “Na verdade, eu sempre admirei o tipo de trabalho que ele realizou. Mas as ordens vieram de cima, e eu não posso ignorá-las, mesmo que eu quisesse.”

Para alguém que falava tão bem, era difícil imaginá-lo escolhendo a vida de um simples policial. Estreitei os olhos, notando as condecorações extras em seu uniforme; um oficial de alto escalão. Então não era nenhum simples policial, ele era da nobreza para ter uma posição tão respeitada assim sendo tão jovem.

Voltei meu olhar para sua face. Os belos ossos e os aguçados ângulos de suas bochechas e seu queixo quadrado tornavam-no um tanto quanto bonito. Muito certamente ele era de nascimento nobre. Em termos faciais, ele parecia uma versão mais jovem e mais bonita do príncipe Albert Victor, *sem* o bigode.

“Qual você disse que era seu nome mesmo?”, perguntei.

Thomas revirou os olhos. “Ele não disse, Wadsworth. Mas você já sabia disso. Continue com seu flerte para que possamos seguir e cuidar de nosso verdadeiro propósito aqui.”

Olhei com ódio para Thomas, mas o jovem rapaz não ligou para o que ele disse. “Peço desculpas pela minha descortesia, senhorita. Sou o superintendente William

Blackburn. Sou responsável pelos quatrocentos e oitenta policiais aqui de Highgate.”

Seu nome me soava vagamente familiar, mas eu não conseguia localizar onde foi que o tinha ouvido. Talvez eu tivesse lido o nome dele em algum jornal em conexão com nossos assassinatos.

Thomas interrompeu meus pensamentos enturvados. “Parece-me que você empregou cada um deles para destruir este lar”, murmurou ele, empurrando para o lado um oficial antes de entrar, marchando, para avaliar a situação por si.

Eu queria estrangulá-lo por ser tão rude. O superintendente Blackburn poderia nos prover respostas que, de outra forma, seriam confidenciais. Apesar de toda sua inteligência superior, Thomas podia ser totalmente obtuso no que dizia respeito a lidar com pessoas. Se eu tivesse de fazer amizade com o diabo de modo a ajudar meu tio, assim seria.

Quando vi, eu estava me desculpando. “Ele está um pouco eufórico, por favor, queira perdoar seu comportamento descortês. Ele pode ser um tanto quanto...” Deixei minha fala morrer.

Thomas Cresswell não era charmoso com ninguém que não fosse eu, de vez em quando, e não havia cortesia em nenhum dia. Minha mãe havia me instruído a não dizer nenhuma palavra quando uma palavra bondosa não pudesse ser encontrada, então isso foi precisamente o que eu fiz.

O superintendente Blackburn desferiu para mim um sorriso largo e tímido, e ofereceu-me seu braço. Fiquei hesitante por apenas um instante antes de entrelaçar meu braço no dele. *Seja agradável, Audrey Rose*, lembrei a mim mesma.

“Acompanharei a senhorita até lá dentro e farei o meu melhor para explicar o motivo por trás da prisão de seu tio.” Ele fez uma pausa e olhou ao seu redor antes de se inclinar para perto de mim, com um cheiro quase familiar em sua pele. “Receio que as coisas não estejam muito boas para ele, senhorita.”





**I**n 1875 and 1876, it prevailed to an alarming extent in Missouri, Illinois, and the adjacent hog-producing States, sweeping over whole herds in its progress. In Missouri, the State Board of Agri

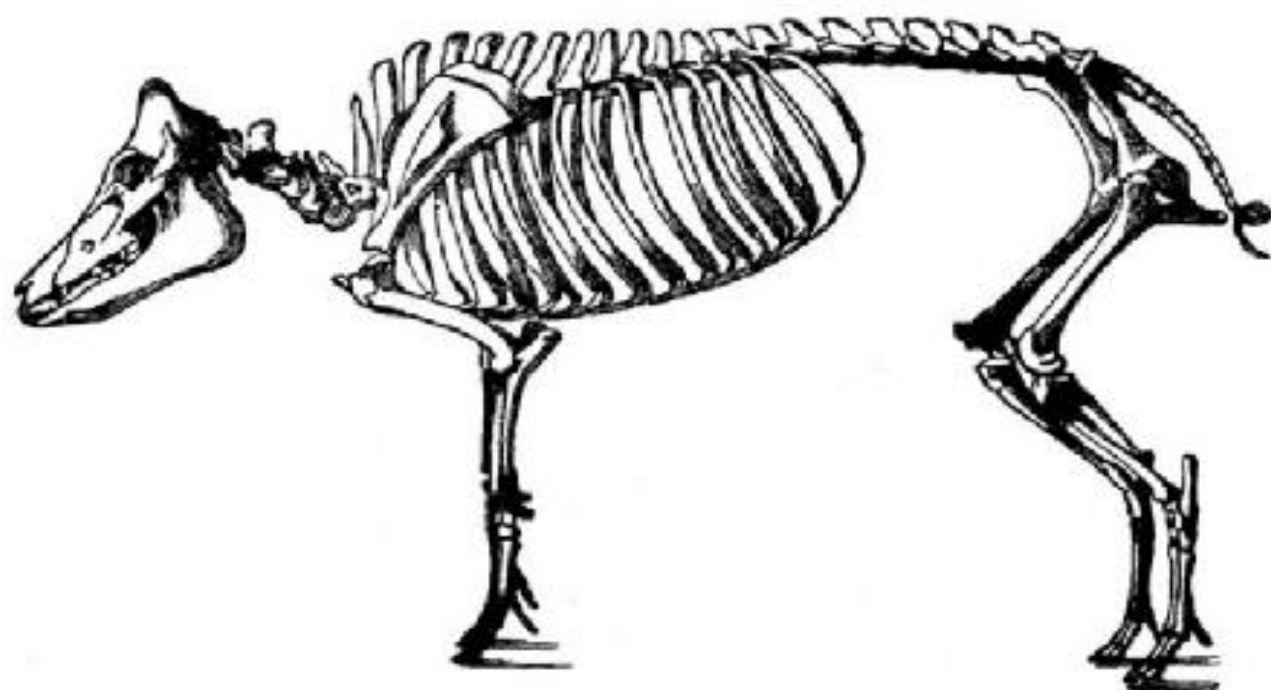
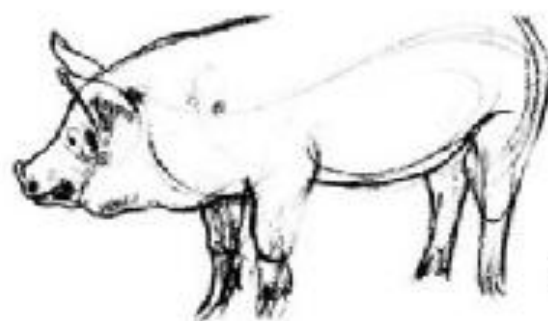


FIG. 1268.—Skeleton of the Hog.

culture assigned to Dr. Detmers the task of investigating the disease in order to determine its specific nature and causes. His investigations were made on living animals in the various forms and stages of the disease, as well as on dead animals. Post-mortem

**01.**



**02.**



# JACK O ESTRIPADOR

RASTRO de SANGUE

## 13. DIAGRAMAS E PORCAS ENSANGUENTADAS

*Laboratório do dr. Jonathan Wadsworth, Highgate*

*13 de setembro de 1888*



Entrar no laboratório no porão de meu tio onde pessoas não convidadas estavam remexendo tudo como se fossem abutres era um pesadelo em si, que estirava os ligamentos entre os meus ossos.

Os livros de meu tio, suas anotações, seus diários, tudo isso, dolorosamente, não estava lá. Eu sentia como se uma de minhas costelas tivesse sido serrada e tirada de mim, deixando-me, ao mesmo tempo, tanto arfante, tentando respirar, quanto sentindo como se uma parte de mim mesma estivesse faltando. Soltando o braço de Blackburn, lentamente me virei no meu lugar, meus olhos eram dois orbes descrentes na minha cabeça. Se isso fosse um sonho, eu esperava acordar de sua temeridade em breve. Contudo, eu tinha uma sensação terrível de que este era apenas o começo de uma série de horrendos pesadelos.

Os jarros de espécimes eram os únicos itens que permaneciam intocados; os olhos embotados e preservados observando o caos com um julgamento silencioso. Como eu gostaria de poder ser como aqueles mortos, sem sentir nada agora. Qualquer coisa seria melhor do que a realidade com a qual eu me deparava.

Meu refúgio em todos esses meses foi destruído em poucas horas pelas mãos de homens que não ligavam nem um pouco para este tipo de trabalho.

“... junto com seu histórico de dissecação e conhecimento médico, isso depõe contra ele”, estava dizendo o superintendente Blackburn, mas eu não conseguia me concentrar em suas palavras.

Graças aos céus que tio Jonathan não estava ali; seu coração teria se partido ao meio.

Fiquei observando, impotente, enquanto um oficial lutava para tirar da estante um tomo grande e dourado que meu tio estivera acariciando poucos dias antes, colocando-o em uma caixa como se fosse um animal doente de raiva pronto para atacá-lo. Ah, se ao menos fosse isso...

Ele removeu uma pequena caixa que meu tio mantinha em sua escrivaninha, cuja tampa deslizou para fora.

Porcas e parafusos caíram ruidosamente no chão, fazendo com que a investigação fosse interrompida. O oficial curvou-se para pegar os itens e sua expressão era de choque e repulsa enquanto ele se erguia, segurando-os para que o superintendente os visse.

As porcas estavam cobertas de um carmesim enferrujado que só poderia ser uma coisa. Meu próprio sangue parou de circular em minhas veias enquanto meus olhos encontraram-se com o olhar alarmado de Thomas, do outro lado da sala. “Eu preciso falar com meu tio. Eu preciso... eu posso explicar.... Eu só...”

Alguém colocou uma cadeira ao meu lado e eu caí nela imediatamente; era como se o oxigênio houvesse sido sugado do laboratório com um novo dispositivo a vapor que eu tinha visto em propagandas pela cidade de Londres. O que meu tio estava *pensando* ao roubar evidências? Aquelas porcas eram das cenas dos assassinatos e pertenciam à Scotland Yard.

Sem pensar, meu tio havia se colocado como suspeito principal, e eu não fazia a mínima ideia de como ajudá-lo, nem de como encontrar alguém que pudesse fazê-lo.

Meu pai, embora tivesse as conexões certas, preferiria ver o irmão enforcado do que ajudá-lo de qualquer forma que fosse. Nathaniel, embora fosse querer ajudar, mesmo que apenas por minha causa, muito provavelmente não faria nada que deixasse nosso pai furioso ou causasse um escândalo ainda maior do que o que já estava para cair sobre o nome dos Wadsworth. Especialmente algo desta magnitude, que certamente chegaria aos jornais assim que os repórteres farejassem a notícia.

Sem sombra de dúvida, minha tia Amelia daria festas opulentas e iria a missas diariamente, na esperança de distrair as pessoas de sua ligação com seu irmão desgraçado.

Então tinha a vovó.

Ela não tinha nenhuma ligação com o lado de meu pai da família, portanto, não se sentiria obrigada a envolver-se nisso. Não por malícia, mas sim movida por uma forte falta de afeto pelos homens da família Wadsworth de modo geral. Vovó culpava abertamente meu pai pela doença de mamãe e deixara muito claro que “se

um Wadsworth estivesse em uma multidão, prestes a pagar pelos crimes deles, eu estaria no meio e na frente, observando e vibrando” antes de entregar sua receita indiana caseira favorita para toda a audiência.

Todas as vezes em que trocávamos correspondências, ela procurava desculpas para que minhas malas fossem feitas e minha passagem paga para visitá-la em Nova York. Isso seria perfeito.

Mas de jeito nenhum eu deixaria Londres agora.

“Esquadrinhem o laboratório, se tiverem que fazer isso”, disse Blackburn a um oficial. “Apenas o façam com cuidado.”

Isso me tirou de meus devaneios. Olhei com ódio para o superintendente, apenas em parte ciente de que Thomas estava surtando por causa de um diário em particular: o dele.

“Você deve estar louco! Eu não vou entregar o que me pertence!”

O superintendente Blackburn ajoelhou-se na minha frente, e sua expressão já não estava leve. Fiquei fitando as mechas claríssimas de seus cabelos. Ao contrário do corte cuidadoso de meu irmão, os cabelos dele eram selvagens demais para que fossem domados, curvando-se em torno de sua têmpora como serpentes. Muito adequado para tal monstro de sangue-frio.

“Eu sei que é muito para ser absorvido de uma vez, srta. Wadsworth, mas eu receio que não seja só isso.” Ele fez um movimento para que o oficial que estava lutando para pegar o diário de Thomas desistisse de fazê-lo, visto que Thomas o havia trazido para dentro da casa conosco, e não fazia parte da investigação deles. “Nós temos testemunhas que se pronunciaram e disseram que alguém que se encaixa na descrição de seu tio estava na cena do crime dos dois últimos assassinatos.”

Minha atenção finalmente foi puxada com um solavanco de volta para a realidade. Fiquei encarando o superintendente Blackburn como se o louco fosse ele.

“Oh, é mesmo? Exatamente quantos homens em Londres enquadram-se na descrição de meu tio?”, perguntei a ele. “Posso contar pelo menos dez deles, de cabeça, sendo um deles o neto da rainha, o próprio príncipe Albert Victor Edward. O quê? Agora vocês vão me dizer que o duque de Clarence e Avondale está envolvido nestes assassinatos? Tenho certeza de que a rainha adoraria uma coisa dessas. Para falar a verdade”, olhei para ele, apertando os olhos, “parece-me que o senhor poderia ser o próprio irmão do duque. Será que o *senhor* poderia estar envolvido nisso?”

O superintendente Blackburn encolheu-se com minha crítica inapropriada de sua investigação, envolvendo o segundo na fila do trono e ele mesmo. Inspirei fundo, tentando me acalmar. Eu não seria útil para ninguém se também fosse levada em um Black Maria, sob suspeita de ser traidora da Coroa.

Estabilizei minha voz. “Certamente que este não é o motivo mais legítimo pelo qual vocês o prenderam. O senhor me parece um jovem inteligente demais para prender alguém por causa de rumores, superintendente.”

Blackburn balançou a cabeça em negativa. “Eu realmente peço desculpas por lhe transmitir as notícias desagradáveis, senhorita. Sinto muito mesmo.” Ele mexeu os pés, tentando manter seu equilíbrio enquanto ainda estava agachado no chão diante de mim. “Nós também encontramos alguns diagramas e desenhos de uns mecanismos cuja melhor descrição seria...”, ele fez uma pausa, e as pontas de suas orelhas ficaram levemente cor-de-rosa. Dei sinal para que ele continuasse falando. “Perdoe-me, eu não queria passar dos limites, mas parecem ser instrumentos de tortura. Algumas ideias encaixam-se nas partes mecânicas que a Scotland Yard encontrou nas cenas dos assassinatos. Eles acreditam que alguém que tenha um conhecimento íntimo do crime seria capaz de construir tais... atrocidades. Como eu disse antes, seu tio tem esse conhecimento. Agora nós encontramos desenhos de dispositivos similares no laboratório dele.”

Ele assentiu na direção do oficial que havia acabado de encontrar as porcas escondidas. “E então eis a questão dessas peças. A senhorita é uma moça inteligente. Tenho certeza de que pode deduzir o que é aquela substância escura sem que eu tenha que dizer com todas as letras do que se trata. Eu realmente quero acreditar que seu tio seja inocente, mas temos todas essas coisas que dizem o contrário. Eu não posso ignorar o que tenho diante de mim, mesmo que eu quisesse. O público quer que isso tenha um fim.”

“Ouvi dizer que há pelo menos quatro homens em custódia por esses crimes”, falei, na esperança de lançar a dúvida sobre o caso deles. “Dois destes homens estão em manicômios. Certamente isso está a favor de meu tio. Todos eles não podem ser os culpados.”

“Nós simplesmente não podemos nos arriscar, de forma alguma. Eu lhe garanto que ele será bem cuidado no Hospital Real de Bethlem, srta. Wadsworth.”

“O quê?” Eu não conseguia acreditar no que estava acontecendo. Coletei meus pensamentos enfurecidos, prendendo-os em uma jaula, querendo que ficassem domados. Manter um senso de serenidade era o que eu precisava fazer, mas isso era difícil quando tudo que eu ansiava era chacoalhar estes homens para que saíssem de seu estupor tacanho. O Hospital Real de Bethlem, conhecido por quase todo mundo como Bedlam<sup>{2}</sup>, era um lugar horrendo. Meu tio *não* poderia ficar lá.

“O senhor deve acreditar em mim”, falei em um tom sussurrado, com lágrimas de raiva ardendo em meus olhos. “Eu sei como as coisas estão parecendo, mas eu lhe garanto que meu tio é um homem inocente. Ele é brilhante, e não deveria ser punido por encontrar o caminho certo a ser seguido. Ele vive e respira um caso quando está envolvido com ele. Tenho certeza de que há muitos bons motivos para que ele esteja na posse desses itens. Provavelmente ele fez esses desenhos depois de estar na cena dos crimes. Vocês só precisam perguntar isso a ele. É assim que ele trabalha. Vocês *têm* que saber disso.”

O superintendente Blackburn voltou para mim um olhar cheio de pena. Eu não encontraria nenhuma ajuda aqui. Ele tinha um juramento pelo dever, e ponto final. Blackburn não soltaria meu tio com base apenas na minha negação de ele estar envolvido no crime. Ele precisaria de provas, mesmo se elas viessem embrulhadas nas mortalhas de um outro corpo.

Apertei meus lábios e fiquei em pé. Se eu permanecesse mais um instante que fosse ali, eu mesma correria o risco de ser arrastada para o Bedlam. Tio Jonathan poderia ser inocente, mas eu seria definitivamente culpada por estapear alguns destes brutos para que caíssem em si. Com minha sombrinha, se necessário fosse. Fiz um movimento para Thomas, que ainda estava olhando com ódio para todos os policiais, e então saí da sala como uma tempestade que varre as ruas apressadamente, limpando toda a areia em uma chuva torrencial ensandecida.

Que fossem para o inferno, eles todos.







Um chá da tarde, século XIX

# JACK O ESTRIPADOR

---

RASTRO de SANGUE

## 14. MOÇAS DECENTES NÃO DISCUTEM SOBRE CADÁVERES

*Residência dos Wadsworth, praça Belgrave*

*14 de setembro de 1888*



ficar parada na entrada de nossa sala de jantar era como estar contemplando algo familiar e, ainda assim, inegavelmente estranho ao mesmo tempo. Havia tantas louças dispostas que eu me sentia tonta. Arranjos de pequenas topiarias foram postos à mesa, junto a vários altos buquês de flores exóticas de estufa. Xícaras de porcelana cor-de-rosa e brancas esperavam por seu líquido quente, enquanto pires, que com elas combinavam, estavam de prontidão.

“Parece que você está esperando pela lâmina da guilhotina, minha prima”, disse Liza, entrando na sala a passos de valsa. “Não é como se você tivesse sido criada por lobos. Você só perdeu alguns meses de fofocas. Conseguirá se atualizar em pouquíssimo tempo”, disse ela. “Para quem consegue lidar com sangue e outras coisas horrendas, um pouco de renda e chá certamente não é nada.”

Arranquei minha atenção da mesa e olhei para minha prima, que soou como uma mãe por um breve momento, e meus nervos se acalmaram. Sorri. Se minha tia Amelia era a encarnação de tudo a que jovens damas deveriam aspirar, Liza era sua iluminada protegida. Só que Liza tinha um jeito fascinante de mostrar desdém pela tradição quando isso era adequado às suas noções românticas.

Quando éramos mais novas, nós víamos uma à outra apenas duas vezes por ano, mas isso não a havia impedido de dizer que éramos melhores amigas. Ela era três meses mais velha que eu, o que, em sua opinião, fazia dela infinitamente mais sábia em todos os assuntos. Especialmente nos assuntos do coração.

Seu cabelo, cuja cor ficava em algum ponto entre o caramelo e o chocolate, estava torcido e arranjado em um intrincado penteado no alto de sua cabeça. Eu adoraria que meus cabelos fossem arrumados de forma semelhante aos dela. Seu

vestido era feito de uma seda ondulada do mais lindo tom de lavanda que eu já tinha visto. A costura era soberba. Um lampejo do último cadáver que eu tinha costurado passou pela minha cabeça. Não quero me gabar, mas meus pontos tinham sido tão bons quanto os do vestido dela. Talvez um pouquinho melhores.

“Isso não é grandioso?”

“Pode-se dizer que sim”, respondi, antes que pudesse me conter.

Liza virou-se para mim, com um largo sorriso no rosto. “Você pode participar esplendidamente do jogo das fofocas hoje e depois seguir e cuidar de seus negócios secretos de detetive à noite. Pode ser exatamente como em um romance!” Ela bateu palmas. “Que emocionante! Talvez eu vá acompanhar você em algumas de suas aventuras. Há rapazes bonitos com quem flertar? Não há nada melhor do que um pouco de perigo com um pouco de romance.”

Meus pensamentos voltaram-se para o rosto de Thomas. Liza riu novamente, e o som de sua risada era como sinos tocando em um conto de fadas. Fiquei ruborizada, lutando para recompor minha compostura. “Na verdade, não.”

“Não se contenha, prima. Esta é a melhor parte! Oooh, eu tive uma ideia. Venha.” Liza arrastou-me pelo corredor, subindo as escadas para chegarmos ao quarto que tínhamos arrumado para sua estadia. Antes de fechar a porta, deu uma rápida olhada no corredor para ver se via sua mãe. No entanto, minha tia Amelia estava zumbindo perto da cozinha, comandando os empregados como se fosse um coronel em guerra.

Satisfeita porque estávamos sozinhas, Liza me conduziu até sua penteadeira, e então sacou dali um kit de maquiagem que era bem mais complexo do que as minhas ferramentas de autópsia. “Então, qual é o nome dele?”

Ela passou com força uma escova pelos meus cabelos, puxando e torcendo para trás as mechas com uma facilidade de especialista. Rilhei os dentes, não querendo demonstrar o quão desconfortável eu estava com a dureza da minha arrumação ou com o tópico. Certamente, se eu era capaz de ficar sentada no laboratório de meu tio, eu era capaz de passar por isso. Imediatamente me censurei. Tio Jonathan estava preso em um manicômio, e eu estava tendo meus cabelos penteados. Eu precisava manter a perspectiva.

“Nome de quem?”, perguntei, desviando minha mente de coisas desagradáveis. Por algum motivo, Thomas era um segredo que eu gostaria de manter:

“Pare de bancar a tímida. O rapaz bonito que roubou seu coração, é dele que estou falando!” Liza deu um passo para trás, admirando seu trabalho antes de pegar o kajal. Tentei não me encolher. Eu já havia delineado meus olhos de leve e não estava entusiasmada com a ideia de me transformar em algo que eu não era.

Delicadamente, havia colocado um fim à aplicação pesada de ruge de minha criada.

“Conte-me tudo sobre ele”, disse Liza. “Como ele é. De que cor são seus olhos. Se ele quer fugir com você para algum paraíso exótico... Quantos filhos vocês vão ter. Espero que ele toque piano. Todos os bons homens deveriam ser bem modelados. Oh! Diga-me que ele é deliciosamente inteligente e que lhe escreve poesia romântica. Aposto que ele compõe sonetos shakespearianos à luz do luar com estrelas dançando em seus olhos, não?”

Voltei minha atenção para baixo, procurando por uma forma de sair dessa conversa, mas minha prima agarrou meu queixo, forçando-me a olhar para cima enquanto ela delineava meus olhos. Ela torceu uma das sobrancelhas, esperando pela minha resposta. A teimosia obviamente era um traço que ela havia herdado do lado Wadsworth da família.

Soltei um suspiro. Eu não estava ansiosa para compartilhar esse tipo de fofoca com minha prima há poucos dias?

“Os olhos dele são de um castanho dourado quando ele está intrigado com alguma coisa. Ele tem uma aparência de realeza e é bonito, mas está mais interessado em fórmulas e na resolução de crimes do que em mim ou em poesia. Ele age de um jeito diabolicamente cáldo em um momento, e é gélido no instante seguinte”, falei. “Então não haverá nenhum filho ou belo paraíso em nosso futuro. Na maior parte do tempo não consigo nem mesmo tolerar sua presença. Sua arrogância também é... eu não sei. Irritante.”

“Boba. A arrogância geralmente esconde alguma coisa sob a superfície. É seu dever desenterrá-la.” Liza bateu de leve em meus lábios com os dedos, e balançou a cabeça. “É realmente trágico.” Ela me entregou um guardanapo. “Agora, tire o excesso.”

Imitei os movimentos dela de tirar o excesso de maquiagem de meus lábios com o guardanapo, tomando muito cuidado para não estragar a cor com que ela havia pintado meus lábios. Quando eu tinha feito o suficiente para que ela ficasse satisfeita com o resultado, ela assentiu e então apontou para o espelho na penteadeira. “O que é trágico?”

Ela ergueu as sobrancelhas. “Você está apaixonada por ele. E muito certamente ele está apaixonado por você. Vocês só estão sendo obtusos.”

“Acredite em mim”, falei, de frente para o espelho. “Ele é o tolo.”

“Bem, nós devemos mostrar ao seu tolo rapaz *esta moça* então. Eu tenho certeza de que você se tornará uma equação que ele desesperadamente adorará resolver.” Ela deu tapinhas de leve em meu nariz. “Use seus dotes como se fossem uma

lâmina, prima. Nenhum homem inventou um espartilho para nossos cérebros. Deixe que eles pensem que governam o mundo. É uma rainha que está sentada naquele trono. Nunca se esqueça disso. Não há nenhum motivo pelo qual você não possa usar um hábito para trabalhar, e então trajar o mais fino vestido e dançar a noite toda. Mas apenas se isso *lhe* agradar.”

Fitei Liza por alguns segundos, vendo-a em uma luz totalmente nova. Ela assentiu na direção do espelho de novo, de alguma forma sabendo que eu não havia realmente me visto antes.

Meu reflexo cintilava de volta para mim, iluminado quase como se os próprios céus estivessem brilhando sobre mim. Mechas escuras estavam empilhadas no alto de minha cabeça, meus olhos pareciam mais misteriosos com o delineador escuro, e meus lábios estavam do tom rubro brilhante de sangue vivo. Eu estava bela e perigosa ao mesmo tempo. Uma delicada rosa com espinhos.

Eu era precisamente quem eu queria ser.

“Oh.” Eu me virei de um lado para o outro, admirando minha aparência por completo. “Está adorável, Liza. Você tem que me ensinar a fazer isso.”

Pensei em minha mãe e nos sáris que ela havia trazido da terra natal de vovó. Eu me sentia tão incrível agora quanto me senti então, e a recordação me acalentou.

Mamãe costumava se arrumar e contratar uma cozinheira para fazer quitutes deliciosos para nós todo mês, na esperança de manter as tradições da Índia vivas em nós. Até mesmo meu pai participava de nossos jantares do mundo, comendo raita e pães fritos com as mãos.

Nós arrastávamos Nathaniel para juntar-se aos nossos banquetes, mas ele se mostrava pouco impressionado com a ideia de comer com as mãos. “Não consigo suportar fazer tanta sujeira”, ele dizia, e então saía tempestuosamente em seu pequeno terno. Como eu sentia falta daqueles dias mais simples.

Liza deu uma averiguada crítica em meu traje e então, de imediato, remexeu em seu baú, jogando vestidos, espartilhos e tecidos por cima da cabeça até que se decidiu por um deles.

“O que há de errado com meu vestido?”, perguntei, tocando no bordado de rosas nas saias. “Eu acabei de mandar fazer este daqui.” E ele era bem bonito.

“Não há nada de errado com ele, boba”, disse Liza. “Mas eu gostaria de ver você em meu vestido de chá. Ah, aqui está ele.”

Um vestido creme de renda com saias de baixo de um cor-de-rosa claro foi prontamente jogado por cima da minha cabeça e preso nas costas antes mesmo que eu soubesse o que estava acontecendo. Liza limpou as mãos, em um gesto de finalidade. Satisfeita com seus esforços. “Pronto. Você está adorável. Eu sempre

desejei que meus cabelos fossem tão escuros quanto os seus. Fazem com que o verde de seus olhos pareça quase esmeralda.”

Fiquei lá parada, fitando a minha imagem. Parecia uma horrenda contradição com a realidade do mundo e com o que estava acontecendo nele.

Aqui estava eu, brincando de me embonecar, enquanto meu tio estava no manicômio e um assassino estava matando brutalmente mulheres inocentes.

Liza estava ao meu lado, me endireitando, antes de eu cair no divã. “Eu sei”, disse ela, com ares de sabedoria, interpretando errado meus pensamentos, “é um vestido lindo. Você tem que ficar com ele. Venha. Está na hora de saudarmos nossas convidadas. Ouvi dizer que Victoria e sua irmã, Regina, estão vindo. O pai delas tem alguma coisa a ver com o Parlamento, e eu ouvi os mais interessantes rumores...”



Parecia que eu estava observando os eventos desdobrando-se diante de mim pelos olhos de um outro alguém.

Minha tia Amelia estava sentada à cabeceira da mesa, uma rainha sendo cortejada por seus bajuladores durante seu chá real. Liza se sentara à minha direita, enquanto a estimada Victoria Edwards estava à minha esquerda, com seu narizinho de botão permanentemente empinado.

Um chá real era diferente de um chá de alta classe porque ele começava com uma taça de champanhe e não incluía a ceia. Disso eu me lembrava. Sanduíches, especiarias, bolinhos e doces estavam dispostos na mesa, mais riquezas e iguarias do que todas as comidas finas e todos os queijos importados prediletos de Nathaniel combinados.

A prisão de tio Jonathan era responsável por meu nervosismo, deixando-me distraída. Haviam se passado apenas uns poucos meses desde a última vez em que estive em um chá formal. E, embora eu não ligasse para eles, eu normalmente não era tão desatenta assim.

Mexi o chá e então coloquei a colher atrás de minha xícara, como era apropriado.

Victoria voltou-se para mim, com um leve sorriso fixo em seu rosto, “Sinto muito por seu tio, Audrey Rose. Deve ser bem difícil ter um criminoso impiedoso como ele na família.”

Eu havia acabado de dar uma mordida num sanduíche de pepino e mal consegui engolir minha surpresa. Liza entrou em cena, me salvando com sua língua rápida.

“Que vergonha. Se eles podem acusar alguém tão brilhante quanto nosso tio, certamente que podem acusar praticamente qualquer um. Talvez”, ela inclinou-se para a frente, sua voz baixando para se tomar um sussurro, “eles vão ficar de olho em membros do Parlamento em seguida. Isso daria uma história sensacional, você não concorda?”

Até este último ponto, minha tia Amelia estava sorrindo e assentindo, orgulhosa da resposta apropriada de sua filha. Quando Liza voltou, em um lampejo, um largo sorriso na minha direção, o rosto da minha tia assumiu um furioso tom de vermelho. Ela endireitou-se e então deu batidinhas de leve em sua boca, para limpá-la, com um guardanapo de renda que nós sem dúvida tínhamos bordado.

“Agora, meninas”, ela olhou de relance entre nós, “não vamos permitir que nossas imaginações se desviem de nós. Não deveríamos fofocar nem tecer especulações sobre tais assuntos. Isso não é cortês.”

“Mas é verdade, mamãe”, insistiu Liza, coletando olhares curiosos em volta da mesa. “Alguns membros da realeza estão sob suspeita. É disso que todos em Londres estão falando.”

Parecia que tia Amelia havia engolido um ovo inteiro. Depois de um instante, ela jogou a cabeça para trás e deu risada, um som mais forçado do que seu fino sorriso. “Estão vendo? É precisamente por este motivo que falar destas coisas é uma perda de tempo e energia. Nenhum membro da realeza estaria verdadeiramente sob suspeita. Agora, quem gostaria de mais um pouco de chá?”

Victoria, insatisfeita com o rumo da conversa, ficou cara a cara comigo por uma segunda vez. “Você está bem bonita esta tarde, Audrey Rose. Para ser perfeitamente honesta, eu não sabia ao certo a que nós tínhamos sido convidadas. Devido a todos os rumores por aí sobre sua associação com aquele estranho assistente de seu tio. Qual é o nome dele? Sr. Cresswell?”

Uma outra moça, cujo nome eu achava que era Hazel, assentiu. “Ah, sim. Ouvi falar dele por meio de meu irmão, que me disse que ele tem tantos sentimentos quanto um autômato.” Ela abriu um sorriso malicioso. “Embora eu tenha ouvido falar que ele é bem bonito. E que a família dele realmente *tem* um título. Ele não pode ser tão ruim assim.”

“O sr. William Bradley me disse que ele tem seu próprio apartamento na rua Piccadilly”, disse ainda Regina, parecendo satisfeita por envolver-se na conversa. “Honestamente, que tipo de pais permitem que seu filho more sozinho antes que ele seja maior de idade? Não me importa quão ricos sejam eles, isso não é

apropriado.” Ela pressionou uma das mãos junto ao peito, “Eu não ficaria surpresa ao descobrir que ele matou aquelas... mulheres... e escondeu seus corpos. Talvez Liza esteja certa. Talvez o dr. Wadsworth seja inocente e o sr. Cresswell seja o verdadeiro louco. Aposto que ele tem uma boa cota de mulheres imorais entrando e saindo de lá. Ele pode ser herdeiro de uma boa fortuna, mas quem se casaria com um camarada tão esquisito? Provavelmente ele assassinaria a própria esposa.”

“Sério?!”, falei, antes de poder me controlar. “Só porque ele tem interesse em ciência, isso não faz dele um assassino ou um autômato. Na verdade, não há absolutamente nada de errado com Thomas. Eu o acho bem agradável.”

“Controle sua língua, Audrey Rose!” Minha tia Amelia abanou-se. “Falar de um rapaz por seu nome de batismo é inapropriado. Especialmente quando não se está envolvida com ele.”

Se eu achava que minha tia estava perturbada antes, este era todo um novo nível de emoção. Seu chá havia se transformado em discussões de coisas macabras e impolidas muito rapidamente.

Controlei meu revirar de olhos. Pelo menos o evento estava mais interessante do que eu imaginei que seria. As outras moças rapidamente perderam o interesse em Thomas Cresswell e nos “trágicos e perturbadores” assassinatos que estavam afetando os bairros pobres.

A conversa passou para assuntos mais adequados a um chá da tarde, como quem seria convidada para ir ao baile de máscaras da maioridade do duque, que seria realizado dentro de seis meses.

“Você simplesmente tem que ir!”, Victoria estava dizendo para mim, enlaçando meu braço com o seu, como se fôssemos melhores amigas e como se ela não tivesse acabado de chamar meu tio de assassino. “Todo mundo que é importante estará lá. Se você quiser que as pessoas certas estejam em sua festa, você precisará fazer um esforço para ir às festas delas. Ouvi dizer que ele até mesmo contratou uma médium para realizar uma sessão espírita.”

Conforme a tarde se passava, eu as observava, notando os papéis que todas elas estavam desempenhando. Eu duvidava que alguma delas realmente se importava com o que estavam dizendo e lamentava imensamente por todas. Suas mentes gritavam para que fossem libertas, mas elas se recusavam a atendê-las.

Hazel inclinou-se por cima da mesa, chamando minha atenção. “Seu vestido é totalmente divino! Você ficaria terrivelmente incomodada se eu mandasse fazer um vestido como o seu para mim?” Quando não lhe respondi de imediato, ela se corrigiu. “Em cores diferentes, é claro. É só que o modelo é tão lindo!”



“Se William Bradley não se prostrar de joelhos e propuser casamento à primeira vista”, disse Regina, lambuzando um bolinho com coalhada e creme, “ele será um tolo e você precisará deixá-lo imediatamente.”

Hazel soltou um suspiro de forma dramática. “Mas ele é um tolo com um título. Você realmente acha que ele haveria de me propor casamento se eu usasse um vestido como esse?”

“Como ele poderia não fazer uma coisa dessas?”, provoqueei-a, contendo a gargalhada diante de sua expressão séria. “Certamente que rapazes ficam interessados em propor casamento apenas a moças em seus vestidos de renda. Por que se importar com beleza e cérebro quando eles podem ter a beleza *acima* do cérebro? Criaturas tolas que eles são.”

Hazel juntou as sobrancelhas. “Por que uma moça haveria de escolher qualquer coisa acima da beleza? Uma esposa deveria obedecer seu marido em todos os assuntos. Deixe que eles pensem nas coisas.” Tanto Regina quanto Hazel assentiram para este temeroso sentimento antes que Hazel prosseguisse. “Seja como for, você realmente é um doce, Audrey Rose. Você irá ao circo quando ele chegar à cidade?” Talvez eu estivesse errada em meu julgamento anterior. Parecia que demoraria um pouco mais para que algumas moças se libertassem das correntes que a sociedade havia colocado nelas. Mordi o lábio, pensando em uma resposta que não fosse ofendê-las ainda mais.

Victoria, abandonando sua conversa com minha prima e com minha tia, bateu palmas. “Ah, sim! Você tem que se juntar a nós. Vamos coordenar nossas roupas e tudo o mais. As pessoas não saberão para quem olhar primeiro, para o pessoal que estará se apresentando no circo ou para nós!”

Minha tia assentiu, encorajando-as, do outro lado da mesa, e sua expressão continha uma ameaça de algo mais desagradável com o qual nem o próprio Avental-de-Couro poderia ter sonhado.

Abri um sorriso constrito. “Isso me parece adorável.”

01.



02.



# JACK O ESTRIPADOR

## RASTRO de SANGUE

### 15. O MAIOR ESPETÁCULO DA FACE DA TERRA

*Residência dos Wadsworth, praça Belgrave*

*25 de setembro de 1888*



“Você não está falando sério”, disse Nathaniel, balançando a cabeça de modo crítico para minha roupa, um conjunto quase totalmente preto.

Olhei de relance para a saia e casaco em camadas de preto quebradas apenas por um tom escuro de cinza e para a seda com listras prateadas, então ergui um dos ombros. “Por que não? Não há nada de errado com a roupa.”

Meu espartilho estava puxado, bem apertado sobre a minha chemise de seda, minhas luvas eram de um couro macio e flexível, com botões revestidos que percorriam suas laterais, e a armação de arame que dava volume à saia estava me irritando imensamente. Se meu desconforto fosse a medida de minha elegância, eu podia dizer que estava estonteante esta noite. Se a pessoa conseguisse enxergar além das olheiras escuras que se recusavam a me largar ou além da forma como as cores da meia-noite acentuavam o quão pálida eu havia ficado.

As irmãs Edwards não aprovavam minha escolha de cor, mas eu pouco me importava com isso. Eu havia frequentado mais três dos chás reais de minha tia Amelia, e, embora eles não fossem tão ruins quanto eu havia originalmente esperado que fossem, isso me deixou com menos tempo para as investigações.

“De qualquer forma, já se passaram quase duas semanas desde que meu tio foi preso”, falei. Nem eu nem Thomas encontramos uma pontinha que fosse de informações que o exonerassem. “Ficarei vestida com a cor do luto até que ele seja libertado e não me importo se está na moda ou não.”

Nathaniel soltou um suspiro. “Imagino que seja bom o bastante para Sua Majestade. Se até mesmo a cidade de Londres se recusa a ser qualquer coisa além de cinza e temerosa o tempo todo, você pode muito bem fazer o mesmo.”

Abençoadamente, tia Amelia e Liza desceram as escadas, resplandecentes em tons de esmeralda e turquesa, a precisa paleta de cores pela qual Victoria havia se decidido em nosso último chá. Nathaniel fez uma reverência para elas.

“Boa noite, tia. Prima. Vocês duas estão divinas.”

“Você é bondoso demais, meu sobrinho”, respondeu-lhe minha tia, fingindo modéstia. “Obrigada.”

Liza veio adiante e deu um beijo em minha bochecha, balançando a cabeça bem de leve. “Seus olhos estão incríveis esta noite”, disse ela, entrelaçando seu braço no meu, ignorando por completo a cor sombria que eu estava usando. “Estou muito satisfeita por você ter aderido ao uso do kajal. Thomas Cresswell certamente deve estar apaixonado. Ele fez algum comentário a respeito disso?”

Pensei em nossos encontros. Thomas fingiu estar mais arrogante ultimamente, comentando sobre como eu tinha feito um esforço extra por ele. Mas então eu o havia pego me fitando, como se ele estivesse tentando deduzir alguma coisa e não fosse bem-sucedido pela primeira vez. Ele não sabia ao certo se eu estava fazendo isso para instigar seus afetos ou para meus próprios propósitos, e eu suspeitava de que isso o estava deixando louco.

Antes que eu respondesse, tia Amelia dispensou a pergunta com um aceno de mão, como se fosse uma mosca irritante. “Que importa isso? Aquele rapaz não será nada na sociedade. A família dele pode ter um bom nome, mas ele destruiu as chances de quaisquer possíveis noivas decentes. Audrey Rose tem outros pretendentes mais bem-sucedidos a caminho. Venha, Liza.” Ela jogou o xale por cima dos ombros e desceu pelo corredor. “Nos veremos no circo.”

“Nos veremos lá.” Meu irmão segurava uma carta na mão com muita força, amassando suas bordas antes de alisar o papel na perna de sua calça passada. Ele esticou a mão para pegar seu pente, mas pensou melhor e não fez isso. Ainda bem. Eu tinha certeza de que, se ele tocasse em mais um fio que fosse de seus cabelos eles sairiam correndo, gritando, em protesto. Esta imagem quase me fez sorrir antes que eu me controlasse.

“Você tem certeza de que não quer trocar de roupa? Eu achei que você estivesse animada para ver o circo”, disse ele, derrotado. “Tudo de que você falava durante os últimos meses eram os animais e humanos exóticos — e o Jumbo? O pobre camarada está finalmente vindo para casa e você o está saudando com a cor da morte? Que tipo de boas-vindas miserável é essa para um elefante que viajou por metade do mundo? Tia Amelia e Liza parecem pedras preciosas, enquanto você está fazendo a sua melhor personificação do carvão. Isso simplesmente não está certo.”

Ele andava de um lado ao outro na sala de estar, contorcendo as mãos nas laterais do corpo. “Já sei! Que tal se vestíssemos você com aquela fantasia de cavalo? Qual era mesmo o nome dela? ‘O Leilão do Diabo’, ou algo igualmente charmoso?”

Eu queria sorrir, mas não conseguia me levar a fazer isso de forma convincente. Meses atrás eu me importava com coisas como palcos com três anéis e elefantes imensos. Eu tinha dado risada do cartão-postal que tínhamos encontrado com o performista estranho usando a cabeça de cavalo.

“Temos assassinatos não resolvidos e nosso tio está preso, sob suspeita de ser o assassino”, falei. “Agora não é hora para leviandade.”

“Sim, sim. Ele, juntamente com um tanto de outras pessoas questionáveis”, disse Nathaniel. “Segundo os jornais, a Scotland Yard está jogando qualquer um numa cela até que sua inocência possa ser provada ou até que alguém mais assustador apareça. As coisas serão resolvidas com nosso tio e você terá perdido tempo de luto por nada.”

“Eu dificilmente considero provar a inocência dele uma perda de tempo.” Eu não tinha a menor pista de por que a polícia se recusava a deixar que meu tio saísse do manicômio. Nathaniel estava certo: nosso tio não era o único que estava sendo acusado dos crimes. “Esses noticiários são impressionantes. Eu não acredito que você esteja lendo uma coisa dessas.”

Eu nunca tinha visto tamanho lixo sensacionalista em todas as capas. Os repórteres não paravam de falar do Avental-de-Couro. Eles estavam transformando o homem insano em uma celebridade; glorificando um vilão. Até onde as pessoas iam para vender um jornal era quase tão repulsivo quanto os crimes em si.

“Por mais horríveis que possam ser, os jornais oferecem um pouco de diversão, irmã.”

“Honestamente”, falei. “Essa coisa toda me dá azia. Por que transformar um assassino de mulheres em notícia de capa nos jornais? Eu lamento pelas pobres famílias.”

Eu já estava suficientemente imersa no estranho e maravilhoso, muito obrigada. Eu não precisava perder tempo com distrações.

Nathaniel, contudo, havia assumido, nos últimos doze dias, a missão pessoal de me arrancar das profundezas de meu desespero. Sua resposta para os meus problemas estava na forma de dois ingressos para o “maior espetáculo da face da Terra”. Meus protestos depararam-se com ouvidos moucos, então, cedi um pouco.

Ele havia feito com que uma quantidade perturbadora de tecido fosse trazida para casa na última semana com esperanças de que um vestido novo e colorido

fosse afastar todas as nuvens escuras. Como se os problemas da vida pudessem ser resolvidos com um vestido cheio de firulas e um par de sandálias. Que o mundo ao nosso redor fosse para o inferno, contanto que estivéssemos com a melhor das aparências.

“Vamos nos pôr a caminho, então”, disse Nathaniel, olhando a hora no relógio de pêndulo. Eu o acompanhei até a carruagem, permitindo que o cocheiro me ajudasse a entrar nela desta vez, aliviada porque estávamos tomando o mais rápido dos meios de transporte que tínhamos ao nosso dispor.

Eu me sentei em uma poça escura de tecidos caros, rearranjando minhas saias para dar espaço para meu irmão na pequena carruagem, com minha mente se revirando com os diversos ângulos nos quais poderia estudar o caso.

Nathaniel sentou-se ao meu lado, parecendo uma criança cujo brinquedo predileto tinha sumido. Eu era uma péssima irmã. Aqui estava eu, toda envolta em minha própria mente, ignorando com egoísmo as pessoas que eram muito presentes na minha vida.

“Sabe”, apertei a mão dele, “estou ficando um tanto quanto animada em relação a este circo, no fim das contas.”

Nathaniel ficou radiante, e eu me senti moderadamente redimida na corte das boas ações, mesmo que eu tivesse mentido para chegar lá.



O Olympia era um dos mais magníficos edifícios no reino; ele competia até mesmo com o palácio, com seu esplendor e sua pura magnitude.

“Veja. Ali está”, disse Nathaniel, apontando na direção do edifício.

Quando nossa carruagem foi estacionada perto do complexo imenso de pedra e ferro, fiquei observando um trem que passava ruidosamente, baforando nuvens brancas na atmosfera em intervalos estonteantes.

O vapor era uma fascinante forma de energia; tão prontamente disponível e usada em aplicações tão diversas. Pensei novamente nos desenhos únicos de meu pai, de velhos brinquedos e estranhas máquinas de guerra. Eles poderiam ficar em exibição por toda Londres, talvez até mesmo na coleção, aqui, nesta noite, para que centenas de pessoas se maravilhassem com eles.

Isto é, se ele não tivesse parado de fazê-los.

O último vagão passou guinchando, e saímos de novo, seguindo até a entrada da frente do Olympia. As pessoas iam entrando, quatro de cada vez, todas brigando

para avistarem, de relance que fosse, o tal maior espetáculo da face da Terra.

“Suas amigas estão ali”, disse Nathaniel.

Avistei Victoria e seu bando de papagaios esmeraldas analisando a multidão, mas, por sorte, elas sumiram de vista sem me ver. “Que pena que não nos encontramos com elas”, falei. Eu esperava evitá-las o máximo possível essa noite. Eu até que gostava delas, mas queria desfrutar um tempo sozinha com meu irmão.

Pegando na mão de nosso cocheiro, eu desci da carruagem em um pulo, com meus saltos se prendendo nos paralelepípedos enquanto eu seguia meu caminho até a fila.

“Você está sentindo esse cheiro?”, perguntei. “Faz-me lembrar da casa da vovó.”

Um incenso picante e doce passava em meio à multidão, vazando para fora pela entrada arqueada, enchendo o ar quente da noite com uma riqueza sensual. Sem querer, meu coração juntou-se ao caos, erguendo voo entre minhas costelas como se ele fosse uma das belas moças no trapézio voador. Cedendo à maravilha infantil, segurei na mão de meu irmão, arrastando-o pelas grandes portas e adentrando a maior sala do mundo.

Uma vez lá dentro, eu lentamente girei no lugar, meu foco grudado no teto em forma de domo. “Nathaniel, esta é a coisa mais bonita que eu já vi na minha vida!”

Todo o telhado era feito de vidro e ferro; parecia que todas as estrelas no céu, absolutamente todas, observavam a multidão cheia de joias, exibindo seus próprios sorrisos de diamantes.

“Sério, você deveria passar mais tempo em meio aos vivos, minha irmã.” Nathaniel deu risada do quão pasma eu estava, mas não consegui arrancar a minha atenção do hipnotizante céu noturno.

“Talvez eu faça isso.” Minha mão trêmula foi até meu peito, pousando sobre o coração, enquanto eu contemplava as esguias barras de ferro que se arqueavam no alto, acima de nós. Eu não sabia ao certo como tal coisa era possível. “Como é que tão poucos galhos de feno sustentam tanto vidro e metal?”

Aquilo era supremamente belo, como se eu estivesse olhando para cima em meio a uma floresta de metal.

“Deve ser uma daquelas maravilhas da engenharia do mundo”, disse Nathaniel, com um largo sorriso no rosto. De alguma forma, ele conseguiu me escoltar ainda mais adiante em meio ao caos.

Faixas de seda que se alternavam entre o preto e cores berrantes pendiam das vigas, agindo como se fossem aristocratas enquanto se erguiam em ondas na direção da multidão, convidando-nos a entrar a fim de sermos hipnotizados por maravilhas exóticas.

Pequenos sinos e contas cintilantes estavam costurados nas extremidades dos tecidos com fio dourado, fazendo-lhe um certo peso e criando um tilintar melódico sempre que alguém entrava ou saía, agitando a brisa.

“Oh!”, falei, ofegante. Os painéis luxuriantes lembravam-me os sáris zardosi de vovó, só que muito maiores. “Você se lembra de quando a vovó nos vestia da cabeça aos pés com os sáris bordados com fios de prata e folhas de ouro? Ela sempre contava as melhores histórias. Uma vez ela disse que o vovô estava como embaixador britânico para a Índia há apenas uma quinzena quando a pediu em casamento.”

Meu eu mais jovem adorava estar com a seda bordada em ouro e cristais amarrada em volta da cintura e jogada nos braços como se eu fosse uma princesa recebendo admiradores em seu mais belo vestido. Com atenção, eu ouvia vovó detalhar como o vovô tinha se apaixonado por ela, alegando que tudo se devia ao seu espírito animado. Considerando o fogo que crepitava na alma dela agora, eu só podia imaginar como ela teria sido quando mais jovem.

“Vovó me disse que havia recusado o pedido de vovô vinte vezes, só por diversão”, foi a resposta de Nathaniel. “Ela disse que ele se contorcia como uma naja em um cesto. Foi assim que vovó soube que ele estava apaixonado por ela.”

“Terei isso em mente em relação a futuros pedidos de casamento.” Estas recordações me aqueciam enquanto eu absorvia o restante da vista.

Havia estandes individuais ao longo do perímetro da cavernosa sala, dando a ilusão de que estávamos num agitado mercado e bazar ao ar livre da Índia. As pessoas vendiam de tudo ali, desde sedas e casimiras importadas, passando por joias, chás fragrantes e mais comida do que a rainha provavelmente tivera em seu jubileu de Ouro.

Até mesmo pequenos ornamentos de circo estavam disponíveis para serem levados para casa, se alguém desejasse fazê-lo. Eu achava difícil resistir a acrobatas e a tigres mecânicos que estavam à espreita em volta de uma mesa.

“Oh, Nathaniel, veja! Precisamos comprar uns desses.” Pães *naan* e *bhatoora* com curry de grão-de-bico chamaram a minha atenção de imediato. Fiquei com água na boca com a promessa de um de meus deliciosos lanches prediletos. Eu não consegui resistir aos seus encantos e logo estava mergulhando o pão azimo no cremoso curry de grão-de-bico e andando em volta dos vendedores como uma criança feliz de férias. Eu tinha avistado curry de galinha e certamente comeria um pouco dele antes de irmos embora.

“Estou optando por uma... versão de comida que faz menos sujeira”, disse Nathaniel, pagando o vendedor.



“Fique à vontade.” Dei de ombros enquanto ele comprava uma caixa de doces em vez disso. Depois de terminarmos nossos lanches, passamos por portas de seda e nos deleitamos com a apresentação. Por um tempinho, enquanto eu me esquecia de porcas e de sangue, até mesmo de manicômios, de um coração partido e de todo o horror que acontecia no mundo, em vez disso hipnotizada pelo estouro de uma centena de cavalos árabes, eu andava pelos arredores que tinham as decorações mais opulentas com que eu já tinha me deparado.

Havia correntes douradas trançadas em suas reluzentes crinas, que captavam a luz e a refletiam em prismas por suas faces brilhantes, enquanto penas tingidas em tons verdes, amarelos e azuis se curvavam no ar, a quase meio metro de suas cabeças.

Os cavalos estavam bem cientes de sua magnificência, inclinando os focinhos no ar, esperando que todos exclamassem seus *ooohs* e *ahhhs* devidamente enquanto passavam por eles.

Balancei a cabeça. “Se eu soubesse que um bando de equinos estaria mais bem vestido do que eu, poderia pelo menos ter colocado um corpete adornado com algumas pedras preciosas.” Nathaniel riu na hora, e coloquei a língua para fora. “Pelo menos eu realmente passei maquiagem e borriefei em mim aquele novo perfume.”

“Da próxima vez, é possível que você dê ouvidos ao seu irmão mais velho e mais sábio. Venha.” Com gentileza, Nathaniel me puxou do deslumbramento que me deixara de olhos arregalados e nos conduziu até uma máquina de pipoca dourada, que parecia ter sido encomendada para a própria rainha.

Sentindo-nos indulgentes, cada um de nós pegou um saco de pipoca, e então fomos conduzidos até nossos assentos por uma mulher silenciosa que tinha uma cobra amarela enrolada em seu pescoço como um acessório vivo.

Tradicional tinta *mehndi* espiralava e envolvia as palmas de suas mãos, pulsos e pés. Havíamos passado por uma cabine onde mulheres estavam sendo pintadas com desenhos encantadores.

“Oh”, indiquei a Nathaniel, “eu *preciso* que pintem as palmas das minhas mãos antes de irmos embora.”

A cobra colocou sua língua para fora, sentindo o gosto do ar quando nos aproximamos, e então sibilou. Nathaniel quase tropeçou para cima do homem que estava sentado ao lado da passagem entre os assentos, ao tentar esquivar-se do réptil. Passei os dedos em sua cabeça grande, que parecia de couro, abafando uma risadinha quando meu irmão arregalou os olhos e puxou minha mão dali.

“Você está *louca!*”, sussurrou ele, em um tom árduo. “Aquela fera tentou me engolir inteiro, e agora você está brincando com ela como se fosse um animal de estimação. Você não pode ser uma pessoa normal e gostar de gatos?” Ele balançou a cabeça. “Se conseguirmos sair daqui vivos, eu pego quantos gatinhos você quiser. Eu comprarei até mesmo uma fazenda no interior e você poderá abrigar centenas deles.”

“Não seja tão melindroso, Nathaniel.” Dei um soquinho de brincadeira no braço dele. “Ficar aterrorizado com um animal com o qual uma mulher está desfilando como se fosse um cachecol não é muito apropriado, não é mesmo?”

Com isso, ele se sentiu ofendido, voltando sua atenção para o novo ato que estava cruzando o palco, mas eu podia ver um sorriso curvando seus lábios.

O espetáculo era tudo que tinha sido prometido e ainda mais. Havia números aquáticos, mais números com cavalos, além de outros que eram realizados alto no céu. Mulheres que trajavam roupas feitas totalmente de contas de cristal oscilavam de um trapézio para o outro segurando nos braços de seus parceiros, onde víamos o relevo das veias, depois se soltavam e seguiam às cambalhotas pelo ar: destemidas, radiantes e livres.

Olhei de relance para meu irmão e notei que ele ainda estava me observando.

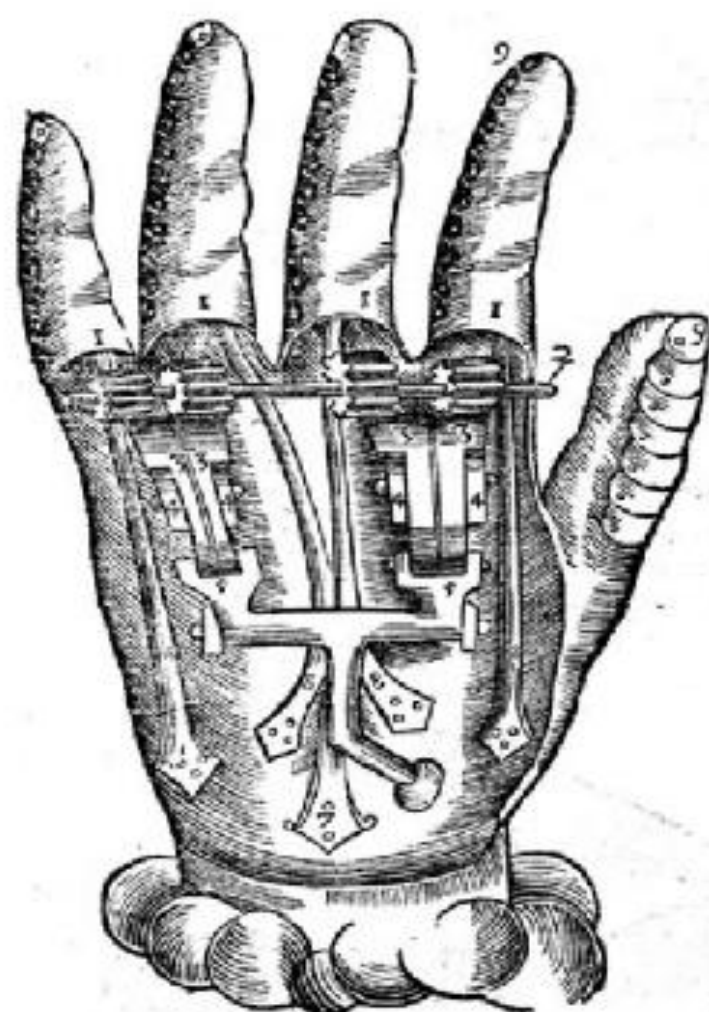
“É bom finalmente vê-la sorrindo, irmãzinha.” Seus olhos ficaram anuviados. “Eu temia que nunca mais veria seu sorriso novamente.”

Entrelacei meus dedos enluvados nos dele. Eu odiava vê-lo chateado em uma noite em que nossas preocupações deveriam estar a continentes de distância. Abri a boca para confortá-lo, e então a fechei com tudo, quando uma sombra escureceu minha visão.

Um frequentador não bem-vindo se pôs diante de nós, curvando-se levemente na cintura, antes de colocar seu olhar contemplativo em mim.

“Olá mais uma vez, Nathaniel.” Blackburn estendeu a mão para meu irmão. “Nós nos conhecemos durante o... incidente... desafortunado de seu pai. Eu também tive o distinto prazer de conhecer sua irmã algumas semanas atrás.”

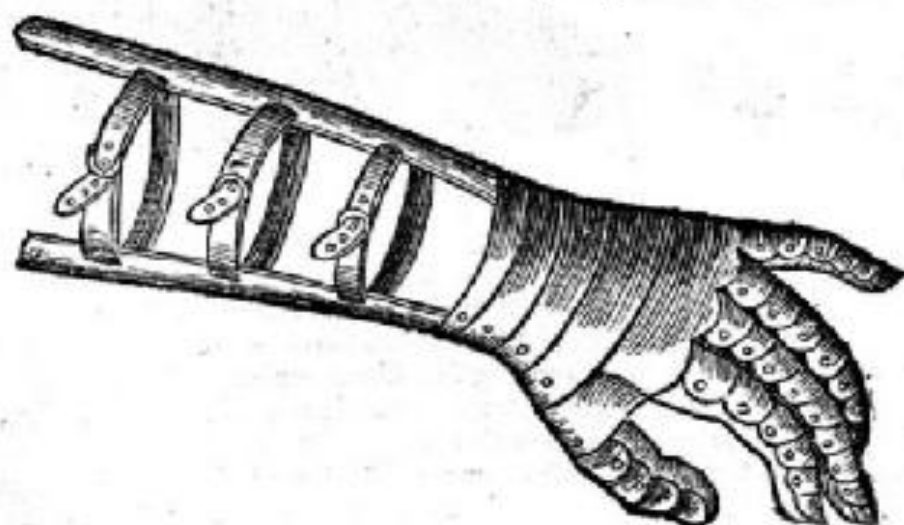
O superintendente Blackburn ofereceu-me um sorriso polido e então voltou sua atenção a Nathaniel, que estava sentado, completamente imóvel em seu lugar. “Receio que eu tenha que falar com ela por alguns instantes sobre assuntos da polícia.”



### *Description de la main de fer.*

- 1 Pignons seruant à vn chacun doigt qui sont de la piece mesme des doigts, adioustez & assemblez dedans le dos de la main.
- 2 Broche de fer qui passe par le milieu desdicts pignons, en laquelle ils courent.
- 3 Gaschettes pour tenir ferme vn chacun doigt.
- 4 Estoqueur, ou arrests desdictes gaschettes, au milieu desquelles sont cheuilles pour arrester lesdictes gaschettes.
- 5 La grande gaschette pour ouvrir les quatre petites gaschettes qui tiennent les doigts fermez.
- 6 Le bouton de la queue de la grande gaschette, lequel si on pousse la main s'ouvrira.
- 7 Le ressort qui est dessous la grande gaschette seruant à la faire retourner en son lieu, & tenant la main fermée.
- 8 Les ressorts de chacun doigt, qui ramènent & font ouvrir les doigts d'eux-mêmes, quand ils sont fermez.
- 9 Les lames des doigts.

*La figure suivante se montre le dehors de la main, & le moyen de l'attacher au bras & à la manche du pourpoint.*



# JACK O ESTRIPADOR

RASTRO de SANGUE

## 16. UM DIA PARA MORRER

*Circo Barnum Bailey, The Olympia, Londres*

*25 de setembro de 1888*



athaniel mediu o homem de cima até embaixo com o tipo de escrutínio que me fez até mesmo ficar aliviada por não ser eu quem estava sendo olhada daquela forma por ele. Estava claro que Nathaniel não apreciava a intrusão em uma noite que deveria ser leve, especialmente por parte da Scotland Yard, e ele não ficou acanhado em expressar estes sentimentos. Mesmo que o jovem homem parado diante de nós tivesse ajudado nosso pai.

“Eu peço desculpas, mas é urgente.” O superintendente Blackburn engoliu em seco, sentindo a força total da fúria polidamente controlada de um Wadsworth, mas não desviou o olhar.

Corajoso ou tolo. Eu não tinha bem me decidido qual dos dois era o caso daquele homem.

Talvez a coragem e a tolice estivessem intimamente relacionadas tratando-se dele. Estreitei os olhos. Agora eu sabia por que seu nome havia me soado tão familiar. “Exatamente quantas vezes o senhor salvou meu pai dos covis de ópio só para nos mandá-lo de volta sem nenhum devido tratamento, superintendente?”

“Audrey Rose”, sibilou Nathaniel, por fim retomando o firme aperto de mãos dele, possivelmente de forma um pouco mais dura do que o necessário, enquanto Blackburn sutilmente esfregava sua mão depois disso.

“Está tudo bem”, disse o superintendente.

“Minha adorável irmã é um pouco espirituosa. Tenho certeza de que seu último encontro é uma memória que ficará gravada a ferro e fogo em sua mente durante anos por virem.” O tom de Nathaniel implicava provocação, mas seus olhos não

tinham nenhuma ponta de humor. “Peço desculpas, mas o senhor está chamando-a então para lhe falar sobre os horríveis assassinatos em Whitechapel?” Ele desferiu um olhar de relance cheio de preocupação. “Não importa o quão forte seja o coração dela, eu não concordo em bombardeá-la com essa confusão repetidas vezes.”

“Receio que eu não possa dizer muita coisa, visto que o caso ainda está sob investigação. Mas, sim. Tem alguma coisa a ver com isso tudo.” Blackburn pressionou os lábios em uma linha firme. Ele tinha um belo rosto para um ser humano tão miserável. “Eu... eu sinto muito que tenha sido eu que levei seu tio preso. A propósito, eu o tenho na mais alta conta.”

Nathaniel endireitou a gravata, mas não proferiu mais nenhuma palavra. Eu temia que ele fosse se estender e estapear o oficial com uma das luvas que havia tirado caso eu demonstrasse mais algum sinal externo de perturbação.

“Eu poderia trocar uma palavrinha com sua irmã agora?” Blackburn ergueu as mãos quando protestei. “Vai levar só um minuto. Ao contrário do que vocês possam acreditar, eu não desejo perturbar sua noite.”

Não consegui impedir a risada de subir borbulhando em minha garganta. “Ah, sim. Porque o senhor está *tão* preocupado em não perturbar as vidas das pessoas sem uma boa causa. O quão tolo da minha parte esquecer-me disso. Prender um homem inocente e destruir sua reputação é um tanto quanto pesado, falando nisso. Por que não arruinar a noite da sobrinha dele também?” Abri um sorriso doce. “Então o senhor pode adicionar 'importunar homens inocentes e jovens mulheres' ao seu crescente repertório. Talvez”, bati com um dedo em meus lábios, em uma contemplação zombeteira, “o senhor devesse chutar uma criança também. Devo ajudá-lo a escolher uma?”

Um lampejo de dor passou pelo rosto dele, fazendo com que eu quase lamentasse por ter dito isso. Então eu me lembrei de que *ele* era responsável por manter meu tio em um manicômio adoravelmente conhecido como Bedlam, recusando-lhe quaisquer visitas, e qualquer traço de um pedido de desculpas que fosse apagou-se e morreu em minha língua. Ergui o queixo, comandando a mim mesma permanecer impassível.

De rabo de olho, fiquei observando enquanto Nathaniel mexia, inquieto, com os punhos de sua camisa. Ele estava ficando mais perturbado a cada minuto que se passava, e com isso eu realmente me importava. A noite dele não deveria ser arruinada por este intruso. Ele olhou para mim, com uma pergunta silenciosa em seu olhar, e eu assenti. Poderia bem acabar logo com isso.

“Você primeiro, minha irmã.” Nathaniel levantou-se, e depois fez um movimento para que eu fizesse o mesmo.

Apanhando minhas saias em meus punhos cerrados, fui para o corredor entre os assentos, sem esperar para ver se Blackburn estava nos acompanhando. Uma vez que tínhamos chegado à sala principal, Blackburn me pegou pelo cotovelo, guiando a mim e a Nathaniel para dentro de uma área menor dividida por biombos decorados com uma pintura complicada, onde ficavam os animais.

Quando não estávamos mais abrindo caminho em meio à multidão, puxei meu braço de forma a me livrar de seu aperto e então cruzei ambos os braços. “Eu sou capaz de andar de uma sala para outra sozinha, superintendente.”

Ele ergueu as sobrancelhas um pouco. Eu não me importava com o fato de estar sendo mesquinha. Eu não me importava com a opinião dele sobre mim, e certamente não me importava com o fato de que ele estava lutando com um sorriso naquele mesmo instante. Fiz cara feia de novo, desejando por todos os santos que ele fosse atingido por ser tão malditamente irritante. Tossiu em seu punho fechado, e depois olhou de relance para as estranhezas que nos cercavam, apenas conseguindo me deixar mais irritada.

“Planeja chegar ao ponto de sua rude interrupção em breve? Ou eu deveria ficar me desmanchando e pestanejando para o captor do meu tio e facilitador do meu pai? Se for este o caso, receio que ficará esperando até que seus ossos se transformem em pó.” Eu sorri. “Ou, no mínimo dos mínimos, até que você morra e eu fique incumbida da tarefa de dissecar seu corpo para ver se tem um coração.”

“Audrey Rose, por favor”, sussurrou Nathaniel, parecendo horrorizado. “Não irrite a pessoa responsável por prender nosso tio e guardar o segredo de nosso pai.”

“Está tudo bem”, assentiu Blackburn em direção a Nathaniel, “ela tem todo o direito de ficar chateada.”

Blackburn olhou ao redor de relance, certificando-se de que nós três estivéssemos sozinhos, e então inspirou fundo. Alguma sensação desconfortável repuxava as beiradas de meu cérebro.

“Não faça isso.” Balancei a cabeça, implorando para que ele guardasse para si quaisquer palavras tóxicas que ele estava prestes a dizer. “Eu não quero ouvir nada que o senhor veio me dizer. Eu tenho mais do que o bastante com o que me preocupar atualmente.”

“Audrey Rose”, meu irmão esticou a mão para me alcançar, “você não deveria...”

“Eu não preciso saber de mais nenhuma coisa que seja.” Cortei os protestos de meu irmão. “Não nessa noite.”

Isso era infantil, e eu sabia que Blackburn não teria vindo até aqui apenas para ir embora sem me entregar a mensagem. Ainda assim, eu esperava que ele fosse me

poupar um pouco de pesar.

Seus olhos encheram-se de compaixão, o que era muito pior do que sua piedade. “Achei que seria justo avisá-la, srta. Wadsworth”, disse ele. “Não houve mais nenhum assassinato desde que seu tio foi colocado no manicômio. Algumas pessoas estão ansiosas para colocá-lo como culpado. Elas querem que essa bagunça acabe logo.”

Ele ficou observando minha reação atenciosamente, mas eu estava entorpecida; incapaz de responder-lhe. Era como se eu tivesse deixado o meu corpo e estivesse observando o desenrolar da conversa. Blackburn ficou com o olhar fixo em seus pés. “O enforcamento dele está provisoriamente marcado para o dia trinta de setembro.”

“Mal terão se passado cinco noites a partir de hoje!”, disse Nathaniel, arrancando-me de meu atordoamento. “Como eles podem fazer um julgamento e uma execução tão rápido?”

“Isso nem me parece legal”, falei, buscando a face de meu irmão para obter ajuda.

“E porque não é.” Blackburn inspirou fundo novamente. “Seu irmão está certo. Haverá um julgamento, mas estará longe de ser um julgamento justo. Eles declararão seu tio culpado e o enforçarão antes que a tinta em sua ordem de execução esteja seca. O público está sedento por sangue, membros do Parlamento fizeram suas proclamações... seu tio é o alvo perfeito.” Blackburn foi apontando nos dedos cada um dos delitos do meu tio. “Ele estava em posse de engrenagens manchadas de sangue que encontramos perto dos corpos. Alguém parecido com ele foi visto com a última vítima. Ele não tem nenhum álibi para nenhum dos assassinatos. O pior de tudo é que ele tem a habilidade para extrair órgãos.”

“Pelo amor de Deus, isso é tudo?” Acenei com uma das mãos no ar. “Eu tenho essas mesmas habilidades. Talvez eu seja a assassina.”

Andei de um lado para o outro na sala particionada, com minhas mãos retesando-se nas laterais de meu corpo. Eu me sentia como se fosse um animal selvagem, forçado a dançar para a diversão das pessoas, e abominava isso. Talvez eu fosse libertar todos os babuínos, cavalos e zebras neste circo, todos, até o último, antes de sair daqui esta noite, Jumbo também, já que eu estaria fazendo isso. Ninguém deveria sofrer de modo tão inimaginável nas mãos de outrem.

Voltei minha atenção para Blackburn. “O senhor não pode impedir esta loucura? Pessoas inocentes não podem ser enforcadas, isso é repulsivamente injusto. Certamente que este não pode ser o fim.”

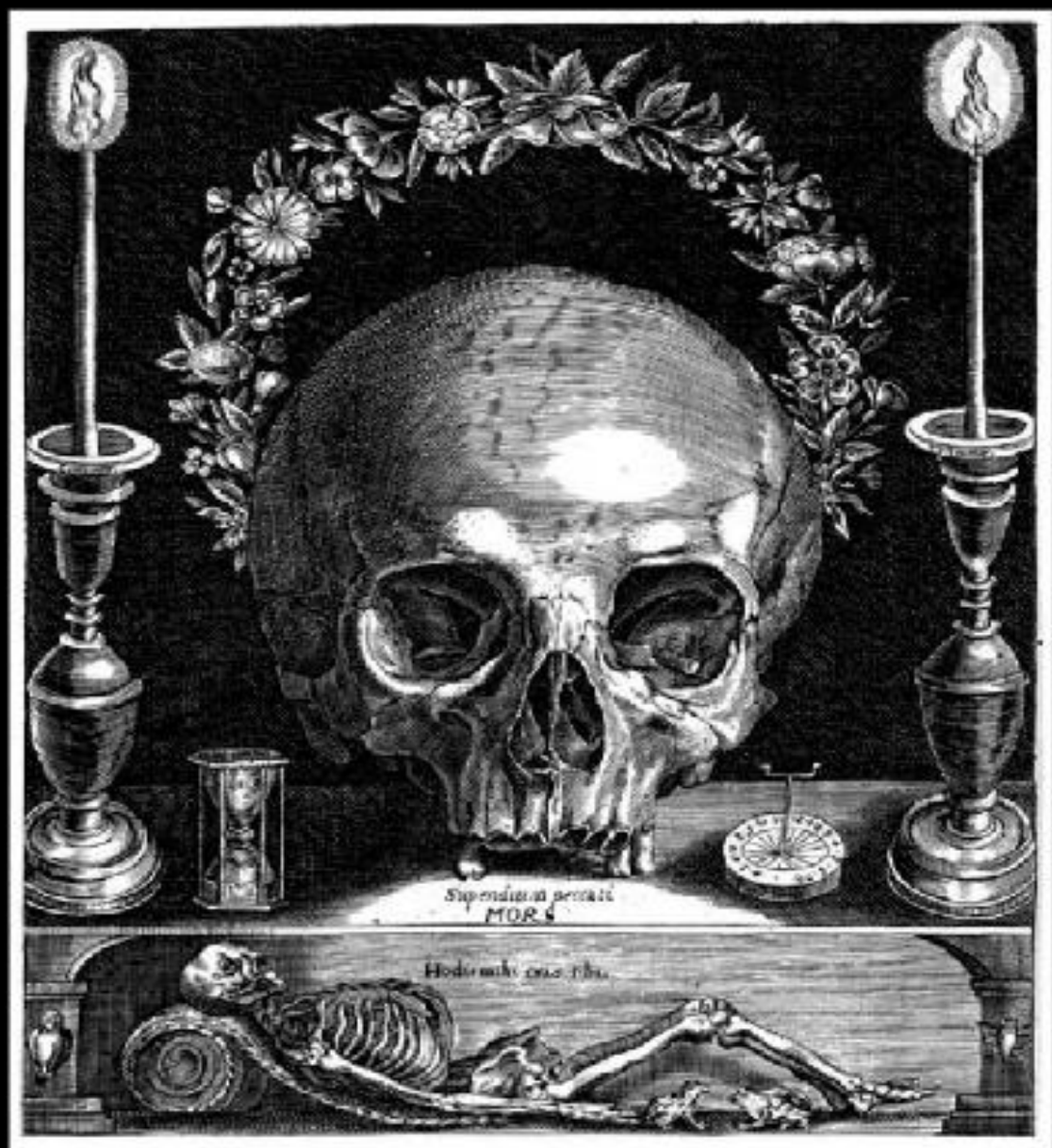
Ele enfiou as mãos nos bolsos, evitando meus olhos como se fosse contrair alguma doença desprezível só de olhar para mim; talvez isso fosse acontecer. O ódio estava banhando todo o meu ser com seu resíduo oleoso.

“Eles acabaram de encerrar a investigação de nossa antiga criada”, falei, dirigindo-me a Nathaniel. “Tem de haver alguma maneira de anular esta... abominação com o nosso sistema de leis. Eles terão pelo menos de terminar a investigação de Annie Chapman. Isso não deveria nos deixar com um pouco mais de tempo?”

Nathaniel mordeu o lábio, parecendo incerto. “Ainda estou aprendendo as complexidades das leis. Perguntarei ao meu mentor.” Encarei-o, desejando que ele corrigisse tudo. Meu irmão estirou as mãos para cima. “Vou visitá-lo agora, ver se consigo resolver isso tudo. Tente não se preocupar, minha irmã. Eu juro que farei o que estiver ao meu alcance para salvar nosso tio. Você acredita em mim?”

Assenti. Era tudo que eu podia fazer, mas isso foi o suficiente para satisfazer meu irmão. Ele voltou sua atenção para o superintendente, com a voz fria. “O senhor acompanha minha irmã até em casa? Presumo que lhe dará uma escolta policial decente, especialmente depois de jogar esta granada em cima de nós.”





# JACK O ESTRIPADOR

RASTRO de SANGUE

## 17. O CORAÇÃO DA BESTA

*Hospital Real de Bethlem, Londres*

*25 de setembro de 1888*



s rumores de que Bedlam era assombrado por monstros eram verdadeiros. Pelo menos, pareciam reais o bastante enquanto nos movíamos com pressa pelos gelados corredores de pedra. Aferrei-me às sedas de minha saia, mantendo-as o mais coladas ao meu corpo quanto possível enquanto caminhava nas proximidades de celas de criminosos e insanos.

Braços estiravam-se para fora como se fossem galhos de árvores, buscando coisas em que se enraizarem. Ou talvez eles estivessem procurando uma forma de sair deste inferno úmido. Blackburn não se segurou em mim nem me ofereceu seu braço, confiando que eu era capaz de me defender neste lugar abismal.

Gritos de almas torturadas erguiam-se ao nosso redor, mas continuamos seguindo em frente. O fedor de corpos não lavados e urinóis que necessitavam desesperadamente ser esvaziados eram o suficiente para revirar meu estômago do avesso. Quanto mais longe afundávamos no manicômio, mais repulsivo o ar se tornava, até que fiquei aterrorizada com a possibilidade de que eu fosse vomitar e aumentar a coisa nauseante que nos cercava.

“Por aqui”, disse Blackburn, conduzindo-nos por mais um lúgubre corredor.

Minha mente girava com pensamentos incontroláveis. Uma das coisas mais terríveis seria explicar meu paradeiro para minha tia, caso Nathaniel voltasse para casa antes de mim.

“É um pouco mais adiante”, disse Blackburn por cima do ombro com suas passadas batendo no chão como se um sino gigante anunciasse a hora em uma noite que, de outra forma, seria silenciosa. “Criminosos são mantidos no coração da besta.”

“Que encantador.” Calafrios lutavam para liberar sua fúria demoníaca por meus braços e pelas minhas costas. Eu não gostava de pensar neste lugar como sendo um organismo vivo, que respirava; um organismo que contivesse qualquer coisa similar a um coração.

Corações geralmente personificavam a compaixão, e este lugar há muito havia perdido esta qualidade. Os únicos batimentos que continuavam acontecendo aqui eram os lamentos dos condenados. Eu não sabia como Blackburn conseguia aguentar frequentar um lugar como este sem macular sua própria alma.

Os reclusos choravam e soluçavam para eles mesmos, falando em linguagens inventadas e guinchando como animais em um zoológico. Como meu tio estava sobrevivendo a esta zona, eu não sabia ao certo, mas ele era um homem que tinha uma mente forte. Se alguém poderia residir em Bedlam e sair dali mais forte, este alguém era tio Jonathan. Provavelmente ele havia encontrado uma maneira de estudar diferentes espécimes de bolor que cresciam em faixas ao longo das paredes e do chão úmidos.

Só de pensar nisso, sorri em face ao medo. Seria precisamente isso o que meu tio faria nesta situação. Ele a transformaria em um gigantesco experimento para passar o tempo, em momento algum se dando conta de que estava ali, na verdade, contra sua vontade. Eu provavelmente teria de persuadi-lo a sair assim que chegasse a hora.

Ele diria: “Preso? Você tem certeza disso? Talvez eu pudesse passar mais um dia aqui revendo minhas descobertas primeiro”. Então eu diria a ele que essa não era uma boa ideia, e ele teria um ataque. Uma vez que ele se dedicava a um experimento, nada mais importava.

Nós andávamos o mais rápido possível, mas eu ainda espiava homens alquebrados andando de um lado para o outro em suas jaulas, parecendo tão ferozes quanto panteras. Estes homens eram diferentes dos insanos. Havia um certo ar calculista em seus olhares fixos. Eu não queria pensar no que eles fariam comigo se escapassem, e acelerei os passos até que estava praticamente tropeçando nos calcanhares de Blackburn.

Eu me concentrei em outras coisas para ocupar a minha mente. Eu estava grata pelo fato de que Nathaniel havia saído para falar com seus advogados antes de nossa excursão até aqui. Eu esperava que ele já estivesse encontrando uma maneira de anular a prisão de nosso tio. Ele haveria de colocar tudo isso nos mais minuciosos detalhes da lei, não se rendendo em momento algum, até que fosse bem-sucedido.

Por fim, nós paramos na frente de uma cela que tinha apenas algumas barras enferrujadas dispostas em pedra sólida perto do topo. O suficiente para passar

bandejas de comida e água para dentro, presumi.

Blackburn retirou o molho de chaves de seu cinto, o qual lhe havia sido entregue por um vigia quando registramos nossa entrada ali, e fez um movimento para que eu ficasse para trás. Ele era um tolo se achava que eu estaria em qualquer lugar que não fosse bem ali no momento em que a porta se destrancasse. Eu mal podia esperar para ver meu tio.

O superintendente assentiu como se já tivesse previsto a minha resposta. “Como desejar, então.”

Com um rangido e um gemido que despertariam coisas que era melhor deixar que dormissem, a cela abriu-se num gesto zombeteiro de boas-vindas. Blackburn deu um passo para trás, permitindo que eu cruzasse o limiar primeiro. Que cavalheiro gentil ele era.

Um ruído horrendo que emanava das sombras fez com que uma legião de pelos em meus braços se arrepiasse. Suprimi uma onda de pânico e marchei para dentro do covil de um cientista, onde fui saudada pelas risadinhas assombrosas dos novos insanos, paralisando completamente com o que vi.

“Que...?” Eu mal reconheci a criatura que meu tio havia se tornado.

Acocorado no canto de sua pequena cela de pedra, ele se balançava para a frente e para trás enquanto uma risada sobrenatural saía de seus lábios rachados. Um jarro de água virado para cima estava ao lado dele, tendo secado havia muito tempo, pelo que parecia.

“O que aconteceu com ele?” Eu me segurei na barra mais próxima, buscando firmeza depois do choque. Como foi que ele havia ensandecido assim tão rapidamente? Com certeza ele não poderia ter perdido *tanto assim* de sua mente em apenas algumas semanas.

Alguma coisa estava errada. Blackburn não disse nada.

Quando meu tio não estava gargalhando, murmurava algo baixo demais para que eu conseguisse ouvir o que era. Alguém havia lhe dado apenas uma fina roupa de dormir para vestir, que estava manchada de marrom e amarelo. O pouco de comida que haviam lhe servido havia ido parar, em grande parte, em sua roupa suja.

“Como alguém pode tratar uma pessoa dessa forma está além da minha compreensão”, grunhi. “Isso está... isso está além do inaceitável, sr. Blackburn.”

O próprio Satã deve ser o senhor regente destas almas perdidas. Eu não sabia o que poderia ser pior do que o Inferno, ou do que este lugar, mas desejava mil mortes terríveis para a pessoa responsável por tamanha crueldade. Eram seres humanos, e mereciam ser tratados como tais.

Peguei um cobertor esfarrapado do chão e o chacoalhei, fazendo com que partículas de poeira se espiralassem à pálida luz que entrava pelas barras na porta. A cela ficava no suposto coração do lugar, ainda assim, havia um frio aqui que não existia no úmido corredor. Aproximei-me devagar de meu tio, evitando alarmá-lo, mas desesperadamente curiosa para saber o que ele sussurrava sem parar.

Quanto mais perto eu chegava dele, mais intensamente o cheiro se prendia às moléculas no ar. Pelo cheiro, era como se ele não tivesse tomado banho nas últimas duas semanas e estivesse usando o chão para fazer suas necessidades. Lutei contra um acesso de náusea crescente. Seu bigode loiro estava comprido e malcuidado, encontrando-se com novos pelos faciais crescidos em emaranhados selvagens. Havia algo de estranho em relação aos olhos dele, além de seu olhar vidrado, desfocado e ensandecido. Ele parecia aterrorizado.

Depois de envolver os ombros dele com o cobertor, me ajoelhei no chão, inspecionando-o com mais atenção. Foi então que notei a tigela virada de comida deplorável e sua estranha cor.

Meu sangue transformou-se em gelo como o Tâmis no inverno, congelando os rios e os afluentes de minhas veias em ondas de revolta. Eu haveria de matar quem quer que tivesse feito isso. Eu assassinaria a besta miserável de forma tão violenta que faria com que nosso assassino de Whitechapel parecesse um gatinho indefeso brincando com uma bola de corda intestinal uma vez que eu tivesse acabado de lidar com eles.

“Ele foi drogado.” Olhei com ódio para Blackburn, como se o dedo dele estivesse pessoalmente metido nisso. O que, visto que ele o havia prendido, poderia ser argumentado que estava.

Ele cruzou a sala devagar e agachou-se ao meu lado, evitando meu olhar acusador e cheio de ódio. Não era incomum que dessem tônicos aos insanos para acalmar suas mentes, mas meu tio não era insano nem precisava de tais medicações.

“Só Deus sabe do que este pó é capaz”, falei. “Você não pode pelo menos protegê-lo enquanto ele estiver aqui? Há bondade em você? Ou você é apenas *excelente* nisso de ser terrível?”

Blackburn ficou ruborizado. “Em um lugar como esse, substâncias inebriantes são com frequência a única forma de manter a paz...”, a voz dele foi cortada quando lancei um olhar de ódio. “É imperdoável, srta. Wadsworth. Eu lhe garanto que isso não foi feito com malícia. Quase todo mundo aqui recebe doses de... soros experimentais.”

“Que maravilha. Eu me sinto *tão* melhor! Puxei uma fita de meus cabelos, e então rasguei uma faixa do tecido da parte debaixo de minhas saias e peguei um pouco da gosma na minha trouxinha de pano improvisada antes de prendê-la. Eu levaria isso até o laboratório de meu tio e realizaria testes em busca de venenos ou toxinas letais. Eu não confiava que ninguém estivesse me dizendo a verdade. Poderia se tratar de um tônico inofensivo dado a “quase todo mundo”, ou poderia ser algo pior.

Qualquer um que fosse capaz de administrar algo assim a um homem saudável era vil demais e maculado demais para que fosse confiável. Blackburn se encaixava nesta mesma categoria.

Sentando-me em cima de meus calcanhares, espiei o rosto de meu tio. “Tio Jonathan, sou eu, Audrey Rose. O senhor consegue me ouvir?”

Meu tio estava acordado, mas bem que poderia estar dormindo com os olhos abertos. Ele não me via nem via a ninguém mais na sala, apenas quaisquer que fossem as imagens que ele estava reproduzindo em sua própria mente. Acenei com a mão na frente de seu rosto, mas ele nem piscou.

Seus lábios se moveram, e eu só consegui discernir o que ele vinha repetindo desde a primeira vez em que colocamos os pés na cela dele. Ele estava dizendo seu nome completo, Jonathan Nathaniel Wadsworth, como se esta fosse a resposta para todos os mistérios do universo.

Nada de útil, então. Com gentileza, o chacoalhei, ignorando a onda de desapontamento que estava me banhando com força. “Por favor, tio. Por favor, olhe para mim. Diga alguma coisa. Qualquer coisa.”

Fiz uma pausa, esperando por algum sinal de que ele havia me ouvido, mas ele apenas entoava seu nome e dava risadinhas, embalando-se para trás e para a frente com tanta força que chegava a ser agressivo. Meus olhos suplicavam para que ele olhasse para mim, para que me respondesse, mas nada quebrava o transe em que ele se encontrava. Lágrimas de frustração acumulavam-se em meus olhos. Como eles se atreviam a fazer isso com meu tio? Meu bravo e inteligente tio. Agarrei os ombros dele, sacudindo-o com mais força e sem me importar com o quão abismal eu devia parecer para Blackburn. Eu era uma terrível criatura. Era egoísta e estava assustada e não me importava com quem ficasse sabendo disso.

Eu precisava do meu tio. Precisava que ele me ajudasse a exonerá-lo, de modo que pudéssemos impedir um homem louco de cometer uma onda de assassinatos que certamente ainda não tinha acabado.

“Acorde! O senhor tem de lutar para sair dessa!” Um choro mesclado com soluço irrompeu em minha garganta, e eu o chacoalhei até que meus próprios

dentes tremessem. Eu não podia perdê-lo também. Não depois de perder minha mãe para a morte, e meu pai tanto para o láudano quanto para o pesar. Eu precisava que alguém permanecesse. “Eu não consigo fazer isso sem o senhor. *Por favor.*”

Blackburn esticou a mão, puxando as minhas para longe de meu tio, com gentileza. “Venha. Vou chamar um médico para cuidar dele. Não há nada mais que possamos fazer por seu tio essa noite. Assim que a droga estiver fora de seu organismo, ele será capaz de falar conosco.”

“Oh?”, perguntei, limpando o rosto com o dorso de minha mão. “Como podemos ter certeza de que esse seu médico não foi quem administrou esta... crueldade, para começo de conversa?”

“Eu peço desculpas, srta. Wadsworth. Tenho bastante certeza de que isso foi apenas um procedimento de rotina”, disse ele. “Fique sabendo de uma coisa: vou me certificar de que todo mundo esteja ciente de que haverá uma penalidade severa se derem alguma outra dose ao seu tio.”

Seu tom e sua expressão, que escurecia suas feições, eram ameaçadores o bastante para que eu acreditasse nele. Tão satisfeita quanto eu poderia estar, permiti que Blackburn me guiasse para fora da cela, mas não sem antes dar um beijo de despedida no topo da cabeça de meu tio. Minhas lágrimas já haviam secado quando sussurrei: “Pelo meu sangue, vou consertar isso ou morrer tentando”.

Uma vez que estávamos de volta na carruagem, Blackburn deu ao motorista meu endereço na praça Belgrave. Eu já estava farta de ter homens me dizendo aonde eu iria, e bati com os nós de meus dedos na lateral da carruagem, deixando a ambos alarmados. Eu não me importava com o que Nathaniel queria, com o que minha tia Amelia diria, nem com o que Blackburn pensaria de mim.

“Na verdade, pode me deixar na rua Piccadilly”, falei. “Há alguém lá com quem preciso falar com urgência.”



NECRÓPOLE - ESTAÇÃO DO CEMITÉRIO  
Estação Ferroviária da Necrópole de Londres, século XIX



# JACK O ESTRIPADOR

---

RASTRO de SANGUE

## 18. ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DA NECRÓPOLE

*Apartamento de Thomas Cresswell, rua Piccadilly*

*25 de setembro de 1888*



Fiquei parada a meia quadra de distância, escondendo-me quando Thomas abriu a porta de seu apartamento e depois espiou ao seu redor, parecendo tão alerta e composto como se fossem nove horas da manhã em vez de quase dez da noite. Eu me perguntava se em algum momento ele pareceria desmazelado ou exausto. Talvez seus cabelos estivessem permanentemente grudados na lateral de sua cabeça para que ele tivesse menos incômodos. Meu irmão tinha algo a aprender com ele.

Fiquei observando em silêncio, reunindo coragem para ir até ele, mas alguma força inerente a mim sussurrava-me para que eu permanecesse escondida. Eu meio que esperava que ele viesse andando na minha direção, mas ele não me notou parada na escuridão a vários metros de distância dele.

Eu havia mentido a Blackburn. Dissera que Thomas morava duas quadras abaixo e tinha vindo lentamente seguindo meu caminho em direção ao endereço correto.

Eu não sabia ao certo o que estava fazendo aqui tão tarde da noite, e estava recompondo meus pensamentos. Temores tolos haviam emergido em borbulhas. E se as meninas no chá estivessem erradas e ele realmente morasse com a família? Eles ficariam escandalizados com minha presença desacompanhada a essa hora.

Não é como se ele tivesse me oferecido seu endereço. Eu o havia encontrado em um dos livros-razão de meu tio e estava contemplando a possibilidade de simplesmente ir para a minha casa. Agora eu estava hesitante porque ele estava agindo... de modo suspeito.

Prendi a respiração, certa de que, de alguma forma, Thomas houvesse me avistado ou tivesse deduzido minha presença ali, mas sua atenção em momento algum se voltou para onde eu estava. Ele ergueu a gola do sobretudo e então

desceu calmamente pela rua iluminada por lâmpadas de gás, com suas passadas propositalmente silenciosas.

“Aonde você vai?”, sussurrei.

A neblina pairava no ar em baforadas vaporosas, obscurecendo tudo do chão para cima. Rápido demais eu o perdi de vista. Dedos frios deslizavam pela minha espinha, me causando arrepios. Embora aquela fosse uma vizinhança elegante durante o dia, eu não queria ficar presa ali sozinha quando todo mundo fechasse suas portas à noite.

Erguendo um pouco minhas saias, saí correndo atrás de Thomas, tendo o cuidado de manter-me às sombras entre as lâmpadas.

Um minuto depois, alcancei-o próximo ao fim da quadra. Ele havia parado e estava olhando em uma direção, e depois, na outra. Meu coração dava murros no peito, e eu rezava para que Thomas não se virasse. Recuando rapidamente de volta para a neblina, deixei que sua gélida parede me envolvesse.

Thomas inclinou a cabeça, mas continuou descendo pela próxima rua, recomeçando seu silencioso, ainda que rápido, ritmo de caminhada. Exalando o ar, contei três respirações e então o segui, dando passos ainda mais cautelosos.

Passamos por ruas desertas, encontrando apenas uma carruagem puxada por um cavalo voltando do parque. O cheiro de estrume seguia seu rastro, e tive de lutar contra a necessidade premente de espirrar.

Thomas não fez mais nenhuma parada, e suas longas pernas o levavam em passos largos na direção da Westminster Bridge e do Tâmesa. Ao longe, eu distingi o arco de pedra da Estação Ferroviária da Necrópole de Londres.

A estação tinha sido construída trinta anos atrás para ajudar a levar os mortos de Londres a Surrey, onde ficava o Cemitério Brookwood. O aumento do número de óbitos em decorrência da disseminação de doenças infecciosas e contagiosas, como a escarlatina, tornou necessários os túmulos extras, e optou-se por construí-los longe da cidade para ajudar a manter a contaminação longe dos vivos.

Um outro calafrio emaranhou-se em meus cabelos quando nos aproximamos mais da água. Eu não havia me esquecido de que o rio era um dos lugares onde Thomas havia sugerido que nosso assassino cometera seus feitos hediondos. Então, por que estaria ele andando furtivamente por este mesmo lugar assim tão tarde da noite? Antes que eu pensasse demais nisso, uma segunda silhueta emergiu de uma rebaixada estrada de acesso onde as carruagens entregavam corpos para a Necrópole debaixo do rio.

Eu não me importava com os corpos tanto quanto eu temia os vivos, criaturas que respiravam e estavam à espreita em um lugar como este. Eu tinha uma terrível

suspeita de que este não era nenhum encontro secreto dos Cavalheiros de Whitechapel. Entrando sorrateiramente em uma viela adjacente ao edifício, virei o pescoço ao meu redor e para cima, na esperança de ter uma visão melhor de Thomas e de seu companheiro não identificado.

A conversa deles foi sussurrada, bem baixinho, então eu não fui capaz de discernir nenhum de seus particulares. Todavia, não precisou muito para captar sua parte essencial.

Era suspeito que alguém ficasse simplesmente parado do lado de fora de um lugar onde centenas de mortos eram levados por via férrea até o Cemitério Brookwood. Especialmente quando esse alguém estava estudando o funcionamento interno do corpo humano e precisava de mais cobaias do que as que se voluntariavam. Como se ele tivesse ouvido minha reprimenda interna, Thomas abruptamente se virou na minha direção e eu quase caí aos tropeços no chão.

Fechei os olhos e imaginei uma muralha surgindo ao meu redor, desejando que Thomas continuasse cego para a minha presença ali, caso fosse investigar esta viela. Continuei ouvindo com muita atenção, mas nenhum som de alguém vindo atrás de mim chegou aos meus ouvidos. Por fim, voltei furtivamente para o canto.

Thomas estava de frente para a direção oposta agora, profundamente imerso em uma conversa.

Havia uma aura ominosa ao redor da Necrópole, até mesmo com seu portão de ferro ornamentado e com o trabalho entalhado em pedras de cantaria fazendo seu melhor para trazer a paz às pessoas em luto que iam prestar seus últimos respeitos aos falecidos.

Minutos se passaram e as duas silhuetas desapareceram pela estrada de acesso abaixo. *Droga!* Fiquei andando de um lado para o outro onde eu estava, presa entre o desejo de sair correndo atrás deles e a certeza de que não haveria nenhum lugar para me esconder caso eu fosse avistada naquela passagem subterrânea.

Se eu esperasse, poderia ficar parada aqui até o alvorecer. Não tinha como saber se Thomas estava entrando na estrada de ferro para viajar até o cemitério ou se ele estava apenas indo até um dos necrotérios ou uma das salas funerárias. Eu havia visitado o edifício em duas ocasiões. Uma vez quando fui buscar um corpo para meu tio e outra vez quando minha mãe morreu.

Eu mal me lembrava de como ela estava, mas me lembrava de todos os detalhes da sala em que ela repousava antes de partir em sua viagem final até o cemitério. Eu não consegui ir com meu pai e com Nathaniel até o túmulo dela naquela terrível manhã. Sob as ordens de meu pai, o sr. Thomley havia me escoltado até em casa, enfiada nos braços dele, protegendo-me da cruel realidade do mundo.

Fiquei fitando o escuro, desejando que Thomas se materializasse e me distraísse de minhas recordações. Soltei um suspiro. “Oh, tudo bem. Eu vou até você, então.”

Uma folha foi esmagada atrás de mim. Minha circulação sanguínea acelerou, como se um milhão de agulhas mortuárias houvessem me picado ao mesmo tempo. Girei nos calcanhares, pronta para voar por todo o caminho até minha casa, e então tropecei no prédio, com minha mão cobrindo meu coração. “Meu Deus! Você me assustou para diabo!”

Thomas inclinou-se junto à parede ao meu lado, ficando tão perto de mim que chegava a ser indecente. Eu não me atrevi a me mover. Eu mal me lembrei de respirar com o rosto dele a tão poucos centímetros do meu. Ele batia com os dedos na pedra, sem tirar, em momento algum, os olhos de mim, curvando os lábios para cima. “Bem, você me deixa aterrorizado, Wadsworth. Parece que estamos quites.”

Um pouco do choque estava se desfazendo, ainda assim, minha língua e meus músculos pareciam incapazes de fazer algum movimento. A forma como ele andava na noite como se fosse um ladrão era perturbadora.

Eu queria berrar com ele, gritar sobre o quão errado era aproximar-se sorrateiramente de alguém, mas só conseguia fitá-lo em resposta, respirando com dificuldade. Havia algo de excitante em relação a ser pega pelo olhar fixo dele no escuro.

Rangidos de uma carruagem que transportava uma carga pesada quebraram o carregado silêncio, e ele ficou observando-a enquanto ela passava pela estreita passagem. Uma vez que os cascos dos cavalos bateram nos paralelepípedos ao longe, ele voltou novamente sua atenção para mim.

“Eu tinha esperanças de que você fizesse valer suas ameaças de me perseguir.” Ele passou os olhos pela minha roupa. “Talvez o penteado de seus cabelos tenha apresentado um efeito positivo em seu cérebro. Beleza e função.”

Estreitei os olhos, guardando o fato de que ele havia me chamado de bela para inspeção futura. “Como você soube que eu estava aqui?”

Um sorriso torto ergueu os cantos de sua boca. “Diga-me uma coisa, Wadsworth. Por que você se contorceu em seu assento quando estávamos em sua sala de visitas, embora sua tia estivesse lá em cima?”, ele veio mais para perto de mim, hesitantemente passando um dedo pela minha bochecha. “Ainda assim, me seguiu nas mortas horas da noite, sem nenhuma esperança da intervenção de um acompanhante caso eu tentasse lhe roubar um beijo?”

Ele concentrou-se em meus lábios, e eu fiquei petrificada a ponto de achar que minhas respirações romperiam meu espartilho. De algumas formas, ele parecia tão assustado quanto eu, e sua atenção voltava-se para cima novamente para medir

minha reação. Certamente ele queria me beijar. Disso eu tinha certeza. Eu não tinha como negar meu coração desejoso e traiçoeiro também.

“Sua família não lhe avisou para não ficar saindo sozinha furtivamente a essa hora da noite?”, ele me perguntou. “Coisas perigosas ficam por aí no escuro.”

Agora meu coração espanicava o meu peito por um motivo totalmente novo.

Ele inclinou-se para a frente, segurando meu rosto com as mãos em concha, de forma gentil, antes que eu recobrasse o bom senso e estapeasse as mãos dele para que ele as tirasse dali. Se ele queria me beijar, ele teria que surgir com algo um pouco mais romântico do que uma viela do lado de fora de uma estação funerária. “O que você está fazendo aqui?”

Com um grande esforço, ele arrancou o olhar contemplativo do meu e recuou. “Garantindo um corpo para meu laboratório pessoal. O que mais eu estaria fazendo aqui? Encontrando uma bela moça para cortejar na Necrópole?”

Pisquei. “Sério? Você está roubando um cadáver e admitindo isso assim descaradamente?”

“Quem disse que eu estava roubando?” Thomas olhou para mim como se a louca fosse eu. “Ninguém reivindicou este corpo. Eu tenho permissão para estudar corpos que não são reivindicados e trazê-los de volta.”

Cruzei os braços. “E é por este motivo que você está andando por aí furtivamente à noite?”

Thomas ergueu o queixo subitamente na direção do som da carruagem que partia. “Estou aqui para quando o turno de Oliver terminar.” Ele riu com minha expressão confusa. “Honestamente, sua imaginação é fascinante, Wadsworth. Em seguida você estará me acusando dos assassinatos.”

Notei que o olhar dele baixou para contemplar meus lábios e os franzi em resposta. “Eu nunca ouvi falar em tal arranjo antes.”

“Embora seja um tanto quanto intrigante ficar enfurnado em uma viela escura e deserta com você, discutindo fatos”, disse ele, “eu tenho melhores usos para o meu tempo.” Ele fez uma pausa, absorvendo minha expressão magoada. “Permita-me corrigir essa declaração. Nós temos melhores usos para o nosso tempo. Contudo, se você preferir, podemos ficar aqui. Eu gosto bastante de me demorar em lugares escuros com você.” Eu não consegui não sorrir. Ele era demoníaco. “Agora, você vem? Este cadáver é belo e fresco.”

Ele esfregou as mãos uma na outra, mal conseguindo conter sua alegria sombria. Se eu fosse uma boa menina, iria para casa e fingiria que não tinha a mínima ideia do que Thomas estava prestes a fazer. Deitaria em minha cama e tomaria o café da manhã com minha tia e minha prima. Falaríamos sobre o circo e planejaríamos

outro chá enquanto faríamos costuras e bordaríamos guardanapos para nossos futuros maridos. Porém, eu não era como elas. Eu não era maliciosa, apenas curiosa.

Eu queria estudar o corpo tanto quanto Thomas o queria, mesmo se o ato da dissecação e de ir para casa com um rapaz me condenasse a uma desventurosa morte social.

Meia hora depois, nós estávamos do lado de fora do apartamento dele, pagando ao homem que havia entregado o cadáver. Ele olhou feio para mim antes de enfiar o dinheiro no bolso. Seus olhos eram dois buracos negros, desprovidos de emoção humana. Precisei de toda a minha concentração, mas consegui conter meu estremecimento. Thomas fez um movimento para que eu entrasse e depois fechou a porta. Não sei ao certo o quê eu estava esperando, mas um simples vestíbulo e uma escadaria que dava para um apartamento lá em cima não era o que eu esperava.

“Aconchegante”, falei. Uma pequena mesa estava disposta com uma bandeja de biscoitos que cheiravam como se tivessem saído recentemente do forno e deixados ali há menos de uma hora.

Thomas assentiu na direção da comida. “Sirva-se. A sra. Harvey pode ficar um tanto quanto insuportável quando suas guloseimas são deixadas para ficarem velhas na noite.”

Eu não estava com fome, mas não queria ofender esta misteriosa mulher fazedora de biscoitos que ele mantinha escondida sabe lá Deus onde.

Chegamos à porta de seu apartamento e Thomas ficou apenas levemente hesitante antes de empurrá-la e abri-la. Ali dentro, jornais e diários estavam espalhados em pilhas irregulares, chegando a mais ou menos um metro e meio de altura. Animais empalhados ladeavam as estantes em volta da sala, e ferramentas científicas estavam dispostas de forma bagunçada.

Um forte cheiro de produtos químicos de laboratório remanescia no ar. No canto mais extremo havia uma mesa portátil com um cadáver fresco em cima dela.

Fiquei momentaneamente sem palavras. Não por causa do corpo, mas devido à sala em si. Como Thomas encontrava alguma coisa nesta bagunça era outro mistério a ser desvendado. Eu estava ficando acostumada a esperar o inesperado quando se tratava dele, mas isso ainda conseguia arrancar um pouco de choque da minha parte. A pessoa dele era tão arrumadinha e limpa, e isso... isso não o era.

“Onde estão seus pais?”, perguntei a ele, notando uma fotografia de uma bela moça de cabelos pretos em uma das estantes. Senti como se um punho cerrado socasse meu peito. Será que Thomas estava prometido a um outro alguém? A família dele era nobre, e um noivado cedo não era algo extraordinário. Eu não

gostei nem um pouco dessa possibilidade. Fiz um movimento na direção da foto. “Ela é adorável.” Ele virou as costas para mim e foi andando em direção à fotografia. “Ela realmente é bem adorável”, disse ele, pegando a fotografia. “Encantadora, na verdade. Estes olhos, e suas feições perfeitamente proporcionais. Ela também vem de uma família magnífica.” Ele soltou um suspiro, feliz. “Eu a amo de todo coração.”

*Ele estava apaixonado.* Que excepcionalmente maravilhoso para ele. Eu desejava a eles uma vida inteira de infortúnio com filhos mal-comportados. Engoli em seco minha irritação e coleí um sorriso no rosto. “Espero que vocês dois sejam muito felizes juntos.”

Thomas girou a cabeça rapidamente, como se estivesse estalando um chicote. “Perdão? Você...” Ele analisou meu maxilar enrijecido e a forçada indiferença em minhas feições. O patife teve a audácia de dar risada. “Ela é adorável porque ela é minha irmã, Audrey Rose. Estou me referindo aos genes superiores que temos em comum. Meu coração pertence somente a você.”

Pisquei. “Você tem uma irmã?”

“Presumo que você não tenha vindo até aqui para me fazer perguntas sobre a minha vida pessoal nem para me falar sobre o circo ao qual você foi esta noite com seu irmão.” Ele olhou de relance na minha direção, aumentando seu já largo sorriso. “Muito para meu horror, você não veio até aqui para um encontro clandestino também.”

“Como você sabe sobre o cir...?”

Ele inclinou a cabeça de lado, absorvendo o restante do conjunto de minhas roupas. “Mas talvez você fosse gostar de me contar do que ficou sabendo no manicômio...”

Eu me virei para ele. “Como você sabe que estive em um manicômio?”

“A serragem que ficou presa nas dobras de suas saias não veio do tempo que você passou no Olympia. Não há muitos lugares em Londres em que uma moça entraria em contato com tal material. Eu não conseguiria visualizá-la em uma carpintaria, em um pub inferior ou em um necrotério assim tão tarde, então, aonde isso nos deixa?”, ele me perguntou, sem esperar resposta, marcando cada lugar em um de seus dedos. “Laboratórios, casas de correção e manicômios. Diminuindo ainda mais as possibilidades, eu vi manchas de ferrugem nas palmas de suas mãos. Muito provavelmente você se deparou com velhas barras. Então temos a questão da sua saia rasgada, e do pequeno pacote que você guardou”, ele ergueu as sobrancelhas. “Está tudo bem, pode ficar impressionada com isso. Eu sei que eu ficaria.”

“Oh, anda logo.”

“De qualquer forma, não foi preciso muito para concluir que você esteve no manicômio e apareceu aqui para discutir o que descobriu”, disse ele. “Uma outra conclusão um tanto quanto óbvia é que presumo que você estivesse visitando seu tio.”

“Exibido”, falei, esfregando sutilmente as palmas de minhas mãos na minha saia, com uma lembrança de segurar naquelas barras passando pela minha cabeça. Eu nem mesmo tinha me dado conta de que minhas mãos haviam ficado manchadas com um contato tão breve com elas. Precisei de todos os últimos pontos de minha energia para me impedir de revirar os olhos para a expressão presunçosa dele.

Ofereci-lhe um lento bater de palmas. “Muito bem, Thomas. Você desvendou o óbvio. Bom para você. Agora nós precisamos descobrir com o que meu tio foi drogado. Se é um tônico padrão do manicômio ou algo mais sinistro.”

“O que você quer dizer com isso?”, ele me perguntou. “Como ele estava agindo?”

Atualizei Thomas quanto aos eventos da noite enquanto sacava minha bolsinha improvisada do mingau e testava seu conteúdo. “Era como se ele estivesse perdido em algum transe.”

Thomas ficou me observando enquanto eu espalhava a substância no papel de tornassol. “O conta-gotas está na gaveta de cima, debaixo de uma pilha de papéis à esquerda.”

Segui as instruções dele e encontrei o conta-gotas com facilidade. Coloquei uma gota do líquido no papel e fiquei observando enquanto ele ficava de um azul profundo. “Definitivamente se trata de algum tipo de opiáceo.”

“Provavelmente estão dando a ele em uma forma quase pura”, disse, andando de um lado para o outro em frente à sua escrivaninha. “Se eles realmente estão avançando com este julgamento assim tão rapidamente, eles vão querer que ele pareça o mais louco possível. A maioria dos elixires causa alucinações, o que explica o estado dele. Infelizmente, isso tudo não é assim tão incomum. Poderia ser um procedimento padrão pré-julgamento.”

Ele parou apenas por tempo suficiente para olhar para mim de relance. “Você tem certeza de que pode confiar em Blackburn? O que você sabe sobre ele?”

Eu conhecia o policial somente de uns poucos encontros desagradáveis e não tinha certeza de nada. “Eu acho que ele se sente culpado por meu tio estar nessa confusão. E eu creio que ele esteja tentando compensar por tê-lo prendido ao me envolver no caso.”



“Sentir culpa não forma uma base sólida de confiança. Na verdade, isso me faz confiar menos ainda nele.” Thomas estreitou os olhos, vindo na minha direção. “Por que ele mostrou tal interesse em sua família? Se não estivesse tão apaixonada por ele, você seria mais cética em relação aos motivos dele. Muita coisa pode estar escondida sob o largo sorriso de um rapaz.”

“Eu não estou *apaixonada* por ninguém.”

“Nós concordamos que não mentiríamos um para o outro”, disse ele, baixinho, e então se virou, antes que eu pudesse ler a expressão em seu rosto. “Alguém está ansioso para que seu tio pague por estes crimes, Audrey Rose. Vamos presumir o pior em relação a Blackburn. Todo mundo deve permanecer suspeito até que se prove o contrário.”

“Eu deveria ficar com suspeitas até mesmo do senhor, sr. Cresswell?”

Thomas parou diante de mim, com todos os traços de humor ausentes de sua expressão. “Sim. É sua obrigação ficar alerta o tempo todo. Até mesmo em relação àqueles que lhe são mais próximos.”

E eu achei que eu fosse alarmista. Thomas foi andando até um gabinete, puxando dali de dentro dois aventais brancos.

Empurrei o kit de química de lado, pensando em coisas desgraçadas. “Se houver outro assassinato entre agora e o dia trinta, eles terão de libertá-lo. Não terão?” Peguei um fio no corpete de meu vestido, evitando erguer o olhar. “Quero dizer, certamente que não haverão de julgá-lo por estes crimes se um outro ocorrer enquanto ele estiver no manicômio.”

A atenção de Thomas voltou-se para mim. “Você está sugerindo que executemos um assassinato, Wadsworth? Você está planejando se ocupar do trabalho sujo ou eu devo lidar com essa parte?”

“Não seja ridículo. Eu só quero dizer que sempre existe uma possibilidade de que outro corpo apareça. Eu não consigo acreditar que nosso assassino simplesmente vá desistir e desaparecer silenciosamente na noite. Você mesmo disse isso.”

Ele considerou a possibilidade por alguns instantes. “Imagino que sim, mas se apostarmos nessa teoria, então também é possível que eu invente um barco a vapor que viaje pelos céus antes do fim da semana.”

“Você está mesmo tentando construir um barco a vapor voador?”

“De jeito nenhum”, disse ele, com um sorriso diabólico, apanhando um escalpelo da mesa de exames e me entregando junto com um avental “Você mesma disse que tudo é possível.” Ele assentiu à direção do cadáver. “Vamos prosseguir

com isso daqui. Temos de devolver o corpo na alvorada, e eu gostaria de coletar a vesícula biliar primeiro.”

Sem hesitar, abri bem a pele com minha lâmina, fazendo por merecer um assovio de apreciação vindo de Thomas.

# Remington

## STANDARD



# Typewriter.

**WYCKOFF, SEAMANS & BENEDICT,**

*NOTE.—Our unqualified challenge for a test of all Writing Machines remains unaccepted. Send for copy if interested.*

**1888**

# JACK O ESTRIPADOR

RASTRO de SANGUE

## 19. PREZADO CHEFE

*Agência Central de Notícias, Londres*

*27 de setembro de 1888*



som de máquinas de escrever digitando com as batidas de uma centena de dedos saudou a mim e a Thomas enquanto acompanhávamos o superintendente Blackburn pela ocupada agência de notícias adentro. A maioria das histórias deles era formada por “mentiras sensacionalistas e falsas acusações que estavam esperando para acontecer”, segundo o meu irmão. Eu não discordava.

Blackburn havia me encontrado trancafiada no laboratório de meu tio, analisando detalhes dos assassinatos e evidências que estavam sendo usados contra ele, e eu insisti em ver o último horror com meus próprios olhos.

O superintendente não estava ansioso pela companhia de Thomas, mas eu o convenci de que a opinião de especialista dele se fazia muito necessária. Provavelmente Thomas avistaria qualquer detalhe que tivesse passado despercebido, e era exatamente disso que meu tio precisava. Blackburn acabou cedendo.

Liza havia me ajudado a inventar desculpas para sair de casa, dizendo à sua mãe que precisávamos desesperadamente sair para fazer compras. Tia Amelia ficou animadíssima porque eu estaria fazendo coisas “apropriadas para moças” e nos mandou sair, cantarolando para si mesma. Eu suspeitava de que minha prima estava disposta a ajudar porque isso lhe permitia ter tempo para sair furtivamente e ir até o parque com seu mais recente interesse amoroso. A despeito de seus motivos, eu estava grata pela presença dela e sentiria sua falta quando elas voltassem para o interior.

A ansiedade contorcia-se por meus braços e pernas. Blackburn não era um jovem rapaz de muitas palavras, então ele não falou muito na viagem de

carruagem. Tudo que eu sabia era que alguma coisa havia vindo à tona e que tinha o potencial de lançar dúvidas em relação à culpa de meu tio, ou de afrouxar a corda em seu pescoço para sempre.

Thomas podia não confiar em Blackburn, mas eu estava desesperada o bastante para aceitar qualquer ajuda que pudéssemos obter, até mesmo se isso significasse acompanhar a pessoa que originalmente havia colocado meu tio no manicômio nas profundezas do Inferno.

Passamos por várias mesas em que repórteres escreviam e conversavam, animados, sobre as notícias do dia. Um zunido palpável podia ser sentido como se fosse a eletricidade passando pelas lâmpadas de Thomas Edison.

Ao final da pequena sala havia um escritório em que um homem robusto estava sentado atrás de uma mesa ainda maior do que ele. Tinha um óculos no rosto e estresse nos ossos.

O entalhe na porta informava a qualquer um que ali entrasse de que ele era o editor. Havia algo de desolador em relação a ele que permeava todos os seus movimentos e todas as suas ações; tinha relação com ver demais as trevas da vida. A atenção dele pousou-se em cada um de nós, aparentemente calculando nossos motivos ou personalidades, antes de parar no superintendente Blackburn. Ele apagou o cigarro com dedos que pareciam pequenas salsichas, então pediu que entrássemos e nos sentássemos, com movimentos rápidos e inquietos.

Fiquei observando enquanto as minúsculas brasas esvaneciam-se, passando do laranja ao cinza da fumaça que se erguia enquanto nos acomodávamos. Uma densa nuvem de fumaça estabeleceu residência acima de nossas cabeças, como se não quisesse perder nada do que estávamos prestes a descobrir.

Eu não conseguia encontrar a disposição para ficar irritada com as fumaças tóxicas, estava nervosa demais em relação à notícia que poderia exonerar ou condenar ainda mais meu tio. Thomas, no entanto, parecia pronto para pular em cima da mesa e sugar os últimos resíduos de tabaco para dentro de seus pulmões.

Com mãos trêmulas, o editor apontou para um conjunto de chá em um aparador perto da parede. “Se algum de vocês quiser um refresco antes de começarmos, por favor, fiquem à vontade.”

Blackburn olhou para mim, com as sobrancelhas erguidas, e eu balancei levemente a cabeça. Eu não queria ficar ali por mais tempo do que se fizesse necessário. Este lugar era sufocante, e o editor me deixava nervosa. “Não, obrigado, sr. Doyle”, disse ele. “Se o senhor não se importa, eu gostaria de ver a carta de que falou mais cedo.”

“O que vocês estão prestes a ver é um tanto quanto desagradável”, preveniu o sr. Doyle, com o olhar fixo em mim. “Especialmente para uma jovem dama.”

Eu sorri, inclinando-me por sobre a mesa, e usei o tom mais doce que consegui conjurar. “No meu tempo livre, eu abro os corpos dos mortos. Dois deles, vítimas do Avental-de-Couro. O cheiro que fica pairando no ar da sala faria com que um homem se prostrasse de joelhos, e eu ajudei meu tio durante as autópsias em meio a sangue coagulado.” Sentei-me direito em minha cadeira, cujo couro rangia, em desaprovação própria. “Eu lhe garanto que o que quer que o senhor tenha a nos mostrar não será demais para meu estômago.”

O sr. Doyle ficou lívido, e então assentiu brevemente, remexendo em papéis que estavam na frente dele. Era difícil dizer se ele estava mais perturbado com minhas atividades inapropriadas para uma dama ou pela forma como lhe passei a mensagem, em tamanho tom de mocinha. De uma forma ou de outra, eu me sentia levemente redimida por ter virado as mesas do desconforto para cima dele.

Thomas soltou uma bufada e então estirou as mãos para cima em um gesto que era um pedido de desculpas quando o sr. Doyle olhou feio para ele. Blackburn, largando de lado os ares de sua posição social, parecia tão menininho quanto Thomas, e estava fazendo um trabalho levemente melhor de esconder seu divertimento.

Analisei esta versão de Blackburn. Thomas estava certo, havia algo de afável nas feições dele. Com um olhar tímido de relance, ele ganhava por completo a nossa confiança.

O sr. Doyle pigarreou. “Muito bem, então.”

Ele abriu a gaveta de cima de sua escrivaninha, retirou dali uma carta e então a deslizou até onde estávamos sentados em cadeiras com espaldares retos. Ele já parecia ansioso para livrar-se de nós. Eu meio que queria informá-lo de que o sentimento era mútuo.

“Isso foi entregue hoje pela manhã.”

Thomas apanhou a carta antes que eu ou Blackburn pudéssemos pegá-la e leu-a em voz alta.

“Prezado Chefe, continuo ouvindo dizer que a polícia me pegou, mas eles não vão me consertar ainda.” Thomas abriu a boca, sem dúvida prestes a dizer alguma coisa bem típica dele, então eu aproveitei sua distração e tirei o papel de sua mão para ler a mensagem eu mesma.

A gramática era atroz.

Eu li rapidamente a escrita tremida e confusa, com minha pele se arrepiando a cada frase que meu olhar tocava. A tinta era vermelha como sangue,

provavelmente para instilar o medo primal no destinatário, como se a mensagem que continha não fosse assustadora o bastante. Até onde eu sabia, talvez estivesse mesmo escrita com sangue.

Nada mais que viesse deste homem louco me surpreenderia.

Prezado Chefe,

Continuo ouvindo dizer que a polícia me pegou, mas eles não vão me consertar ainda. Dei risada quando eles apareceram tão espertos falando sobre estarem no caminho certo. Aquela piada sobre o Avental-de-Couro me fez ter convulsões de riso, de verdade. Estou acabando com prostitutas e continuarei rasgando-as até que eu seja mesmo pego. Grande obra que foi meu último trabalho. Eu não dei a moça nem tempo para guinchar. Como eles vão me pegar agora? Eu amo meu trabalho e quero começar novamente. Logo vocês ouvirão falar de mim com meus joguinhos divertidos. Eu guardei um pouco da apropriada coisa vermelha em uma garrafa de cerveja de gengibre do meu último trabalho para usá-la para escrever, mas a coisa ficou espessa como cola e não posso usá-la. Tinta vermelha terá o efeito necessário, eu espero, haha.

Do próximo trabalho que eu fizer, devo arrancar as orelhas da moça e enviá-las aos policiais só por diversão, vocês não fariam isso? Guardem esta carta até que eu faça mais um pouco dos meus trabalhos, então a levem a conhecimento do público. Minha faca é tão bela e afiada que eu quero trabalhar imediatamente se tiver uma chance. Boa sorte

Atenciosamente

Não liguem para o fato de que eu me autonomeei.

Ps: Não estava bom o bastante para ser postado antes de eu tirar toda a tinta vermelha das minhas mãos, maldição. Sem sorte ainda. Eles dizem que sou médico agora. Ahaha.

Colocando a carta de lado, meus pensamentos giravam num redemoinho de esperança e temor. Embora não houvesse nenhuma garantia de que esse papel sozinho poderia salvar tio Jonathan, com certeza poderia ajudá-lo.

Thomas e Blackburn alternaram-se lendo a carta e então voltaram a sentar-se eretos em suas cadeiras. Ninguém disse nada por uma eternidade até que Thomas se pronunciou. “Que piada sobre o Avental-de-Couro? Eu não me lembro da polícia dizendo nada divertido em relação a isso. A menos que ele saiba de alguma coisa que nós não sabemos.”

Tanto o editor Doyle quanto Thomas ficaram encarando Blackburn, esperando pela resposta dele, mas o superintendente apenas soltou um suspiro e passou uma das mãos pelo seu rosto exausto.

Bonito ou não, não parecia que ele vinha dormindo assim tão bem desde a última vez em que eu o havia visto. “Eu não faço a mínima ideia do que o autor desta carta esteja falando. Talvez ele tenha se referido às manchetes que o chamam de Avental-de-Couro.”

Pigarreei e olhei para o sr. Doyle. “O autor desta carta disse que não era para divulgá-la por alguns dias. Por que chamar o superintendente Blackburn?”

O sr. Doyle virou seu olhar cansado do mundo para mim. “Mesmo que esta carta acabe se provando ser falsa, enviada por algum cidadão enlouquecido, eu não poderia, em boa consciência, guardá-la para mim.” Ele engoliu um pouco de chá, pegou um frasco do bolso e, desconsolado, tomou dali um gole. “Estou me segurando para publicá-la, mas para o caso de ele levar a cabo suas ameaças, eu queria livrar a minha mente da culpa.”

Um sentimento assombrado repentinamente se apegou a mim. Alguma coisa estranha estava acontecendo, além da ajuda movida pelo aparente remorso do editor. Alguma coisa que não se encaixava e que eu não conseguia bem atinar o que era. Então passou pela minha cabeça como Thomas Cresswell estava quieto, de



um jeito incomum. Esta normalmente seria a parte em que ele teria muito a dizer ou discutir.

Ele levou a carta para perto de seu rosto e cheirou-a. Eu não fazia a mínima ideia de como ele seria capaz de deduzir algo a partir do cheiro, mas sabia que era melhor não declarar que isso fosse impossível. Impossível era uma palavra que não se aplicava a ele de jeito nenhum.

“Presumo que a carta tenha sido entregue em um envelope”, disse ele, não se dando ao trabalho de erguer o olhar da carta que inspecionava. “Preciso vê-lo imediatamente.”

O sr. Doyle lançou um olhar de relance na direção de Blackburn, querendo que ele entrasse em cena e falasse que isso não seria necessário, mas Blackburn fez um gesto impaciente com a mão. “Você ouviu o jovem rapaz, Doyle. Entregue a ele qualquer evidência que ele solicitar.”

Com uma cara muito feia, o editor fez o que ele pediu. Ele não gostava do tipo de homem que costumava curvar-se às necessidades de crianças. Considerando que o próprio Blackburn não era muito mais velho do que meu irmão, eu estava certa de que o sr. Doyle estava se perguntando como a polícia teria se envolvido nisso.

Thomas analisou todos os ângulos do envelope, duas vezes, antes de entregá-lo a mim, com a expressão cuidadosamente composta. “Alguma coisa nisso lhe parece familiar, Wadsworth?”

Pegando o envelope dele, eu o li em silêncio. Não havia nenhum endereço de destinatário, e a única coisa escrita nele era “O Chefe. Escritório Central de Notícias. Cidade de Londres”, com a mesma insultante tinta vermelha em que a carta estava redigida.

A própria ideia de que aquilo seria algo que eu já teria visto antes era absurda.

Fui estapeada no rosto por um pensamento. Será que ele achava que eu *havia escrito* a carta na esperança de ajudar meu tio? Então o que ele pensava de mim? Que eu era uma lunática ensandecida, que caminhava pelas ruas de Londres, fazendo o que quer que me desse vontade sem consideração por ninguém? Seria minha posição como filha de um lorde se mostrando em meu abuso de privilégio?

Empurrei-o de volta para. “Receio que não, *Cresswell*. Eu nunca vi isso antes na minha vida.”

Se eu estivesse esperando por algum tipo de resposta para o meu uso do sobrenome dele, ficaria extremamente desapontada. Ele nem pestanejou com seus longos cílios. Ele ficou me analisando pela duração de mais uma respiração e então assentiu. “Muito bem, então. Engano meu, Audrey Rose.”

“Engano?” Blackburn olhou, de relance entre nós, com uma ruga se formando em seu cenho. “Se formos acreditar nos rumores, desde quando o protegido do sr. Jonathan Wadsworth se engana?”

“Parece que existe uma primeira vez para tudo, superintendente”, respondeu Thomas com frieza, com sua atenção finalmente se afastando de mim. “Embora, sendo alguém com um pouco mais de prática em estar errado, eu tenho certeza de que o senhor consegue sentir empatia por mim. Diga-me, como é estar...?”

Pousei a mão no braço dele e forcei-me a rir descontroladamente, recebendo olhares estranhos de cada um dos homens que estavam na sala, exceto Thomas, cuja atenção estava fixa na mão que ainda o tocava.

Maldito Thomas! Será que eu teria sempre de resgatá-lo de si mesmo? Blackburn era um incômodo em quem não se podia confiar, mas ele havia se provado útil uma vez na vida. Eu não estava com ânimo para que Thomas fizesse inimizade com ele hoje, especialmente não quando a vida de meu tio estava, potencialmente, em jogo. Estirei a mão para cima. “Eu realmente peço desculpas. Thomas tem um perverso senso de humor. Não é, sr. Cresswell?”

Thomas ficou me encarando por um segundo, e depois deixou sair um longo exalar, irritado.

“Admito que esta seja uma avaliação justa. Embora deduzida miseravelmente, como de costume, srta. Wadsworth. Infelizmente, o talento de seu tio lhe falta por completo. Pelo menos a senhorita tem um sorriso atraente. Não é muita coisa, mas é certo que haverá de compensar por sua falta de faculdades mentais. Bem”, ele corrigiu, voltando o foco para Blackburn, “pelo menos para alguém igualmente embotado, quero dizer.”

Cerrei os dentes. “Embora isso possa ser verdade, nós realmente deveríamos seguir nosso caminho. Nós temos aquele experimento que precisamos verificar no laboratório. Lembra?”

“Para falar a verdade, você está errada mais uma vez, minha querida.”

Fiquei tão enfurecida que eu era capaz de gritar algumas das piores obscenidades que tinha ouvido nas docas para ele. Thomas estava arruinando nossa estratégia de saída, e eu muito certamente não era sua querida.

Quando eu achava que toda esperança estava perdida, Thomas olhou para seu relógio. “Nós deveríamos ter saído precisamente há três minutos e vinte e três segundos. Se não correremos agora, nosso experimento será destruído. É melhor mandarmos chamar uma carruagem.” Ele virou-se para o editor e para o superintendente. “Foi um prazer tão grande quanto um dia de abstinência na Quaresma, cavalheiros.”

Na hora em que eles entenderam que a despedida dele era, na verdade, um insulto, nós já estávamos correndo pela redação em polvorosa e saindo nas ruas da tarde fresca. Nós não paramos de andar por algumas ruas, sendo o silêncio nossa única companhia. Por fim, assim que tínhamos coberto uma boa distância para não sermos avistados por Blackburn, paramos.

“O que você quis dizer com aquela pergunta?”, exigiu saber, com a raiva voltando a se acumular dentro de mim. Eu não conseguia acreditar que ele me tivesse em tão baixa conta. E aquilo de contar a verdade um para o outro não importando o que fosse?

“Eu não estava insinuando que você tinha alguma coisa a ver com a carta, Wadsworth”, disse ele. “Sério, você tem de controlar essas suas malditas emoções. Elas só vão ficar no caminho de nossa investigação.”

Eu não estava com vontade de ter essa conversa de novo. Ele poderia ser capaz de agir como se fosse uma máquina durante nossas horrendas investigações, mas a frieza não era o material que formava meu sangue e meus ossos. “Então você pode me explicar o que exatamente você estava insinuando?”

“Alguém que estava usando Hasu-no-Hana duas noites atrás esteve muito próximo daquela carta.”

Fechei os olhos. “Você não pode estar falando sério, Thomas. Esta é sua grande descoberta? Você acha que consegue identificar nosso assassino pelo cheiro de um perfume? Como você pode ter certeza de que alguém que trabalha no Correio Geral não estava usando este perfume?” Ergui as mãos em aflição. “Talvez o carteiro que carregava esta carta estivesse com ela junto com uma outra carta escrita pela amante secreta de alguém. Talvez essa pessoa tenha borrifado em seu envelope o perfume com o cheiro predileto de seu amado. Já parou para pensar nisso, Sr. Eu Sei Tudo?”

“Você estava usando esta mesma fragrância duas noites atrás”, ele respondeu baixinho, com o olhar fixo no chão, e sem nenhuma pontada de arrogância que fosse. “Na noite em que você visitou o manicômio e me seguiu até a Necrópole. Eu senti esse cheiro em você na viela. Eu fui a várias lojas, tentando encontrar o cheiro exato...” Ele olhou para suas mãos. “Eu queria comprá-lo para você.”

Se ele tivesse esticado a mão e me estapeado, eu teria ficado menos chocada. Era isso o que meu único e verdadeiro amigo no mundo pensava de mim. Que eu era um monstro que estava esperando para ser liberto. Talvez ele estivesse certo. Com certeza eu não estava com vontade de chorar, nem de implorar que ele acreditasse em mim. Eu nem mesmo me sentia bem com a admissão dele de querer comprar um presente para mim. Eu sentia vontade de extrair sangue. O sangue dele em particular.

“Então você *realmente* está sugerindo que eu tive alguma coisa a ver com isso!”, eu meio que berrei, afastando-me antes de voltar atrás. Ele ainda não olhava nos meus olhos, onde havia o ódio. “Como você se atreve? Como ousa pensar tais coisas repreensíveis de mim? Este é o cheiro mais popular de Londres! Para sua informação, maldição, tanto minha tia quanto minha prima estavam usando essa mesma fragrância. Você está implicando que uma delas escreveu a carta?”

“Sua tia tentaria proteger o dr. Wadsworth? Ou talvez a reputação de sua família?” Ele inspirou fundo. “Ela é muito religiosa, não é?”

“Eu não posso...” Balancei a cabeça. “Isso é absurdo!”

Eu estava farta dele. Se ele achava que eu ou a minha tia ou a minha prima ou que qualquer uma de nós havia postado a carta, que fosse. Um novo e tortuoso pensamento me fez sorrir: Jack, o Estripador havia me feito um favor. Sua carta, qualquer que fosse seu motivo, lançava um brilho de esperança para meu tio. Pelo menos agora ele tinha uma chance de lutar.

“Quer saber de uma coisa? Você também estava comigo naquela noite, Thomas. Talvez meu perfume mágico tenha ficado em todos os seus pertences. Eu não ficaria surpresa se você mesmo tivesse escrito a bendita carta.”

Girei nos calcanhares com um pulo flexível em minha passada, e acenei chamando uma carruagem, deixando Thomas completamente sozinho com suas acusações e seus olhares fixos e incrédulos, abençoadamente alheio ao horror que estava prestes a acontecer nas próximas noites.





Praça Mitre, cerca de 1925

# JACK O ESTRIPADOR

RASTRO de SANGUE

## 20. EVENTO DUPLO

*Praça Mitre, Londres*

*30 de setembro de 1888*



Uma multidão de homens e mulheres enfurecidos irrompeu contra uma barricada formada por corpos de policiais, cujo medo levava suas emoções a um estágio de exaltação violenta.

Estreitei meu xale junto ao corpo, cobrindo meu rosto tanto para protegê-lo do frio da manhã quanto das pessoas que estavam paradas ali perto. Eu não queria ser reconhecida; minha família já precisava lidar com muito, na forma como as coisas estavam.

Meu pai finalmente veio para casa na noite anterior, depois de quase um mês afastado de seu precioso láudano, e eu não queria ninguém o informando de que eu havia saído sorrateiramente de casa e vindo correndo até aqui o mais rápido quanto pude.

Testar a paranoia dele era algo que eu esperava evitar pelo menos até que tio Jonathan estivesse livre. Isso sem falar que eu não queria que ele se apressasse em fazer com que eu me casasse se eu me mostrasse difícil demais de lidar. Era possível que ele já tivesse escolhido um rapaz apropriado e bem-apessoado, provavelmente alguém que vivesse longe das ruas da cidade de Londres. Eu odiava a ideia de ficar presa em alguma gaiola de ouro no interior, mas não podia culpar meu pai por tentar me proteger.

Por mais equivocadas que fossem suas tentativas.

Ergui minha atenção para os edifícios que nos cercavam: altos monstros de tijolos frios que não se moviam. As imensas letras do nome no edifício Kearly & Tonge silenciosamente observavam o caos que estava acontecendo lá embaixo, e eu estava observando o prédio. Se apenas aquelas letras pudessem falar dos

segredos que elas haviam testemunhado na noite passada. Tentei absorver todos os detalhes que podia, da mesma forma que Thomas ou meu tio teriam feito se estivessem aqui. Eu não tinha falado com Thomas por dois dias, com a ferroada de sua acusação ainda ardendo em minha mente.

A praça Mitre era o lugar perfeito para um assassinato. Os edifícios formavam um imenso pátio, mantendo olhos curiosos afastados das vias principais. Pelos rumores que se espalhavam em meio à multidão, era um lugar ainda melhor para um duplo assassinato.

Jack, o Estripador voltou com sede de vingança depois de quase um mês de paz. Ele não havia feito ameaças vazias na carta ao “Prezado Chefe”. Jack havia prometido uma violência sem precedentes, e isso era precisamente o que ele havia feito.

Uns poucos homens à frente da multidão gritavam, pedindo sangue, incendiando a fúria ardente das pessoas que os cercavam.

Uma mulher que estava ao meu lado gritou: “Isso não está certo! Precisamos pegá-lo e matá-lo! Temos que enforcar o homem louco!”

Voltei minha atenção novamente para a barricada viva. Por entre as pernas das pessoas, eu mal conseguia discernir o corpo coberto por uma mortalha cor de creme de leite, com o sangue formando uma poça ao redor como se fosse um lago vermelho perto de sua cabeça. Um outro corpo havia sido descoberto um pouco mais abaixo.

Essa era a pior coisa que eu podia pensar, mas não tinha como a Scotland Yard executar meu tio agora, não depois que estes dois corpos estavam tão conspicuamente exibidos para que toda Londres os visse.

Havia uma escuridão se alastrando dentro de mim que precisava ser arrancada pela raiz. Esta era a segunda vez na semana que eu ficava levemente grata pelo Estripador. Minhas próprias emoções me deixavam nauseada. Como eu me atrevia a regozijar-me com o infortúnio de outrem? Isso não me tornava melhor do que o próprio assassino. Ainda assim, eu tinha esperanças de que este crime fosse pelo menos salvar uma vida. Mesmo que esta esperança fizesse de mim uma coisa miserável.

Eu senti um toque firme no ombro e girei, minhas saias se torcendo em volta de meu corpo.

O superintendente Blackburn inclinou a cabeça, com seus cabelos claros captando a luz do sol. “Eu lhe falaria sobre o tempo, mas tenho certeza de que gostaria de discutir outras coisas, srta. Wadsworth.” Ele apertou os olhos na direção



do corpo, protegendo-os com a mão. “Parece que nosso rapaz nos deu mais duas vítimas.”

Acompanhei o olhar dele, assentindo. Não havia muito que acrescentar a isso, então eu permaneci em silêncio, observando e ouvindo as pessoas que estavam mais próximas a nós enquanto elas teciam especulações sobre o odioso Avental-de-Couro, assassino de mulheres. Embora eu dificilmente haveria de me referir a Jack como “nosso rapaz”.

Havia uma essência de inquietação que se movia pelo meu corpo e ela não tinha nada a ver com as mulheres mortas nem com a multidão assustada. Eu senti que Blackburn estava me analisando meticulosamente, mas forcei-me a manter minha atenção voltada para outro lugar.

Algumas coisas em relação aos maneirismos dele faziam com que eu sentisse como se estivesse sendo investigada por um crime que eu não me lembrava de ter cometido.

“Como eu sei que não adiantará nada pedir que fale comigo mais tarde”, continuou dizendo Blackburn, “eu poderia lhe convidar para inspecionar a cena agora. Seu tio obviamente não pode estar aqui e não há mais ninguém em que eu confiaria que fosse me passar uma avaliação apropriada. A menos que, é claro, a senhorita sinta que não consiga lidar com isso.”

Meu cérebro não captou de pronto o convite. Eu não passava de uma aprendiz que estava estudando sob a tutela de meu tio, mas Blackburn parecia ansioso por minha opinião sobre a questão. E eu estava disposta a colocar de lado minhas dúvidas em relação a ele por uma oportunidade para examinar os corpos. Engoli em seco, lançando minha atenção ao redor. Ninguém estava se importando conosco. “É claro que as inspecionarei.”

Blackburn concentrou-se em mim, com uma ponta de incerteza contorcendo seus lábios. “De qualquer forma, a senhorita pode querer se preparar. Ver um corpo em uma mesa mortuária e ver um corpo jazendo em uma poça de sangue em uma viela são duas coisas diferentes.”

Se ele estava tentando me intimidar, isso não estava funcionando. Mal sabia ele que eu já havia me deparado com um corpo em uma viela e vivera para contar a horripilante história.

Eu estava mais do que ansiosa para olhar as cenas mais de perto, para entender a mente do homem que estava brutalizando estas mulheres. Imaginei que seria uma das coisas mais horríveis que eu veria na minha vida, mas não deixaria que o medo fizesse de mim sua prisioneira.

As trevas em meu interior regozijaram-se com a oportunidade de ver os corpos assim tão de perto, no estado em que o assassino pretendia que fossem encontrados. Talvez eu fosse encontrar uma pista útil.

Quando ergui o queixo, permitindo que o ar de desafio lavasse minhas feições, Blackburn deu risada. “Você é muito parecida comigo.” Ele sorriu, satisfeito com minha reação. “Fique perto de mim e não fale. Eu posso gostar de ter sua opinião sobre o assunto, mas nem todos os homens terão os mesmos sentimentos em relação a isso. É melhor me deixar falar.”

“Muito bem.” Embora isso não fosse algo de que eu gostasse, era a dura verdade. Eu era uma jovem garota crescendo em um mundo regido por velhos homens. Eu escolheria minhas batalhas com sabedoria.

Sem proferir mais nenhuma palavra, fomos abrindo nosso caminho até a frente da multidão aos empurrões, e ficamos em pé, parados diante da fila de policiais. As mulheres lentamente se afastaram de Blackburn, absorvendo-o com os olhos de forma apreciativa enquanto ele passava.

Um homem corpulento com uma barba ruiva e sobrancelhas espessas da mesma cor impediu nossos movimentos. “Ninguém deve passar. Ordens do comissário.”

Blackburn ficou mais ereto, assentindo como se já tivesse ouvido isso antes, e então simplesmente disse: “Estou bem ciente desta ordem, visto que fui eu que instruí o comissário a emití-la. Obrigado por defender o comando tão zelosamente”, ele se inclinou para a frente, lendo o nome na identificação do homem, “Policia! O'Bryan. Eu trouxe uma assistente particular, proficiente em ciências forenses. Eu gostaria de ouvir o que ela tem a dizer antes que movamos os corpos”.

O policial olhou para mim com repulsa. Enterrei as mãos nas minhas saias, agarrando o material até ter certeza de que o rasgaria. Ah, como eu odiava permanecer em silêncio sob tão horrível julgamento. Eu gostaria de lembrar cada homem que tinha opiniões tão baixas de uma mulher que suas amadas mães eram, na verdade, mulheres.

Eu não via nenhum homem correndo por aí, dando à luz a população do mundo e depois indo preparar a ceia e cuidar da casa. A maioria deles se prostrava de joelhos quando o mais leve resfriado os atacava.

Havia mais força contida sob minhas camadas de musselina e pele bem perfumada do que em metade dos homens em Londres juntos. Forcei minha mente a permanecer focada em nossa tarefa, temendo que minhas emoções fossem transparecer claramente em minha face.

Depois de uma pausa desconfortavelmente longa, Blackburn pigarreou. O oficial voltou novamente sua atenção para seu superior, com o rubor subindo por seu colarinho. “Certo. Sinto muito, senhor. É que... nós não fomos avisados de que o senhor estaria vindo e...”

“E não é maravilhoso que eu esteja lhe informando diretamente de meus planos mais recentes?”, interrompeu-o Blackburn, claramente contrariado com a demora. Eu me perguntei, por um breve momento, se isso era algo com que ele tinha de lidar com frequência, devido ao fato de ser jovem. “A menos que você queira responder a mim depois, eu sugiro que nos permita passar”, disse ele. “Estou ficando um tanto quanto irritado, policial. Cada momento precioso perdido aqui é um outro instante em que minha cientista perde sua precisão.”

Com isso, o homem deu um passo para o lado. Todos os pensamentos do quão exacerbatante ele era desapareceram quando eu vi o pé pálido saindo de sob a mortalha mais próxima.

Eu gostaria de ter ficado com repulsa pelo que vi. Em vez disso, eu me vi horivelmente fascinada, ansiando por erguer o lençol e olhar para aquilo mais de perto e com mais atenção. Blackburn fez um movimento para os homens que estavam mantendo a guarda em volta do corpo, e eles prontamente se espalharam.

Blackburn inclinou-se para perto de mim. “Leve o tempo que for preciso. Eu vou me certificar de que ninguém a perturbe.”

Assenti, e então me ajoelhei ao lado do corpo, evitando cuidadosamente a poça de sangue perto dos ombros, e puxando, com gentileza, o lençol para trás. Contive meu ofego, apertei e fechei os olhos e rezei para que não fosse deixar a coberta cair como se fosse uma criancinha melindrosa.

Talvez eu não estivesse tão preparada para isso como imaginava que estaria.

Mantive os olhos fechados, respirando pela boca até que a tontura aliviou um pouco. Não me ajudaria desmaiar na frente de quase toda a força policial de Londres. Especialmente quando eles já achavam que eu estava em desvantagem devido ao meu gênero.

Recompondo-me, me forcei a examinar o corpo.

A mulher era pequena, talvez um metro e meio de altura. Seu rosto estava severamente arruinado, com sangue e cortes desfigurando-a da boca ao nariz. Ela estava deitada com a barriga para cima, o joelho direito curvado e voltado para fora, sua perna esquerda estirada, reta. Não totalmente diferente da forma como Annie Chapman havia sido encontrada. Havia uma pequena tatuagem azul em seu antebraço.

Porcas e engrenagens, manchadas de sangue, podiam ser vistas debaixo de seu corpo.

Eu não fazia a mínima ideia de porque Jack precisava de tais coisas. Continuando com minha inspeção, eu me concentrei no que eu *era capaz* de discernir da cena.

O torso estava aberto ao meio com uma precisão cirúrgica; seus intestinos, jogados por cima dos ombros. Um deles parecia até mesmo estar propositalmente cortado e envolto entre seu ombro esquerdo e seu corpo. Uma espécie de mensagem.

Engoli em seco minhas emoções. Eu precisava levar a cabo este exame. Precisava entender a mente deste homem louco, entender o que o levava a realizar tamanha violência de forma que ele nunca mais pudesse fazer uma coisa dessas com outra mulher novamente. Inspirei fundo, com meu foco passando pelo cadáver mais uma vez, embora meu coração se recusasse a ser domado.

Como as outras, sua garganta tinha sido cortada.

Ao contrário das outras, contudo, havia um corte abaixo de sua orelha direita. Parecia que ele tentara cortar um pedaço fora. Uma lembrança quase me levou a cair para trás. Chamei Blackburn, erguendo a voz com a excitação.

“A carta”, falei, com meus pensamentos correndo junto com minha pulsação enquanto ele se aproximava. “O autor daquela carta é o assassino. Ele disse que cortaria a orelha dela... veja?” aponte para a mutilação nela, “ele fez exatamente como prometeu: ‘Do próximo trabalho que eu fizer, devo arrancar as orelhas da moça enviá-las aos policiais só por diversão, vocês não fariam isso?’.”

A atenção de Blackburn voltou-se para o corpo, e depois rapidamente ele afastou o olhar dela. “Mesmo que se prove que a carta é autêntica, não há como rastrear, sua origem.”

Eu me sentei nos calcanhares, contemplando cenários, pensei no editor do jornal e uma ideia veio à tona, acenando com seus braços na frente do meu rosto. “Bem, e se o senhor fizesse com que o sr. Doyle publicasse uma cópia da carta? Certamente alguém reconheceria a letra. Além do mais, ele disse que a publicaria se fosse provado que era verdadeira.”

O superintendente Blackburn bateu com os dedos, em sua calça, olhando tão fundo nos meus olhos que eu acreditei que ele estivesse tentando me enviar uma mensagem secreta. Eu não sabia ao certo por que ele estava hesitando, era a solução perfeita. Depois de um minuto, relutante, ele assentiu.

“É uma ótima ideia, srta. Wadsworth.” Blackburn sorriu, e uma covinha apareceu em sua bochecha. Ele apontou na direção do corpo, voltando meu foco

para o horror uma vez mais. “O que mais você descobriu de tudo isso, então?”

“Bem.” Fiquei com o olhar fixo nas manchas de sangue, sabendo que elas me contavam uma história própria, perdendo-me completamente na ciência. O sangue do lado esquerdo do pescoço dela parecia ter sido derramado primeiro, visto que estava coagulando de forma diferente do sangue localizado no lado direito do corpo. Não era difícil deduzir que a garganta tinha sido retalhada antes que ela fosse aberta ao meio. Fui me aproximando mais, apontando cada ferimento para Blackburn.

“Ele começou com a garganta, e depois, provavelmente, cortou-a ou bateu em sua boca. Eu duvido que ele fosse gostar do que a vítima tinha a dizer e queria puni-la.” Passei para o próximo ferimento. “Uma vez que ela estava se engasgando com o sangue, ele deitou o corpo dela, colocando suas pernas estiradas antes de passar sua lâmina sobre o abdômen. Ele removeu os intestinos, provavelmente para ter um acesso mais fácil aos seus órgãos. Está vendo? Essa cavidade é rasa demais. É assim que se parece um corpo depois que meu tio remove os órgãos durante as autópsias. Eu não tenho como dizer que órgãos estão faltando sem colocar as mãos ali dentro, mas eu acho que é provavelmente o útero ou os ovários, possivelmente até mesmo um rim ou uma bexiga também. O que você acha?”

Ergui o olhar quando Blackburn não me respondeu, vendo sinais de náusea espalhados por suas belas feições. Pressionei os lábios, fechando-os. Que monstro eu deveria parecer para ele. Minha tia Amelia haveria de me arrastar até a igreja e dizer mil preces se ela estivesse aqui. Fiquei observando sua garganta se mexer em uma tentativa de engolir em seco.

Ele tentou manter a compostura, mas quase vomitou quando uma mosca pousou na cavidade aberta. Enxotei a mosca ofensora, vendo-a pousar perto do rosto ensanguentado da vítima. Eles precisavam removê-la da cena do crime antes que as moscas comessem a botar larvas. Blackburn tossiu, atraindo minha atenção novamente para ele.

Eu me levantei de pronto, oferecendo a ele um lenço, mas ele balançou a cabeça em negativa, mantendo um punho cerrado junto à boca.

“Está tudo bem comigo, obrigado. Possivelmente alguma coisa que eu comi não me caiu bem. Certamente que não é nada com que se preocupar...”

Uma pequena parte minha queria abrir um sorriso. Eis um jovem rapaz, jovem este que com certeza já vira sua cota de horror trabalhando nesta linha de negócios, e aqui estava eu, uma moça pequena e esguia, oferecendo a ele sua força.

“Farei algumas anotações, se não se importar”, eu disse. “Depois eu as partilharei com meu tio. Ele será solto agora, não?”

Blackburn mexeu-se da esquerda para a direita, observando enquanto eu retirava um pequeno diário de um bolso dentro de minhas saias e redigia anotações com minha melhor letra cursiva.

Eu não queria parecer extremamente ansiosa nem esperançosa, mas precisava saber se ficaria tudo bem com meu tio. Precisava saber que não tardaria até que ele estivesse em segurança e trabalhando comigo. Parecia que havia se passado um ano antes que Blackburn finalmente me respondesse.

“Não consigo vê-lo indo a julgamento depois disso. Falando em termos não oficiais, eu apostaria que ele será solto antes do fim da noite.” Ele fez uma pausa. “Talvez a senhorita gostaria de se juntar a mim para tomarmos alguns refrescos? Quero dizer, depois que examinarmos o próximo corpo.”

Ergui o olhar de relance e com pungência. Ele estaria realmente pedindo para me ver sob essas circunstâncias? Que estranho. Meus pensamentos devem ter transparecido claramente no meu rosto, porque ele tentou explicar-se, sem graça. “Quero dizer, talvez nós possamos tomar chá e discutir os particulares das vítimas. Eu tenho certeza de que...”

“Eu tenho certeza de que isso não será necessário, William”, disse alguém em um tom familiar e enraivecido.

Cada um dos músculos de meu corpo ficara paralisados; até mesmo meu coração diminuiu seus batimentos antes de ficar acelerado.

*Meu pai.*

Lorde Edmund Wadsworth era uma visão mais assustadora do que o corpo que jazia aos meus pés. Sua expressão continha mais aviso do que uma faca colocada junto à minha jugular. “Quando concordei que você cortejasse minha filha, eu não fazia a mínima ideia de que você acharia apropriado envolvê-la em tais... questões vis e masculinas. Eu preciso de alguém que coloque rédeas nela e que a proteja, e não que alimente sua perigosa curiosidade.”

O choque me atingiu como se fosse um soco em múltiplos ângulos. Então, muitas perguntas imploravam para serem feitas. Como ele me encontrou aqui? Como ele soube que saí de casa? Porém, a mais premente delas simplesmente saiu de minha boca.

“O que o senhor quer dizer com isso? Permitiu que ele me cortejasse...” Antes de terminar meu pensamento, eu me virei para Blackburn. Com a confusão cedendo espaço para a raiva pura. “Era *você* que andava pedindo ao meu pai para me cortejar, encontrando-se com ele em segredo, tramando?”

Então um outro pensamento me passou pela cabeça, tão óbvio que quase dei risada. “É por isso que você quer ajudar meu tio, não porque acha que ele é

inocente, mas porque você é desonesto!”

“Audrey Rose, por favor”, ele começou a falar, estirando a mão para cima. “Eu nunca pretendi...”

*“Estou errada?”, exige saber.*

Blackburn pressionou os lábios um no outro, desferindo um olhar questionador para meu pai. Estava claro que ele não responderia sem aprovação, o que nunca aconteceria agora, provavelmente. Cerrei as mãos em punhos. Não havia nada que eu odiasse mais do que descobrir que tinha deixado de notar as pistas o tempo todo. Que outros segredos estavam sendo guardados de mim?

Minha raiva esvaneceu-se rapidamente quando meu pai fez um movimento para que Blackburn ficasse em silêncio.

Ele apontou um dedo para mim, curvando-o em um movimento que dizia “venha direto até aqui”. Se ele algum dia me deixasse sair de casa de novo, isso seria um milagre enviado diretamente pelos céus.

Como Blackburn se atrevia a manter tais segredos de mim? Lancei um outro olhar cheio de ódio e fúria para ele antes de, obediente, ir para o lado de meu pai.

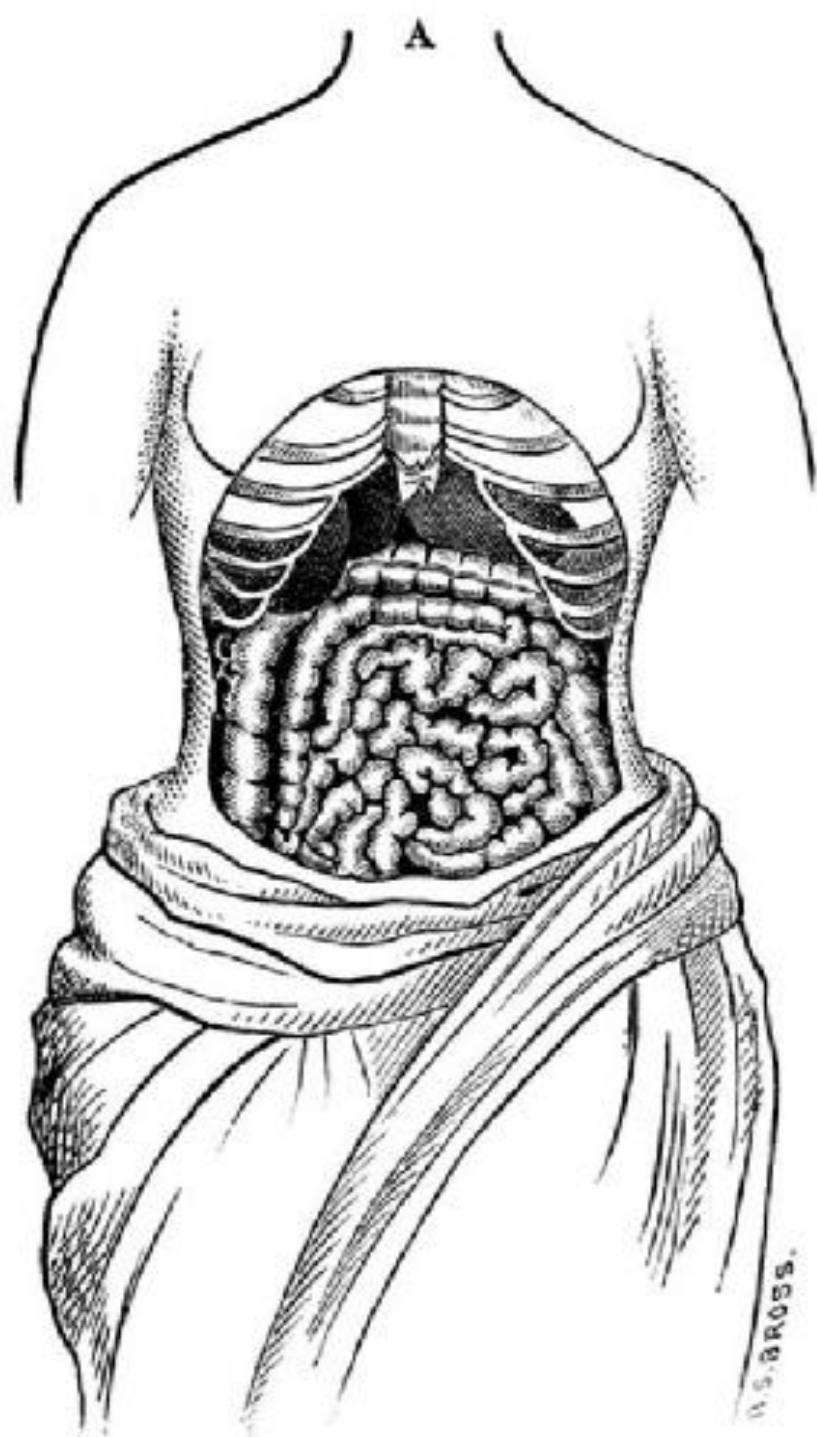
Quando eu achava que as surpresas haviam acabado, meu irmão veio se aproximando de fininho, ignorando de propósito o corpo que jazia a poucos metros de seus sapatos polidos.

Ele não olhou nos meus olhos enquanto seguia até o outro lado de nosso pai. Claramente ele havia me entregado para este homem louco superprotetor. Traidor imundo! É claro que a barricada da polícia não se aplicaria a nenhum dos membros de minha família. Eu me perguntava a quem eles pagavam por seu direito de se abster das leis ou dos comandos da polícia.

“Oras, então. Saiamos deste cenário abismal e vamos levá-la para casa, onde ela estará em segurança.” Pegando meu braço, meu pai ofereceu-me um olhar um pouco menos assustador agora que eu estava sob seu controle. “Nós temos muito a discutir esta noite, Audrey Rose. Você não pode se envolver com tais perigos. Eu odeio fazer isso, mas isso não poderá ficar sem punição. Consequências vêm com um alto custo, algumas mais do que outras.”







# JACK O ESTRIPADOR

---

RASTRO de SANGUE

## 21. A DESGRAÇADA VERDADE

*Residência dos Wadsworth, praça Belgrave*

*30 de setembro de 1888*



viagem de carruagem para casa foi quase tão terrível quanto ver um dos dois corpos mutilados no evento duplo. Eu preferiria ficar encarregada de limpar os intestinos do que sofrer com o silêncio sufocante que havia se instalado entre nós. Na hora em que a carruagem estacionou em nossa casa, eu estava prestes a sair estourando de minha pele simplesmente para escapar da raiva que vazava por meus poros.

Eu estava furiosa com Blackburn por conspirar com meu pai e não ter a decência de mencionar isso, mas eu estava fervendo de raiva de meu irmão, acima de tudo.

Como ele se atrevia a me trair levando nosso pai até onde eu estava? Ele tinha de saber o quão insano isso haveria de deixar meu pai, achando que sua única filha estava em um perigo direto.

O East End estava cheio não apenas de “pessoas impróprias”, mas também de doenças, que se disseminavam rapidamente por causa das deploráveis condições de vida de lá. Além do mais, era uma tolice arrastar o nosso pai até uma área conhecida por suas casas de ópio.

Todos os homens em minha vida sentiam a necessidade de colocar correntes em mim, e eu odiava isso. Com a exceção de Thomas, me dei conta disso. Ele me provocava para que eu agisse e pensasse por mim mesma. Antes que eu pudesse ir correndo até o meu quarto, meu pai me chamou. “Uma palavrinha, por favor, Audrey Rose.”

Fechei os olhos por um breve instante antes de me virar. Eu não queria levar uma reprimenda nem ouvir sobre o quão frágil é a vida ou quanta tolice era se colocar em situações impulsivas, mas não vi saída disso. Quando meu pai tinha

alguma coisa a dizer, as pessoas ouviam e pronto. Afastei-me da escada e da liberdade que ela me provia, seguindo em direção ao covil do sermão.

Tia Amelia e Liza tinham saído para comprar tecidos para levarem de volta para o interior com elas. Sua visita estava quase no fim, e logo de manhãzinha elas iriam embora. Eu estava grata porque elas não estavam aqui para testemunhar a reprimenda que eu receberia de meu pai. Minha tia diria que as últimas semanas não haviam servido de nada para salvar nem minha alma nem minha reputação. Ela poderia até mesmo sugerir que um pouco do ar do campo era exatamente do que eu precisava.

Apoiando-se na parede do corredor, Nathaniel ainda não olhava nos meus olhos cheios de ódio, deixando-me ainda mais enraivecida. Que indivíduo débil e rastejante que ele era! Meu pai fez um movimento para que eu entrasse na sala de visitas e me sentasse.

Sem alternativa, fiz isso.

Ajustei-me em uma cadeira, o mais longe possível dele, enquanto esperava que meu veredito de culpa me fosse entregue e que minha punição me fosse rapidamente concedida.

No entanto, meu pai estava se demorando. Pedindo uma bandeja de chá e biscoitos, separando suas correspondências perto da lareira. Se ele estava tentando aumentar minha ansiedade, estava dando certo. Meu coração socava selvagememente minhas costelas, implorando para ser liberto a cada envelope que ele rasgava. Os únicos sons na sala vinham do crepitar do fogo e do barulho de papel em contato com papel. Eu sinceramente duvidava que desse para ouvir meu sangue correndo em minhas veias, mas, mesmo assim, aos meus ouvidos, essa era uma sinistra sinfonia.

Fiquei observando a forma cuidadosa como ele segurava o abridor de cartas, cuja lâmina afiada perfurava os envelopes, antes que ele soltasse as cartas com um movimento selvagem atrás do outro. Sempre que eu o assustava, ele se transformava em uma pessoa estranha. Ao mesmo tempo assustadora e assustada.

Entrelaçando as mãos em meu colo, esperei de maneira paciente que ele se acalmasse o bastante para falar comigo. Minhas saias escuras eram um abismo no qual eu gostaria de me afundar. Ele selou um envelope e o entregou a um criado antes de finalmente cruzar a sala.

“Entendo que você vem saindo furtivamente de casa faz um tempinho. Estudando ciências forenses com seu tio, certo?”

Sem perguntar, ele encheu uma xícara de chá e depois a ofereceu a mim. Balancei a cabeça em negativa, nervosa demais para até mesmo sonhar em comer

ou beber alguma coisa quando ele estava tão calmo e composto. Ele fez uma pausa, esperando por uma desculpa, mas eu não conseguia me fazer responder. Uma vez que o destino de um animal foi decidido, não havia como desfazer o colar carmesim que ele usaria. Não importava o que eu dissesse em minha defesa, ele sabia disso tão claramente quanto eu.

Ele sentou-se, cruzando um dos pés por cima do joelho.

“Me diga, o que você esperava que eu fizesse quando descobrisse isso? Que ficasse satisfeito? Que eu... a *apoiasse* enquanto você potencialmente joga sua vida fora?” Um tremeluzir de fúria transpareceu em suas feições cinzeladas. Ele trincou o maxilar, e depois soltou o ar vagarosamente. “Eu não posso permitir que você macule sua reputação entregando-se às suas excentricidades e à depravação com a qual você está envolvida. Pessoas agradáveis que seguem as regras da sociedade polida não ficam no laboratório de seu tio. Se sua mãe estivesse viva, ela morreria ao ver você envolvida em tais... questões.”

Fiquei mexendo nos minúsculos botões nas laterais de minhas luvas, lutando contra as lágrimas com toda a minha força. Eu estava com raiva de meu pai por suas palavras, mas, acima de tudo, eu odiava o fato de que ele poderia estar certo. Talvez mamãe desprezasse o trabalho que eu fazia. Desde a infância, ela fora instruída para ficar longe de coisas temerosas devido ao seu coração enfraquecido. Meu trabalho impróprio poderia muito bem tê-lo destruído se a febre não tivesse feito isso primeiro. Mas e quanto à insistência dela de que eu fosse forte e bela? Meu pai tinha de estar errado.

Nathaniel saiu de onde estava e ficou de pé no meio da sala. Eu não havia notado que ele ainda estava ali; mas, pela expressão abalada em seu rosto, eu sabia que ele tinha ouvido todas as palavras. Eu queria conjurar uma cara feia decente, mas não conseguia encontrar a força para fazê-lo. Meu coração doía demais.

“De agora em diante, você viverá de acordo com as regras da sociedade”, meu pai continuou falando, satisfeito com meu comportamento reverente. “Você sorrirá e será encantadora com todos os pretendentes que eu julgar aceitáveis para cortejá-la. Não haverá mais conversas sobre ciência nem seu degenerado tio.” Ele saiu da cadeira e ficou em pé diante de mim com tanta rapidez que não consegui não me encolher. “Caso eu venha a saber de sua desobediência mais uma vez, você será jogada nas ruas. Eu não tolerarei mais você metendo o bedelho neste caso perturbador. Fui perfeitamente claro?”

Juntei as sobrancelhas. Eu não conseguia compreender o que havia acabado de acontecer. Ele já havia ficado enfurecido antes, com raiva suficiente para me manter dentro de casa por semanas sem fim, mas nunca havia ameaçado me jogar nas ruas.

Isso ia contra todo o esforço que ele tinha feito para me manter por perto a minha vida toda. Por que me prender à nossa casa se a outra opção é me jogar para fora dela?

Pisquei para conter as lágrimas e mantive minha atenção inabalável nas espirais que formavam o padrão do tapete, e então, assenti lentamente. Eu não confiava na minha voz. Eu me recusava a soar fraca além de estar assumindo tão bem meu papel, e sabia que minha voz se partiria sob o peso das emoções.

Meu pai deve ter ficado satisfeito, porque sua sombra ergueu-se à minha frente, e então desapareceu da sala por completo. Fiquei ouvindo enquanto suas pesadas passadas iam sumindo no corredor abaixo. Quando a porta de seu estúdio foi batida com tudo, eu me permiti soltar o ar.

Uma única lágrima descia sinuosamente pela minha bochecha, e eu a limpei com raiva. Eu havia me composto por tanto tempo que não me partiria na frente de Nathaniel. Eu não faria isso.

Em vez de vir correndo para o meu lado como eu esperava, Nathaniel permaneceu plantado em seu posto perto da porta, erguendo o pescoço para o corredor adentro. Estava difícil saber se ele estava procurando fugir ou se ele estava se convencendo a ficar.

“O que foi que nosso pai lhe prometeu por sua traição?” As costas dele ficaram rígidas, mas ele não se virou. Eu me levantei, indo mais para perto dele. “Deve ter sido algo extraordinário. Algo que você não tinha como recusar. Um novo terno? Um cavalo caro?”

Ele balançou a cabeça, as mãos se contorcendo nas laterais de seu corpo. A qualquer segundo ele pegaria o pente, sua fonte de conforto. O estresse nunca lhe caia bem. Fui me aproximando dele, com meu tom hostil. Eu queria que ele sentisse minha mágoa. “Uma grande propriedade, então?”

O pente de prata apareceu em um lampejo na luz tremeluzente da lareira enquanto meu irmão o passava por seus cabelos. Eu ia deixando a sala quando ele sussurrou: “Espere”.

Seu tom fez com que eu parasse um pouco, com meus sapatos de seda cruzando o limiar da sala. Ele não soava mais como um camundongo de igreja, guinchando dentro de uma grande catedral.

Voltando para dentro da sala, esperei. Eu daria a ele a cortesia de ouvir o que tinha a dizer, e então seguiria meu caminho. Caí na cadeira, exausta por causa dos eventos do dia enquanto Nathaniel dava uma olhada no corredor antes de fechar a porta.

Ele andou de um lado para o outro, como todos os homens da família Wadsworth tinham a tendência de fazer, amortalhado pela agitação ou pelo nervosismo. Era difícil dizer qual emoção estava tomando conta dele. Nathaniel cruzou a sala até o aparador, retirando dali um decantador de cristal e um copo do conjunto. Ele serviu-se de uma generosa quantidade de líquido âmbar, bebendo-o todo em poucas goladas.

Isso era tão atípico de Nathaniel. Eu me sentei mais na beirada da cadeira. “O que foi?”

Meu irmão balançou a cabeça, ainda de frente para o decantador, e encheu novamente seu copo. “Eu não sei por onde começar.”

O puro ódio em seu tom me acalmou. Eu tive a impressão de que não estávamos mais falando sobre ele ter contado ao nosso pai que eu tinha saído escondida de casa. Minha raiva dissipou-se. Será que haveria alguma outra coisa errada com nosso pai? Eu não conseguiria aguentar uma outra perturbação emocional. Havia muito a discernir como as coisas estavam.

“Comece pelo começo”, falei, na esperança de manter o medo fora do meu tom de voz e forçá-lo a ficar leve. “Conte-me o que o está perturbando. Por favor. Deixe-me ajudar.”

Nathaniel concentrou-se no copo de cristal que segurava na mão. Parecia mais fácil para ele falar para o copo do que encarar meu olhar cheio de preocupação.

“Serei direto, então, na esperança de lhe causar menos dor.” Ele sorveu um gole de coragem líquida, e depois outro. “Mamãe não foi a última pessoa operada por nosso amado tio.”

Fiquei grata por ele ter feito uma pausa, dando-me tempo para absorver a enormidade de suas palavras. Todo o resto na sala parou, incluindo o meu coração. Este era um assunto banido de discussões tanto pelo nosso tio quanto pelo nosso pai.

“Ele... ele vem tentando completar um transplante bem-sucedido desde que ele e nosso pai eram jovens.” Meu irmão beliscou a ponta de seu nariz. “Nosso pai, embora esteja lidando com seus próprios demônios, reage desta forma porque ele sabe que tio Jonathan guarda segredos de você.”

“Segredos? Eu sei de tudo sobre os antigos experimentos dele”, falei, sentando-me mais ereta na cadeira. “Sua tentativa de salvar a vida de nossa mãe foi o motivo pelo qual eu comecei a estudar com ele, para começo de conversa.”

“Salvar a vida dela, estaria ele tentando fazer isso?” Nathaniel voltou a mim um olhar de pena. “Pelo bem de Londres, eles deveriam tê-lo mantido, Audrey Rose. Ele apenas ficou melhor na arte de escondê-los.”

“Isso não é verdade.” Balancei a cabeça. Era ridículo que meu irmão pensar tal coisa em relação ao nosso tio. “Eu teria conhecimento de quaisquer experimentos.”

“Eu juro a você que isso é verdade. Eu tinha esperanças de que você fosse abandonar o desejo de ser aprendiz dele, e julguei desnecessário divulgar tais... questões delicadas.” Nathaniel pegou minhas mãos, apertando-as com gentileza até que olhei nos olhos dele. “Assim como eu não desejo carregá-la com um fardo excessivo agora, minha irmã. Se você precisar de um tempo...”

“Oh, eu estou mais do que pronta para saber da verdade. De toda a verdade, não importando a quão horrída ela possa ser. Por favor, esclareça as coisas ainda mais para mim, e seja rápido.”

Ele assentiu. “Muito bem, então. Toda a verdade é a seguinte: seu... amigo, Thomas Cresswell, ele...” Nathaniel sentou-se direito em seu assento e sorveu um outro gole de sua bebida. Eu não sabia ao certo se a pausa na história era para meu bem ou para o dele. Meu estômago se revirou em nós enquanto eu esperava pelo próximo horror. “Você tem certeza de que está tudo bem com você? Você parece um pouco perturbada.”

“Por favor, conte-me o restante.”

“Tudo bem, então”, disse ele, soltando uma respiração trêmula. “O pai de Thomas veio procurar nosso tio depois da morte de nossa mãe. A esposa dele sentia severas dores abdominais naquela época. Ele ouvira rumores sobre a pesquisa de nosso tio.” Nathaniel engoliu em seco. “A mãe de Thomas faleceu pouco tempo depois da nossa, de problemas na vesícula biliar. Tio Jonathan tentou salvar a vida dela também.”

“Que maravilha. Então você está dizendo que nosso tio matou a mãe de Thomas?”

Nathaniel esticou a mão para mim, balançando devagar a cabeça.

“Não, não o nosso tio. Thomas está obcecado com a busca de uma verdadeira cura desde então. Isso é tudo de que ele fala quando os Cavaleiros de Whitechapel se encontram. Posso praticamente conduzir eu mesmo a pesquisa. Ele entrou em muitos detalhes.”

“Ele nunca mencionou nada sobre isso para mim.”

O calafrio enfiou suas unhas nas minhas costas, repetidamente arrastando-se para baixo. Isso não era totalmente verdade. Thomas havia insistido que eu removesse a vesícula biliar do cadáver que ele pegara da Necrópole. Uma lembrança da cena do crime mais recente passou como um lampejo pela minha cabeça: eu tinha quase certeza de que uma vesícula biliar havia sido retirada de uma das vítimas também. Eu me senti totalmente enjoada.

Como eu pude ter sido tão cega ou ter estado tão errada em relação a Thomas?

Não. Eu não o acusaria de assassinatos sádicos simplesmente porque ele era diferente de outras pessoas em nossa sociedade de mentes pequenas. Ele era frio e imparcial quando estava trabalhando em um caso, e isso era brilhante. E necessário. Não era? De repente, minha cabeça doía absurdamente. Talvez eu estivesse inventando desculpas para ele. Ou talvez fossem desculpas que ele, habilidosamente, havia plantado em meu cérebro. Certamente que ele era astuto o bastante para fazer tal coisa. Mas ele faria uma coisa dessas?

Muitas emoções rodopiavam pela minha cabeça para que eu pudesse dar conta de todas.

Se Thomas havia vivenciado o tipo de dor de coração partido que vinha junto com ver um ente querido falecer, então, talvez, ele pudesse fazer qualquer coisa, até mesmo assassinar, para descobrir as respostas que procurava. Por outro lado, não havia eu sofrido de uma dor de coração partido similar à dele quando mamãe morreu? Eu supunha que este seria um motivo decente o bastante para que Jack roubasse órgãos. Porém, seria Thomas, o rapaz arrogantemente charmoso que eu conhecia fora do laboratório, realmente capaz de cometer tais atrocidades em nome da ciência?

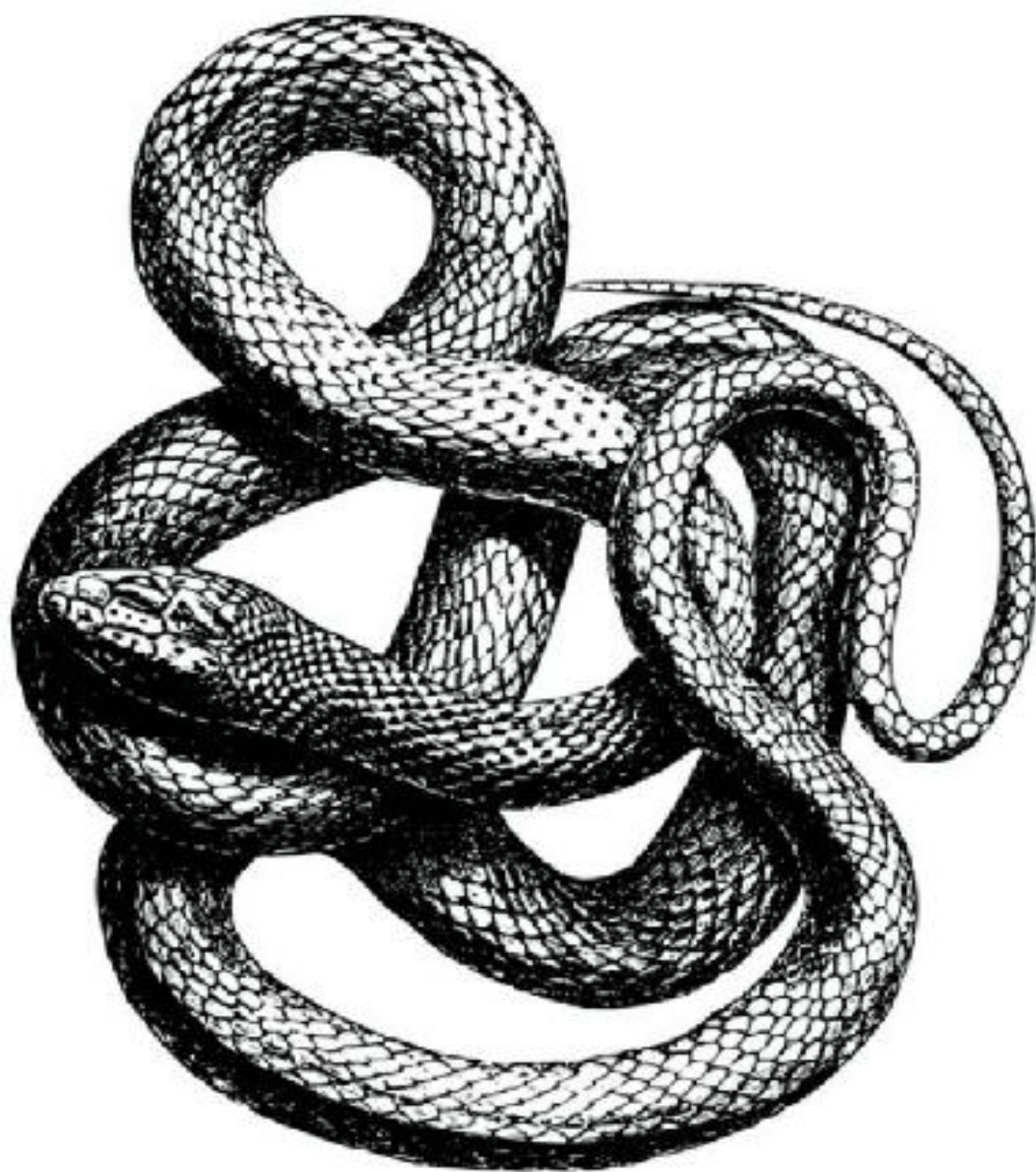
Eu mal conseguia pensar que ele pudesse se tornar *tão* frio e alheio. Ainda assim...

Minha cabeça girava. As moças no chá declararam que ele era estranho o bastante para ser o homem louco, mas isso não passava de fofoca vazia. Cerrei as mãos em punhos. Eu me recusava a acreditar que meus instintos estavam tão errados em relação a ele, até mesmo se houvesse fortes evidências do contrário.

Que era a exata noção que levou as vítimas do Estripador a serem assassinadas. Deixei que minha cabeça pendesse em minhas mãos. *Oh, Thomas. Como eu resolvo essa bagunça também?*







# JACK O ESTRIPADOR

---

RASTRO de SANGUE

## 22. JACK, O INSOLENTÉ

*Residência dos Wadsworth, praça Belgrave*

*1º de outubro de 1888*



luz do início da manhã entrava, oblíqua, pelas janelas de catedral da sala de jantar, mas eu só conseguia fitar as duas evidências garatujadas pela mão de Jack, o Estripador enquanto meu café da manhã esfriava.

Os dias de manter segredo sobre a autoria daqueles atos abomináveis aparentemente tinham acabado. Jack queria que todo mundo soubesse que ele era responsável por estes crimes horrendos. Ele era como um ator ou rei que se embebia na atenção de seus admiradores e compatriotas.

Por mais que eu estivesse perturbada com o passado de Thomas, a ideia de que ele fosse o Estripador não me soava muito certa. O dia em que Thomas Cresswell não exibisse seu brilhantismo seria o dia em que eu encontraria um unicórnio para ter como animal de estimação. Jack desejava adoração. Certamente que Thomas já teria cometido algum deslize a essa altura.

Por outro lado, ele realmente manteve segredo quanto ao seu trabalho com tio Jonathan sobre os transplantes durante todas essas semanas. Eu amaldiçoava minha gentileza em relação a ele. Eu precisava me desligar de minhas emoções, mas isso estava se provando ser mais difícil do que eu havia imaginado.

Esfreguei as têmporas e li o jornal novamente. Não fiquei surpresa com o fato de que o lado de serpente do sr. Doyle tivesse vindo à tona mais uma vez; era só uma questão de tempo até que seu jornal usasse o sensacionalismo em relação a tudo isso por todo o dinheiro que isso lhe traria.

“Para falar a verdade”, sussurrou-me Liza enquanto fatiava a salsicha de seu café da manhã, “eu gostaria que não fôssemos embora assim tão temerosamente cedo. Eu nunca vi tamanha comoção na cidade! Victoria dará um baile de

máscaras, encorajando os rapazes a irem vestidos como o Estripador. Alto, sombrio e completamente anônimo. É terrivelmente excitante, você não concorda?”

Olhei de relance para minha tia, que me observava com um cenho torcido. Este era um teste de boas maneiras. Abri um sorriso agradável. “Certamente que isso é terrível.”

“É verdade. Eu não me importo com o que as pessoas digam destas mulheres, ninguém merece ser assassinado daquele jeito. Você simplesmente tem que fazer com que essa pessoa pare, seja lá quem for.” Liza fitou o nada e depois se sacudiu, voltando ao presente. “Vou sentir sua falta, prima. Venha passar um tempo conosco em breve.”

Sorri, me dando conta de que eu mal podia esperar para ver Liza de novo. Minha prima era inteligente, descaradamente feminina e confortável agindo segundo sua própria versão das regras da sociedade. Seus comentários espertos e sua presença animadora fariam falta. “Isso seria adorável, farei isso.”

Sorvi um gole de Earl Grey, retomando meu foco ao jornal enquanto minha tia e minha prima conversavam sobre o chá de ontem que eu havia perdido.

Ou Blackburn havia mantido sua promessa de ir atrás do editor e mandar imprimir uma cópia da carta ao “Prezado Chefe” no jornal ou o sr. Doyle havia decidido fazer isso por si. Eu não confiava mais em Blackburn, então minha fé estava em o editor liberar os detalhes.

Reli a carta, perdendo-me na cursiva maníaca da escrita do assassino. Voltando a pensar na cena do crime, havia uma estranha quantidade de similaridades. No entanto, o cartão-postal que ilustrava a mesma página era algo novo. Datado da noite anterior, estava claro que o assassino havia acabado de postá-lo.

Ideias desgraçadas haviam me atacado na noite passada com a lista crescente de suspeitos. Eu não sabia quem era o responsável por isso, mas uma recordação continuava vindo até mim.

Acreditava-se que a srta. Emma Elizabeth Smith conhecia seu assassino, e isso apontava para dois possíveis suspeitos. Poderiam ser eles tio Jonathan e Thomas? Nas anotações de meu tio, ela havia dito aos investigadores que um de seus atacantes era um adolescente. Ela havia sido noiva do meu tio... e, claramente, as coisas terminaram de forma tal que ela acabou na prostituição.

Se Thomas estava envolvido nisso, isso explicaria como os assassinatos continuaram com meu tio no manicômio. Isso também significava que, sem saber, eu estava trabalhando com Jack, o Estripador, e possivelmente caindo em seu encanto. Meu estômago revirou-se.

Tinha de haver uma outra coisa.

Pensei em Thornley, lembrando-me do dia em que eu e Thomas ficamos sabendo da conexão de tio Jonathan com a srta. Emma Elizabeth. Seu choque parecera genuíno. Mas seria tudo isso uma farsa? Talvez Thomas fosse um ator tão talentoso a ponto de ficar ligando e desligando suas emoções. Se apenas meu coração desgraçado pudesse se fechar em relação a ele por completo!

Então havia algo até mesmo pior a ser considerado.

Meu pai tinha conexões com a maioria das vítimas. Era possível que o ópio tivesse estragado seu cérebro de tal forma, distorcendo sua angústia em relação à mamãe e transformando-a em algo violento. Mas será que meu pai realmente era capaz de matar? Eu queria negar isso, gritar comigo mesma por pensar uma coisa tão horrível, mas meu pai realmente tinha o hábito de tornar-se uma outra pessoa sempre que ele estava com medo ou sob a influência de seu precioso tônico. Se ele realmente era inocente, então por que meu coração afundava em meu peito só de pensar nisso?

E havia a questão de Blackburn. Ele trabalhava com meu pai? A associação deles foi ocultada de mim e de meu irmão por sabe-se Deus quanto tempo. O que mais eles estariam escondendo? Os assassinatos recomeçaram quando meu pai veio para casa... impedi minha mente de continuar vagando, por aquela lúgubre vereda.

Voltei minha atenção novamente para a cópia do cartão-postal no jornal. A mensagem não era muito longa, mas era tão assustadora quanto a primeira. A gramática era tão ruim quanto, mas eu tinha uma suspeita de que isso era apenas para despistar. A escrita que Jack usava era limpa e cuidadosa demais para ser escrita por alguém que não tinha instrução. Era uma fraca tentativa de esconder seu status na comunidade.

Mas que status? Médico, lorde, superintendente ou pupilo brilhante?

Eu não estava zombando do prezado e velho Chefe quando lhe dei a dica, vocês ficarão sabendo amanhã do evento duplo do trabalho de Jack, o insolente, dessa vez a vítima de número um soltou uns gritinhos e não consegui terminar direito. Ahaha, não tive tempo para pegar as orelhas e enviar para a polícia. Obrigada por manter em segredo a última carta até que eu fizesse meu trabalho de novo.

Jack, o Estripador

O cartão-postal estava redigido com a mesma caligrafia da primeira carta, com o estilo da escrita similar demais para que fosse coincidência. A parte da frente do ofensivo documento não continha nenhuma pista maior do que o primeiro. Estava endereçado ao:

## Escritório Central de Notícias

### Cidade de Londres

“Bom dia, Amelia, Liza. Creio que sua carruagem esteja pronta.” Meu pai entrou a passos largos na sala de jantar, com seu próprio jornal enfiado debaixo do braço. Quando voltou sua atenção para mim, uma expressão preocupada tomou conta de seu rosto. “Está enchendo a mente com coisas seguras e apropriadas? Ou já está desobedecendo meus caprichos, Audrey Rose?”

Ergui o rosto e sorri, em uma ação que mais parecia um ato de zombaria.

“Eu não estava ciente de que ficar atualizada das notícias do dia era inapropriado. Talvez eu deva gastar meu tempo, e seu dinheiro, com espartilhos novos para impedir que minha vontade saia pelos meus lábios”, falei em um tom doce. “Usar algo tão apertado deve atar bem minhas cordas vocais. O senhor não concorda com isso?”

Os olhos de meu pai mostraram o lampejo de um aviso, mas ele não se depararia comigo me acovardando hoje. Eu resolveria este caso do Estripador mesmo que isso significasse acordar a besta dormente dentro de quem quer que ela estivesse descansando. Aquela mesma criatura estava arranhando e uivando por uma oportunidade para ser libertada de dentro de mim. Eu jurei que tudo seria feito em seu devido tempo, aplacando-a pelo momento.

“Bem, então.” Minha tia Amelia levantou-se, fazendo um movimento para que Liza fizesse o mesmo. “Foi uma visita adorável, meu querido irmão. Você deveria tirar um tempo longe da cidade e respirar nosso ar do campo em breve.” Ela voltou sua atenção para mim, com os lábios apertados, em um escrutínio. “Poderia ser imensamente bom para Audrey Rose ficar afastada dessa loucura um pouquinho.”

“Talvez você esteja certa.” Meu pai abriu os braços para sua irmã, abraçando-a rapidamente antes que ela saísse da sala.

Liza veio correndo até onde eu estava sentada, inclinou-se para baixo e me envolveu em um desconfortável abraço. “Você terá de escrever para mim. Eu quero ficar sabendo mais sobre Thomas Cresswell e tudo em relação ao infame Jack, o Estripador. Prometa-me que me escreverá.”

“Prometo.”

“Que maravilha!” Ela beijou-me na bochecha, e então abraçou meu pai antes de seguir correndo para o corredor. Fiquei triste ao vê-la indo embora.

Meu pai cruzou a sala e sentou-se em sua cadeira, ignorando-me de tal forma que acentuava seu desprazer com meu comportamento. O que estava bem apropriado para mim.

Depois que Nathaniel havia confessado a verdade sobre os segredos de nossa família, eu mal conseguia olhar para nosso pai. Mamãe estava morrendo de escarlatina e meu pai sabia de seu coração já enfraquecido. Ele nunca deveria ter permitido que tio Jonathan a operasse quando seu sistema imune estava sob tal ataque. Ele sabia que meu tio nunca tinha sido bem-sucedido nisso antes.

Embora eu não pudesse culpá-lo por estar desesperado para salvá-la. Eu realmente me perguntava por que ele havia esperado tanto tempo para pedir ajuda ao próprio irmão. Eu estava com a falsa impressão de que meu tio a havia operado antes de ela piorar. Deixei escapar um suspiro. Ele deveria saber das coisas, mas como podia mandar o irmão embora? Especialmente quando lorde Wadsworth havia finalmente sucumbido e pedido ajuda? A tragédia do que nos trouxe até esse ponto, até esta maldita família devastada, era esmagadora, e eu temia ser tão consumida pelo pesar quanto meu pai se eu pensasse intensamente demais no passado.

Recebi notícias de que meu tio havia voltado para casa tarde na noite passada, então eu ficaria com ele e veria o que era capaz de descobrir por lá. Abri meu jornal mais uma vez, não me importando com o que meu pai tinha a dizer sobre isso.

“Você está tão ávida assim para se tornar uma desgraçada nas ruas?” Sorvi um gole de chá, deleitando-me com o radiante sabor do Earl Grey na minha língua. Meu pai estava jogando um jogo perigoso e eu não fazia a mínima ideia disso.

“O Senhor tem conhecimento sobre uma coisa ou outra em relação a desgraçadas na rua.”

Ele deixou cair as mãos sobre a mesa, batendo, em descrença, em sua louça. O rosto dele estava pálido, ainda que cheio de raiva. “Você me respeite na minha própria casa!”

Eu me levantei, revelando minha roupa de montaria toda preta. Permiti que plenos trinta segundos se passassem, deixando que meu pai visse e absorvesse minhas roupas masculinas, enquanto o choque e a descrença transpareciam em sua expressão. Puxei minhas luvas de couro com tanta violência quanto me era possível, e depois olhei para baixo, fitando-o. “Aqueles que merecem respeito o

recebem livremente. Se alguém precisa exigir tal coisa, este alguém nunca realmente a comandará. Eu sou sua filha, não seu cavalo, senhor.”

Dei um passo mais para perto dele, gostando da forma como meu pai se inclinava para longe de mim, como se ele estivesse agora descobrindo que um gato, embora seja precioso e fofinho, também tem garras afiadas. “Eu preferiria ser uma desgraçada baixa nas ruas a viver em uma casa cheia de jaulas. Não me dê sermões sobre o que é apropriado quando esta é uma virtude que lhe falta tão repulsivamente.”

Sem esperar por uma resposta, eu saí da sala sem nada além do som dos meus saltos ressoando no silêncio. Não haveria saias nem anquinhos para lutarem mais comigo. Eu estava farta de coisas que me confinavam.



O laboratório de tio Jonathan estava uma ruína, muito como o homem que ali residia.

Havia papéis espalhados por todo lado, mesas e cadeiras viradas, e as criadas esfregavam o chão de quatro, visivelmente nervosas, com sua atenção se alternando entre o trabalho delas e a infinita arenga do meu tio. Eu não tinha como saber se ele estava perturbado porque haviam mexido em seu precioso trabalho ou porque ele havia chegado perto de ser pego por seus crimes.

Mas eu não haveria de sair daqui sem descobrir.

Eu nunca o tinha visto em tal estado. A polícia trouxe tudo de volta das câmaras de evidências quando ele foi solto de Bedlam, mas eles jogaram as coisas no laboratório de qualquer jeito. Parecia que Blackburn não estava mais interessado em ganhar os meus afetos.

“Que demônios miseráveis!” Mais uma colisão de alguma coisa reverberou na pequena sala separada do laboratório. “Anos e anos de documentações se foram! Eu quase penso em atear fogo à Scotland Yard. Que... que... que animais eles contratam?”

Thomas entrou na sala, avaliando a bagunça. Ele endireitou uma cadeira e então caiu nela, com a irritação estampada em suas feições.

Eu deliberadamente o ignorei, e ele respondeu a isso fazendo o mesmo. Estava claro que ele ainda estava contrariado por causa de nossa discussão. Ou talvez ele sentisse minha suspeita tomando forma e apontando um dedo para ele.



Meu tio não se lembrava de muita coisa do tempo que passara no manicômio. As drogas provaram-se fortes demais para que sua mente com elas batalhasse, ou pelo menos era isso que ele dizia. Ele não se lembrava de murmurar seu nome repetidamente nem de nenhuma revelação que pudesse ter emergido das trevas.

“Não fique aí simplesmente parado!”, berrou, jogando um punhado de papéis na cara de Thomas. “Conserte isso! Arrume essa maldita bagunça! Eu não consigo trabalhar assim!”

Incapaz de ficar vendo essa loucura continuar, eu lentamente me aproximei de meu tio com as mãos para cima, como se ele fosse um cão ensandecido e encurralado. Imaginei que seus nervos estavam em frangalhos conforme o tônico que eles haviam lhe dado saía de seu corpo. Seus ocasionais surtos nunca eram assim tão altos nem desorganizados.

“Talvez”, fiz um movimento apontando ao redor da sala, “nós devêssemos esperar lá em cima enquanto as criadas cuidam disso.”

Tio Jonathan parecia prestes a entrar em uma briga comigo, mas eu não aguentaria nada disso. Minha nova falta de tolerância estendia-se a todos os homens da família Wadsworth. Mesmo se ele se provasse ser inocente dos assassinatos do Estripador, ainda tinha outras coisas para me responder.

Apontei para a porta, não deixando nenhum espaço para discussão. Talvez fossem meus novos trajes, ou a austeridade em meu maxilar, mas a vontade de lutar deixou meu tio um tanto quanto rapidamente. Ele soltou um suspiro, seus ombros caindo com derrota, ou alívio, enquanto ele subia as escadas batendo os pés.

Nós nos arranjamos na sala de visitas com xícaras de chá e uma música agradável que vinha de uma máquina mecânica no canto.

Thomas sentou-se em frente a mim, com os braços cruzados e o maxilar selado. Minha pulsação foi às alturas quando seus olhos se encontraram com os meus, e isso enviou centelhas por todo o meu corpo. Eu ansiava por gritar com ele, exigir saber por que ele havia escondido coisas de mim, mas contive minha língua. Agora não era a hora de fazer isso.

O próximo item da lista era mais difícil de ser riscado. Havia um rio de mentiras e engodos que precisava ser cruzado dentro de bem pouco tempo.

Olhei para meu tio. Ele estava tendo surtos de raiva e jogando coisas desde que eu havia entrado no laboratório até este exato momento. Mesmo agora seus olhos estavam vidrados, vendo alguma coisa lamentável que ninguém mais conseguia ver. Uma raiva nova ardia silenciosamente sob minha pele. Eu odiava o que Blackburn havia feito com ele.

Eu fui enterrar as minhas mãos em minhas saias, e então parei, lembrando-me de que eu não tinha saias onde me esconder. “Eu sei o que aconteceu com a mãe de Thomas.”

Thomas ficou paralisado, com a xícara de chá no meio do caminho até seus lábios, os olhos arregalados. Mudei minha atenção para meu tio. A névoa que os cercava instantaneamente se dissipou, substituída pela dureza que eu nunca tinha feito nele antes.

“Aonde você quer chegar com isso?”

Sustentei seu olhar furioso na hora. “Depois que ela morreu, o senhor e Thomas começaram a trabalhar juntos. Realizando... experimentos secretos.”

Thomas inclinou-se para a frente, quase caindo de seu assento, com sua atenção de falcão voltando-se para a resposta de meu tio. Se ao menos eu fosse capaz de decifrar suas ações!

Ele deu risada, incrédulo, quando viu a seriedade em meu rosto. “E o que é que importa se fizemos isso? Nós não realizamos uma cirurgia faz quase um ano. Nada disso está relacionado ao nosso Estripador. Alguns fantasmas deveriam permanecer bem enterrados, minha sobrinha.”

“E alguns fantasmas voltam para nos assombrar, querido tio. Como Emma Elizabeth.”

A expressão de tio Jonathan estava tão sombria quanto a de meu pai, e eu temia que ele fosse me mandar embora por me intrometer em suas memórias.

Quando ele se sentou cruzando os braços sobre o peito e fechando a boca com teimosia, Thomas pronunciou-se. “Certo. Acho que você deveria simplesmente contar a ela.”

“Você não acha nada, menino”, disse meu tio, cuspiendo. “Seria sábio da sua parte deixar isso como está.”

Eu cruzei a sala, batendo a porta e trancando-a até que a atenção deles estivesse voltada para mim. “Se isso não fosse necessário a esta investigação, eu o deixaria com sua paz. Visto que há um homem louco à solta, estripando mulheres, e potencialmente *tentando usar os órgãos* delas da forma como algumas pessoas nesta sala já fizeram no passado, nós não temos este luxo.”

“Tecnicamente, nós nunca tentamos usar órgãos para nada”, disse Thomas, e depois deu de ombros. “Minha mãe estava doente demais para o procedimento. Nós testamos teorias menores, mas, como seu tio disse, nós não realizamos uma cirurgia em um ano. E a última foi simplesmente para reconectar um dedo decepado, se você deseja saber dos detalhes.”

“E você achou que era uma boa ideia esconder isso de mim?”

“Nós andamos um pouco preocupados caçando um assassino, Wadsworth”, disse Thomas, sem emoção na voz. “Perdoe-me por não discutir algo que eu acho... difícil. Além do dr. Wadsworth, e agora, você, eu não falei com ninguém sobre a minha mãe desde que ela morreu. Especialmente considerando que meu pai sentiu que era apropriado casar-se de novo antes que o corpo dela estivesse frio ao toque, e minha madrasta não se importa com filhos que não sejam os dela mesma.”

“Eu... eu sinto muito, Thomas.”

Ele deu de ombros mais uma vez e desviou o olhar. Eu me sentei em um canapé de veludo. Eu não conseguia acreditar nisso. Era por esse motivo que Thomas tinha a habilidade de ser emocionalmente distante. Era essa a raiz de sua arrogância. Liza estava certa: isso realmente cobria sua dor.

Meu coração ficou acelerado. Uma parte minha queria puxá-lo em um abraço e curar suas feridas, e uma outra parte desejava pôr às claras todos os segredos dele e juntar todas as peças do quebra-cabeça naquele mesmo instante.

Porém, havia a questão de meu tio e sua conexão com Emma Elizabeth, que tinha precedência. Com um grande esforço, eu o encarei.

“Eu preciso saber o que aconteceu com sua ex-noiva.” Eu podia ver as engrenagens girando na mente dele enquanto ele tentava evitar me contar a história. “Por favor, diga-me o que aconteceu com Emma Elizabeth Smith.”

Ele jogou as mãos para o alto. “Parece-me que sei menos do que você.”

“Então me diga.”

“Ah, certo. Ela me fez escolher: ou ela, ou a ciência. Quando me recusei a fazer isso, ela cortou todas as conexões, dizendo que preferiria ficar sem nenhum centavo que fosse em vez de tolerar um trabalho tão blasfemo.”

Ele baixou a cabeça em suas mãos; claramente, pensar em seu antigo amor estava cobrando um preço de seu estado já frágil. Uma determinação de aço com a qual eu estava muito familiarizada pareceu revestir os ossos dele, rejuvenescendo-o no próximo respirar.

Este era o homem que ensinava seus alunos a separarem-se do aspecto humano de alguma coisa horrível para avançarem e buscarem os fatos sem que as emoções os cegassem.

Ele sentou-se mais ereto, entregando os fatos, um atrás do outro.

“Emma poderia ter seguido em frente com sua vida, mas optou por não fazer isso. Ela disse que queria me ferir o máximo possível, achava que isso haveria de me forçar a ceder.” Ele balançou a cabeça em negativa. “Da última vez em que ouvi falar dela, havia alugado um quarto no East End, recusando-se a aceitar

dinheiro de sua família. Começaram os rumores, como acaba acontecendo, de que ela estava se vendendo para pagar por seu alojamento.”

Ele tirou os óculos e limpou manchas imaginárias do objeto. Eu não conseguia imaginar como deveriam ser suas emoções. Ele deixou as mãos penderem em seu colo. “Eu não tive coragem de tentar descobrir se os rumores eram verdadeiros. Afastei-a de minha mente, perdendo-me em meu trabalho, onde vivi feliz meus dias durante os últimos e vários anos.”

“O que aconteceu na noite em que o senhor viu o corpo dela?”, perguntei, baixinho. “Isso lhe faz lembrar dos assassinatos recentes?”

Meu tio levou a cabeça para trás abruptamente, parecendo alarmado, antes de torcer seu bigode. Ele demorou um instante repassando as anotações em sua mente.

“Suponho que ela poderia ser uma das vítimas do Estripador.” Esmagou a caixinha de couro em que guardava seus óculos, e os nós de seus dedos ficaram brancos como a neve. Quando se pronunciou, foi entredentes. “Eu devo retornar ao trabalho.”

Thomas arqueou uma sobrancelha e depois focou sua atenção em mim. Parecia que ainda havia segredos a serem revelados. Eu não sabia dizer se ele estava a par destes segredos, mas estava determinada a descobrir.



# JACK O ESTRIPADOR

RASTRO de SANGUE

## 23. A ARTE DO CONJURADOR

*Cemitério de Little Ilford, Londres*

*8 de outubro de 1888*



Dois dragões de pedra mantinham a vigilância sobre nossa carruagem enquanto ela se movia pelos paralelepípedos e passava pelo maior dos três arcos ogivais que davam para o Cemitério de Little Ilford.

Brumas pesadas amortalhavam um pequeno grupo de *pessoas* em luto em volta da cova recém-aberta da srta. Catherine Eddowes, uma das mulheres assassinadas durante o evento duplo, que eu havia inspecionado mais cedo. Parecia que o nevoeiro os estava *encobrindo* como que para protegê-los da dureza do dia.

O inverno mordida os dedos dos pés do outono, lembrando a estação mais agradável de que logo ele estaria aqui.

Como um sinal de respeito, eu havia trajado um vestido apropriado em vez das calças de montaria que eu recentemente havia adotado como minha roupa favorita. Meu simples vestido preto era estranhamente similar àquele que eu havia usado na noite do *assassinato de Annie Chapman*. Eu esperava que isso não fosse uma premonição de coisas piores que estariam por vir.

Eu sentia uma estranha conexão com Catherine, talvez porque eu havia ficado ajoelhada sobre seu corpo e examinado os detalhes relacionados ao crime.

Os jornais a descreviam como alegre quando estava sóbria, cantando uma melodia para quem quisesse ouvi-la. Na *noite em que foi* assassinada, ela estava bêbada, deitada na rua antes de ser detida pela polícia até pouco depois da uma da manhã.

O Estripador a encontrou não muito tempo depois disso, silenciando suas canções para sempre.

Meu tio ficou em seu laboratório, falando com os investigadores da polícia sobre a segunda vítima daquela noite sangrenta, conduzindo a mim e a Thomas para sairmos em sua carruagem de modo a coletarmos informações daqueles que estavam no funeral de Catherine. Ele acreditava que os assassinos com frequência visitavam seus lugares de destruição ou que se envolviam nos casos, embora, como a maioria de suas ideias, isso não pudesse ser provado. Os investigadores de polícia não passaram muito tempo convencendo meu tio de que sua opinião de especialista era essencial para a resolução do caso. Um pouco de massagem no ego por parte dos escalões superiores da Scotland Yard fazia maravilhas para conciliar o orgulho ferido de meu tio.

Eu não conseguia parar de olhar furtivamente e de relance para Thomas, me perguntando se o próprio monstro que eu estava caçando estaria parado ao meu lado. Embora a história da morte de sua mãe e do segundo casamento quase imediato de seu pai me afetasse em termos emocionais, talvez fosse essa a intenção dele. Por ora eu haveria de observá-lo, mas agiria como se tudo estivesse bem entre nós.

Thomas segurava um guarda-chuva sobre nossas cabeças, com sua atenção focada nos presentes. Não havia muitas pessoas de luto ali, e, para ser honesta, nenhum dos que ali estavam parecia nem um pouco suspeito, exceto pelo homem barbudo que ocasionalmente olhava feio para nós por cima do ombro. Havia algo em relação a ele que fazia com que a cautela murmurasse em minhas veias.

“Tu és pó e ao pó retornarás”, citava o padre do livro de Gênesis, erguendo os braços para o alto, “que sua alma possa descansar mais em paz do que a maneira como você nos deixou, amada irmã.”

O punhado de pessoas ali reunidas murmurou um coletivo “amém” antes de começarem a se dirigir para a saída. O tempo terrível mantinha sua tristeza em rédea curta assim como encurtava as preces para os mortos. Instantes depois, o céu se abriu e a chuva caiu livremente, forçando Thomas a se aproximar mais com o guarda-chuva.

Ou talvez ele estivesse usando isso como desculpa. Ele vinha pairando em volta de mim como se eu fosse o sol em volta do qual seu universo se revolia desde que ele havia me deixado passar por uma de suas muitas paredes emocionais. Algo a ser ponderado um outro dia.

Fui andando até o marcador de sepultura improvisado, ajoelhando-se para passar as pontas de meus dedos enluvados pela rústica cruz de madeira, sentindo uma onda de tristeza por uma mulher que eu nem mesmo conhecia. A cidade de Londres trabalhou como uma equipe, dando a ela um enterro e um túmulo

apropriados. Aparentemente, as pessoas estavam sempre providenciando na morte aquilo que não faziam em vida.

“Audrey Rose.” Thomas pigarreou e eu ergui o olhar de relance, avistando o homem barbado que estava se demorando uns poucos passos adiante, parecendo dividido entre se aproximar de nós e desaparecer na desolada e cinza manhã. Incapaz de me livrar da sensação de que ele tinha alguma coisa importante para nos contar, fiz um movimento para que Thomas me seguisse.

“Já que ele não vem até nós”, falei, por cima do ombro, “nós iremos até ele.”

Parei diante dele, estendendo a mão. “Bom dia. Meu nome é...”

“Srta. Audrey Rose Wadsworth. Filha de Malina e... o quê?”, ele perguntou a uma pessoa invisível à sua esquerda. Eu e Thomas trocamos olhares pasmos.

Claramente, ele era desequilibrado, e estava falando com o nada, mas havia alguma coisa em relação ao fato de que ele sabia o nome de minha mãe que me enervava. Ele assentiu para alguma coisa que nós ainda não conseguíamos ver.

“Ah, sim. Filha de Malina e Edmund. Sua mãe está dizendo que você deveria pegar o colar na fotografia. O medalhão em formato de coração, creio eu. Sim, sim”, disse ele, assentindo mais uma vez. “Isso mesmo. Aquele que você admirou no estúdio de seu pai. Ele está sendo meio que usado como um marcador de livros.”

Ele fez uma pausa, apertando os olhos para o nada. Meu coração estava quase quebrando o meu corpo em sua tentativa de sair dele. Thomas segurou meu braço, me mantendo firme enquanto eu oscilava no chão. Como seria possível que este homem soubesse dessas coisas? Meus sentidos foram assaltados por recordações de quando entrei sorrateiramente no estúdio de meu pai e olhei para a fotografia de minha mãe.

Eu vinha admirando aquele medalhão, e me perguntava onde ele estaria escondido...

Ninguém tinha conhecimento disso. Eu mesma mal me lembrava. Dei um oscilante passo para trás, assustada e ainda acreditando que isso não passasse de algum ato de engodo. Alguma manipulação da verdade por parte de um ilusionista. Eu tinha lido reportagens em jornais sobre charlatões e embusteiros. Farsantes inescrupulosos que obtinham lucros apresentando-se diante do público e mostrando às pessoas aquilo em que eles queriam acreditar. Havia alguma espécie de manipulação enganosa aqui para apanhar incautos que estava sendo feita, e eu não suportaria isso.

“Como é que você sabe dessas coisas?”, exigi saber, recobrando minha compostura.



Acalmando meu coração ainda acelerado, tentei aplicar a lógica à situação. Aquele homem certamente era um mentiroso habilidoso; ele realizou alguma pesquisa depois jogou um verde. Essencialmente o mesmo princípio usado por Thomas enquanto deduzia o óbvio.

Medalhões em formato de coração eram populares, praticamente todas as mulheres em Londres tinham um. Era um palpite, nada além disso. *Até* onde eu soubesse o colar estava em alguma caixa de joias proibida, e não sendo usado como um caro marcador de livros.

Eu não ficaria surpresa se ele trabalhasse para algum jornal desprezível. Talvez o sr. Doyle o tivesse mandado para nos espionar, desesperado por desencavar uma nova história.

“Acalme-se aí, Wadsworth”, disse Thomas, alto o suficiente para que apenas eu ouvisse. “Se você tremer um pouco mais eu receio que possa levantar voo, nos matando no processo. Embora eu não tema a morte, ela poderia se provar um pouco entediante depois de um tempinho. Toda aquela cantoria celestial se tornaria um tanto quanto irritante, você não concorda?”

Inspirei lentamente, me estabilizando. Ele estava certo. Ficar agitada não melhoraria a situação. Eu me acalmei um pouco antes de voltar minha cara fechada para o mentiroso. Ele estirou as mãos para cima, como se não pretendesse me fazer mal, exceto o que ele já tinha feito.

“Permita-me recomendar, srta. Wadsworth. Eu... frequentemente esqueço o quão estranho devo parecer para àqueles que não veem.” Ele estendeu a mão, esperando que a minha fosse ao encontro da dele. Relutante, permiti que ele beijasse os nós dos meus dedos enluvados. “Meu nome é Robert James Lees. Eu sou médium. Eu me comunico com espíritos que já realizaram a passagem. Também sou um pregador espiritualista.”

“Ah, que bom.” Thomas limpou o cenho em um gesto de alívio. “E eu estava aqui pensando que o senhor era apenas maluco. Isso será muito mais divertido.”

Lutei para não deixar vir à tona um sorriso enquanto o espiritualista gaguejava com suas próximas palavras.

“S-sim, sim, bem, tudo certo, então. Como eu estava dizendo, eu conversei com os falecidos, e o espírito da srta. Eddowes me procurou quase todas as noites essa semana, começando na noite em que ela foi assassinada”, disse ele. “Meus guias espirituais me disseram que eu encontraria alguém aqui que poderia parar Jack, o Estripador de uma vez por todas. Eu ficava sendo atraído para a senhorita. Foi então que sua mãe apareceu.”

Fiquei ouvindo com o ouvido treinado de um cético. Minha mente estava muito imersa na ciência, não em modas religiosas passageiras e ideias de falar com os mortos.

O sr. Lees exalou, assentindo para a mesma força invisível novamente. “Foi o que pensei. Tenho em boa autoridade ideia de que a senhorita é descrente.” Ele esticou a mão para cima quando abriu a boca para discutir. “Isso é algo com que eu luto quase todos os dias da minha vida. Meu caminho não é fácil, mas eu não interromperei a minha jornada. Se a senhorita puder me acompanhar até minha loja, eu lhe farei uma conjuração apropriada.”

Uma parte minha queria dizer sim. Sentindo minha hesitação, ele continuou a tentar vender seu peixe.

“Tire o que quiser de nossa sessão, deixando qualquer coisa que não seja útil para trás. Tudo que lhe peço são uns poucos minutos de seu tempo, srta. Wadsworth”, disse ele. “Nada mais do que isso. Na melhor das hipóteses, a senhorita irá embora com informações sobre o assassino. No mínimo, com uma história divertida para dividir com os amigos depois.”

Ele me oferecia uma barganha difícil quando colocava as coisas nesses termos.

“Se o senhor tem informações sobre Jack, o Estripador”, perguntou-lhe Thomas, cruzando os braços em cima do peito, “por que não foi direto até a Scotland Yard?”

Fiquei analisando Thomas. Certamente que a pergunta dele parecia genuína. A menos que ele estivesse deslocando suspeitas.

O sr. Lees abriu um sorriso triste. “Eles recusaram meus serviços em mais de uma ocasião”, disse. “É mais fácil pensar que sou louco do que considerar a sério quaisquer pistas que eu possa vir a desenterrar.”

Bati com os dedos nos meus braços, contemplando a oferta dele.

O mais importante em relação a ser uma boa cientista era permanecer aberta ao estudo de todas as variáveis, até mesmo aquelas que nós não necessariamente entendemos. E quão pequena seria minha mente se eu dispensasse uma boa possibilidade sem a investigar, simplesmente por que ela não se encaixava em uma noção preconcebida?

Nenhum avanço seria feito nunca. A Scotland Yard era tola de dispensá-lo. Havia uma chance considerável de que ele fosse uma fraude, mas até mesmo a mais minúscula porcentagem de que ele pudesse estar certo seria o bastante para pelo menos ouvi-lo.

Eu sabia que a esperança de falar com minha mãe estava entrando tanto em meus pensamentos quanto em meu coração, anuviando meu julgamento. Por dentro, eu lutava comigo mesma.

Talvez um dia eu fosse procurar o sr. Lees quando estivesse preparada para confrontar essa bagunça emocional. Agora, com a presença de Thomas, eu precisava manter um foco claro.

Inspirei fundo, sabendo que isso poderia ser uma imensa perda de tempo, mas não me importando com isso. Se eu tivesse de acenar com pés de galinha para todos os corvos que eu *visse* durante a lua cheia a fim de parar o assassino e vingar todas as mulheres que ele havia torturado, eu o faria. Além do mais, de uma forma ou de outra, talvez isso fosse remover qualquer dúvida remanescente que eu tivesse em relação a Thomas.

“Muito bem, então”, eu disse. “Deixe-nos pasmos com suas artes de conjuração, sr. Lees.”



Thomas lançou um olhar impaciente de relance para mim do outro lado da minúscula e surrada mesa na loja da sessão espírita do sr. Lees, com sua perna indo para cima e para baixo tão rapidamente que a mesa leve como uma pluma vibrava com todos os seus movimentos irrequietenos.

Meus lábios franzidos e o olhar que dirigi a ele estavam repletos de ameaça silenciosa. Eu aprendi alguma coisa útil com minha tia Amelia afinal de contas. Thomas parou de mexer as pernas antes de ficar batendo, irrequietenos, de leve em seus braços. Para falar a verdade, ele agia como se eu o estivesse arrastando pelas ruas em uma cama de pregos durante uma tempestade invernal. A marca de um jovem rapaz com mais segredos ou simplesmente entediado? Se o sr. Lees fosse autêntico, eu poderia ter uma resposta em breve?

Analisei o ambiente que nos cercava, fazendo o meu melhor para manter uma fachada impassível, mas era difícil. A luz cinza era filtrada para dentro por entre cortinas bolorentas, iluminando todas as partículas de poeira no pequeno aposento, fazendo meu nariz coçar.

Instrumentos usados para falar com espíritos estavam amontoados nos cantos e saíam de gabinete, e a poeira cobria quase todas as superfícies. Um pouco de limpeza na casa seria o bastante. Talvez o sr. Lees tivesse mais clientes se arrumasse e limpasse um pouco as coisas.

Eu supunha, contudo, que uma pessoa não teria muito tempo para fazer limpeza quando estava falando com os mortos em todas as horas do dia e da noite. Se as habilidades dele eram verdadeiras, eu as comparava a ficar preso em uma festa

vinte e quatro horas por dia. Era puro pavor só pensar em ter de ouvir alguém falando tanto tempo assim.

Em cima de um armário que parecia bastante bambo havia um tubo no formato de chifre que prendeu minha atenção. Era um dos poucos itens no aposento que parecia brilhante e novo.

“Esta é uma trombeta de espíritos”, disse o sr. Lees, movendo bruscamente o queixo na direção do estranho dispositivo. “Ela amplifica os sussurros dos espíritos. Para falar a verdade, eu não tive nenhuma sorte com isso, mas está muito na moda hoje em dia. Imaginei que poderia tentar usá-la. E aquela é uma lousa de espíritos.”

A tal da lousa de espíritos nada mais era do que duas lousas de giz presas uma na outra com um pouco de fio. Eu presumia que aquela fosse uma outra ferramenta que os mortos poderiam usar para se comunicarem com os vivos. Parecia que as pessoas queriam ficar entretidas por engenhocas e artifícios tanto quanto queriam falar com seus entes queridos. Uma atmosfera assombrosa era apropriada, para começos de conversas entre os ricos que nada sabiam da pobreza.

Thomas tossiu para não dar risada, atraindo minha atenção para ele. Apontou para minha perna sutilmente, balançando a sua própria em um ritmo ansioso sob a mesa, e tossiu ainda mais intensamente ao ver meu olhar sombrio. Eu estava contente por ele estar se divertindo tanto; pelo menos um de nós estava.

“Certo, então.” O sr. Lees acomodou-se no assento entre nós. “Vou pedir que vocês coloquem as mãos em cima da mesa, assim.” Ele demonstrou como deveríamos fazer, colocando as grandes palmas de suas mãos voltadas para baixo, com os polegares tocando-se nas pontas. “Estirem os dedos bem separados uns dos outros de modo que os mindinhos encostem em seus vizinhos. Excelente. Isso é perfeito. Agora, fechem os olhos e limpem suas mentes.”

Era uma coisa boa que a mesa fosse tão pequena, caso contrário nós nunca teríamos conseguido alcançar as mãos da outra pessoa confortavelmente. O mindinho de Thomas ficava se contorcendo para longe do meu, então, sem fazer barulho, eu mexi meu pé debaixo da mesa e dei um leve chute nele. Antes que ele pudesse retaliar, o sr. Lees fechou os olhos, deixando escapar um profundo suspiro. *Concentre-se*, pensei, reprimindo a mim mesma. Se eu fosse fazer isso, haveria de fazê-lo cem por cento.

“Eu peço que meus guias espirituais venham à frente, ajudando-me nesta jornada espiritual na vida após a morte. Qualquer um que tiver uma ligação com Thomas Cresswell ou Audrey Rose pode se apresentar neste momento.”

Espiei por uma pequena fenda entre meus cílios. Thomas estava se comportando, sentado com os olhos cerrados e as costas eretas como uma bengala. Parecia que o sr. Lees estava dormindo enquanto estava ali sentado, ereto. Seus olhos tremiam sob suas pálpebras, suas suíças e sua barba se contorcendo a alguma batida rítmica que apenas ele conseguia ouvir.

Fiquei fitando as pequenas linhas em volta de seus olhos. Ele não poderia ter mais do que quarenta anos, mas parecia que ele havia visto tanto quanto alguém que tinha o dobro de sua idade. Seus cabelos estavam grisalhos nas pontas, e havia uma falha na frente como se o oceano estivesse se afastando da praia em sua testa.

Ele inspirou fundo e suas feições aquietaram-se. “Por favor, identifique-se, espírito.”

Fiquei atenta às reações de Thomas, mas ele não abriu nem um sorriso ou sequer uma das pálpebras, cooperando cortesmente com nosso anfitrião que falava com fantasmas. Certamente ele não estava agindo com nervosismo agora. Eu não conseguia me impedir de, ao mesmo tempo, esperar e temer um outro encontro com minha mãe tão cedo. Se fôssemos acreditar na cena de abertura dele no cemitério, quero dizer.

O sr. Lees assentiu. “Nós lhe damos as boas-vindas, srta. Eddowes.”

Ele fez uma pausa, dando a si mesmo tempo para pensar em alguma coisa falsa ou para “ouvir” o espírito, seu rosto contorcido de concentração. “Sim, sim, eu contarei isso a ela agora.”

Ah, que bom. Vamos direto ao assunto, então. Que bobagem. Ele mexeu-se em sua cadeira, sem, em momento algum, romper o contato com nossas mãos.

“A srta. Eddowes está dizendo que a senhorita estava presente no dia em que seu corpo foi descoberto, ela disse que a senhorita estava acompanhada por um homem de cabelos bem claros.”

Tomei fôlego, colocando momentaneamente de lado a esperança de ouvir mamãe. Poderia isso ser verdade? Poderia a srta. Catherine Eddowes estar falando por meio deste homem corpulento e desarrumado? Tudo isso era muito estranho, mas eu não necessariamente acreditava em um segundo disso.

Qualquer um que estivesse na cena do crime naquela manhã teria me visto entrando lá com o superintendente Blackburn. Desconhecendo o devido protocolo para este tipo de situação, sussurrei: “Isso é verdade”.

Olhei de relance para Thomas, mas ele ainda estava sentado, em silêncio, com os olhos fechados. Sua boca, porém, agora estava pressionada em uma linha apertada. Voltei minha atenção novamente para nosso espiritualista.

“Uh-hum”, disse o sr. Lees, cujo tom estava cheio de entendimento. Eu não sabia ao certo se ele se dirigira a mim ou ao suposto espírito que pairava por ali, então esperei com os lábios fechados. “A srta. Eddowes me disse para transmitir esta mensagem para ajudá-la a acreditar nisso daqui. Ela me disse que ela tem uma marca identificadora no corpo, e que saberá imediatamente do que ela está falando.”

A vontade de puxar minhas mãos para trás e sair desta cova de mentiras atormentou-me. Eu sabia precisamente do que ela estava falando.

Havia uma pequena tatuagem em seu braço esquerdo que tinha as iniciais TC. O que dificilmente era um segredo. Mais uma vez, qualquer um poderia ter visto o braço dela de passagem. Soltei um suspiro, desapontada porque isso acabara sendo um ato de tolice. Antes que eu dissesse uma palavra ou desfizesse o contato com Thomas ou com o sr. Lees, ele apressou-se a continuar.

“Ela disse que Jack também estava lá naquele dia. Que ele a havia visto.” Ele fechou a boca, assentindo novamente, como se fosse um intérprete transmitindo uma mensagem a um falante de língua estrangeira. “Ele chegou perto da senhorita... até mesmo falou com a senhorita. Que estava com raiva dele...”

O sr. Lees embalou-se em sua cadeira, seus olhos fechados movendo-se como pombos confusos alvoroçados indo para a frente e para trás diante de um banco no parque.

Um profundo e frio medo envolveu-se em meus braços e pernas, tirando por meio de estrangulamento a razão de meu cérebro. As únicas pessoas de quem eu tinha ficado com raiva eram o superintendente e meu pai. Tio Jonathan ainda estava no manicômio e eu não estava falando com Thomas.

Se este homem realmente estava se comunicando com os mortos, isso livrava os dois da remanescente suspeita, mas meu pai e Blackburn...

Não querendo ouvir mais, puxei minha mão para longe, mas Thomas esticou a mão dele e colocou a minha ao lado da sua. Seu olhar encorajador dizia que passaríamos por isso juntos, aquietando-me pelo momento.

Nosso médium embalava-se em seu assento, seus movimentos vindo mais rápidos e nítidos. A madeira rangeu por um milésimo de segundo em pânico, urgindo minha pulsação a entrar em um ritmo caótico. O sr. Lees levantou-se tão abruptamente da cadeira em que ele estava sentado que ela caiu no chão.

Ele demorou vários segundos para se reorientar, e, quando seus olhos ficaram desanuviados, fixou os olhos em mim como se eu houvesse me transformado no próprio Satã.

“Sr. Lees. O senhor vai compartilhar conosco o que o está afligindo”, disse Thomas, “ou vai guardar o que os espíritos disseram para si?”

O sr. Lees tremeu, balançando a cabeça para desanuviá-la do que quer que ele tivesse visto ou ouvido. Quando por fim ele falou, seu tom estava tão ominoso quanto suas palavras.

“Deixe Londres imediatamente, srta. Wadsworth. Eu estava enganado. Eu não posso ajudá-la. Vá”, ele berrou, alarmando-nos. Ele ficou cara a cara com Thomas. “O senhor deve mantê-la em segurança. Ela foi marcada para morrer.”

Thomas estreitou os olhos. “Se isso for algum truque...”

“Saia! Saia agora antes que seja tarde demais” O sr. Lees nos conduziu até a porta, jogando para mim meu casaco como se estivesse em chamas, “Jack anseia por seu sangue, srta. Wadsworth. Que Deus esteja com a senhorita.”

From hell

Mr Lusk

Sir I send you half the  
kidney I took from one woman  
preserved it for a tother piece  
fied and ate it was very nice I  
may send you the bloody knife that  
took it out if you only wait a while  
longer.

Signed

Take me when  
you can  
Mister Lusk

Do Inferno/ Sr. Lusk./ Senhor./ Estou lhe enviando metade do rin que  
tomei de uma mulher e prezevei-o para o senhor. O outro pedaço eu  
fritei e comi, e estava muito bon. Posso lhe enviar a faca ensanguentada  
que removi este rin se epera um pouco maiz./ Assinado./ Pegue-me  
quando conseguir, Senhor Lusk/ Carta Do Inferno, 1888



# JACK O ESTRIPADOR

---

RASTRO de SANGUE

## 24. DO INFERNO

*Biblioteca do dr. Jonathan Wadsworth, Highgate*

*16 de outubro de 1888*



Estou vendo que você se lançou em mais uma festinha da autopiedade”, disse Thomas, entrando com tudo na biblioteca escurecida de meu tio. Erguendo a cabeça de meu livro, notei que suas roupas estavam excepcionalmente elegantes para uma tarde de aprendizagem com cadáveres. Seu casaco finamente costurado encaixava-se com perfeição em seu corpo. Ele me pegou inspecionando-o e abriu um largo sorriso. “Você ainda tem que enviar os convites, Wadsworth. Um tanto quanto rude, não acha?”

Ignorei tanto Thomas quanto seu comentário, embora eu soubesse que ele estava tentando minimizar o peso de nossa situação. Oito dias vieram e se foram desde que falamos com o sr. Lees, e fazia ainda mais tempo desde que eu tinha visto meu pai pela última vez.

Embora eu não pudesse me fiar somente no testemunho do espírito do sr. Lees, Thomas estava descendo cada vez mais na lista de suspeitos a cada dia que passava. Ele examinava as anotações e os detalhes, dia e noite. Eu não achava que o estresse que ele estava tentando esconder fosse fingimento.

Thomas queria ver este caso resolvido tanto quanto eu. Durante uma noite particularmente perturbadora, dividi meus temores em relação ao meu pai com ele. Ele havia aberto a boca, e então a fechara. E isso foi o fim da conversa. Sua reação foi menos do que reconfortante.

Permanecendo fiel à sua palavra, meu pai não foi atrás de mim, continuando a não se importar com meu paradeiro. Isso era tão atípico dele, me deixar ficar longe de sua vista assim por dias sem fim, mas ele havia se tornado um estranho para mim, e eu não era capaz de prever seus próximos movimentos.

Eu odiava pensar nisso ou sequer admitir, mas ele se enquadrava em várias das características emergentes de Jack, o Estripador. Ele estivera presente em cada cena de crime, e estivera ausente quando aparentemente Jack havia desaparecido durante aquelas três semanas e meia em setembro.

Por mais que eu quisesse a opinião dele, não compartilhava estas especulações sombrias com Nathaniel. Preocupá-lo era desnecessário até que eu tivesse provas plenas de que nosso pai era, de fato, Jack.

Eu folheava um tomo médico, lendo sobre várias ideias novas referentes à psicologia humana e crimes. Certamente nosso pai tinha problemas com o pesar e muitos motivos para querer que transplantes de órgão fossem bem-sucedidos. Isso explicaria os órgãos que estavam faltando nas vítimas.

Embora eu não conseguisse ver como isso ajudaria mamãe agora. Então eu me lembrei de seu tônico predileto: o láudano poderia muito bem explicar este delírio.

“Você não deveria desperdiçar suas preciosas energias com tamanho lixo, Wadsworth”, disse Thomas, lendo por cima do meu ombro. “Certamente que você é capaz de ter teorias próprias. Você é uma cientista, não é? Ou você está deixando que todo o trabalho brilhante seja revelado por mim?”

Thomas sorriu quando revirei os olhos, inflando o peito e parando com um dos pés orgulhosamente repousado em uma cadeira, como se estivesse posando para um retrato. “Eu não a culpo, eu sou bem atraente. O alto e sombrio herói de seus sonhos, entrando em cena para salvá-la com meu vasto intelecto. Você deveria aceitar minha mão de uma vez.”

“Está mais para o monstro excessivamente confiante que assombra meus pesadelos.” Ofereci a ele um sorriso forçado quando ele torceu o nariz. Ele era bem bonito, mas não precisava saber que eu achava isso dele. “Você não tem um órgão para pesar, pessoas a quem chatear ou anotações a fazer para tio Jonathan? Ou talvez você tenha um outro paciente em que fazer experimentos.”

Thomas abriu um sorriso ainda mais largo, jogando-se no amassado sofá de veludo na minha frente. Um corpo fresquinho, que não tinha nada a ver com os assassinatos de Whitechapel, para variar, jazia na mesa mortuária lá embaixo, esperando para ser inspecionado. Com uma primeira olhada de relance, ele disse que o homem havia perdido sua vida para o clima árduo inglês, e não para algum assassino ensandecido. O inverno estava fazendo umas poucas aparições de surpresa entre agora e sua data oficial de início.

“O dr. Wadsworth foi chamado para atender a questões mais urgentes. Estamos só nós dois aqui e estou um tanto quanto entediado de você ficar aparvalhada por

aí. Nós poderíamos estar tirando total vantagem de nosso tempo juntos, mas, não”, ele soltou um suspiro dramático. “Você está concentrada lendo lixo.”

Aninhei-me em minha gigantesca cadeira de leitura e virei a página do livro. “Estudar estados psicológicos dos seres humanos e as formas como eles podem ou não podem estar relacionados com problemas psicóticos mais profundos dificilmente é ficar ‘se aparvalhando por aí’. Por que você não coloca esse grande cérebro para funcionar e não lê alguns desses estudos comigo?”

“Por que você não conversa comigo sobre o que realmente a está perturbando? Que dilema emocional precisa ser resolvido?” Ele deu tapinhas em suas pernas. “Sente-se aqui e eu a embalarei com gentileza até que você ou eu comece a dormir, ou ambos.”

Joguei o livro no chão, aos pés dele, e então, imediatamente, me encolhi. Eu estava prestes a dizer a Thomas que eu não estava lutando com *nenhum* problema emocional e havia mostrado a ele algo diferente disso. Um dia eu haveria de controlar minhas malditas ações.

Soltei um suspiro. “Não consigo parar de pensar que meu pai seja o homem que está caçando vítimas na noite.”

“Sendo qual exatamente o dilema moral?”, perguntou-me Thomas. “Se você deveria ou não entregar seu querido velho pai às autoridades?”

“É claro que é este o dilema moral!”, exclamei, incrédula com o quão obtuso ele era quando se tratava de conceitos humanos básicos. “Como é que alguém pode se virar contra seu próprio sangue? Como posso mandá-lo para a morte? Certamente que você deve dar-se conta de que é precisamente isso que aconteceria se eu contasse às autoridades.”

Eles enforcariam meu pai. Considerando quem ele era, fariam seu enforcamento tão público e tão brutal quanto possível. Só porque poderia haver a mácula de sangue nas mãos dele, não queria dizer que eu desejava o dele na minha. Não importando se isso fosse certo ou errado.

“Isso sem falar”, eu disse ainda, em voz alta, “que isso seria a morte para meu irmão.”

Cobri o rosto com as mãos. A coisa mais óbvia, isso eu não estava dizendo: não entregar meu pai resultaria nos assassinatos de mais mulheres. Esta era uma situação horrível, difícil e bem desagradável em que alguém podia se encontrar, e eu odiava ainda mais meu pai por me submeter a isso.

Thomas foi ficando cada vez mais quieto, fitando suas próprias mãos. Uma eternidade ficou à espera, observando junto comigo até que ele a baniu de nossa

presença. “O que você está esperando descobrir entre as páginas das teorias de outros homens?”

“Redenção. Clareza. Uma cura para o demônio que está infectando a alma de meu pai.”

Se havia alguma maneira para que eu abordasse as questões com o cérebro dele, talvez ele pudesse ser salvo. Eu ouvia o silêncio estirando-se entre nós, o tique do relógio ecoando os batimentos de meu próprio coração.

Abaixei meu tom de voz: “Se fosse seu pai, você não tentaria fazer qualquer coisa para salvá-lo? Especialmente depois de já ter perdido sua mãe? Talvez não seja tarde demais para a salvação dele”.

Thomas engoliu em seco, voltando sua atenção para meu livro. “Você usará uma muleta como a religião para livrá-lo de seus pecados, então? Borrifará um pouco de água benta e queimará o diabo que sairá dele? Eu achava que este fosse o domínio de sua excêntrica tia.”

Eu me curvei para pegar de volta a revista médica, retomando à última seção que eu havia lido. A cadeira de couro rangia enquanto eu ajustava meu corpo nela.

“Eu sou uma cientista, Thomas. A salvação de meu pai virá na forma de tônicos que trabalhem em sua fisiologia. Há grandes tratados sobre o efeito de químicos nos caminhos neurológicos do cérebro”, falei, apontando para um deles no livro. “Além do mais, ameaçarei prendê-lo em nossa casa. Haverá de mantê-lo acorrentado, trancafiado em seu próprio estúdio se ele não concordar em ter sua mente avaliada.”

Um fraco bater à porta veio antes que Thomas pudesse rebater meu argumento. Nós dois fitamos o criado parado, meio no corredor e meio na biblioteca, com um rubor assomando-se por seu colarinho acima. Eu esperava que ele não estivesse ali por muito tempo. Se alguém ficasse sabendo da potencial identidade de meu pai como sendo Jack, o Estripador, ou do fato de que suspeitávamos dele e não o havíamos entregado, nós mesmos estaríamos envolvidos em um mundo de problemas.

“Dr. Wadsworth solicita sua presença na Scotland Yard imediatamente, senhorita.” Quando eu e Thomas olhamos um para o outro, ele emendou: “Vocês dois”.



Eu não me importava com minha aparência para os homens que estavam parados, em pé em volta da escrivaninha do superintendente Blackburn, quando cobri a boca com o dorso de minha mão enluvada em renda.

O fedor que atacava os meus sentidos era quase tão ruim quanto aquilo que o pacote continha. Possivelmente, pior. Eu conseguia lidar com quase qualquer coisa horripilante e sangrenta; carne podre, porém, era algo com que eu temia nunca me acostumar, não importa quantas vezes eu tivesse que entrar em contato com a repulsiva substância.

“Muito certamente se trata de meio rim humano”, confirmou meu tio, embora ninguém houvesse perguntado. “Embora seja impossível dizer isso com certeza, nós devemos dar alguma validade à carta que veio com ele. A srta. Eddowes estava sem um dos rins. Este é um rim humano. Pelo estado de decomposição, foi retirado por volta da mesma época em que o dela foi removido, e é o rim esquerdo, assim como o que faltava à nossa vítima. Terei de examiná-lo mais a fundo em meu laboratório, mas, só de olhar para isso parece haver algumas... similaridades.”

Engoli em seco a minha repulsa. Parecia que Jack estava se destruindo. Thomas passou o mais recente bilhete do assassino para mim, desviando o olhar enquanto fazia isso. Eu me perguntei se ele falaria à polícia sobre meu pai. Eu me perguntava se eu faria o mesmo, se estivesse no lugar dele. A culpa repuxava-se com força em minhas entranhas. Estaria eu permitindo que a sentimentalidade ficasse no caminho da justiça? Isso me tornava tão má quanto o Estripador.

Exceto... e se a polícia já tivesse descoberto a identidade dele? Olhei furtivamente para o superintendente Blackburn. Eu não sabia nada sobre ele, na verdade, e continuava cautelosa em sua presença. Talvez ele já tivesse visto este órgão na noite em que tinha sido removido de sua dona. Ele estava com uma expressão um tanto quanto pétrea no rosto, considerando-se o que meu tio estava dizendo. O que me levava a questionar se meu pai cometia esses atos sombrios ele mesmo ou se havia feito com que Blackburn os executasse em seu lugar. Fora sua reação melindrosa no evento duplo meramente um ato de engodo?

Eu me sacudi para livrar-me dos pensamentos que se espiralavam, aliviada porque ninguém estava prestando atenção em mim. A carta estava escrita com a mesma provocadora tinta vermelha dos dois outros bilhetes que Jack havia enviado. Eu reconheceria aquela cursiva em meus pesadelos, pois eu a havia repassado tantas vezes, tentando encontrar similaridades com a caligrafia de meu próprio pai.

Sr. Lusk

Sinhor

Estou lhe enviando metade do rim que tomei de uma mulher e preservei-o para o senhor. O outro pedaço eu fritei e comi e estava muito bom. Posso lhe enviar a faca ensanguentada que removi este rim se espera um pouco maiz.

Assinado

Pegue-me quando conseguir

Sinhor Lusk

George Lusk era amigo de meu irmão e também calhava de ser o membro mais ruidoso do grupo de justiceiros de que Nathaniel fazia parte, os Cavaleiros de Whitechapel. Se meu pai de fato fosse Jack, o Estripador, enviar a alguém próximo à nossa família uma evidência era um tanto quanto insolente. Por outro lado, declarar que havia comido a outra metade de um rim humano soava como se a insanidade houvesse tomado conta dele.

Com o canibalismo, o assassino de Whitechapel atingia um ponto ainda mais baixo em seus crimes.

Coloquei a carta de volta na escrivaninha apinhada de coisas de Blackburn. A cursiva não parecia ser de meu pai, mas isso não queria dizer que ele não pudesse ter se esforçado para disfarçá-la. Talvez o mal que morasse dentro dele tivesse sua própria caligrafia.

“Eu me pergunto...”, falei, em voz alta, sem querer.

Thomas fez um movimento para que eu me pronunciasse, mas eu não estava bem preparada para isso. Pensamentos e teorias estavam tomando forma e moldando-se em minha mente. Talvez, se eu oferecesse alguma ideia, eu poderia estudar a reação de Blackburn, para ver se havia ali algum engodo. Alguns segundos depois, recomecei: “Parece-me um pouco estranho, você não acha?”.

“Não, Wadsworth”, disse Thomas, em um tom benigno, “enviar um rim pelos correios é algo bem comum. Eu faço isso pelo menos três vezes por semana para

ficar na moda. Você deveria tentar fazer também, realmente impressiona as meninas no chá.”

Fiz uma careta para ele. “O que eu quero dizer é que, digamos que ele venha matando mulheres e tentando realizar um transplante de órgãos, por que comer o rim dela? Isso não seria um desperdício de órgão coletado?”

A cor de Blackburn foi drenada, como se ele estivesse prestes a vomitar. Sua reação parecia autêntica o bastante, mas ele havia me enganado antes.

Ele passou uma das mãos pelos cabelos. “Mal são duas da tarde e eu realmente poderia tomar um bom caneco de cerveja. É isso que o senhor acha, dr. Wadsworth? Jack está usando órgãos humanos para transplante ou venda?”

Meu tio ficou encarando a caixa, assentindo, distraído. “Eu tenho uma suspeita de que não consigo me desvencilhar.” Tirou seus óculos, limpando-os na frente de seu casaco antes de colocá-los de volta no rosto. “Eu temo que ele possa ter pego um rim a mais, mas percebeu que não precisava dele, e então decidiu ficar com ele em vez de desperdiçá-lo.”

Um tremor abalou meu corpo. Se meu pai fosse Jack, o Estripador, onde ele estaria guardando os órgãos? Não era como se eles pudessem estar armazenados em nossa despensa sem que as cozinheiras e as empregadas os vissem. Seria este o verdadeiro motivo pelo qual ele nunca demitira Martha, nossa cozinheira? Será que ela compartilhava os monstruosos segredos dele? Era demais só de pensar em ter dormido na mesma casa onde este tipo de horror poderia estar tomando forma a poucos aposentos de distância do meu.

Blackburn deu a volta em sua escrivaninha, caindo na cadeira atrás desta, e esfregou os olhos. “Talvez administrar as propriedades como meu pai queria que eu fizesse não seja tão má ideia. Eu consigo lidar com uma vasta quantidade de coisas, mas isso é um pouco demais. O quão horrível pode ser uma vida de lazer e política?”

Thomas ignorou o superintendente, buscando a opinião de meu tio novamente. Ele estreitou os olhos, e suas feições angulosas acentuavam-se a cada pensamento dele. “O senhor está dizendo que ele terminou com a matança, então?”

Tio Jonathan balançou a cabeça em negativa, e partes da minha pele tentaram sair de meu corpo. Ele estava com aquela expressão lúgubre nos olhos, aquela que dizia que coisas piores estavam por vir. Quando ele tocou em seu bigode, eu não fiquei nem um pouco surpresa com suas próximas palavras. “Eu creio que exista uma última coisa de que ele precisa, e então pode ser que os assassinatos parem.”

Um oficial de polícia foi andando até o superintendente Blackburn e entregou-lhe um arquivo, sussurrando alguma mensagem em seu ouvido antes de sair com

tanta rapidez quanto havia chegado. O que quer que ele tenha dito não poderia ter sido tão importante assim, visto que Blackburn jogou o papel em sua escrivaninha e fixou seu olhar em meu tio. “Eu não estou certo de que eu queira ouvir mais, dr. Wadsworth. Mas receio que eu não tenha o luxo da ignorância. Por favor, esclareça as coisas para nós.”

Eu não sei como, mas eu sabia, com mais certeza do que tinha direito a saber, o que faltava a Jack, o Estripador. Seria o órgão mais impressionante de ser transplantado ou roubado. As palavras quase ficaram engasgadas em minha garganta quando saíram, mas eu as disse mesmo assim. “Um coração. Ele precisará de um coração antes de parar de assassinar mulheres.”

Senti Thomas me fitando, seu olhar abrindo com fogo um buraco em minha convicção de permanecer calada, mas eu não conseguia olhar nos olhos dele por medo de que fosse confessar tudo de que eu suspeitava à polícia aqui e agora. Para o inferno com as consequências.

Porém, o único fio de esperança em que eu me prendia firmemente era que meu tio também não havia mencionado nada que fosse sobre meu pai à polícia. Eu havia contado a ele sobre minhas suspeitas ontem à noite no laboratório, e, embora ele estivesse até mesmo mais cético do que eu, seu rosto tinha ficado pálido.

Ele me disse para não me preocupar, pois descobriríamos a verdade em breve. Que meu pai estava simplesmente doente e que tudo que estava se acumulando contra ele não passava de coincidências.

Enxergar a verdade nunca era fácil, especialmente quando ela revelava que aqueles mais próximos de nós poderiam ser monstros escondidos em plena vista. Se meu tio podia se prender a um único fio de crença, que estava se desfazendo tão rapidamente quanto possível, de que meu pai era inocente, então eu também poderia fazer isso.

Por ora.





# JACK O ESTRIPADOR

RASTRO de SANGUE

## 25. UMA VIOLETA DO TÚMULO DE MINHA MÃE

*Residência do dr. Jonathan Wadsworth, Highgate*

*8 de novembro de 1888*



uxei o surrado vestido azul-marinho de dentro de um baú no sótão de meu tio; seus fios estavam se soltando na costura, e o cheiro de mofo enchia o espaço enquanto eu o chacoalhava sob o pálido luar.

Não havia nenhuma esperança de torná-lo elegante; tempo demais e falta de cuidados o bastante haviam se passado desde que fora usado pela primeira vez pela srta. Emma Elizabeth.

Tio Jonathan havia pegado quase todos os pertences dela de uma família que não mais desejava a ela ser associada, fazendo um grande esforço para deixá-los como ela, congelados no tempo como uma imagem capturada em uma fotografia. Exceto pelo fato de que uma espessa camada de pó e umas tantas traças famintas haviam tido uma bela experiência alimentar nos últimos e muitos anos.

O vestido era um pouco velho demais, um pouco surrado demais e um pouco grande demais.

Se eu fosse usar este medonho vestido para sair, pareceria que eu era do East End, implorando para trabalhar para alimentar meus vícios, e certamente minha tia Amelia morreria na hora. Eu duvidava que até mesmo Liza fosse capaz de deixá-lo bonito.

Ele era totalmente perfeito.

Thomas inclinou-se junto ao batente da porta, de braços cruzados, observando-me daquele jeito calculista que me levava à loucura.

“Eu não vejo sentido no que você está fazendo, Wadsworth. Por que não confrontar seu pai e acabar com isso? Sair sorrateiramente por aí como se fosse

uma prostituta é de longe a pior ideia que você já teve. Parabéns”, disse ele, descruzando os braços e batendo palmas, devagar. “Você conseguiu fazer algo memorável, ainda que seja ridículo.”

“Eu *quase* risquei você da minha lista de suspeitos.” Chacoalhei um outro vestido sem graça. O pó fez meu nariz coçar enquanto eu o pus de lado. “Esse é um feito e tanto.”

“Ah, sim”, disse ele, revirando os olhos. “Outra de suas belas ideias. Como se eu fosse ser desordenado o bastante para deixar evidências para trás. Estou com você praticamente noite e dia. Isso não me absolve de ser um assassino? Ou deveríamos dividir uma cama para provar a minha inocência? Para falar a verdade... essa poderia não ser uma ideia terrível.”

Ignorando-o, retirei um par de botas de cadarço marrons do mesmo baú de couro e inspecionei-as com atenção. Parecia que elas eram do meu tamanho, então eu as adicionei à pilha de roupas. Thomas começou a me acompanhar duas horas antes, se movendo por perto de mim e oferecendo sua opinião como se fossem sacrifícios que eu não gostaria de aceitar.

“Fizemos as coisas do *seu* jeito durante três semanas inteiras”, falei, lembrando-o deste fato. “O que nos fez não ganhar nada além de mundos de frustração. Já chega, Thomas.”

Havíamos tentado nos esconder do lado de fora de minha casa na praça Belgrave, acampando lá fora em todas as horas do dia e da noite, mas em momento algum tivemos sucesso em pegar meu pai indo ou vindo. Eu cheguei ao ponto de fazer um entalhe em sua carruagem para propósitos de identificação, caso a víssemos rolando por aí pela noite.

Era como se ele já soubesse quando estava sendo observado, como se sentisse isso, como um lobo que estava sendo rastreado por alguma coisa louca o bastante para caçá-lo.

Agora estava na hora de testar a minha teoria.

“Só para você saber”, falei, erguendo o vestido original, “eu não estou saindo como se fosse uma prostituta. Estou simplesmente me mesclando.”

Podíamos discutir o dia inteiro sem que eu me dissuadisse do caminho que havia escolhido. Se eu não conseguia pegar o meu pai se dirigindo a Whitechapel, eu haveria de me plantar por lá e esperar que ele viesse até mim. Essa era uma ideia tão boa quanto qualquer outra. De uma forma ou de outra, eu estava determinada a descobrir se meu pai era Jack, o Estripador.

Thomas murmurou alguma coisa baixo demais para que eu conseguisse ouvir o que era e então foi marchando até um armário que ficava solenemente no canto do

sótão, abrindo as portas com violência e revirando-o por completo.

“Em nome da rainha, que diabos você está fazendo?”, perguntei, embora ele não tenha se dado ao trabalho de me responder. Roupas voavam por cima de seus ombros enquanto ele as jogava para fora de seu caminho, em busca de alguma coisa que se encaixasse em suas necessidades.

“Se você não consegue acatar a voz da razão, eu terei que ir até lá com você. Claramente, eu precisarei de um velho sobretudo e de uma calça também velha.” Fez um movimento mostrando toda a sua pessoa. “Ninguém em sã consciência achará que sou um morador do East End com uma aparência tão maravilhosa quanto a minha. Pode ser até mesmo que eu coloque uma peruca.”

“Eu não preciso de uma escolta presunçosa esta noite.” Fiz uma cara feia para ele, mesmo que não estivesse vendo isso. “Eu sou bem capaz de cuidar de mim mesma.”

“Oh, sim. Que tolice minha ignorar isso.” Thomas deu uma bufada. “Imagino que as mulheres que perderam seus órgãos também se julgaram acima da possibilidade de serem assassinadas. Provavelmente elas estavam dizendo: ‘É sexta-feira. Irei ao pub, conseguirei um pouco de comida, pagarei meu aluguel, depois serei assassinada por um louco antes do fim da noite. Que adorável’”

“Ele é meu pai”, falei, entredentes. “Você honestamente acredita que ele me faria algum mal? Eu não creio que nem mesmo ele tenha um coração tão obscuro e podre.”

Thomas finalmente parou de remexer nos sobretudos comidos por traças, voltando sua atenção para mim. Sua expressão ficou pensativa por um instante. “Se Jack, o Estripador for seu pai. Você ainda não encontrou provas definitivas disso. Você está baseando toda sua bravata na ideia presumida de que você seja, de fato, ligada a este monstro”, disse ele. “Eu não a considero incapaz, Audrey Rose. Mas eu realmente sei que ele matou mulheres que estavam sozinhas. O que exatamente você acha que fará se descobrir que está errada e tiver uma faca pressionada em seu pescoço?”

“Eu vou...”

Ele cruzou o aposento com tanta rapidez que eu mal tive tempo de registrar o objeto junto à pele sensível do meu pescoço. Thomas beijou minha bochecha e então, devagar, foi para trás, e nossos olhares se encontraram. Meu coração martelou em meu peito, em um batimento cheio de pânico, quando sua atenção recaiu sobre meus lábios e permaneceu por um tempinho ali. Eu não sabia dizer se eu queria beijá-lo ou matá-lo. Por fim, ele recuou um passo, deixando a vela cair

ruidosamente no chão, e então pegou uma rústica bengala como se nada tivesse acontecido.

“Interessante”, murmurou ele, admirando a bengala.

*Matá-lo*, então. Eu definitivamente queria matá-lo. Segurei minha garganta com ambas as mãos, respirando com dificuldade.

“Você ficou louco? Você poderia ter me matado!”

“Com uma vela?” Ele ergueu o cenho. “Honestamente, estou lisonjeado por você achar que sou assim tão capaz. Duvido muito seriamente que seria capaz de causar muitos danos com tal arma.”

“Você sabe do que estou falando”, eu disse. “Se fosse uma faca, eu estaria morta!”

“Precisamente o ponto de nosso pequeno exercício, Wadsworth.”

Ele não soava nem parecia arrependido por me assustar tão mortalmente. Ele cruzou os braços sobre o peito, me fitando de cima até embaixo. Mula teimosa.

“Imagine-se sozinha no East End”, disse ele. “Ficar paralisada daquele jeito poderia custar sua vida. Você tem de agir rapidamente, sempre pensando em como sair de qualquer situação difícil. Tudo se resume às suas malditas emoções que ficam anuviando seu julgamento. Se eu fosse fazer isso de novo, o que você poderia fazer de diferente?”

“Atacá-lo com o salto de minha bota.”

Thomas relaxou os ombros. Eu não tinha notado a tensão nos ombros dele até que ela não estava mais lá. “Que bom. Agora você está usando esse seu cérebro sedutor, Wadsworth. Pise no pé de alguém com o máximo de força que conseguir. Há tantas terminações nervosas ali que será uma distração decente o bastante, fazendo com que ganhe um tempo valioso.”

Ele passou seu olhar por mim rapidamente, me contemplando. Era mais uma avaliação dos meus trajes do que um flerte, mas minhas bochechas ficaram quentes mesmo assim.

“Bem, então... vamos deixá-la pronta para uma noite casual de andança nas ruas e sair. Oh, você pode me agradecer por prepará-la a qualquer momento”, disse ele, lutando para manter o sorriso longe de seu rosto. “Eu não protestaria contra um beijo na bochecha. Você sabe, retomando o favor, coisa e tal.”

Olhei com tanto ódio para ele que temi que meu rosto fosse ficar preso naquela expressão. “Se você algum dia tentar fazer alguma coisa como aquilo de novo, eu vou acertar seu pé com meu salto, Thomas Cresswell.”

“Ah. Tem algo em relação ao modo como você diz o meu nome que soa como uma bendita maldição”, disse ele. “Se você conseguir trabalhar em um bom gesto com a mão para acompanhar isso, seria excepcional.”

Joguei uma bota pela sala, mas ele conseguiu sair e fechou a porta antes de ser acertado por ela. Contraí o maxilar, odiando-o com cada batida de meu coração.

Embora ele estivesse certo. Eu precisava estar mais preparada emocionalmente para meu encontro com Jack. Fui andando até a porta, peguei a bota e comecei a me vestir. As nuvens estavam se acumulando, cobrindo a última fatia da lua.

Esta era a noite perfeita para caçar um assassino nas ruas de Whitechapel.



“Por que você está mancando?”, sussurrei em um tom áspero para meu companheiro idiota, lançando olhares de cautela para as pessoas que nos encaravam do outro lado da rua. “Você está causando uma cena terrível, e nós deveríamos passar despercebidos.”

Thomas adotou a ideia asinina da perna manca ao mesmo tempo em que chegamos aos confins de Spitalfields. Nós vínhamos discutindo este fingimento dele pelas últimas ruas, que estava chamando mais atenção do que a rainha em desfile em meio à miséria em suas roupas mais caras. Thomas não se deixava abalar pelos olhares nem pelas mofas que recebíamos.

Na verdade, parecia que ele estava se divertindo.

“Você simplesmente está chateada por não ter pensando em fazer isso primeiro. Agora vá e tropece um pouco. Se você não agir como se estivesse intoxicada, nunca atrairemos o Estripador.” Ele olhou para baixo, para mim, com um sorriso começando a se formar em seu rosto. “Sinta-se à vontade para se segurar em mim. Meus braços estão ao seu dispor.”

Eu apanhei um punhado das minhas saias, desviando de lixo que tinha sido jogado nas sarjetas, agradecendo aos céus que Thomas não podia me ver ruborizada.

“Você perdeu todo o propósito desta noite. Eu não estou tentando atrair o Estripador, Thomas”, falei. “Estou tentando me mesclar e ir atrás dele. Ver onde ele está indo e impedir que ele cometa mais um assassinato. Ele dará uma olhada em nós e sairá correndo na outra direção. A menos que o rapaz de perna manca o persiga com seu cajado.”

“É uma *bengala*, e é uma bengala um tanto quanto bela. O Estripador deveria ficar muito satisfeito ao ser atacado com tamanha obra de arte rústica.”

Olhei de relance para o cajado. Mal estava polido, e havia teias de aranha presas em seus entalhes. Era rústico mesmo.

Em silêncio, andamos por vielas de fundos e enfrentamos vários quilômetros, procurando por quaisquer sombras que se avolumassem, e tentando ouvir gritos de fazer o sangue coagular. Mas estava difícil ver qualquer coisa. O céu da noite estava quase um breu, nenhuma luz tremeluzente brilhava para nos iluminar e o pouco de iluminação dos postes de luz a gás era rapidamente engolida por uma densa neblina.

Passamos por uma viela escura, fomos mancando por uma outra rua e paramos um pouco na frente de um pub decrepito cheio de música discordante e risadas.

Mulheres bêbadas jogavam-se em cima de homens que estavam em pé do lado de fora do pub, cujas vozes eram mais altas e mais ásperas do que as dos açougueiros, marinheiros e ferreiros que elas estavam tentando seduzir. Eu me perguntei por um breve momento como seriam suas vidas antes da prostituição.

Era um mundo injusto e cruel para as mulheres. Se você fosse uma viúva ou se seu marido ou família a renegasse, havia poucos caminhos disponíveis para alimentar-se. Difícilmente importava se você fosse nobre ou não. Se não conseguisse contar com o dinheiro e o abrigo de uma outra pessoa, sobreviveria do único jeito como poderia.

“Vamos”, falei, virando-me tão rápido quanto me atrevia a fazer. Eu precisava me afastar daquelas mulheres e de suas vidas trágicas antes de ser arrebatada por minhas emoções.

Thomas observou as mulheres e então olhou de relance para mim. Eu sabia muito bem que ele estava vendo muito mais do que eu queria que ele visse, e não queria que ele pensasse que eu era frágil. Para minha surpresa, ele apenas entrelaçou meu braço no dele. Um ato silencioso de entendimento.

Meu coração se aquietou. Esta era uma ação minúscula, mas me encheu de uma confiança em Thomas. Jack, o Estripador, nunca demonstraria tamanha compaixão.

Nos movemos como fantasmas por várias ruas mais, emergindo da neblina antes de nos escondermos em sua santidade novamente. Vozes eram trazidas pelo ar até nós, mas nada era extraordinário. Homens falavam de seu dia de trabalho, mulheres conversavam sobre a mesma coisa.

Thomas desistiu de mancar conforme seguíamos adiante - por que mancar quando as pessoas nem podiam nos ver?

As lâmpadas a gás proviam brilhos sobrenaturais a cada poucos metros, e seu sibilar baixo arrepiava os pelos em meu pescoço. O ânimo da noite era ominoso. A morte estava andando nestas ruas, apenas ocultando-se da vista. Eu não conseguia me livrar da sensação de estar sendo observada, mas não ouvia nenhum som de perseguição, e aceitei que estava simplesmente assustada.

“Já chega”, falei, derrotada. “Vamos para casa.”

Passava da meia-noite e eu estava exausta. Meus pés doíam, o áspero material de meu vestido fazia minha pele coçar e eu estava completamente farta de andar em meio a toda aquela podridão. Eu havia pisado em alguma coisa um tanto quanto mole e borbulhante algumas ruas antes e estava contemplando a possibilidade de amputar meu próprio pé.

Abençoadamente, Thomas não disse nenhuma palavra quando nós viramos e nos dirigimos até a casa de meu tio. Eu não teria aceitado bem as críticas dele no estado miserável em que eu me encontrava.

Perdida em pensamentos de fracasso, eu não ouvi nenhum som até que nosso atacante estivesse em cima de nós. Um raspar de botas nos paralelepípedos, o som de um soco sendo acertado em cheio, e Thomas estava com o rosto voltado para baixo, no chão, com um homem grande torcendo seu braço.

“Thomas!” Alguém mais apareceu, segurando uma lâmina junto à minha garganta, me empurrando mais ao fundo da viela. Tropecei em minhas saias, mas o homem me levou com tudo para a frente, afundando os dedos dolorosamente em minha pele. O medo tomou conta de meus sentidos. Minha mente se fechou, incapaz de processar o que estava acontecendo. Seria Jack?

“O que é que temos aqui, menino? Venho seguindo você. Se acha esperto, vestindo-se como a ralé?” O homem que falava com Thomas tinha um hálito que cheirava a dentes podres e excesso de álcool. “Que pena que eu vou ter que tirar de você o mesmo que você tirou de mim.”

Do chão, Thomas se virou abruptamente, com os olhos frenéticos enquanto recaiam nos meus. O homem que o atacava enfiou seu rosto na pedra. Minhas pernas pareciam ser feitas de chumbo e estavam inutilizadas.

“Eu garanto que não lhe tomei nada, meu senhor.” Thomas encolheu-se quando o homem forçou sua cabeça a voltar para baixo. “Qualquer que seja seu problema comigo, deixe a moça ir embora. Ela não fez nada.”

“Não é assim que vejo as coisas.” O homem cuspiu ao lado de Thomas. “Acha que tirá-los do cemitério é uma coisa decente? Pobres também merecem respeito. Minha Libby”, a mão dele tremia, a lâmina perfurando minha pele, “ela não



merecia ser cortada daquele jeito. Você não tinha nenhum direito. Eu sei o que você fez. Oliver mesmo me contou.”

Um soluço mesclado com choro irrompeu do peito do homem. Um leve fio de sangue correu por meu pescoço. Seu calor desanuviou meus pensamentos congelados. Se eu não agisse agora, nós íamos morrer. Ou sermos mutilados. Nenhum dos dois estava na minha lista esta noite. Lembrando-me da aula de Thomas sobre como lidar com um ataque, ergui o pé e pisei com toda a minha força. Meu salto esmagou o osso, fazendo um estalo. Foi distração o bastante, como Thomas disse que seria.

“Que diabos!” O homem saiu aos tropeços, pulando com seu pé bom. O atacante de Thomas desviou-se o suficiente para olhar para o amigo, dando tempo a Thomas para virar-se e acertar um soco rápido em sua barriga. O homem curvou-se ao meio, soltando xingamentos de uma forma impressionante.

Pondo-se de pé, Thomas segurou minha mão e corremos pelas ruas tortuosas como se o próprio Satã estivesse nos perseguindo.

Entramos e saímos de travessas e vielas, correndo com tanta rapidez que eu tive de, em dado momento, puxar Thomas para que ele parasse. “Do... que... ele... estava falando?”

Thomas segurou-se em mim como se eu pudesse me transformar em cinzas e desintegrar nas mãos dele se ele me soltasse. Ele olhou de relance para cima e para baixo na viela em que nos escondemos, com seu peito subindo e descendo rapidamente. Havia uma expressão selvagem e indomada em seus olhos. Eu nunca o tinha visto assim tão desnortado.

Por dentro eu me sentia assim também, mas esperava que estivesse fazendo um trabalho melhor em ocultar isso. Inspirei, para me estabilizar. Thomas estava uma desgraça total. Com gentileza, toquei em sua face, atraindo sua atenção para mim. “Thomas. O quê...?”

“Eu achei que fosse perder você.” Ele passou ambas as mãos pelos cabelos, andando para longe e voltando. “Eu vi sangue... eu achei que ele fosse cortar sua garganta. Eu achei...”

Ele cobriu o rosto com as mãos, recompondo-se pelo tempo de algumas respirações, e então fixou sua atenção em mim, engolindo em seco. “Você deve saber o que você significa para mim, não? Com certeza deve saber como eu me sinto em relação a você, Audrey Rose. Só de pensar em perdê-la...”

Não estou certa de quem de nós dois se mexeu primeiro, mas, de repente, minhas mãos estavam aninhando seu rosto e nossos lábios se colaram violentamente - que o apropriado e a sociedade polida se danassem.

Não havia nenhum Jack, o Estripador, nem ataque à meia-noite. Só havia eu e Thomas, aterrorizados com a possibilidade de perdermos um ao outro. Envolvi o pescoço dele com ambos os braços, puxando-o mais para perto de mim. Antes que eu quisesse que isso acabasse, Thomas recuou, beijando-me com doçura uma última vez. Ele colocou um cacho solto de meus cabelos atrás da minha orelha, pressionando sua testa na minha. “Eu lhe peço desculpas, srta. Wadsworth.”

Toquei meus lábios. Eu havia lido a respeito de situações perigosas que traziam à tona espontâneos atos de romance e achava que isso fosse uma bobagem. Agora eu entendia. Dar-se conta de que a própria coisa que amamos poderia ser tirada de nós do nada fazia com que nos agarrássemos a ela. “Eu creio que fui eu que dei o primeiro passo, Thomas.”

Ele foi para trás, enrugando o cenho, depois riu. “Ah, não. Eu não lamento nem um pouco por ter beijado você. Estou me referindo ao ensandecido lunático que estava segurando uma faca junto à sua garganta.”

“Ah, aquilo.” Acenei com uma das mãos, fingindo apatia. “Ele tem sorte de que você teve precaução de me preparar esta noite.”

Os olhos de Thomas cintilavam com uma mescla de diversão e incredulidade. “Você é realmente magnífica. Esmagando ossos e lutando com atacantes em vielas abandonadas.”

“Isso é ruim demais”, falei “Sua reputação ficará completamente arruinada uma vez que as pessoas souberem que eu o salvei.”

“Destrua-a, não me importo.” Thomas riu abertamente. “Você pode me salvar de novo se terminar com um beijo.”

“Você sabia?”, perguntei, ficando séria. “Sobre os cadáveres?”

Ele tencionou a mandíbula. Thomas pegou minha mão com cuidado, fazendo um movimento para continuarmos nos movendo. “Infelizmente, eu não sabia. Está óbvio que os corpos *foram* identificados, diferente do que me disse Oliver. Eu não aprecio isso de mentirem para mim nem de fazer pesquisas com um membro da família de alguém sem permissão. Nenhum avanço na ciência vale causar dor.”

Eu soltei um suspiro. Isso era tudo que eu precisava ouvir. Thomas muito certamente não estava envolvido nos crimes do Estripador. Ele estava interessado em salvar vidas, não em acabar com elas.

“O que você fará em relação a Oliver?”, eu quis saber. “Ele não pode continuar mentindo sobre os corpos. Eu duvido que você seja o único com quem ele fez isso.”

“Ah, eu trocarei umas palavrinhas com ele, acredite em mim.” Thomas puxou-me para perto dele. “Não estimo o fato de que isso a tenha colocado em um perigo

desnecessário.”

“Nós estamos perseguindo Jack, o Estripador”, enfatizei. “Eu já estou nos colocando em perigo.”

Thomas balançou a cabeça, com a alegria substituindo a tensão, mas não disse mais nada. Determinados a sair do East End, andamos com dificuldade pela rua Dorset, com nossa atenção dispersada por causa do ataque, quando eu quase fui para cima de uma carruagem de aluguel. Parei, fitando-a, descrente. Incrivelmente, a noite sofreu uma guinada para pior. Uma cobra movia-se sinuosamente em meu torso, atacando minhas entranhas.

Havia um arranhão na lateral da carruagem na forma inconfundível de um M, algo com que eu estava muito familiarizada, visto que eu o havia feito na semana passada. Era a minha identificação de um assassino.

Esta carruagem pertencia ao meu pai.





# JACK O ESTRIPADOR

RASTRO de SANGUE

## 26. MADONA NEGRA

*Miller's Court, Whitechapel*

*9 de novembro de 1888*



Eu me segurei no sobretudo de Thomas, assentindo em direção à carruagem. Onde estaria o cocheiro? Seria estranho se meu pai a guiasse ele mesmo, levando minha mente a vagar por mil direções. Seria possível que tivéssemos entendido tudo isso errado? Será que John, o cocheiro, poderia ser o responsável pelos crimes? Ou talvez meu pai tivesse feito com que Blackburn o trouxesse até aqui. Balancei a cabeça, desanuviando-a. Nada fazia sentido.

“Se eu estivesse cometendo um assassinato”, ponderei, em voz alta, “por que estacionaria minha carruagem do lado de fora da cena do crime? Isso dificilmente me parece lógico.”

“Jack, o Estripador, quem quer que ele realmente seja, não parece estar pensando de forma lógica, Wadsworth. O homem acabou de ingerir um órgão humano. Talvez ele se sinta invencível, e é apropriado que ele ache isso; até agora, ele saiu impune de seus crimes.”

Olhei de relance para cima na rua, e nada além de hospedarias e lixo se juntava a nós de nosso esconderijo cheio de sombras. Ainda bem que nossos atacantes não haviam reaparecido, e eu duvidava que isso fosse acontecer. Eu estava bem certa de que eu havia quebrado o pé de um deles. Eu teria me sentido mal se não fosse pelo malicioso ataque a nós.

A maior parte das luzes estava desligada devido ao fato de ser tarde da noite, todas, menos as da hospedaria que ficava diretamente na frente da carruagem de meu pai. Vozes murmuradas e uma luz brilhante saíam das duas janelas que ficavam de frente para nós. Uma delas estava rachada, permitindo que o som adentrasse a noite.

Apontei para duas silhuetas que andavam de um lado para o outro. Discernir suas feições era impossível, mas os amplos ombros de um deles muito certamente me fazia lembrar meu pai.

“Venha”, falei, arrastando Thomas para dentro da viela do outro lado da rua. “Deveríamos chamar a polícia? Ou dar mais tempo?”

Thomas analisou a disposição da viela, da carruagem e do edifício onde as duas silhuetas aparentemente estavam apenas conversando. A forma como ele analisou a área que nos cercava foi metódica e exata. Depois de um minuto, ele balançou a cabeça. “Quem quer que esteja lá dentro não está discutindo. Eu digo que devemos ver o que acontece.”

Alguma coisa dentro de mim queria sair correndo até o outro lado da rua, socar a porta e gritar com meu pai por tudo de errado que ele havia feito, e por todas as coisas desgraçadas que ele ainda pretendia fazer, e chorar por causa da culpa que ele agora estava colocando em minhas costas.

“Muito bem. Vamos esperar.” Eu me acomodei junto às pedras do edifício, esperando e observando. Parecia que uma hora se passava a cada segundo.

Eu estava congelando e exausta do ataque que já havíamos sofrido, e estava assustada com aquele que eu ainda teria com meu pai. Eu não sabia o que estava me fazendo tremer mais. Eu queria que ele tivesse uma desculpa para estar aqui.

Eu queria desesperadamente estar errada em relação a ele.

Quase quarenta e cinco minutos depois, a porta da frente foi aberta, revelando as duas silhuetas da hospedaria, um homem e uma mulher. Forcei os olhos, buscando uma prova definitiva de que se tratava, de fato, de meu pai ali parado diante de nós. O casal permaneceu a uma distância respeitável um do outro, antes de o homem dar um passo em direção à luz do poste.

Lorde Edmund Wadsworth olhou de relance para cima e para baixo na rua, pausando sua atenção na viela em que eu e Thomas estávamos de tocaia, fazendo com que meu coração gritasse um aviso. Tateando no escuro, Thomas tomou minha mão e a manteve seguramente entre as dele. Sua cordialidade estabilizou meus nervos.

Eu sabia que meu pai não podia nos ver, mas me encolhi mesmo assim. Eu nunca havia ficado tão grata pelo cobertor da neblina que nos envolvia em seu abraço nebuloso. Meu pai analisou a área novamente, e depois subiu no assento do motorista da cabine da carruagem, estalando as rédeas e movendo-se desajeitadamente em direção à nossa casa.

“Preste atenção na cabine”, instruí a Thomas, voltando meu próprio foco novamente para a mulher com quem meu pai tinha falado. Agora ela estava parada

na luz, falando com outra mulher que tinha vindo do edifício adjacente.

Fiquei alarmada ao ver o quão jovem ela era. Embora eu não conseguisse discerni-la claramente, ela não me parecia ter mais do que vinte e poucos anos. Seus cabelos pendiam em longos cachos ruivos, e ela era mais alta do que muitos homens.

Eu odiava o fato de que meu pai havia ido atrás dela. Nada de bom poderia surgir de sua associação, mesmo que ele não estivesse planejando matá-la. Como era possível que meu pai tivesse tantos segredos? Depois que ela terminou sua conversa com a outra mulher, esticou a mão para dentro de sua janela quebrada e então verificou a maçaneta da porta. Juntei as sobancelhas. Não era uma boa ideia trancar sua porta sem uma chave nesta vizinhança.

Ela desceu aos tropeços a rua coberta de paralelepípedos, amarrando um lenço vermelho em volta de si, cantando uma canção familiar, cuja letra me banhava a alma enquanto as palavras saíam de sua voz que parecia mel.

*Mas enquanto houver vida a me alegrar, eu guardarei  
Esta pequena violeta que colhi do túmulo de minha mãe.*

A canção era “Uma Violeta do Túmulo de Minha Mãe”, e a forma como a voz dela soava tão doce enquanto cantava uma ocorrência tão horrível fez com que eu sentisse calafrios. Thomas puxou a manga de minha roupa. “Seu pai está dando a volta naquela esquina. Deveríamos segui-lo?”

Olhei de relance na direção da jovem mulher, e então, para o lado oposto, observando enquanto meu pai virava na próxima rua. A mesma sensação da Morte à espreita ali perto acariciou minhas sensibilidades. Eu não conseguia me livrar da sensação de que alguma coisa horrível ia acontecer.

Eu me sacudi para sair de meu atordoamento, e então assenti. Eu ainda estava assustada com o ataque que havíamos sofrido. Não era nada além disso. A jovem mulher que cantava sua triste canção estaria segura esta noite. O monstro estava indo para casa.

“Sim.” Forcei meu olhar a desviar-se dela. “Mantenha-se nas sombras e seja rápido.”



“A Polícia da Cidade fez um relato oficial de que uma mulher foi encontrada cortada em uma casa na Miller's Court, às dez e quarenta e cinco desta manhã”,



falei, caindo na poltrona no laboratório de tio Jonathan, lendo o Evening News com uma suprema descrença.

Thomas ficou me observando por cima da sua xícara de chá fumegante, com um jornal dobrado no colo. Ele havia tentado me confortar dizendo coisas sem sentido sobre como nós havíamos feito tudo que podíamos, mas eu discordava dele.

Agora ele não disse nada, e isso estava me levando à loucura.

“Eu não entendo”, falei pela quarta vez, enquanto o mesmo choque ia e voltava, me estapeando as costelas. “Vimos meu pai voltar direto para casa. Será que ele nos viu e então esperou até que tivéssemos ido embora antes de cometer tal ato vil? Fomos muito cuidadosos. Não consigo entender como ele passou por nós.”

Ainda, nenhuma resposta de meu companheiro.

“Muito bom você é”, falei, bufando. “Mestre da resolução de quebra-cabeças, de fato.”

Dei uma olhada no relógio em formato de coração, com minha ansiedade crescendo a cada tique-taque. Meu tio foi chamado à cena do crime havia quase quatro horas. Levar tanto tempo assim para inspecionar um corpo nunca era um bom sinal. Pelo que os jornais haviam publicado, eu podia apenas imaginar o horror com que meu tio havia se deparado. Ele havia sido instruído a ir sozinho, e eu estava prestes a arrancar meus cabelos, fio a fio.

Quando as notícias sobre o assassinato surgiram, eu e Thomas confrontamos meu tio com o que havíamos visto. Ele não fez mais que um movimento de mão eximindo meu pai de culpa, e disse para continuarmos buscando pistas. Lorde Edmund Wadsworth não poderia de jeito nenhum ser culpado.

Eu não estava tão convencida da inocência dele, mas fiz o que meu tio me disse para fazer.

*Uma mulher foi encontrada cortada.* Eu li esta mesma linha repetidas vezes. Talvez eu estivesse esperando que isso fosse um engano e que, na milésima vez em que eu lesse, isso simplesmente desapareceria, como em um passe de mágica. Se a vida ao menos funcionasse assim.

“Isso é impossível.” Joguei o jornal de lado e olhei no relógio de novo, desejando que ele se acelerasse e trouxesse meu tio logo para casa.

Eu estava ao mesmo tempo doente de preocupação em relação a quem tinha sido assassinada e lutando contra a sombria curiosidade de saber o que havia restado da mulher. Como ela havia sido cortada? Será que o repórter queria dizer que a garganta dela estava dilacerada? Ou será que haveriam mesmo pedaços de sua carne faltando? Eu não deveria querer saber destes detalhes mórbidos, mas eu não

conseguia impedir essas perguntas indecorosas de virem à tona como nova grama em minha mente.

Considerando o endereço citado no jornal, estava bem certa de que eu e Thomas havíamos avistado a desafortunada vítima falando com meu pai horas antes. Perguntas casavam-se com outras perguntas e tinham teorias como filhos.

“Tudo isso de não saber das coisas está me levando à loucura.” Agora eu entendia como meu tio se sentira esperando que Thomas voltasse com as notícias daquela vez várias semanas atrás. Se a curiosidade o atormentava como atormentava a mim, era uma terrível aflição de se sofrer.

Me empurrei para fora da poltrona e fiquei andando de um lado para o outro em volta do laboratório. As criadas haviam feito um excelente trabalho na arrumação. Ninguém poderia acreditar que a Scotland Yard havia quase dilacerado o lugar em sua louca busca dos pertences de meu tio em sua ausência.

Fui andando até os jarros de espécimes, olhando, mas não realmente vendo, os objetos que o líquido turvo continha. Não havia como aquietar a minha mente.

“Como foi que meu pai conseguiu nos tirar tão facilmente de seu rastro?”, perguntei. “Nós fomos tão cuidadosos, ficando a uma distância segura atrás de sua carruagem, movendo-nos de uma viela escura para a próxima até que ele chegou em casa.”

Assim que chegamos na minha rua, esperamos alguns instantes antes de segui-lo. Só conseguimos ver meu pai entrando sorrateiramente em casa antes de as luzes ficarem mais fracas.

Para termos certeza de que ele ficaria dentro de casa durante a noite, havíamos montado guarda até as três horas da manhã. Nenhum outro assassinato havia ocorrido assim tão tarde, e tolamente presumimos que era seguro ir embora. O quão errados nós estávamos! A primeira regra em rastrear um homem louco deveria ser nunca acreditar que os movimentos dele fossem previsíveis. Foi uma dura lição aprendida com consequências astronomicamente devastadoras. Eu nunca havia me sentido um fracasso tão grande em toda a minha vida.

“Você acha que tudo isso de ficar andando aí de um lado para o outro vai ajudar na situação? Você está me distraindo de meu trabalho, Wadsworth.”

Joguei minhas mãos no ar, emitindo um som de repulsa no fundo de minha garganta antes de andar até o outro lado da sala. “Você tem de ser tão obsessivamente irritante o tempo todo? Eu não o critico quando você fica andando em círculos, deduzindo coisas ridículas.”

“Quando eu ando de um lado para o outro, isso realmente resulta em alguma coisa inteligente. Você só está jogando poeira e cheiro de formalina para cima e

isso está arruinando o meu chá”, disse ele, me provocando. Notando minha expressão amarga, ele falou, mais suavemente: “Não há nada a ser feito até que o dr. Wadsworth chegue. Você poderia muito bem comer alguma coisa”.

Lancei para ele um olhar cheio de repulsa e continuei andando de um lado para o outro.

Ele lambuzou generosamente um bolinho com geleia e ergueu-o para mim. “Eu tenho a sensação de que você não vai sentir muita fome mais tarde. Especialmente se eles trouxerem os pedaços dela aqui para mais análises.”

Eu me virei devagar, notando que ele estava, de repente, parado um pouco perto demais de mim. Ele não se deu ao trabalho de recuar, quase me desafiando a permanecer perto dele, não se importando com o que era apropriado durante as horas do dia também.

Meu coração espancou furiosamente meu peito quando me dei conta de que eu não queria me afastar dele. Eu queria ficar até mesmo ainda mais perto dele. Eu queria ficar na ponta dos pés e pressionar meus lábios junto aos dele novamente até que eu me esquecesse de Jack, o Estripador e de toda a carnificina.

“Você está adorável, Audrey Rose.” Ele deu um passo para a frente, me encarando, e eu lutei para impedir meus olhos de se fecharem tremeluzindo. Thomas aproximou-se tanto a ponto de que eu estava convencida de que meu sangue haveria de explodir de meu corpo como fogos de artifício espalhando-se pela noite. “Talvez você devesse fazer um comentário sobre o corte excelente do meu terno. Eu estou bem bonito hoje também. Você não acha?”

“Se você não tomar cuidado”, falei, desfazendo vincos imaginários da parte da frente de minha roupa de montaria, na esperança de que o rubor em minhas bochechas passasse por raiva e não vergonha, “será você quem será arrastado até aqui em pedacinhos.”

Thomas inclinou meu queixo para cima com um dedo, com seu olhar compenetrado ateando fogo à minha pele. “Eu realmente adoro quando você fala assim de forma tão maliciosa, Wadsworth. Faz com que eu sinta um pouco de excitação em meu coração.”

Antes que eu pudesse responder, a porta do laboratório foi aberta com tudo e meu tio entrou apressado, com o sobretudo manchado de um carmesim escuro por toda a parte da frente e nas mangas.

Vários pensamentos pularam dentro de meu cérebro.

Meu tio nunca havia voltado para casa assim tão ensanguentado de nenhuma cena de crime em que estivera antes. Os olhos dele estavam desfocados, seus óculos estavam tortos, e ele apenas jogou seu diário sem olhar onde e começou a

andar de um lado para o outro como eu tinha feito até então. Eu e Thomas trocamos olhares cheios de preocupação, mas não me atrevi a falar enquanto meu tio murmurava para si mesmo.

“Ele não poderia ter feito isso. É demais para ele fazer isso. Nenhum dos outros corpos teve a pele removida. E as coxas... por que cortar a carne das coxas dela daquele jeito? Certamente que não eram necessárias para nenhum transplante.”

Eu estava lutando para conter uma náusea que crescia dentro de mim. Meu tio virava as páginas de seu diário, parando nas figuras que ele havia desenhado da cena do assassinato.

Um minuto depois, uma equipe de quatro homens veio descendo vagarosamente pelas escadas, carregando um corpo em uma mortalha. Eles depositaram o cadáver em cima da mesa, e rapidamente saíram, da mesma forma como chegaram. Todos eles pareciam ter voltado de férias no Inferno. Eu nunca havia visto tanto medo puro no rosto de ninguém antes.

Tio Jonathan, ainda murmurando para si, ergueu o pano, revelando o que havia sobrado da vítima sem nenhum aviso prévio.

Era como se o tempo tivesse parado em sua perseguição em volta da trilha do relógio. Eu não queria olhar, mas não conseguia me impedir de dar uma espiada por cima do ombro dele com muita relutância.

Eu não tinha como colocar a culpa em ninguém além de mim mesma quando saí correndo da sala, procurando uma bacia em que vomitar.



Lentamente eu retomei ao laboratório, com os joelhos tremendo com a expectativa da carnificina com que eu estaria me deparando.

Eu nunca havia testemunhado tamanha barbaridade infligida em uma pessoa antes. Mal podíamos dizer que se tratava do corpo de um ser humano. Se um animal a tivesse dilacerado, teria sido mais agradável olhar para o estrago. E menos cruel. Eu não conseguia imaginar que tipo de terror ela deve ter vivenciado antes de vir a falecer. A Morte deve ter sido sua amiga bem-vinda.

Fiquei feliz por não ter acompanhado meu tio até a cena do crime; isso já era ruim o bastante para lidar. Chegando ao fim da estreita escadaria, me estabilizei antes de virar a maçaneta e entrar no pervertido pesadelo mais uma vez. Lembrei a mim mesma de que eu faria isso por minha mãe e por todas as mulheres que haviam sido brutalizadas.

Minha atenção passou por cima do cadáver antes de seguir para Thomas, que parecia apenas levemente mais afetado do que o de costume, rabiscando anotações e praticamente afundando o nariz na cavidade exposta como se fosse um banquete de Natal a ser saboreado. Ele encolhia-se de vez em quando, mas rapidamente se instruía a voltar à neutralidade. Direcionado à minha presença, ele ergueu o olhar. “Você está bem?”

Meu tio rapidamente desviou os olhos compenetrados do corpo, acenando com uma das mãos, impaciente, para que eu fosse ajudá-los. “É claro que ela está bem. Ande logo, Audrey Rose. Não temos o luxo de ficar pensando na vida o dia todo. Por algum motivo horrível de Deus, o superintendente Blackburn quer o corpo de volta dentro de duas horas. Há muito o que fazer. Agora, entregue-me o fórceps denteado.”

Por que o superintendente estaria com tanta pressa? Atei uma túnica em volta da cintura, e então, rapidamente, espalhei serragem no chão, seguindo com minhas preparações da autópsia. Eu duvidava de que precisássemos de serragem, considerando que o corpo parecia estar exangue, no entanto, proceder como de costume ajudava a manter meu estado mental claro.

Apanhei a bandeja de ferramentas de autópsia, entregando o fórceps ao meu tio. Recompus minhas emoções, não permitindo que nenhum fio delas se soltasse.

Estava na hora de agir como uma cientista.

Fiquei observando enquanto meu tio removia a pele para trás na coxa dela, não vendo nada além de um diagrama anatômico que precisava ser estudado. Havíamos feito a mesma coisa com os espécimes de rãs durante o verão. Isso não era diferente.

“As camadas superficiais da pele e da fáscia foram removidas”, declarou meu tio, de forma clínica. Thomas rapidamente transcreveu cada uma das palavras em uma ficha médica, com sua caneta faminta usando a tinta e voltando para pegar mais. “Os seios foram cortados e foram encontrados em diferentes posições. Um deles estava localizado debaixo de sua cabeça, e o outro foi encontrado debaixo de seu pé direito.”

Entreguei ao meu tio uma faca de dissecação e uma placa de Petri, pegando-a de volta e vedando-a assim que havia colocado uma amostra dentro dela. Ele empurrou os óculos para cima em seu nariz, deixando uma mancha de sangue enegrecido ao longo do bronze. Ele teria de cuidar daquilo depois. As pessoas começariam a ter medo dele novamente se andasse por aí manchado de sangue.

“As vísceras foram totalmente removidas e também estavam espalhadas pela cena do crime. Seus rins e seu útero foram encontrados debaixo de sua cabeça,

enquanto o fígado estava perto de seus pés”, continuou. “Os intestinos foram colocados do lado esquerdo do corpo. As abas de pele que estavam faltando, tanto de sua coxa quanto de seu abdômen, estavam em uma pequena mesa e agora estão em dois sacos para futura inspeção.”

Ele fez uma pausa, permitindo que Thomas tivesse tempo para captar tudo no papel. Quando se atualizou, fez um movimento para que meu tio prosseguisse, o que ele fez, reportando tudo com base em sua memória, como se estivesse lendo as informações de um livro.

“Uma grande porção de trauma foi infligida em sua face. Diversas lacerações foram notadas na cena do crime, em várias direções, e sua boca foi cortada até o queixo”, disse meu tio. “Sua garganta parece ter sido lacerada até o osso antes da remoção dos órgãos.”

Usando o fórceps, meu tio removeu a pele para trás, inspecionando a cavidade oca que uma vez contivera a força vital desta mulher. Os cantos de sua boca repuxaram-se para baixo, e ele esticou a mão para pegar um lenço, passando-o em seu cenho.

Ele retesou o maxilar, e então continuou com suas descobertas. “O coração dela foi cirurgicamente removido e não foi encontrado nem na cena do crime nem em sua pessoa. Acredito que tenha sido removido para uma tentativa de transplante por parte do assassino.”

Um objeto grande e metálico caiu ruidosamente no chão. Meu tio fez um movimento para que eu o apanhasse. Peguei um fórceps e ergui a grande engrenagem até a mesa.

“Deixe isso aí por enquanto”, disse ele.

Alguma coisa dentro de mim foi partida como um frágil galho usado para atizar o fogo. Isso estava acontecendo havia tempo demais. Assassinatos de mulheres. Retirada de órgãos. Agora havia engrenagens inseridas nos corpos delas? Cada novo crime ficava mais horrível do que o último, como se Jack não fosse capaz de controlar a fúria animal que enfiava as garras em sua alma demoníaca a cada segundo que se passava.

Como será que estaria a próxima vítima se ele não fosse impedido imediatamente?

Eu me recusava a descobrir. Eu terminaria esta autópsia, e então iria diretamente até a fonte do mal e falaria com o próprio diabo. Eu iria para casa. Depois de tê-lo visto com esta mulher na noite anterior, todas as dúvidas de sua culpa foram apagadas. Meu pai havia caçado sua última vítima.

Se eu tivesse de trazer toda a Scotland Yard comigo, eu o faria. A esperança de redenção estava tão morta quanto a mulher que jazia na pedra mortuária.

“Wadsworth?” Thomas franziu o cenho, e seu tom implicava que não era a primeira vez que ele havia chamado meu nome e estava fingindo não se preocupar com isso. Assumi ares de irritação e ele me respondeu na mesma moeda. “Parece que você está prestes a montar em um cavalo e sair a esmo em alguma batalha épica. Você poderia passar a serra de ossos ao seu tio antes de sair correndo para salvar o mundo?”

Olhei com ódio para ele, mas repassei a serra de ossos ao meu tio e enxaguei as outras ferramentas em ácido carbólico. Nós quase havíamos acabado. Visto que o corpo tinha sido tão terrivelmente atacado, não havia muita necessidade para meu tio costurá-la. Especialmente considerando que a Scotland Yard queria que um outro médico inspecionasse o cadáver antes do fim da noite.

“Isso é um pouco estranho. Quero dizer, isso de Blackburn estar exigindo o corpo de volta tão cedo”, falei. “Poderia ser ele o assassino, trabalhando sob as ordens de meu pai?”

Meu tio ficou rígido, e então ergueu um ombro. “Se você estiver certa sobre o paradeiro de seu pai na noite passada, eu suponho que qualquer coisa seja possível. Nós precisamos estar abertos a todas as teorias. E precisamos testar Blackburn.”

Meu tio colocou o crânio de volta no lugar e então se levantou para lavar as mãos.

“Você está interessado em confrontar Jack, o Estripador comigo?”, perguntei a Thomas, verificando por cima do ombro para ter certeza de que meu tio não tinha me ouvido. Eu não queria que ele me dissuadisse de entregar meu pai. Ele estava tentando provar sua inocência, no entanto, eu tinha visto o bastante.

Thomas olhou para mim com ares de suspeita. “É claro que estou interessado em confrontar o Estripador. O que mais eu estaria fazendo com meu tempo estes dias? Além de cortejá-la, quero dizer.”

“Estou indo para casa em breve. Meu pai deverá estar se preparando para a ceia na próxima hora. Eu pretendo...”

Meu tio jogou um saco em cima do peito de Thomas. “Leve isso diretamente até o superintendente Blackburn, por favor. É melhor entregarmos imediatamente quaisquer mecanismos para que eles não me joguem de volta no Bedlam. Certifique-se de avaliar a reação dele.” Thomas segurou-se no saco manchado de sangue com uma ruga no cenho quando olhou de relance de meu tio para mim. Tio Jonathan soltou uma bufada. “Ande logo com isso, rapaz. Seja útil e pare de ficar encarando a minha sobrinha desse jeito.”

Thomas riu, nervoso. Meu tio não parecia estar se sentindo particularmente jovial, contudo, e a risada de Thomas morreu em sua garganta. Ele assentiu e então se inclinou na minha direção.

“Por favor, não o confronte sozinha, Wadsworth. Aja como se tudo estivesse normal.” Ele endireitou-se quando meu tio inclinou a cabeça para o lado. “Mas envie minhas estimas ao seu pai. Talvez até mesmo um beijo na testa dele. Eu gostaria de ficar em uma boa situação com ele, especialmente quando eu o informar de que estou loucamente apaixonado por sua filha.”

Flerte desavergonhado. Fiquei observando Thomas subir correndo as escadas, então tirei meu avental e o joguei na cesta de roupa suja improvisada, junto com os outros que esperava por sua limpeza noturna. Agir como se tudo estivesse normal, claro! Como se eu fosse dar ouvidos a esta súplica absurda. Thomas perderia o confronto, mas teria suas mãos cheias com Blackburn. Dei boa noite ao meu tio e subi penosamente as escadas, deixando que a porta se fechasse bem atrás de mim; então fiz uma pausa.

Era melhor assim, para falar a verdade. Parecia apropriado que eu fosse confrontar Jack, o Estripador sozinha.

O reino de terror de meu pai teria um fim antes que o dia nascesse.

Desse tanto eu tinha certeza.





# JACK O ESTRIPADOR

---

RASTRO de SANGUE

## 27. UM RETRATO DIGNO DE CONSIDERAÇÃO

*Residência dos Wadsworth, praça Belgrave*

*9 de novembro de 1888*



Fiquei em pé, parada, hesitante, do lado de fora da porta que dava para a nossa sala de estar, a mesma sala em que eu havia feito todas as minhas refeições, sem saber, em momento algum, que eu estava partilhando comida com um monstro. Quantas vezes meu pai havia cortado a carne, imaginando que fosse carne humana?

Por mais exaltada que eu tivesse me sentido a caminho daqui a realidade do que eu estava prestes a fazer estava se assentando. Meus nervos estavam se contorcendo pelo meu corpo, fazendo com que eu pulasse a cada sonzinho que ouvia. Até mesmo a batida de meu próprio coração estava me causando uma boa dose de ansiedade.

Eu não fazia a mínima ideia do que meu pai diria em sua defesa, ou o que ele poderia fazer caso eu o deixasse enfurecido. O único pensamento levemente reconfortante era saber que meu irmão estaria lá e que ele não permitiria que nenhum mal recaísse sobre mim.

Eu gostaria de ter a mesma confiança em meu pai. Agora, contudo, ele havia ultrapassado os limites da sanidade. Talvez não houvesse razão suficiente capaz de convencê-lo a se entregar para os investigadores de polícia. Talvez eu devesse ter ido com Thomas buscar um policial. Ouvi o retinir abafado de um utensílio batendo em um prato.

Era tarde demais para sair correndo em busca de ajuda agora.

Coloquei a mão na maçaneta, me permitindo respirar algumas vezes para recompor minhas emoções. Perder meu controle emocional antes mesmo de o

haver confrontado não seria uma boa ideia. Se eu deixasse ele perceber o quão assustada eu estava, ele iria direto em minha jugular, sem sombra de dúvida.

Retirei a mão da porta, mantendo-a em volta da minha garganta em vez disso. Ele poderia muito bem me matar. Como Robert James Lees disse que ele faria. Pisquei várias vezes, recobrando minha compostura.

Que tolice a minha não ter trazido uma arma própria! Por que eu achava que ele haveria de poupar a própria filha?

Graças às estrelas que Thomas não estava por perto apontando tudo que eu estava fazendo de forma terrivelmente errada. Talvez eu devesse voltar de fininho pelo corredor e sair correndo noite adentro. Eu não tinha ajuda e não tinha uma ferramenta com que me defender.

Uma imagem do doce sorriso de minha mãe passou em um lampejo diante de meus olhos. Sem querer, meu pai a havia destruído. Com ou sem arma, eu não permitiria que ele fizesse o mesmo comigo.

Endireitei os ombros, ficando inflexível, preparando-me para a batalha com a qual eu estava prestes a me deparar. Era agora ou nunca, e eu havia procrastinado isso por tempo o bastante. Virei a maçaneta e abri a porta com tudo, entrando como um anjo negro para fazer justiça, com a fúria ardendo em meus olhos enquanto a porta fazia a parede tremer com o contato.

“Olá, pap...” As palavras falharam quando o criado deixou cair um prato, com seus pedaços azuis e brancos estilhaçando-se pela mesa vazia. Coloquei as mãos cerradas em punhos em meus quadris, como se ele fosse o responsável por todos os problemas do mundo, irada demais para sentir culpa enquanto ele se afastava, encolhendo-se, de minha postura agressiva. “Onde estão meu pai e meu irmão?”

“Saíram, senhorita.” Ele engoliu em seco. “Disseram que não estariam de volta para a ceia.”

Com toda a miserável sorte no universo!

Esfreguei a ponte de meu nariz. É claro que na noite em que eu decido confrontar a besta, ele havia arrumado suas coisas e saído. Provavelmente ele sentiu a corda apertando-se em seu pescoço. Eu me dei conta de que nosso criado ainda estava com o olhar fixo em mim, boquiaberto, e fiz um movimento para que ele continuasse limpando.

Talvez ele estivesse mais com medo por causa do meu conjunto de trajes da morte. Ele ainda não tinha me visto com minha calça preta e trajes de montaria que, somados aos meus cachos da cor do corvo, provavelmente pintavam o retrato das trevas. “Eles disseram quando estariam de volta?”

Ele balançou a cabeça em negativa. “Não, senhorita. Mas eu tenho a sensação de que eles queriam dizer que ficariam fora durante a maior parte da noite. Lorde Wadsworth me disse para deixar a porta destrancada e diminuir a intensidade das luzes quando nos arrumássemos para dormir.”

Fechei os punhos com mais força. Se meu pai fizesse alguma coisa para ferir Nathaniel, eu arrancaria cada um de seus membros antes que a rainha tivesse uma chance de ordenar isso ela mesma. Tentei relaxar um pouco minha postura. Não havia necessidade de deixar nosso criado mais preocupado do que ele já estava.

“Estarei no estúdio de meu pai, esperando por sua chegada”, falei, com um tom frio e estranho até mesmo aos meus próprios ouvidos. “Eu não desejo ser perturbada sob nenhuma circunstância. Na verdade, seria sábio que vocês fossem dormir cedo. Então, eu fui clara?”

“S-sim, s-senhorita. Transmitirei seus desejos aos outros criados.”

Saí rapidamente da sala e me apressei pelo corredor, não querendo que ninguém visse como eu estava tremendo. Eu odiava ser rude, mas isso era muito melhor do que ter as mortes deles nas minhas mãos. Se todos estivessem em seus aposentos, estariam a salvo.

Tentei abrir a porta do estúdio de meu pai. Estava destrancada.

Dessa vez, eu não estava entrando ali sorrateiramente; meu pai viria direto até aqui, como ele fazia todas as noites, então eu empurrei a porta e acendi algumas lâmpadas em volta do espaço soturno. Analisei a sala proibida, que parecia muito menos intimidante agora do que há algumas semanas. Sua escrivaninha não era mais o monstro imponente que uma vez eu achei que fosse. Agora não passava de uma escrivaninha velha e grande que havia testemunhado coisas terríveis demais.

O cheiro familiar de sândalo e charutos que acompanhava meu pai também não fez com que meu coração entrasse em uma batida de tambores involuntária. Eu aceitava isso de bom grado. *Deixe que ele chame seu fantasma para mim agora*, desafiei. Minha atenção voltou-se para objetos passados adiante em nossa família por gerações, parando o olhar no grande tomo aberto. Recordando a mensagem obscura de minha mãe, graças ao espiritualista, fui andando até o livro, curiosa.

Ali exatamente onde ele disse que estaria, se encontrava o medalhão da fotografia.

Engoli em seco a descrença. Acabou que Robert James Lees não era nenhuma fraude. O quão trágico era que a Scotland Yard não havia lhe dado ouvidos. Talvez eles pudessem ter parado meu pai há muito tempo. Eu me curvei mais para perto do tomo, lendo as páginas do livro que havia sido deixado cuidadosamente aberto, tentando entender o significado da passagem.

O livro era *Paraíso Perdido*, de John Milton.

*Sobre si, o horror e a dúvida perturbam  
seus pensamentos tumultuados, e do fundo agitam  
O Inferno dentro dele, pois dentro dele,  
O Inferno ele traz, e em volta dele, do Inferno  
Um passo não mais então de si mesmo pode voar  
Mudando de lugar: agora a consciência desperta o desespero  
que, sonolento, acorda a amarga memória  
Do que ele era, do que é e do que deve ser  
Pior; de feitos piores e sofrimento pior que deve se seguir.*<sup>{3}</sup>

Meus olhos foram parar no trecho sublinhado - do Inferno - lembrando-me claramente do título da carta enviada pelo Estripador.

A forma como o trecho estava sublinhado assemelhava-se a talhos, raivosos e atormentados.

Quaisquer dúvidas residuais que eu pudesse ter acolhido em relação ao meu próprio pai se foram.

Ele estava comparando seus atos hediondos a Satã, em *Paraíso Perdido*. Que manifesto tortuoso! O significado da passagem me atingiu de imediato: era o trecho em que Satã questionava sua rebelião; o momento em que ele se dava conta de que o Inferno sempre estaria com ele, porque ele não tinha como escapar do inferno de sua própria mente.

Satã nunca encontraria paz ou o céu, não importando o quão fisicamente perto ele chegasse dele, porque o perdão sempre lhe estaria fora de alcance. Ele nunca poderia mudar sua mente, portanto, o Inferno seria eterno. Reconhecendo isso, transforma o mal em bem, cometendo atos ainda piores em nome do “bem”.

Fiquei com o olhar fixo no medalhão em forma de coração que uma vez pertencera à minha mãe. Seria tudo isso por ela, então? Eu removi cuidadosamente o invólucro de vidro que protegia tanto o livro quanto o colar. Eu não permitiria mais que meu pai a usasse como uma desculpa para fazer o mal. Coloquei o medalhão em volta de meu pescoço, sentindo o conforto deste repousando acima de meu próprio coração.

Incapaz de me aproximar do livro, fui andando até o retrato obscenamente grande pendurado na parede. Eu ainda odiava o homem que parecia um maníaco na

posição orgulhosa de assassino, com o urso que ele havia matado mole aos seus pés.

Espiei a placa de bronze perto da parte inferior da moldura. Estava suja de terra. Estiquei a mão na direção dela, prestes a esfregar a terra e removê-la com a manga de minha roupa, quando a pintura veio com tudo para a frente.

Puxei minha mão para trás, quase saindo da minha própria pele em um sobressalto.

“Em nome de Deus, o que é...?” Assim que meu coração se acalmou um pouco, dei um passo mais para perto dali. O retrato escondia uma passagem secreta.

Uma brisa fria como o gelo soprava das escadas escurecidas, erguendo mechas rebeldes de cabelos em volta de meu rosto, como se fossem as serpentes na cabeça da Medusa. Eu não conseguia acreditar no que eu estava vendo. Havia ali uma escadaria de pedra, curvada, esperando para ser explorada. Ou berrando para que eu me virasse e fosse embora. Era difícil decifrar o que implorava aquela boca escancarada.

Eu estava com um pé no limiar do desconhecido, e o outro plantado na relativa segurança que eu conhecia. Uma sensação terrível cobria meus ossos, forçando-os a baterem, juntos e ruidosamente, atemorizados. Este *tinha* de ser o lugar onde os prêmios de Jack, o Estripador eram mantidos.

A indecisão colocou suas garras em mim, confundindo meu bom senso. Dei um passo para trás, fechando o retrato. Eu deveria ir correndo até meu tio, fazer com que ele chamasse a Scotland Yard e Thomas. Então poderíamos todos descer juntos no Inferno. Ainda assim, eu não fiz nenhum movimento para ir embora. Analisei com mais atenção o retrato, removi a sujeira da placa e fiquei ofegante.

Minha mão foi voando até minha boca, com o medo assumindo uma forma corpórea totalmente nova. O nome dele era Jonathan Nathaniel Wadsworth I.

O homem cujo nome era compartilhado tanto por meu tio quanto por meu irmão. Meu pai claramente desprezava seu irmão, mas o que significava isso de haver seu homônimo em seu estúdio, escondendo algo sem dúvida cheio de coisas desgraçadas?

Será que se tratava de um cutucão secreto em meu tio? Culpendo-o por falhar com mamãe? Se a passagem secreta dava para o Inferno, tio Jonathan seria culpado por mostrar o caminho ao meu pai?

O que soava como um gemido baixo veio de trás da pintura. Pisquei. Pressionando o ouvido junto à parede, ouvi com mais atenção. Havia apenas a imobilidade do silêncio e do excesso de segredos mantidos. Talvez eu estivesse ficando louca. As paredes não poderiam estar falando.

Ou talvez uma outra vítima impotente estivesse aprisionada aonde quer que a escadaria desse. Meu sangue rugia em minhas veias. Eu precisava descer ali. Eu precisava salvar pelo menos uma das vítimas de meu pai. Olhei de relance para o relógio em cima do consolo da lareira. Ainda era cedo. Meu pai e Nathaniel ainda levariam horas para estarem de volta em casa. Ou, e se... e se fosse Nathaniel que estivesse lá embaixo agora? E se nosso pai o tivesse aprisionado?

Que tola eu tinha sido! Eu não podia esperar que meu pai seguisse nenhuma regra. Só porque ele disse que tinha saído com Nathaniel, isso não queria dizer que meu irmão na verdade tinha saído da casa. Ele poderia estar amarrado e sangrando até a morte neste exato momento.

Sem hesitar mais, empurrei a pintura e comecei a descer a escadaria. Um ruído sussurrado me cumprimentou das infinitas profundezas lá embaixo.

Definitivamente havia alguém ou alguma coisa lá.

Fiz o gesto habitual de pegar minhas saias, esquecendo-me de que não estava usando um bendito de um vestido, e então quase perdi o equilíbrio quando olhei para baixo, surpresa. Coloquei uma das mãos junto à fria parede de pedra, permitindo que ela agisse como minha guia enquanto eu adentrava mais a fundo na escuridão, com meus pés voando tão rápido quanto se atreviam em um terreno desconhecido.

Ter pegado uma lamparina ou uma vela teria sido sábio. Eu não ficaria remoendo esta falta de previsão da situação agora. A cada degrau que eu descia, a escuridão ficava mais leve em vez de mais sufocante. Uma lâmpada devia ter sido deixada lá por motivos que não me atrevo a conhecer.

Estremeci, imaginando mil e um horrores prestes a me saudarem. Meus sapatos de seda corriam ao longo da pedra, leves como plumas enquanto eu pulava de um grau para o próximo. Eu estava grata pela falta de som que eles ofereciam. Eu havia esquecido minhas botas quando deixei o laboratório de meu tio mais cedo, o que parecia uma bênção agora. A pisada me daria tempo para garantir que eu fosse conseguir me orientar ali sem me revelar.

Conforme me aproximei do fim da escada, uma luz quente veio até mim. A própria ideia de que algo tão convidativo pudesse anunciar a entrada deste poço infernal deixava minha pele arrepiada. Antes de enfrentar uma curva final e de ter toda a sala no meu campo de visão, fiz uma pausa, com as costas pressionadas junto à parede, ouvindo.

Não havia nenhum ruído humano ali, porém, um suave zunir e revirar de peças movidas a vapor sibilava baixinho em sincronia com os batimentos de meu coração. Tinha de ser este o ruído que eu havia ouvido.

*Zunir-revirar. Zunir-revirar.*

Cerrei os olhos. O que quer que estivesse fazendo aquele som só poderia ser algo desventurado.

*Zunir-revirar. Zunir-revirar.*

O cheiro de elixires médicos e carne queimada veio, carregado pelo ar, até meu esconderijo, revirando meu já nauseado estômago. Eu não estava ansiosa para ter minha curiosidade aplacada, mas eu precisava cruzar aquele degrau final se meu irmão estivesse sendo torturado.

Suguei uma respiração pela boca, buscando evitar o cheiro nauseante o máximo quanto possível, e então me soltei da parede. Foram necessárias duas tentativas, mas, por fim, comandeí meu corpo a mover-se para dentro da sala.

O medo espalhou sua feia doença por todo meu corpo como se fossem ratos carregando a Morte Negra. Um laboratório, muito mais sinistro do que qualquer coisa já sonhada em livros, estava diante de mim. Como o laboratório de meu tio, tinha paredes ladeadas por prateleiras, cheias de jarros de espécimes com mais ou menos um metro de profundidade. Mas, ao contrário do laboratório de meu tio, não parecia haver nenhuma ordem com estes espécimes, e a madeira parecia semiapodrecida.

Fui cambaleando para trás, batendo em algo macio e carnudo em uma prateleira mais perto da parede. O mundo parou de girar quando me virei e vi *carne* repuxada firmemente sobre um braço mecânico, com a pele cruamente costurada com pontos grandes e irregulares.

Era como se meu pai tivesse cortado um braço no cotovelo e substituído alguns ossos nos dedos e no antebraço por metal antes de cobri-lo com pele roubada.

Uma vermelhidão cercava, as feridas causadas pela agulha; claramente uma infecção estava se instalando no braço improvisado. Meu espartilho parecia dez vezes mais apertado do que o normal, e eu oscilei em minha pisada, ofegante.

*Zunir-revirar. Zunir-revirar.*

Isso não podia ser real. Fechei os olhos, rezando para que, quando eu os abrisse, o mundo estivesse direito outra vez. Porém, isso era o sonho de uma tola. Engoli a bÍlis que se erguia rapidamente em minha garganta, absorvendo o pleno terror do objeto em que eu havia batido.

Linhas negras e sinuosas de septicemia contorciam a monstruosidade. Dedos com pontas cinza se contraíam, as bases de suas unhas estavam secas e recuando para junto do metal e do osso. O que quer que meu pai estivesse tentando fazer, havia falhado com esta... coisa.

*Zunir-revirar. Zunir-revirar.*



O vapor irrompia deste estranho dispositivo, forçando dedos mortos a flexionarem-se em intervalos regulares. Eu estava chocada demais até mesmo para cobrir minha boca.

Pelo menos meu coração não havia perdido seus sentidos, eu sentia seus batimentos por todo meu corpo, bombeando tão rapidamente que eu temia que isso fosse me derrubar em sua corrida ensandecida para fugir. Se meu pai ou até mesmo Blackburn aparecessem do nada de um desses cantos escuros, eu estaria morta na hora.

Recuei lentamente do braço mecânico coberto de carne, com minha atenção se movendo diligentemente pelos arredores da sala, pulando de um horror para o próximo.

*Zunir-revirar. Zunir-revirar.*

Animais em jarros de espécimes estavam em diversos estágios de decomposição, com suas carnes e tecidos moles desfazendo-se em Inferno líquido. Cruas abominações foram deixadas em cima de mesas por todo este minilaboratório.

Havia pássaros dilacerados, colocados nas bocas de gatos mortos, cenas de crueldade na natureza exibidas em um tributo doentio aos fortes. Tudo em volta me fazia pensar numa versão muito sombria do laboratório caseiro de Thomas. Aproximei-me mais, incapaz de me impedir de olhar melhor para essas criações terríveis.

Em uma outra prateleira, avistei uma garrafa de cerveja de gengibre cheia de um líquido carmesim escuro. Eu o peguei, virando-o de um lado para o outro. Ele tinha secado e coagulado, virando um gel. Jack fizera referência a isso em uma de suas cartas. Ele não havia mentido.

Exalei o ar, com minha respiração baforando pequenas nuvens brancas na minha frente. Estava insuportavelmente frio ali embaixo. Esfreguei as mãos nos braços, andando até uma máquina que estava perto do centro da sala, fazendo o ruído de zunir-revirar e parei, quase tropeçando em meus próprios pés quando vi a coisa mais sinistra de todas.

Um coração humano debaixo de um invólucro de vidro, e ruídos baixinhos vindos de uma máquina que lhe conferia uma descarga elétrica, fazendo com que ele continuasse a bater.

Pressionando uma das mãos na boca, eu me forcei a permanecer calma, a não vomitar e nem gritar. Tubos cheios de líquido saíam do órgão e passavam por sobre a mesa, em direção a alguma coisa que eu não conseguia ver direito sem me mover para perto dela. Espiei o líquido que estava sendo empurrado para dentro do

coração e por ele com o aparelho de transfusão, e era preto como óleo e fedia a enxofre.

*Zunir-revirar. Zunir-revirar.*

Engoli em seco minha náusea. Meu pai havia realmente ficado louco. Fantasmas de suas vítimas me cercavam, avisando-me para me virar e sair correndo dali. Ou talvez fosse meu sistema de aviso natural, me comandando a entrar naquele estado de lute-ou-fuja. Mas eu não conseguia evitar me aproximar um pouco em volta da mesa, não mais do que as prostitutas assassinadas conseguiam resistir à sua bebida, compelida demais para sair sem ver em que o coração estava bombeando sua estranha força vital.

Minha respiração veio mais rápido, acelerando minha pulsação junto com o oxigênio adicional que corria em meu sistema, tornando-me agitada e prestes a desmaiar ao mesmo tempo. Eu podia ouvir a mim mesma gritando: Não! Volte! CORRA! Mas não conseguia seguir em frente.

*Zunir-revirar. Zunir-revirar.*

Um engradado de madeira fechado, tão longo e tão largo quanto um caixão de pinheiro, estava disposto no chão, com tubos que desapareciam dentro dele como minhocas entrando em buracos na terra. Eu não queria saber o que aquela caixa continha. Parei um instante, sentindo o puxão pungente da autopreservação me arrastando para trás.

Mas eu o cortei, silenciando-o.

Eu não deveria esticar a mão na direção da tampa, mas sabia que isso era impossível. Eu estava nauseada com o temor, *sabendo*, de alguma forma *sabendo*, o que eu estava prestes a revelar e incapaz de sair andando sem ver a verdade. Fiquei observando enquanto minha mão, tremendo, esticou-se para baixo, por sua própria vontade, e ergueu a tampa que rangia.

Dentro do caixão improvisado, jazia minha mãe.

Sua carne cinza parecia uma colcha de retalhos de carne apodrecida entremeada com pedaços de carne nova. Seu corpo reluzia com um suor não natural. A pele sobre seu maxilar havia apodrecido e caído, conferindo-lhe um sorriso de escárnio permanente. Debaixo da pele enxertada, alguma coisa borbulhava com vida artificial.

Meu pai não estava tentando completar um transplante de órgão bem-sucedido. Ele estava tentando trazer minha mãe de volta dos mortos: *cinco anos depois*.

Todo o medo que eu vinha contendo estilhaçou-se como se fosse vidro. Eu gritei, soltando a tampa e recuando para longe dali, tropeçando na mesa. O baixo som de *zunir-revirar* das máquinas. Ficou mais alto. Ou talvez eu estivesse prestes

a desmaiar. Cobri os olhos com as mãos, tentando me livrar da imagem que havia ficado queimada. Não podia ser. Ele não poderia ter feito tal coisa.

Ninguém, nem mesmo a criatura mais criminalmente insana, tentaria realizar alguma coisa assim tão profana. Nós estávamos  *muito* errados quanto aos objetivos da Jack, o Estripador. Nem mesmo Thomas poderia ter previsto tal coisa.

Continuei tentando me arrastar para longe dali, impedir meu olhar de se demorar no rosto apodrecido e no corpo em decomposição. Mas eu não conseguia me mover. Era como se o horror fosse tão intenso que tivesse me paralisado. O tempo congelara. A vida fora do Inferno não existia.

Porém, o pior de todo eram minhas emoções. Eu sentia uma repulsa completa, plena, mas uma parte minha queria acender o interruptor da eletricidade e terminar o trabalho que ele havia começado. Eu odiava essa minha parte, odiava o fato de que eu ansiava para ter minha mãe de volta, tanto assim a ponto de que eu fosse perdoar esta loucura. Quem era mais monstruoso, meu pai ou eu mesma?

Eu ia vomitar. Eu me virei, finalmente dando ouvidos aos meus instintos primais, e sai correndo em direção à escada. Quando circulei os degraus, bati com tudo em massa de carne. Carne  *quente* .

A pessoa me segurou com força e eu gritei de novo. Foi só quando ergui o olhar que realmente soltei um suspiro de alívio.

“Ah, graças a Deus”, falei, arfante, segurando-me nele em nome da minha querida vida. “É você.”



Mão humana dissecada e preservada, século XIX

# JACK O ESTRIPADOR

RASTRO de SANGUE

## 28. JACK, O ESTRIPADOR

*Residência dos Wadsworth, praça Belgrave*

*9 de novembro de 1888*



nde logo”, falei, em um tom de urgência, puxando meu irmão em direção à escadaria, com aquele tipo de superforça concedido àqueles que estão sofrendo de um terror mortal. “Nós temos de ir embora antes que nosso pai volte. Oh, Nathaniel! Ele fez coisas terríveis!”

Levei vários instantes para me dar conta de que meu irmão não estava se movendo. Ele estava parado, congelado, absorvendo os arredores com os olhos. Agarrei a parte da frente de seu longo sobretudo, chacoalhando-o até que seus olhos arregalados pousaram em mim.

Seus cabelos estavam em desordem, em pé para todos os lados, e parecia que ele não dormia havia dias. Sombras escuras pairavam sob seus olhos, dando a ele uma expressão afundada. Ele não parecia melhor do que o cadáver de nossa mãe — ou de qualquer que fosse a criatura que estava no caixão. Aquela abominação.

Um outro estremecimento abalou meu corpo, quase me fazendo cair de joelhos. Eu não poderia permitir que ele visse aquilo. Ele nunca seria o mesmo novamente. Recompondo-me, eu me pus em pé, mais ereta, alisando os ossos em minhas costelas.

“Nathaniel”, eu disse, em um tom austero, pegando na mão dele. “Nós temos de ir embora imediatamente. Explicarei no caminho até a Scotland Yard. Por favor, vamos logo. Eu não quero encontrar nosso pai aqui embaixo.”

Meu irmão assentiu, parecendo chocado demais para fazer muito além disso. Eu o conduzi em direção às escadas, nossos pés chegando aos primeiros e abençoados degraus, quando ele parou novamente.

Eu me virei, exasperada, incapaz de exprimir a importância de sairmos dali rapidamente. Se eu tivesse de estapeá-lo para que ficasse inconsciente e arrastá-lo pela escada acima, assim o faria. “Nathaniel...” Ele travou sua mão em meu pulso com toda força, arrancando-me para longe das escadas e arrastando-me mais a fundo no covil de Jack, o Estripador. Eu lutei para me soltar dele, não entendendo sua necessidade de dificultar as coisas, e, de repente, ele jogou a cabeça para trás e gargalhou.

Aterrorizada demais para que até mesmo meus pelos ficassem arrepiados, a sensação estava à espreita sob minha pele, tilintando com a promessa do novo medo. Ele me jogou para uma cadeira perto do canto da sala, ainda rindo sozinho. Pisquei. Meu irmão nunca havia lidado comigo de forma tão brusca antes. Nosso pai deve tê-lo drogado de alguma forma. Essa era a única explicação. Esfreguei a parte de baixo de minhas costas. Um ferimento já estava se formando onde eu havia batido na cadeira em que ele havia me jogado.

Ele não pareceu notar isso. Nem se importar com isso.

“Nathaniel”, falei, tentando soar tão calma quanto possível enquanto ele andava de um lado para o outro na minha frente, dando tapas na lateral da cabeça, como se estivesse silenciando vozes que somente ele conseguia ouvir. “Uma vez que tenhamos saído daqui, vou preparar um tônico para você. Isso vai curar o que quer que o esteja deixando assim. O que quer que nosso pai tenha lhe dado, farei com que você melhore. Nosso tio saberá precisamente o que fazer. Você tem de confiar em mim, certo? Nós ficaremos juntos. Sempre. Não é mesmo?”

Nathaniel parou de rir, fixando seu olhar em mim com uma precisão gélida. Ele abaixou as mãos da lateral de sua cabeça antes de incliná-la para o lado. Naquele exato momento, ele parecia um predador em todos os sentidos da palavra.

“Minha querida, *querida* irmã. Eu receio que você tenha entendido as coisas terrivelmente erradas. Uma vez na vida, nosso pai não é o responsável pelo que está me afligindo. Isso é tudo obra minha.”

“Eu não estou entendendo... você mesmo vem tomando elixires?” Estremeci. “Você... você vem abusando do láudano também?” Meu irmão andava sob um severo estresse. Eu não ficaria surpresa se ele se voltasse para o tônico que cura todos os males. Havia precedentes de alucinações com o uso de altas doses. “Está tudo bem”, falei, esticando a mão para ele. “Eu posso ajudar você. Nós dois iremos para Thornbriar até que você esteja bem.”

Esticando os braços, ele girou com orgulho no lugar. Agindo como se tudo isso fosse sua...

“Não.” Balancei a cabeça, piscando para me livrar da descrença. Não podia ser. A vida não poderia ser assim tão cruel. Simplesmente não podia ser. Lágrimas acumularam-se nos meus olhos antes de se precipitarem pelo meu rosto. Isso não era possível. Eu ia vomitar. Eu me lancei para a frente, segurando minha barriga e me embalando.

Nathaniel ficou andando de um lado para o outro na minha frente, retirando uma faca que ele tinha escondida em sua manga com uma lâmina que poderia ter uns quinze centímetros. Do tamanho exato que tio Jonathan havia previsto que fosse a arma de Jack, o Estripador.

Ele passou os dedos com ternura pela lâmina manchada de sangue, e então a colocou sobre a mesa onde o pássaro preparado para ser empalhado estava sendo dilacerado.

Lembranças de meu irmão salvando animais, dando-lhes mais comida do que eles poderiam comer, chorando toda vez que alguma coisa morria apesar de seus esforços passaram por meus pensamentos. O doce menino que havia jurado me proteger contra nosso pai abalado pelo pesar e pelo luto. Este não podia ser o monstro que estava brutalizando mulheres. Eu não permitiria que fosse. Este laboratório não era dele. Estes não eram seus experimentos. Não era ele quem havia feito isso com nossa mãe.

“Diga-me que isso é um pesadelo, Nathaniel.”

Nathaniel ajoelhou-se diante de mim, limpando minhas lágrimas com tanta gentileza que eu chorei e soluzei ainda mais intensamente. Isso *era* um pesadelo. Com certeza eu estava dormindo e acordaria na casa de meu tio e descobriria que tudo não passava de um sonho terrível.

Que irmã podre eu era! Sonhando tais coisas sobre meu amado irmão. O verdadeiro Nathaniel nunca faria uma coisa dessas. Ele saberia que perdê-lo seria minha morte. Ele nunca faria alguma coisa para me ferir tanto assim. Ele nunca machucaria *ninguém*. Ele simplesmente não faria isso.

“Shhhhh”, ele arrulhou, alisando fios de cabelos soltos no meu rosto. “Está tudo bem agora, irmã. Eu lhe prometi que tudo ficaria bem. E está. Eu ajudei a exonerar nosso tio com aquelas cartas. Embora eu admita que foi um tanto quanto divertido ver o caos que um pouco de bravata e tinta vermelha causaram. Não consegui evitar enviar mais delas.”

“Você... o quê?” Eu sentia meus nervos ensandecendo. “Isso não pode ser verdade.”

Nathaniel perdeu-se em algum devaneio antes de dar de ombros e dispensar a recordação. “Seja como for, acho que descobri por que vocês duas ficaram doentes

e eu e nosso pai, não.”

Ele sentou-se em seus calcanhares, olhando ao redor da sala novamente, com a exaltação e o deslumbramento entalhados em suas feições normalmente ensolaradas.

“Demorei um tempinho para descobrir isso, e gostaria que você tivesse esperado um pouco antes de descer até aqui, mas isso não importa.” Ele sorriu, dando um tapinha na minha mão. “Você está aqui agora e isso é perfeito. Eu trabalhei no toque final. Tudo que falta é uma gota de sangue e um pouquinho de eletricidade. Como no livro. Você se lembra dele, não? Nosso livro predileto.”

Uma outra lágrima escorreu por minha bochecha. Eu não estava sonhando, eu estava no Inferno. Meu irmão se julgava o Dr. Frankenstein, e eu nunca haveria de permitir que nossa mãe se tornasse o monstro dele. “Você não pode trazer mamãe de volta dos mortos, Nathaniel. Isso não está certo.”

Ele se empurrou para longe de mim, andando de um lado para o outro sob o brilho alaranjado de seu laboratório do diabo, balançando a cabeça em negativa. “O que torna isso errado? Você, de todas as pessoas, achei que fosse apreciar e entender. Esta é uma revolução na ciência, minha querida irmã. Um feito de que as pessoas falarão por todos os tempos. Nosso nome estará eternamente ligado ao inimaginável. O irmão de nosso pai é um tolo que tem uma visão curta. Ele deseja apenas conduzir um transplante de órgãos bem-sucedido. O que eu tenho em mente é muito maior do que isso.”

Nathaniel assentiu, como se esse fosse todo o convencimento de que ele precisasse. Ele estirou os dedos com tudo, abrindo a palma de sua mão, expondo cortes nas pontas de seus dedos. Eu não conseguia me lembrar de quando o havia visto sem luvas pela última vez. Agora eu sabia o porquê.

“Até agora, as pessoas não acreditavam que isso pudesse ser feito. Apenas autores e visionários científicos como Galvani se atreveram a imaginar tamanha maravilha. Agora eu a realizei! Você não está vendo? Isso é algo digno de ser celebrado. As pessoas nunca vão se esquecer da revolução científica que eu fiz.”

“E quanto às mulheres que você matou?”, perguntei a ele, contorcendo as mãos em meu colo. “É digno celebrar as mortes delas?”

“As prostitutas? Oras, sim. Eu acho que, agora que você falou disso, é duplamente digno de ser celebrado.” Ele levantou-se, com as mãos cerradas em punhos nas laterais de seu corpo, seus olhos ficando sombrios. “Não apenas eu livrei nossas ruas da praga que as ataca, como estou prestes a trazer nossa amada mãe de volta dos mortos.”



Ele andou de um lado para o outro na minha frente mais uma vez, e seu tom ia ficando cada vez mais hostil, a cada passo que dava. “Eu tirei as desgraçadas de suas vidas miseráveis, e o sacrifício delas trará de volta uma mulher boa e decente. Por favor, me informe quanto ao que fiz de errado. Honestamente, minha irmã, você faz parecer que eu sou um monstro comum predando os indefesos. Nossa mãe era uma mulher temente a Deus. Ela entenderá.”

Eu estava sem palavras. As mulheres que ele havia assassinado realmente importavam. Elas não eram lixo para serem jogadas fora nas ruas. Elas eram filhas e esposas, mães e irmãs. E elas eram amadas do mesmo jeito que amávamos nossa própria mãe. Como ele se atrevia a fazer tal julgamento? Meu irmão estava tão mergulhado em sua ciência fantástica e seu senso de justiça que perdera totalmente o ponto do que significava ser humano.

Isso acendeu a centelha de alguma coisa em meu cérebro.

“E quanto às engrenagens deixadas dentro dos corpos?”, perguntei. “Que tipo de mensagem você estava enviando à polícia?”

“Mensagem? Eu não pretendia enviar nenhuma mensagem. Eu simplesmente fiquei sem tempo e as larguei onde as deixei cair.” Nathaniel passou os dedos por seus cabelos, tentando alisá-los, mas conseguindo o efeito oposto. Ele continuou a andar de um lado para o outro, ficando cada vez mais agitado porque eu não estava aplaudindo seu comportamento imperdoável. “Isso é realmente tudo com que você se importa? As malditas engrenagens que estavam dentro das desgraçadas?”

“Elas não mereciam morrer, Nathaniel”, sussurrei.

“Essas mulheres não mereciam *viver!*” A voz dele retumbou no pequeno espaço, fazendo com que eu tivesse um sobressalto. “Você não vê isso? Elas são uma doença e destroem vidas. Ofereci a elas uma oportunidade de redenção: morte em troca de vida!”

Ele deu a volta no caixão e então jogou a tampa para trás, lágrimas enchendo seus olhos.

“A vida dela foi destruída pela doença. Doença espalhada amplamente por prostitutas que ficam tossindo e infectando bons homens. Então, não, minha irmã, eu não sentirei um pinga de tristeza por limpar nossa cidade de umas poucas delas. Se pudesse, eu atearia fogo em todo East End e acabaria com elas todas. Tal como estamos, eu tomei apenas aquilo de que precisava para meu experimento.”

“Quão nobre da sua parte.”

“Eu sei.” Meu irmão não notou o sarcasmo no meu tom de voz. Ele abriu um sorriso presunçoso, como se já tivesse passado da hora de eu usar a razão. “Para falar a verdade, eu não havia pretendido matar tantas delas, mas os órgãos paravam

de funcionar antes que eu pudesse trabalhar neles. Provou-se difícil lidar tão bem com os parafusos no escuro, então comecei a carregar uma bolsa médica com gelo e inseria as porcas e as engrenagens aqui. Veja.”

Ele ergueu uma grande mala, desdobrando-a em uma mesa portátil e colocando-a ao lado do coração envolto em vidro que estava no centro da sala. Havia contenções para mãos e pernas penduradas em sua beirada. Nathaniel foi andando até uma engrenagem na parede e a girou até que um longo dispositivo que parecia uma agulha pairasse acima da mesa. Essa devia ser sua fonte de eletricidade.

Algo que se parecia com pânico agitou-se em meu sangue.

Para meu supremo horror, ele curvou-se para baixo, arrastou o cadáver de nossa mãe para cima da mesa improvisada que ele havia feito, e então enfiou as mãos e os pés dela nas tiras de couro.

Cerrei os olhos enquanto a cabeça sem vida pendia para o lado, sentindo uma onda de náusea me percorrer. Ela estava morta havia cinco anos e eu não fazia a mínima ideia de como ela não passava de ossos agora.

“Eu tive a prudência de manter nossa mãe parcialmente congelada em uma geladeira especial aqui embaixo.” Nathaniel fitou o cadáver levemente decomposto, ternamente empurrando os cabelos dela para o lado, e respondendo à pergunta que em momento algum eu fiz em voz alta. “É uma pena que eu não tenha pensado em preservá-la de imediato. Foi difícil o bastante tirá-la furtivamente do cemitério e trazê-la para cá sem que nosso pai soubesse disso. Foi então que o láudano veio a calhar.”

Nathaniel deixou cair um jarro de vidro que continha um espécime e então soltou um xingamento, fazendo com que eu saísse de meu estado de negação. Eu não conseguia reconciliar o Nathaniel que eu conheci a minha vida toda com esta versão bestial dele que tinha diante de mim. E não conseguia nem mesmo pensar nas dores que nosso pai vivenciaria se visse sua amada esposa agora.

Mamãe estava morta por anos o bastante para que mechas de seus longos cabelos negros caíssem no chão. Nathaniel pegou grandes pedaços de vidro, descartando os tufo de cabelos que ficaram presos neles, enquanto os jogava dentro de uma lata de lixo. Ele não estava nem um pouco afetado pela cena hedionda diante de si; limpando sua bagunça como se o cadáver de nossa mãe não estivesse apodrecendo uma mesa à frente.

Se eu já não tivesse expelido o conteúdo de meu estômago antes, estaria fazendo isso neste exato momento.

“Como você descobriu essa sala?” Juntei as mãos, recusando-me a olhar para minha mãe novamente. Eu estava *tão* perto de perder a minha sanidade, e meu

próprio controle, que não precisaria muita coisa para me incapacitar agora.

*Zunir-revirar. Zunir-revirar.*

Nathaniel voltou sua atenção para mim. “Você se lembra das passagens secretas em Thornbriar?”

Lembranças de brincar em passagens secretas em todos os verões passaram pela minha cabeça. Jonathan Nathaniel Wadsworth I era um tanto quanto excêntrico. Ele mandara fazer mais passagens secretas na propriedade de seu chalé do que havia no próprio castelo da rainha. Assenti.

“Alguns verões atrás eu encontrei um mapa desta propriedade em Thornbriar”, disse ele, dando de ombros. “Nosso pai já estava abusando de seu tônico, então adicionei um láudano extra ao seu brandy à noite. Não foi difícil garantir que ele ficasse... sedado e alheio ao meu uso de seu precioso estúdio. O que é um pouco mais de ópio para um viciado?”

“Você... deu ópio ao nosso pai, sabendo das consequências?”

Rilhando os dentes, fiquei observando enquanto meu irmão andava até a mesa que continha o coração mecânico. A premência de chorar elevou-se, mas eu me silencieei. Nathaniel removeu um escalpelo de um kit médico debaixo da mesa, e então o colocou ao lado do órgão. Ele tirou um outro saco para fora e colocou diversas porcas e ferrolhos enfileirados.

Pequenas peças do quebra-cabeça foram finalmente encaixando-se em seu lugar.

Nathaniel era o único além de nosso pai que sabia como fazer intrincados brinquedos mecânicos. Eles passavam as noites juntos quando Nathaniel era criança, meu irmão observando e aprendendo com o melhor. Então havia a questão de seu curto aprendizado médico antes de estudar Direito. Ambos os seus passatempos anteriores ajudavam com sua destreza. E precisão.

Enquanto eu lutava com a imagem do irmão amoroso que eu conhecia e o monstro que tinha diante de mim, ele acendeu um bico de gás na mesa e aqueceu o metal, fundindo porcas e engrenagens juntas como se isso fosse algo costumeiro.

Uma outra recordação veio adiante na minha mente. Meu irmão ficara perturbado quando descobrira que eu tinha entrado escondida no estúdio de nosso pai. Eu achei que ele houvesse ficado preocupado por minha causa, caso algum dia nosso pai descobrisse que eu havia remexido em suas coisas, quando, na verdade, Nathaniel tinha ficado preocupado que eu fosse encontrar *seu* laboratório secreto.

Nathaniel olhou para mim, sorrindo como um homem ensandecido enquanto trabalhava furiosamente em sua mais recente invenção. Observei em silêncio enquanto ele criava uma jaula de metal, ainda sem conseguir pensar direito. Meu cérebro lógico sabia que eu tinha de pensar e agir com rapidez, mas eu sentia como

se o meu corpo fosse de chumbo e como se estivesse esmagado pela devastação. Eu não conseguia me mover.

“Isso entrará na cavidade do peito de nossa mãe e manterá o novo coração dela protegido.” Ele assentiu diversas vezes para si mesmo. “Considere isso uma espécie de caixa torácica.”

Meu corpo finalmente se libertou do choque; os calafrios mergulharam as pontas de seus dedos em baldes de gelo, e então subiram selvagememente pelas minhas costas. Tudo fazia sentido. A expressão de temor quando o investigador da polícia apareceu comigo à porta depois que o cocheiro demitido havia sido assassinado. O mesmo olhar paralisado pelo medo quando o superintendente Blackburn nos interrompeu no circo. Um milhão de pistas haviam ficado bem na minha frente, e eu escolhi ignorá-las.

Meu irmão era o bondoso. O sensível. Eu era o monstro. Aquela que buscava espiar os conhecimentos secretos de carne morta. Como eu não tinha visto a mesma curiosidade nele? Éramos compostos da mesma herança.

Ele ergueu o dispositivo até o coração mecânico, medindo-o para verificar seu tamanho, rindo para si mesmo e murmurando coisas de forma incoerente. Eu não conseguia mais ignorar essa coisa doentia.

Assim que o metal resfriou, Nathaniel colocou com cuidado o coração mecânico que batia dentro da caixa torácica, e então fundiu o metal com mais porcas. Ele mexeu na alavanca da engrenagem da parede, ajustando a agulha elétrica até que ela tocasse na jaula de metal, e depois foi para trás, admirando seu trabalho. Satisfeito com este novo e grotesco dispositivo, ele foi andando até a mesa e então pegou uma seringa, batendo em sua lateral com o indicador.

“Você deve parar com esta loucura, Nathaniel.”

“O que está feito, está feito, irmã. Agora”, ele se voltou para mim, brandindo a seringa como se ela fosse uma relíquia sagrada, “eu só preciso de um pouco de seu sangue para injetá-lo no coração dela, e então ligaremos o interruptor juntos. Se podemos fazer pernas de rãs mortas se moverem com um pouco de corrente elétrica, podemos fazer o mesmo em uma escala maior. Temos o benefício de termos mais órgãos vivos. Foi nesse ponto em que Galvani e toda sua inteligência erraram”, disse ele, apontando para sua cabeça. “Ele deveria ter investido em tecidos vivos para os seus cadáveres. Então ele precisaria apenas adicionar um pouco de voltagem. O metal nas engrenagens ajudará a transferir a energia. Eis porque os estou fundindo com a carne. É brilhante, você verá.”

Segui seu olhar compenetrado enquanto ele admirava a agulha elétrica que pendia do teto e desaparecia dentro do peito de nossa mãe. Isso precisava acabar

agora. Eu não conseguia mais suportar vê-lo fazendo outra coisa tão lamentável com o corpo dela. Permiti que toda a emoção que eu estava suprimindo transparecesse em minha voz.

“Por favor, meu irmão. Se você me ama, haverá de parar com este experimento. Nossa mãe está morta. Ela não vai voltar.”

Engoli em seco, com lágrimas escorrendo livres por minha face. Eu me encolhi ao notar aquela pequena parte minha que estava desejando que isso *pudesse* ser feito; se ele conseguisse animar carne morta de tanto tempo... Se ele pudesse trazer de volta à vida a mãe de que eu sentia tanta falta...

Mas minha parte sã nunca permitiria uma coisa dessas.

“Você realizou muita coisa, é verdade”, falei. “Não tenho nenhuma dúvida de que você será melhor do que qualquer cientista que escolher, mas este não é o caminho certo.”

*Zunir-revirar. Zunir-revirar.*

Nathaniel balançou a cabeça em negativa, apontando para o coração mecânico. “Nós estamos tão perto, minha irmã! Estamos a minutos de falar com nossa mãe! Não era isso o que você queria?”

Ele havia mudado, deixara o tom raivoso e parecia uma criança morosa. Tudo de que ele precisava para completar seu ataque de raiva seria bater com os pés no chão e cruzar os braços. Em vez disso, ele ficou completamente imóvel, e isso era, de alguma forma, mais esquisito do que observá-lo andando de um lado para o outro como um animal raivoso.

“Isso é tudo por você!”, ele gritou, saindo explosivamente de sua imobilidade, dando passos gigantescos na minha direção. “Como você pode dispensar esse presente?”

“O quê?” Eu queria afundar de joelhos no chão e nunca mais sair dele. Meu irmão havia matado todas aquelas mulheres porque ele achava que eu seria egoísta o bastante a ponto de ver apenas a beleza do resultado final. Ele precisava de mais ajuda do que algum dia eu poderia dar a ele.

A sala girou diante de mim quando me dei conta das escolhas que agora eu tinha dispostas à minha frente. Se eu chamasse o superintendente Blackburn, ele mataria Nathaniel. Não haveria nenhum manicômio. Nada de julgamento. Nenhuma esperança de vida.

O que eu deveria fazer em relação ao meu irmão, meu melhor amigo? Eu não conseguia me impedir de chorar, de ir correndo até o outro lado da sala e bater no peito dele.

“Como você pôde fazer isso?”, gritei, enquanto ele ficava lá, em pé, parado, aceitando minha histeria com a mesma assustadora imobilidade. “Como você pôde acreditar que o assassinato de mulheres me faria feliz? O que é que eu vou fazer agora com um irmão e com uma mãe mortos? Você nos dilacerou! Você me matou, você poderia muito bem ter arrancando o meu coração também!”

O brilho maníaco nos olhos dele foi substituído por um lento senso de entendimento. Qualquer loucura que o houvesse agarrado nestes últimos meses parecia, por fim, estar soltando-o de suas garras. Ele foi cambaleando para trás, estabilizando-se, buscando apoio na mesa.

“Eu... eu não sei que mal tomou conta de mim. Eu... sinto muito, Audrey Rose. Isso nunca será o bastante, mas eu... realmente sinto muito.”

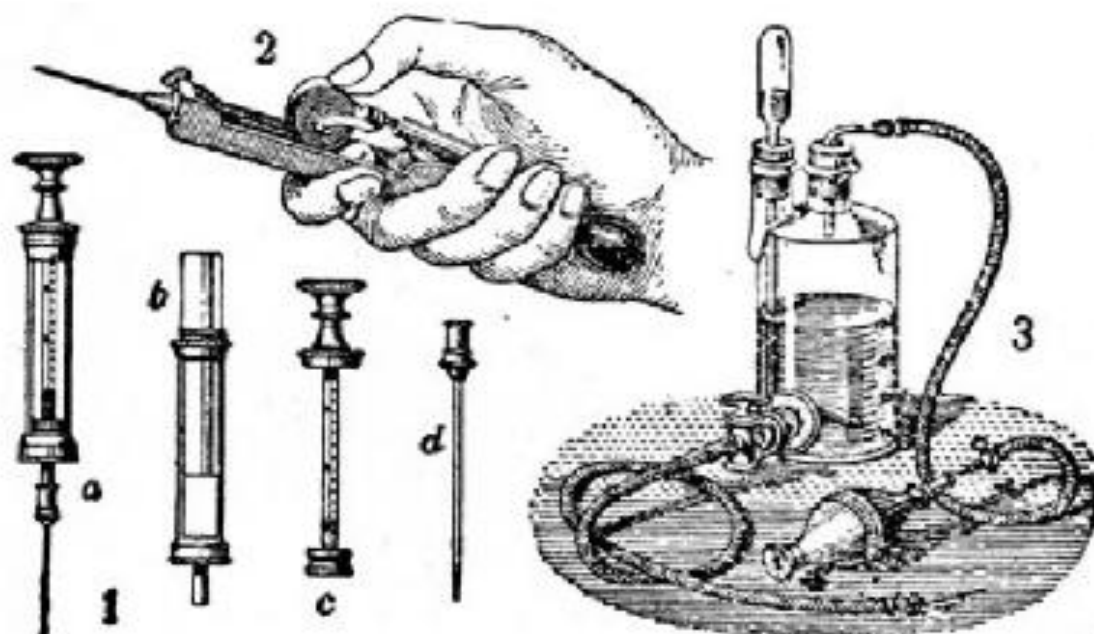
Ele permitiu que eu socasse seu peito até ficar cansada. As lágrimas diminuíram um pouco, mas a dor do que ele havia feito era um peso que, eu temia, nunca seria tirado de mim.

*Meu irmão.* Meu doce, encantador e amado irmão era Jack, o Estripador. As emoções ameaçavam me afogar onde eu estava, mas lutei contra o dilúvio delas. Eu não podia ser consumida pelo pesar ainda. Eu precisava conseguir ajuda para Nathaniel. E eu precisava sair desta sala onde minha mãe estava aprisionada em algum lugar entre a vida e a morte.

“Vamos, Nathaniel. Por favor”, falei, urgindo-o em direção às escadas. “Tomaremos chá. Tudo bem?”

Ele demorou um instante para responder, mas, depois de alguns instantes, assentiu.

Quando achei que ele finalmente havia visto a razão, Nathaniel segurou dolorosamente meu braço, brandindo a seringa. “‘Longo e árduo é o caminho que do Inferno leva até a Luz’, minha querida irmã. Nós devemos continuar em nosso caminho escolhido. É tarde demais para voltar atrás agora.”



1. Seringa de Pravaz: *a*, munida de agulha; *b*, corpo de bomba; *c*, embôlo; *d*, agulha.—2. Seringa de Chamberland.—  
3. Appareilho de Burlureaux.

# JACK O ESTRIPADOR

RASTRO de SANGUE

## 29. SOMBRA E SANGUE

*Residência dos Wadsworth, praça Belgrave*

*9 de novembro de 1888*



Eu me agarrei ao meu irmão no meio de nosso Inferno compartilhado, não querendo me afastar e tornar este pesadelo uma realidade.

Arrastando-me para trás pela sala, ele me jogou em uma cadeira de madeira ao lado de nossa mãe. “Veja o que você fez! Agora eu tenho de amarrá-la para sua própria segurança, minha irmã.”

Eu fiquei lá sentada, imóvel, incapaz de compreender o que ele estava dizendo, o que me custou um tempo precioso. Antes que eu fosse capaz de reagir, ele puxou meus braços atrás da cadeira e rapidamente atou meus pulsos juntos. Não importava com quanta força eu lutasse contra a corda, não havia como escapar de minha nova prisão.

Nathaniel havia me prendido tão bem que as pontas de meus dedos já estavam ficando como gelo. Eu puxei e puxei com força, conseguindo apenas arranhar bem minha pele a cada tentativa em pânico de me soltar de minhas amarras.

Eu gritei, mais devido ao choque do que à dor, quando ele enfiou a seringa na fina pele da parte interna de meu braço. “Pare com isso, Nathaniel! Isso é loucura! Você não pode reviver nossa mãe!”

Minhas súplicas não o impediram de afundar o pistão para dentro e extrair o meu sangue. Sua primeira tentativa falhou, e ele enfiou a agulha em mim uma segunda vez, me arrancando um grito. Cerrei os dentes e desisti de lutar, sabendo que isso não me serviria de nada.

Ele estava para lá de perdido. A ciência havia superado sua humanidade. Assim que encheu o tubo de vidro com meu sangue, ele abriu um sorriso bondoso e secou



minha pele com um cotonete que ele embebera em álcool.

“Pronto. Não foi tão ruim assim, foi? Uma picadinha, nada além disso. Sério, minha irmã, você age como se eu a estivesse torturando. Metade das mulheres que libertei de suas correntes de pecado não choraram tanto. Tenha um pouco de dignidade, por favor!”

“O que foi que você fez?”

Nathaniel deu um pulo e eu me mexi de súbito em minha cadeira, alarmada com o som da voz de nosso pai na beirada das escadas. Ele não havia gritado, o que tornava tudo isso ainda mais aterrorizante. Eu me encolhi, mais pelo hábito do que por um medo verdadeiro de ser pega fazendo alguma coisa potencialmente perigosa. Eu me sentia estranhamente menos intimidada com Nathaniel, mesmo sabendo das atrocidades que ele era capaz de fazer, do que com meu pai quando ele ficava com raiva.

Talvez eu estivesse simplesmente acostumada com a máscara diária de bom filho e irmão que Nathaniel usava. Nosso pai nunca escondera seus demônios, e talvez isso me assustasse mais.

“Você... você...” Fiquei observando enquanto o olhar dele saía de minhas ataduras e se demorava no coração mecânico, com o músculo em seu maxilar se contorcendo apenas levemente quando sua atenção se voltou para o órgão ali dentro.

Nosso pai foi andando até o dispositivo, e então ergueu um dos tubos que transportava a substância preta. Ele deu a volta em torno do tubo e ao redor da mesa, parando quando chegou perto de mamãe. Naquele instante, eu vi um lado totalmente novo de meu pai. Aqui diante de nós, estava um homem que parecia ter lutado uma batalha durante anos e havia acabado de se dar conta de que ela estava chegando ao fim. Ele inspirou profundamente, e voltou sua atenção novamente para mim, com o olhar travado nas contenções em meus braços. “Como você pôde fazer isso, meu filho?”

Perturbava-me o quão imóveis todos nós estávamos. Nathaniel parecia estar preso ao chão, incapaz de mover os pés até mesmo um centímetro que fosse, enquanto nosso pai se mexia no lugar e, em silêncio, fixava o olhar em sua esposa, com um horror e uma negação crescentes.

Sem se virar novamente, ele disse: “Desamarre sua irmã. Agora”.

“Mas, pai, estou tão perto de acordar a mamãe...” Nathaniel apertou os olhos e fechou-os ao ser encarado com ódio pelo pai. “Muito bem, então.”

Por fim, meu irmão ficou frente a frente comigo, com o maxilar constringido e os olhos ainda selvagens. Eu acompanhei seu olhar enquanto ele absorvia a visão

de meus pulsos atados e minhas bochechas manchadas pelas lágrimas. Ele assentiu brevemente. Uma vez. A pesada carga eletrizante na sala parecia estar chegando a um crescendo.

Por uns poucos e tensos segundos, ele olhou de relance entre a seringa e nossa mãe, com seu peito rapidamente subindo e descendo com a mesma batida maníaca do coração mecânico.

“Muito bem.”

Ele tirou os próprios dedos da seringa e a colocou na mesa. Uma mescla de choro e soluço irrompeu de meu peito, e ele se virou para mim mais uma vez. Eu me enrijei como se fosse de aço enquanto ele se aproximava lentamente, murmurando.

“Seja rápido”, ladrrou nosso pai.

Nathaniel inspirou fundo e assentiu mais uma vez, como se estivesse se reconfortando em relação a alguma coisa antes de finalmente soltar as cordas em meus pulsos.

Fiquei encarando meu irmão, mas ele simplesmente estava lá, com a cabeça pendendo em seu corpo. Vozes sussurradas gritaram “Corra! Corra!”, mas eu não conseguia forçar meus pés a seguirem na direção das escadas.

Meu pai ergueu um cacho dos cabelos de mamãe, com sua expressão desprovida de qualquer emoção, exceto por uma: repulsa. “Eu nunca disse que tinha sido bem-sucedido na tarefa de cuidar de nenhum de vocês dois. Como pais, nós apenas fazemos o que achamos ser o melhor. Até mesmo se falharmos miseravelmente em nosso dever.”

Lágrimas se acumularam nos cantos de seus olhos enquanto ele continuava encarando o rosto arruinado de minha mãe. Engoli em seco, sem saber aonde ir a partir daqui. Parecia que os relacionamentos de minha família não eram nada do que pareciam ser. Nathaniel aproximou-se de nosso pai e ficou contemplando mamãe. Isso era demais. Eu tinha de sair desse lugar.

Monstros deveriam ser assustadores e feios. Eles não deveriam esconder-se atrás de sorrisos amigáveis e cabelos bem cortados. Por mais distorcida que pudesse ser, a bondade não deveria ficar trancafiada em um coração de gelo e um exterior ansioso.

O pesar e o luto não deveriam ocultar a culpa de fazer algo errado.

Em que tipo de mundo poderiam tão vastas dicotomias coexistir? Eu ansiava pelo conforto de um escalpelo entre meus dedos, e o cheiro refrescante de formalina no ar. Eu queria um cadáver que precisasse de estudo forense para desanuviar minha mente.

Minha atenção voltou-se novamente para a minha mãe. Talvez eu devesse me concentrar em curar os vivos de agora em diante. Eu havia visto morte o bastante para dez mil vidas. Talvez fosse precisamente por isso que tio Jonathan e Thomas haviam começado a fazer experimentos com transplantes de órgãos.

*Thomas.* Eu me dei conta do quanto eu o amava com um sobressalto repentino. Eu precisava estar com ele. Ele era a única verdade que sobrara no mundo que eu compreendia.

“Para onde você acha que está correndo?”, perguntou-me meu pai, com uma ponta de exigência em seu tom de voz.

Até mesmo agora, em face a este laboratório sinistro e tudo o que fora revelado, ele queria me guardar do mundo externo. Ele estava ensandecido demais para ver que este lugar era exatamente o tipo de coisa de que ele vinha me protegendo a minha vida toda. Uma doença muito pior do que varíola, cólera ou escarlatina vivia aqui.

“Eu vou até lá em cima e vou trancar Nathaniel aqui”, falei, dando uma última olhada de relance para meu irmão, enquanto ele fazia carinho nos cabelos de nossa mãe. “Em seguida, vou até a Scotland Yard. Está na hora de confessarmos nossas verdades, não importando o quão tortuosas e horrendas elas sejam.”

“Você não pode estar falando sério”, disse Nathaniel, ofegante, olhando para o pai em busca de ajuda.

Fui para o outro lado da sala, analisando meu pai. Ele parecia estar dividido entre fazer a coisa certa e proteger seu filho. A indecisão era visível em suas feições.

“Eles enforcarão seu irmão”, disse ele, baixinho. “Você honestamente conseguiria ver isso acontecer? Como família, já não sofremos o bastante?”

Foi uma flecha atirada direto em meu coração, mas eu não poderia enterrar a verdade. Se eu não fosse até a polícia, eu viveria mil vidas em arrependimento. Aquelas mulheres não mereciam sofrer. Eu não tinha como ignorar isso.

“Mamãe esperaria que eu fizesse a coisa certa, mesmo se fosse brutalmente difícil.” Olhei para meu pai, sentindo empatia em relação a ele. Como seria a sensação de saber que se criou o diabo? Provavelmente era a mesma de saber que havia se sentado perto de um monstro dia após dia sem nunca notar a podridão de sua alma.

Meu pai me contemplou por um longo instante e então assentiu. Ofereci a ele um fraco sorriso antes de encarar meu irmão. Mesmo que ele tivesse cometido coisas imperdoáveis, eu ainda não conseguia encontrar em meu coração a força para odiá-lo. Talvez todos nós fôssemos loucos.

“Wadsworth? Audrey Rose!” Um grito cheio de pânico ressoou lá de cima da escada, seguido do som ruidoso de pés descendo pelas escadas. Um segundo depois, Thomas entrou na sala correndo, com a aparência desmazelada pela segunda vez na vida dele. Ele parou diante de mim, passando os olhos pelo meu rosto e pelo meu corpo, se detendo em meus pulsos. “Você está bem?”

Encarei-o, incapaz de responder à pergunta. Incapaz de compreender que ele realmente estava aqui comigo. Reconheci um lampejo de alívio no rosto dele antes de desviar o olhar. Ele fitou Nathaniel enquanto se movia mais para dentro na sala.

“Eu sugiro que você vá embora antes que a Scotland Yard venha atrás de você.” Ele olhou de relance para o rosto pasmado de meu pai e depois para o de Nathaniel, com seu tom tão sombrio quanto as expressões deles. “Você honestamente não acredita que eu apareceria aqui despreparado, não é?” Thomas abriu um sorriso triste para mim. “Eu sinto muito mesmo, Audrey Rose. Este é um dos casos em que odeio estar certo.”

“Como foi que você...?”, começou a perguntar Nathaniel.

“Como foi que eu descobri que você é nosso infame Jack, o Estripador?”, interrompeu-o Thomas, aproximando-se de mim, soando mais como ele mesmo. “Foi bem simples, para falar a verdade. Alguma coisa vinha me incomodando desde a noite em que eu e Wadsworth seguimos seu pai do apartamento da srta. Mary Jane Kelly até em casa.”

“Vocês o quê?” Meu pai soltou um lampejo de um olhar incrédulo na nossa direção.

“Peço desculpas, senhor. De qualquer forma, não existe isso de coincidência na vida. Especialmente quando temos assassinato envolvido. Se o senhor não estava envolvido nisso, então quem estaria?”

“Quem, de fato?”, murmurou Nathaniel, não muito impressionado.

“Eu estudei o superintendente Blackburn esta noite, descobrindo que as ações dele são genuínas. Além do mais, ele não sabia da maior pista que eu havia encontrado. Quando analisei os detalhes na minha cabeça, um pensamento me ocorreu: o assassino poderia estar se envolvendo em nosso caso de alguma forma. Lorde Wadsworth e Blackburn, embora fossem boas possibilidades, não estavam envolvidos. Eu não conseguia encontrar um único motivo que fosse para nenhum deles. Nem conseguia localizar uma pista em particular que eu havia desenterrado para acusá-los.”

Thomas colocou-se diretamente na minha frente, plantando-se entre mim e meu irmão. Nathaniel parecia estar prestes a arrancar os braços e as pernas de Thomas.

“Você, contudo, estava um tanto quanto curioso em relação ao caso. Dar início àquele grupo de justiceiros foi um belo toque”, disse Thomas, em um tom quase apreciativo. “Então veio a questão incômoda daquelas mulheres terem conexões com seu pai. Visto que eu havia eliminado a possibilidade de que lorde Wadsworth fosse o assassino, isso permitiu que minha mente vagasse. Seu tio tem uma teoria realmente fascinante sobre determinados assassinos matarem aqueles que eles conhecem. Pelo menos para começar.”

A atenção de Nathaniel voltou-se rapidamente para a lâmina que ele havia deixado perto de nossa mãe. Eu me agarrei no braço de Thomas, mas ele não havia acabado de exibir suas habilidades de dedução.

“Enquanto eu estava a caminho da Scotland Yard esta noite, me lembrei de ter visto gotas de sangue na pele removida de nossa última vítima. Pela forma como as gotas haviam caído, estava óbvio que elas não vinham da srta. Kelly. O que me levou a deduzir que nosso assassino teria ele mesmo sofrido estes ferimentos.”

“E como, exatamente, isso o trouxe até aqui?”, quis saber Nathaniel, movendo-se na direção da faca em cima da mesa.

Thomas não estava intimidado, embora eu estivesse prestes a gritar ou pular para pegar a arma eu mesma. “Eu me lembrei de ter visto cortes nas pontas de seus dedos umas semanas antes. Na época, isso não me pareceu importante o suficiente para que eu tecesse comentários a respeito. Quando percorri mentalmente nossa última cena do crime, eu finalmente entendi onde você estava escondendo sua arma.”

Ele deixou cair uma faca da parte de dentro de seu próprio sobretudo, surpreendendo meu irmão mais uma vez quando ergueu a arma. “Eu fui capaz de replicar as mesmas feridas em mim mesmo. Está vendo?”

Nathaniel cerrou os punhos, encarando Thomas como se ele fosse um rato que precisasse ser exterminado imediatamente. “Você deve se sentir extraordinariamente esperto.”

A expressão presunçosa que normalmente beijava a face de Thomas não estava lá quando seus olhos encontraram os meus. “A única coisa que estou sentindo é pesar pelo quão profundamente você feriu sua irmã.” Thomas olhou de relance ao redor da sala, e depois deu uma olhada em seu relógio de bolso.

“Eu não estava brincando em relação à Scotland Yard. Eu disse a eles que um crime estava sendo cometido nesta casa. Permaneça aqui e aceite seu destino ou comece novamente sua vida. Seja o irmão que Audrey Rose achou que você fosse, e o filho que seu pai merece.”

Meu pai olhou para Thomas com apreciação reluzindo em seus olhos.

Ele estava oferecendo ao meu irmão uma chance de viver. Uma oportunidade de reparar seus pecados e ainda saber que a polícia estaria procurando por ele. Isso não era certo, mas era uma chance que eu estava disposta a ter por minha família.

Inspirei fundo e fiquei face a face com meu irmão. “Ou seu reinado de terror está acabado ou sua vida acabou. Você decide.”

Nathaniel soltou um nervoso ladrar de uma risada antes de sua expressão ficar fria. “Eis um aviso a você, querida irmã. Caso me ameace novamente, eu destruirei tanto você quanto seu amigo idiota antes de ele sequer sonhar em me encontrar.”

“Nathaniel”, meu pai balançou a cabeça, “não ameace sua irmã.”

As palavras de Nathaniel doíam, mas não tanto quanto o olhar gélido que ele voltou a mim. Toda a cordialidade que fazia dele meu irmão estava ausente.

Sentindo minha mágoa, Thomas esticou a mão para segurar na minha. Ele estava me oferecendo sua força, e eu a aceitava de bom grado. Estava na hora de acabar com este pesadelo. Eu me virei para desferir um último olhar ao meu irmão, na esperança de me lembrar exatamente de como ele era antes de sair andando. Só que ele não estava mais me observando com aqueles olhos frios e mortos.

Apanhando a seringa, ele ligou o interruptor elétrico, determinado a terminar seu trabalho indecoroso. Uma luz azul e branca sibilava e efervescia, crepitando com seu poder enquanto chicoteava ao longo da agulha e dentro do caixão de minha mãe. No entanto, alguma coisa não estava certa.

Havia desordem no processo de Nathaniel. Ele estava fazendo as coisas totalmente erradas. Ele *deveria* injetar o sangue no cadáver primeiro, e depois ligar o interruptor. Mas por quê? Minha mente girava e girava enquanto o zunido elétrico enchia o ar.

Nathaniel ergueu a seringa de metal, e ao dar-me conta do que estava acontecendo, era tarde demais.

“NÃO!”, eu gritei, minha voz sendo sugada com o clamor. Thomas segurou-me com firmeza enquanto eu lutava para me soltar de seus braços. Eu precisava correr até meu irmão, para salvar sua vida miserável. Nathaniel me fitou, sem me ver, e eu gritei para ele novamente. “NÃO! Nathaniel, você não deve fazer isso! Solte-me!”

O zumbido era sobrepujante. Ele fazia com que meus dentes batessem uns nos outros e tornava minha respiração quase impossível. Meu irmão não parecia afetado. Gritei outra vez, inutilmente.

“Pare com esta loucura, Nathaniel”, rosnou meu pai por cima do barulho. “Eu disse...”

Meu irmão enfiou a seringa no peito de nossa mãe, metal conectando-se com metal, sem que nada o protegesse da oscilação na voltagem. O corpo de mamãe lançou-se para a frente, caindo com tudo em cima da mesa e contorcendo-se. Desviei minha atenção do que acontecia com ela, desesperada para ajudar meu irmão.

“*Nathaniel!*”, gritei, enquanto ele era sacudido pela eletricidade, incapaz de deixar cair a seringa de metal e desconectar-se da malévola corrente. Um fluxo sangrento escorria do nariz dele e de sua boca ao mesmo tempo em que a fumaça se erguia em volta de seu colarinho. Eu lutava contra Thomas e o chutava como se eu fosse um animal selvagem que se recusava a ser domado. “Solte-me, Thomas! ME SOLTE.”

“Você não pode ajudá-lo”, disse Thomas, com os braços em volta de meu corpo, enjaulando-me. “Se encostar nele agora, você sofrerá o mesmo destino dele. Eu sinto muito, Audrey Rose. Sinto muitíssimo.”

Eu afundei nos braços de Thomas, sabendo que ele nunca haveria de permitir que eu me lançasse para a minha morte. Parecia que anos haviam se passado quando, de repente, Nathaniel voou para trás com força, seu corpo sendo esmagado contra a parede e desabando em uma pilha de roupas. Queimando.

O silêncio desceu sobre a sala como neve recém-caída. Tudo estava tão quieto e tão agitado ao mesmo tempo. Até mesmo as máquinas haviam finalmente parado de bombear as coisas.

O corpo de minha mãe sofreu um choque, e então ficou imóvel.

Eu pisquei, precisando me concentrar em um horror de cada vez. Minha atenção voltou-se para meu irmão. A cabeça de Nathaniel pendia em um ângulo fatal, mas eu não conseguia aceitar isso. Ele haveria de se levantar. Ele estaria machucado e dolorido, mas viveria. Meu irmão era jovem e ele sobreviveria e compensaria por seus pecados. Ele pediria desculpas e procuraria ajuda médica e consertaria o que quer que houvesse quebrado em seu cérebro. Levaria tempo, mas o velho Nathaniel voltaria a nós. Esperei, prendendo minha respiração. Ele haveria de se levantar. Ele tinha de se levantar.

O cheiro de cabelos queimados enchia o espaço, e eu suprimi a náusea que se desenrolava. Fiquei observando enquanto meu pai caía no chão, de joelhos, cobrindo a face com as mãos, chorando e soluçando: “Meu precioso menino”.

Eram coisas demais a serem absorvidas. Eu me senti oscilar, mas tinha de me certificar de uma coisa antes de desmaiar. Espiei o corpo de minha mãe, aliviada por ela não estar se mexendo, e então fui esmagada por uma terrível tristeza: a loucura de Nathaniel foi em vão.

“Por favor. Por favor, levante-se.”

Fitei os cabelos arruinados de meu irmão. Eu queria que ele se levantasse e esticasse a mão para pegar seu maldito pente. Ele precisava arrumar aqueles cabelos. Ele odiaria se alguém o visse assim. contei até trinta em silêncio. Esse tinha sido o tempo mais longo em que ele ficara sem arrumar seus cabelos bagunçados. Quando cheguei em trinta e um, ele ainda não tinha se mexido.

Caí no chão, vomitando, quando por fim me dei conta do que havia acontecido.

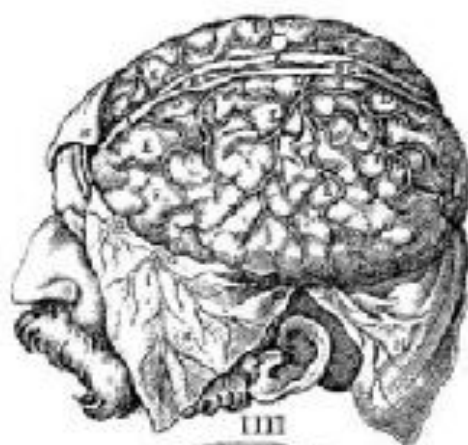
Nathaniel nunca mais se importaria com seus cabelos novamente. Ele nunca mais beberia uma outra garrafa de brandy importado. Ele nunca mais faria um piquenique com uma cesta do Fortnum & Mason nem me ajudaria a escapar da bela cela de nosso pai. Ele havia feito coisas horrendas e depois me deixara para coletar os pedaços estilhaçados de nossas vidas. Sozinha.

Eu gritei até que minha garganta estivesse em carne viva. Thomas tentou me confortar, mas tudo em que eu conseguia pensar era que Jack, o Estripador estava morto. Meu irmão estava morto.

Continuei gritando até que a escuridão me acolheu em seu bem-vindo abraço.







# JACK O ESTRIPADOR

RASTRO de SANGUE

## 30. MORTE À VIDA

*Laboratório do dr. Jonathan Wadsworth, Highgate*

*23 de novembro de 1888*



se a serra de ossos maior para cortar o crânio.”

Tio Jonathan contorcia os dedos, mas não esticou a mão para pegar a lâmina. Ele sabia que eu precisava da distração mais do que ele precisava fazer essa autópsia. Inspirei fundo e empurrei a serra com toda a minha força, movendo seu fio serrilhado para a frente e para trás.

Desta vez eu usava uma máscara facial para evitar respirar pó de ossos. Eu havia visto meu tio realizar este procedimento muitas vezes a essa altura e tinha aprendido que havia algumas coisas a que eu não desejaria ser exposta.

Duas longas semanas se passaram desde que enterramos Nathaniel ao lado de mamãe. Meu pai estava mais alheio do que nunca, e eu estava lentamente me perdendo para a insanidade. A casa parecia vazia, escura e sombria, como se ela estivesse de luto por sua perda própria. Era incrível como uma pessoa conseguia preencher um espaço e deixá-lo tão oco quando partia.

Nada mais era o mesmo, e as coisas permaneceriam assim para sempre. Não apenas eu havia perdido meu irmão, como eu tinha de sofrer sabendo do assassino que ele havia sido nos últimos meses de sua vida. Lorde Edmund encobriu o envolvimento de Nathaniel. Não perguntei como. Um dia eu permitiria que todo mundo ficasse sabendo da verdade, mas a dor era crua demais por ora.

Uma lágrima deslizou por minha bochecha, mas continuei serrando crânio adentro, não me dando ao trabalho de limpar a lágrima. Alguns dias eram melhores do que outros. Em dias bons, eu só chorava antes de dormir. Nos ruins, eu me pegava chorando aleatoriamente durante todo o dia.

“Muito bom. Agora erga a parte de cima do crânio”, disse meu tio, fazendo um movimento em direção à metade superior do crânio, que me lembrava da pequena lateral de um ovo. “Pode ser que apresente um pouco de resistência a princípio, mas cederá à sucção com a quantidade certa de pressão. Enfie o escalpelo aí e force para abri-lo.”

Eu segui as instruções dele. O topo do crânio soltou-se em um puxão com um ruído de sucção, não diferente de um jarro vedado sendo aberto. Um cheiro desagradável permanecia no ar no espaço ao redor de nós, aparente até mesmo através de minha máscara.

Thomas tossiu, atraindo minha atenção a ele por um breve momento. Para falar a verdade, eu havia até mesmo me esquecido de que ele estava ali. Ele havia ficado silenciosamente empoleirado no canto do laboratório, escrevendo anotações e estudando os diários de meu irmão. Eu não conseguia suportar a ideia de lê-los ainda, embora, pelo que ouvi dizer, eles contivessem informações científicas inovadoras.

A loucura de meu irmão poderia acabar sendo usada para o bem afinal de contas. Thomas tinha a esperança de realizar um transplante bem-sucedido em uma pessoa viva em sua vida. Eu não duvidava disso.

Meu tio me entregou uma bandeja e eu coloquei a parte superior do crânio nela. “Agora você vai querer remover este pequeno pedaço do cérebro... aqui.” Ele usou um escalpelo para apontar o espécime.

Eu peguei o escalpelo das mãos dele e levei-o até o cérebro quando alguém bateu à porta. Uma criada enfiou a cabeça porta adentro e forçou seus olhos a irem até o chão. Eu não podia culpá-la; não havia nada de bonito na decomposição.

“Lorde Wadsworth está na sala de estar. Ele gostaria de falar com a srta. Audrey Rose, senhor.”

Meu tio emitiu um som exasperado e jogou as mãos no ar. “Então diga a *lorde* Wadsworth que ou ele terá de aguardar ou terá de nos abençoar com sua presença no laboratório. Isso não pode esperar.”

A empregada atreveu-se a olhar de relance para a mesa mortuária, onde eu estava em pé, parada, com meu avental ensanguentado e minhas mãos maculadas pela morte. Eu podia ver a garganta dela se mexendo quando engoliu em seco. “Muito bem, senhor. Direi isso a ele.”

Antes que alguém pudesse dizer mais uma palavra, ela desapareceu novamente pelas escadas acima. Thomas olhou nos meus olhos e me ofereceu um sorriso temeroso. Se meu pai estivesse aqui, isso significaria que eu estaria encarcerada e seria arrastada de volta para minha prisão dourada, aos chutes e gritos, se fosse

necessário. Soltei um suspiro. Meu pai acabaria notando minha ausência mais cedo ou mais tarde, e eu dificilmente estava escondendo minhas atividades dele como eu costumava fazer.

“Eu poderia muito bem ir até ele, tio. Thomas pode terminar esta lição para mim.” Eu desamarrei meu avental e o puxei por cima da cabeça. Não havia nenhuma necessidade de dar a meu pai mais um motivo para que gritasse sobre a minha fascinação, imprópria para uma dama, por medicina forense.

Fui colocar o avental na cesta de roupa suja, e Thomas gentilmente o tomou de mim, com seus dedos se demorando em minhas mãos sem luva. Ergui a cabeça e me deparei com ele me olhando fixamente nos olhos. Até mesmo depois de tudo que eu tinha perdido, meu coração encontrou a vontade de bater rapidamente com o toque dele.

“Tudo irá se resolver”, disse ele, baixinho, e depois abriu um largo sorriso. “Eu sempre poderia trocar uma palavrinha com seu pai. Não fico surpreso de que ele goste de mim. É um tanto quanto difícil resistir.”

Soltei uma bufada, retirando minha mão da dele. “Eu gostaria de vê-lo sentado com meu pai tomando chá. Talvez você pudesse até mesmo contar a ele quantas vezes me pediu, de forma indecente, por um beijo.”

“Você quer dizer como eu obtivesse sucesso em receber um beijo seu, creio eu. Se for isso que a dama deseja, agirei a esse respeito de imediato.” Thomas deu de ombros e fez menção de subir as escadas, mas eu o agarrei e aponte para onde meu tio estava bufando de raiva do outro lado da sala. “Se você não for até lá ajudá-lo agora, temo que ele possa começar a jogar as coisas.”

“Admita. Você está com medo de que seu pai vá me adorar e que nós estaremos noivos antes do fim da noite.” Thomas inclinou-se mais para perto de mim, com seus lábios fazendo cócegas na minha orelha do modo mais inapropriado quando meu tio pigarreou. “Eu gosto da ideia de ter mais aventuras com você, srta. Wadsworth.”

Balancei a cabeça em negativa. É claro que agora ele falaria comigo como era apropriado. O demônio. Ele pressionou um beijo casto na minha mão e então saiu andando na direção de meu tio, assumindo meu lugar perto do cérebro exposto.

Fiquei observando enquanto ele removia um pedaço do cérebro antes de seguir, em silêncio, meu caminho escada acima. Eu sentiria falta dele terrivelmente, e uma nova onda de pesar inundou meu sistema. Nathaniel se fora e agora meu pai baniria meu aprendizado, tirando tio Jonathan e Thomas de mim também. Eu não tinha nada.

Cheguei ao topo das escadas e parei. A ampla forma de meu pai bloqueava a entrada, imponente como sempre. Eu torcia o anel de mamãe, ciente demais de que provavelmente havia gotículas de sangue seco nele.

Ele olhou de relance por cima do meu ombro e então assentou sua atenção em mim. Ele não precisava dizer nada. Suas emoções estavam claramente escritas em seu rosto. Qualquer um seria capaz de ler seu significado. Estirei uma das mãos, cansada e derrotada.

Nathaniel envolveu-se com ciência e acabou sendo enterrado. Talvez isso fosse um sinal de que eu também precisava desistir. Eu estava cansada de lutar tanto contra a sociedade como contra a vida. Ceder parecia fraqueza, mas o imenso buraco em meu peito engolia qualquer desejo de entalhar meu próprio caminho.

“Por favor. Poupe-me do sermão desta vez. Eu sou uma criatura vergonhosa que não merece seu bom nome.” Minha respiração ficou apertada na minha garganta. Eu não haveria de chorar agora. Não assim. “O senhor estava certo, querido pai. Nada de bom pode sair de ocupações assim tão perversas. Talvez se Nathaniel não tivesse ficado obcecado com essas coisas, ele estaria vivo e bem agora. Eu não terei de desobedecer seus desejos novamente.”

Pela primeira vez, eu estava falando sério em relação ao que disse. Eu não estava cruzando os dedos atrás de minhas costas, nem disposta a implorar perdão depois. Eu encontraria uma outra profissão e um outro caminho a seguir na vida. Eu não me enganaria pensando que algum dia ficaria contente por ficar em casa e cuidar da casa, mas eu procuraria outra forma de preencher minha alma.

Meu pai esticou a mão na minha direção e eu me encolhi de medo. Os olhos dele ficaram obscuros. “Eu fui tão cruel a ponto de você ter medo de mim?”

Balancei a cabeça em negativa. Ele nunca havia batido em mim e eu senti uma nova onda de vergonha por me encolher e me afastar dele.

“Eu venho pensando um tanto.” Ele sacou um envelope do bolso de seu sobretudo e inspirou fundo. “Depois que sua mãe morreu, era como se cada sombra tivesse dedos com garras e as garras ameaçavam roubar de mim tudo que eu amava.”

Meu pai ficou com o olhar fixo no envelope que ele tinha em mãos. “O medo é uma fera faminta. Quanto mais o alimentamos, mais ele cresce. Minhas intenções equivocadas eram boas, mas receio que as coisas não saíram como eu havia planejado.” Ele deu uns tapinhas em seu coração. “Achei que, mantendo-a em segurança em nosso lar, eu poderia protegê-la de tais monstros.”

Uns poucos instantes se passaram e eu ansiava por esticar a mão e abraçá-lo. Dizer alguma coisa, mas eu não podia. Havia algo em relação a este momento que

parecia frágil demais, uma bolha de sabão flutuando sobre a água.

Ele se empertigou e, por fim, seus olhos encontraram-se com os meus. “Você sabia que eu falei com seu tio na semana passada?”

Juntei as sobrancelhas. “Receio que ele não tenha falado nada disso para mim.”

Um sorriso genuíno repuxou os cantos da boca de meu pai. “Está na hora de o tolo teimoso me dar ouvidos.” Ele me entregou o envelope. “Eu pedi que ele a recomendasse. Você é brilhante e bonita e a vida tem inúmeras possibilidades para você. E é precisamente por isso que a estou mandando para longe.”

A escadaria girou diante dos meus olhos e eu quase caí para trás. Isso era muito pior do que eu poderia ter imaginado. O pânico colocou meus pulmões em sincronia.

“O senhor não pode me mandar para longe!”, gritei. “Prometo que serei boa! Nada mais de autópsias nem investigações policiais. Eu juro!”

Ele se inclinou para a frente e fez a última coisa que eu esperava que ele fizesse. Ele me envolveu em seus braços e beijou o topo de minha cabeça.

“Criança tola”, disse ele, não sem ternura. “Estou enviando você a uma escola de medicina forense. É uma das melhores da Europa. Precisei de todas as minhas conexões e da boa palavra de seu tio para lhe garantir um lugar na sala de aula. Você partirá para a Romênia dentro de uma semana.”

Eu me puxei para trás o suficiente para olhar nos olhos de meu pai. Havia alguma coisa ali que roubou meu fôlego e ergueu meus ânimos: orgulho. Meu pai estava *orgulhoso* de mim, e ele estava me dando a liberdade pela qual eu tanto ansiara. Desta vez, quando as lágrimas vieram, foi por um motivo totalmente diferente. “Isso é realmente verdade? Ou estou sonhando?”

Eu devo ter parecido um peixe tirado da água, que arfava para tentar respirar. Fechei a boca e fitei meu pai. Como ele aprovava uma coisa dessas era realmente um milagre. Ou um delírio. Analisei-o, tentando concluir se ele vinha se rendendo ao tônico novamente.

Ele deu risada de minha expressão preocupada. “Thomas nos garantiu que ele cuidará de você enquanto vocês dois estiverem fora. Pelo que ouvi dizer, ele é um jovem cavalheiro bem responsável.”

Ergui as sobrancelhas: “Thomas vai... ele vai também?”.

Meu pai assentiu. “Foi ideia dele.”

“Oh?” Eu não conseguia acreditar nisso. Thomas havia persuadido meu pai, como ele disse que faria. Claramente isso queria dizer que o fim dos tempos estava

próximo. Abracei meu pai bem junto a mim, ainda sem acreditar totalmente na minha sorte. “Isso tudo é maravilhoso, mas... por quê?”

Ele me abraçou bem junto dele. “Eu tentei protegê-la do meu próprio jeito das durezas e das doenças do mundo. Mas homens... e jovens mulheres... não deveriam viver em gaiolas douradas. Há sempre uma oportunidade para que algum contágio encontre um jeito de ali entrar. Eu confio que você mudará isso. Para fazer isso, você tem de se aventurar pelo mundo afora, minha doce menina. Prometa-me uma coisa, por favor?”

“Qualquer coisa, pai.”

“Sempre fomenta e faça crescer essa sua curiosidade insaciável.”

Abri um sorriso. Esta era uma promessa que eu definitivamente pretendia manter.





# IMPRECISÕES HISTÓRICAS E LIBERDADES CRIATIVAS TOMADAS PELA AUTORA

Da primeira vez em que os jornais usaram o termo Avental-de-Couro em relação a Jack, o Estripador, na verdade, foi em 4 de setembro, e não em 31 de agosto, e referiram-se ao suspeito John Pizer pelo nome em 7 de setembro. Ajustei essas datas para melhor servir aos meus propósitos e removi completamente o nome dele para evitar causar confusão e bagunçar a trama com personagens demais.

Em 10 de setembro foi formado um comitê de justiceiros que se denominou Comitê de Justiça de Whitechapel. Usando esta ideia, eu envolvi Nathaniel e Thomas nele, dando-lhes uma boa razão para perambularem pelas ruas nas noites seguintes aos crimes como membros dos Cavalheiros de Whitechapel. Eu os fiz andar pelas ruas de Londres em 7 de setembro (na vida real, a noite anterior ao dia em que o corpo de Annie Chapman foi encontrado), contudo, no que diz respeito ao grupo real de justiceiros, esta vigília não está relacionada à cronologia histórica.

Eu também não menciono que John Pizer foi preso em 10 de setembro como sendo o “Avental-de-Couro”. Houve tantos homens presos como suspeitos que eu temia que isso não fosse acrescentar nada à trama, além de confundir os leitores com muitos nomes e becos sem saída. Os seguintes homens foram presos só no mês de setembro:

- John Pizer;
- Edward McKenna;
- Jacob Isenschmid (acusado de ser o Estripador e sentenciado ao manicômio);
- Charles Ludwig (preso depois de supostamente ter ameaçado duas pessoas com uma faca).

Mary Ann “Polly” Nichols não tinha nenhum histórico de haver trabalhado para famílias da alta classe em Londres que eu pudesse encontrar enquanto pesquisava seu passado. Eu tomei a liberdade de ficcionalizar o que poderia ter sido sua vida antes que ela deixasse o marido, se tornasse uma prostituta e alcoólatra e se mudasse de um abrigo para outro no início dos anos 1880. Eu queria mostrar o lado humano destas mulheres, não apenas as horríveis cenas dos crimes de que elas fizeram parte no fim de suas vidas. Elas eram esposas, mães, irmãs e filhas, não apenas prostitutas esquecidas, lembradas apenas na morte.

Emma Elizabeth Smith foi outra pessoa com quem tomei muitas liberdades ficcionais. Havia teorias conflitantes em relação ao fato de ela ser ou não uma das primeiras vítimas de Jack, o Estripador, mas eu realmente queria incluí-la neste romance porque eu estava fascinada com o quanto as informações sobre sua vida eram vagas antes de ela se tornar uma prostituta. Embora existam rumores de que ela vinha de um histórico de elite, não existe nenhuma prova concreta de que ela tivesse nascido em uma família nobre. As pessoas que a conheciam diziam algo diferente, referindo-se ao fato de que Emma tinha um bom uso da linguagem apropriada, o que era raro para as pessoas que moravam no East End naquela época. Ela não dizia quase nada sobre de onde vinha, o que me fez perguntar o importante: *e se?* E se ela realmente fazia parte da aristocracia? Havia relatos de que ela poderia ter conhecido os perpetradores que a atacaram, fazendo nascer a ideia de lhe criar um novo histórico. O mistério que cerca a vida e a morte da srta. Smith era uma tela branca que eu realmente poderia explorar por meio da minha imaginação.

A data do assassinato de Annie Chapman e os detalhes do que ela vestia foram o mais próximo da precisão que pude chegar. Ela vinha bebendo muitíssimo, e havia usado seu dinheiro do aluguel para comprar álcool. O empregado da hospedaria recusou-se a abrigá-la até que ela pudesse pagar o aluguel, então ela saiu para ganhar algum dinheiro. Seu marido vinha lhe pagando dez xelins por semana, mas isso teve fim em 1886, quando ele faleceu, e não em 1888, na época da morte dela.

Elizabeth Stride não é mencionada por nome neste romance, embora ela fosse uma das vítimas do infame evento duplo.

Catherine Eddowes foi a segunda vítima no evento duplo, e eu mantive a data em que ela foi enterrada e embelezei o restante sobre o encontro de Robert James Lees com eles no túmulo. Ele ofereceu sua ajuda à Scotland Yard nesta época, então reimaginei a situação como ele oferecendo sua ajuda a Audrey Rose e a Thomas em vez disso.

Mary Jane Kelly foi alguém cujo histórico tentei manter o mais acurado quanto possível. Parte de sua conversa e do que ela estava vestindo na noite de sua morte estão incluídos no romance, embora eu tenha enfeitado um pouco a cronologia e a sequência como as coisas ocorreram. Ela foi ouvida cantando “Uma Violeta do Túmulo de Minha Mãe” uma vez que já estava dentro de seu apartamento com o Estripador, não do lado de fora, na rua. Segundo uma testemunha ocular, ela estava usando um xale vermelho.

A casa na rua Miller não tinha acesso por carruagem nesta época, mas, para os propósitos da minha história, fiz com que tivesse, permitindo que Audrey Rose e

Thomas tivessem um decente esconderijo em sua excursão de espionagem à meia-noite.

Cópias da carta ao “Prezado Chefe” e do cartão-postal de “Jack, o Insolente” foram, na verdade, impressas em 4 de outubro (no *Evening Standard*), não em 10 de outubro. As impressões anteriores das cartas foram apenas de seu texto (em 10 de outubro e em 3 de outubro, no *Star* e no *Daily News*), e não cópias das imagens das cartas de verdade.

O circo Barnum & Bailey só esteve no Olympia em Londres em novembro de 1889 (no outono seguinte a esta história), mas, considerando que a rainha era fã do circo e centenas de circos vitorianos viajavam pela Europa deste período, decidi incluí-lo. O pobre elefante, Jumbo, também havia morrido em 1885 e não teria estado lá, entretendo as multidões.

O clarividente e espiritualista Robert James Lees realmente era um homem que oferecera sua ajuda à polícia em diversas ocasiões em relação às matanças de Jack, o Estripador. Embora o espiritualismo ainda fosse um tanto quanto popular nos Estados Unidos e na Europa (até mesmo depois que alguns espiritualistas e médiuns se provaram ser fraudes), a Scotland Yard não aceitou sua ajuda. Isso nunca foi confirmado, mas há rumores de que ele também se comunicava com o príncipe Albert para a rainha Vitória, e até mesmo havia morado no palácio.

Eu também tentei manter toda a terminologia e as práticas médicas o mais próximas de como eram na época quanto possível. Livros usando o termo *medicina forense* ou *ciência forense* realmente foram impressos nos idos de 1800. E os examinadores usavam coisas como temperatura do corpo para determinar a hora da morte, embora eles também estivessem cientes de que a perda de sangue e temperaturas frias afetariam a precisão. Joseph Lister desenvolveu a ideia de esterilizar instrumentos durante cirurgias nos anos 1860, usando ácido carbólico, e a identificação de impressões digitais foi descoberta no início dos anos 1880. Embora eles não tivessem todas as ferramentas de que dispomos hoje em dia, a polícia fazia uma varredura em uma cena de crime e coletava evidências da mesma forma no século XIX como fazem nos dias de hoje.

Conforme foi declarado no website da Polícia Estadual de Nova York (em “Sistema de Laboratório Criminal: História da Ciência Forense”), as seguintes práticas eram aplicadas durante os anos 1800:

Nos anos 1800, o campo da ciência forense obteve um progresso substancial. A década testemunhou:

- O primeiro uso registrado da questionada análise de documentos;

- O desenvolvimento de testes para a presença de sangue em um contexto forense;
- Comparação de balas para pegar um assassino;
- O primeiro uso de toxicologia (detecção de arsênico) em um julgamento com júri;
- O desenvolvimento do primeiro teste de cristal para hemoglobina usando cristais de Teichmann;
- O desenvolvimento de um teste para detectar a possível presença de sangue;
- O primeiro uso de fotografia para a identificação de criminosos e documentação de evidências e cenas de crimes;
- O primeiro uso registrado de impressões digitais para resolver um crime;
- O desenvolvimento do primeiro microscópio com uma ponte de comparação.

A ciência forense foi significativamente aplicada em 1888, quando se permitiu que médicos em Londres, na Inglaterra, examinassem as vítimas de Jack, o Estripador, em busca de padrões de ferimentos.

Quaisquer outras imprecisões históricas não mencionadas foram liberdades artísticas tomadas por mim mesma para enriquecer o mundo de *Rastro de Sangue: Jack, o Estripador* e melhor servir aos meus personagens.

# AGRADECIMENTOS

Sem a ajuda da mais feroz guerreira e agente literária no mundo, Barbara Poelle, estes agradecimentos não existiriam. Obrigada por soltar o Coelho do Godzilla para mim, B. Nós conseguimos! A toda a equipe na IGLA por serem a melhor agência. A Heather Shapiro por colocar meu livro nas mãos de leitores pelo mundo.

Um imenso obrigada a minha brilhante editora e camarada entusiasta por vestidos vitorianos, Jenny Bak, pela precisão de especialista ao fazer com que a história de Audrey Rose ganhasse vida. Meu livro é muito mais forte por sua causa. Eu não tenho como lhe agradecer o bastante por tentar a sorte comigo e com uma moça que examina cadáveres. Estou empolgada para ver que novas aventuras Audrey Rose e Thomas viverão em seguida! A Sasha Henriques, por comentários que sempre me fizeram sorrir. (Repulsivos e sexy!)

A James Patterson pela incrível introdução, e por fazer com que eu e meu romance nos sintamos em casa com seu selo literário. JIMMY Patterson Books é o mundo para mim, e eu me sinto emocionada de fazer parte dele. A Tracy Shaw, cuja capa maravilhosa obteve de mim um surto de pontos de exclamação e GIFS dançantes. A Erinn McGrath, pelo excelente plano publicitário. Ned Rust, Sabrina Benun, Peggy Freudenthal, Katie Tucker e toda a equipe no JIMMY Patterson Books e Little, Brown and Company: seu trabalho duro e sua dedicação são realmente incríveis. Eu tive a melhor experiência de estreia no mundo literário por causa de vocês todos.

Mamãe e papai, obrigada por sempre me encorajarem a almejar as estrelas (ou escalpelo ou pincel ou pena) e por nunca pensarem que alguma coisa não poderia ser realizada por eu ser mulher. Eu sei que a palavra “impossible” (impossível) pode ser transformada em “I'm possible” (eu sou possível) por causa de vocês dois. Kelli, você é minha irmã predileta. (Não porque você é minha *única* irmã.) Obrigada por me vestir com roupas da Dogwood Lane Boutique para todos os eventos e por ser a minha melhor amiga. Eu tenho muito orgulho de suas realizações. Amo todos vocês!

Eu dediquei este livro à vovó, mas preciso acrescentar uma coisa: meu mundo inteiro é formado com base em livros, base esta que *ela* formou. Eu só posso esperar que ela adorasse esta história e a forte mulher que resolve um dos maiores mistérios das histórias de detetive tanto quanto eu.

Aos Belascos, Cuthbertstons, Diakakises e Loews: eu amo vocês! Paula, Jeff, Mike, Matt, Daniel, Anna, Juliet, Katie e Ben, obrigada pelas risadas e pelas comidas. Sou abençoada por conhecer cada um de vocês. Jacquie, Alyssa, Shannon e Beth, melhores amigas para sempre, sempre. Não há lugar como o nosso lar. Aos bebês peludos, Toby, Miss Libby e Oliver por seus nomes.

Minha *bichana*, Bella, por *constantemente manter* mamãe no caminho com a escrita e por me deixar fazer carinho em sua barriga; e a Gage, por ser *adorável*.

Aos primeiros leitores: Renée Ahdieh, A. G. Howard e Leah Rae Miller, *infinitos agradecimentos* por seu tempo e contribuições. À extraordinária equipe de leitores beta: Kathy e Kelli Maniscalco e Ashlee Supinger, vocês são as melhores. Aos parceiros críticos Precy Larkins e Alex Villasante minhas palavras e minha vida são mais ricas por sua causa. A Traci Chee, que, duas semanas antes do Natal, juntou-se a mim para desenvolvermos ideias geniais e foi o máximo, mesmo com ela tendo seu próprio prazo a cumprir, e me proveu anotações e feedback incríveis. Estou emocionada em partilhar essa jornada até a publicação com vocês. #goatwub para o *Goat Posse*, que é o melhor grupo de escrita. The Sweet Sixteens, que viagem! A Stephanie Garber por ser minha camarada do BEA, estou tão feliz porque dividimos a diversão em Chicago. Vestidos e sapatos confortáveis, sempre e eternamente!

Renée Ahdieh e Beth Revis, suas sinopses do livro foram o máximo. Muito amor a vocês duas!

Leitores, blogueiras e blogueiros literários, bibliotecários, livreiros, amigos das mídias sociais, Ava e o fã-clubes The Knights of Whitechapel: eu devo a vocês pilhas de gratidão pela resposta incrível! Obrigada por juntarem-se a uma moça com seu escalpelo que adora vestidos chiques e justiça para as mulheres. Eu colheria as estrelas dos céus para vocês.

Chris “Chri”, sem seu amor e apoio, esta jornada não seria assim tão doce. Tudo, desde a minha tendência a ser a mulher dos gatos até meus sonhos com Stormtroopers, meias soltinhas, e ficar bancando a nerd em relação a Shakespeare, são um pouco menos esquisitos porque você entende isso. “Duvidas que as estrelas sejam fogo, / Duvidas que o sol se mova, / Duvidas que a verdade seja mentira, / mas não duvidas jamais que te amo.” Não é difícil deduzir que você é o melhor dos melhores no meu *livro agora* e sempre. (E por isso eu deixei você por último.)



KERRI MANISCALCO cresceu em uma pequena cidade nas cercanias de Nova York, onde seu amor pelas artes foi fomentado desde tenra idade. Em seu tempo livre, ela lê tudo em que consegue pôr as mãos, cozinha todos os tipos de comidas com sua família e com seus amigos, e certamente bebe chá demais enquanto discute os pontos mais belos da vida com seus gatos. *Rastro de Sangue: Jack, o Estripador* é seu primeiro romance, no qual incorpora seu amor pela ciência forense e a história não resolvida. Saiba mais em [kerrimaniscalco.com](http://kerrimaniscalco.com).





**darklove**

*DARKSIDEBOOKS.COM*

# NOTAS

{1}. Black Maria é uma gíria para designar um carro de polícia usado para transportar prisioneiros, originalmente puxado por cavalos, e que podia, sendo assim, demorar um pouco para chegar na cena de um crime. Black Maria era uma famosa corrida de cavalos no Harlem, nos EUA, em 1826, cujo nome foi ironicamente usado para designar as carruagens policiais, que geralmente eram pretas. [NT]

{2}. *Bedlam*, em inglês, quer dizer *casa* de loucos, caos, confusão, bagunça. [NT]

{3}. Capítulo IV (trad. Antonio José de Lima Leitão). [NE]

FOR THE INFORMATION AND  
GUIDANCE OF VISITORS TO THE

Sorry I send you half the  
 Kidney took from one woman  
 made it for a better piece  
 tied and at it was very sick  
 may send you the kidney but  
 take it out if you only want a whole  
 corner

INTERNATIONAL  
EXHIBITION  
2 MINUTES WALK  
FROM  
South Kensington  
STATION.  
TRAFFIC EVERY  
FEW  
MINUTES

# JACK ESTRIPADOR

FOR SALE or EXCHANGE - 4000 S.E. 10th Ave.

VISITORS ARRIVING AT THE LONDON RAILWAY TERMINI. - VIZ.

**MIDLAND, ST PANCRA'S STATION** — PROCEED TO SOUTH KENSINGTON FROM THE METROPOLITAN KING'S + STATION

|                                        |     |     |     |     |                        |     |
|----------------------------------------|-----|-----|-----|-----|------------------------|-----|
| LONDON & NORTH WESTERN, EASTON STATION | Do. | Do. | Do. | Do. | GOWER ST               | Do. |
| OF EASTERN, LIVERPOOL STREET STATION   | Do. | Do. | Do. | Do. | BISHOPSDALE ST STATION |     |
| OF WESTERN, PADDINGTON STATION         | Do. | Do. | Do. | Do. | PRAD ST STATION        |     |

# JACK O ESTRIPADOR

RASTRO *de* SANGUE

DARKSIDE



Das vielas sombrias da pequena Whitechapel surge o mal — um assassino em série que transforma suas inocentes vítimas em um retrato grotesco da maldade humana. Nenhum homem jamais descobriu seu nome. Este é um trabalho para uma mulher.

Audrey Rose não é a típica donzela inglesa do século XIX. Quando ninguém está olhando, a jovem realiza autópsias secretas no laboratório do tio, contrariando a vontade de seu pai e todas as expectativas da sociedade. Ela pode não saber fazer um penteado elaborado, mas faz uma incisão em Y num cadáver como ninguém. Em meio à violência da Londres vitoriana surge uma personagem audaciosa e transgressora. Encantada pela ciência forense, ainda engatinhando à época, Audrey se utiliza de técnicas e métodos obscuros para encontrar novos caminhos que ajudem a identificar Jack, o Estripador e cessar os horrores de Whitechapel para sempre. Evocando o mistério de Agatha Christie e o espírito aventureiro de Sherlock Holmes, Kerri Maniscalco ergue um romance histórico arrebatador que mescla realidade e fantasia para deixar um rastro na memória dos leitores mais corajosos.



9 788394 341000

# Table of Contents

Créditos: SBD-GD

Folha de rosto

Dedicatória

Apresentação

1. Incisão Preliminar

2. Vingança de Sangue

3. Chá & Autópsias

4. Uma Dança com o Diabo

5. Coisas Sombrias e Hediondas

6. Covil do Pecado

7. Um Estudo em Segredos

8. Tragam Seus Quase Mortos

9. Mensagem do Túmulo

10. O Mary See

11. Algo Perverso

12. Laços de Família

13. Diagramas e Porcas Ensanguentadas

14. Moças Decentes não Discutem Sobre Cadáveres

15. O Maior Espetáculo da Face da Terra

16. Um Dia Para Morrer

17. O Coração da Besta

18. Estação Ferroviária da Necrópole

19. Prezado Chefe

20. Evento Duplo

21. A Desgraçada Verdade

22. Jack, o Insolente

23. A Arte do Conjurador

24. Do Inferno

25. Uma Violeta do Túmulo de Minha Mãe

26. Madona Negra

27. Um Retrato Digno de Consideração

28. Jack, o Estripador

29. Sombra e Sangue

30. Morte à Vida

Imprecisões históricas e liberdades criativas tomadas pela autora

Agradecimentos

